

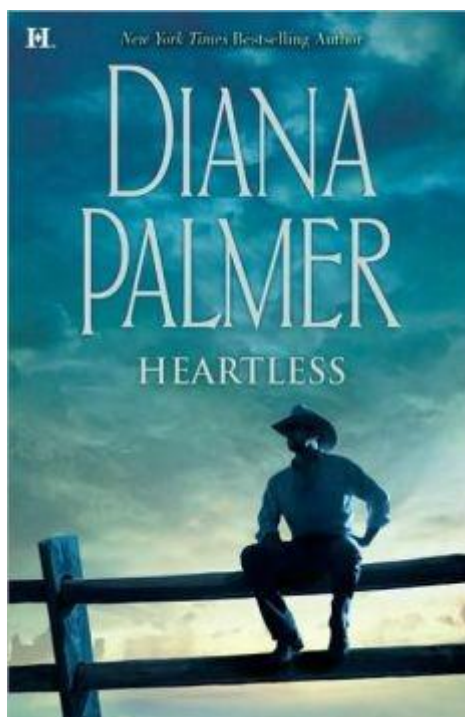
Impiedoso

— Jason Pendleton e Gracie Marsh —

(Heartless)

Diana Palmer

Série Homens do Texas 41



Quando era adolescente, Gracie adorava seu meio-irmão, Jason, um jovem vaqueiro forte e calado que saiu de casa cedo para buscar sua fortuna. Embora Gracie não o visse há anos, quando sua mãe faleceu, Jason assegurou que Gracie seria cuidada. Agora, rico proprietário da fazenda Comanche Wells, Jason finalmente voltou para casa, e descobriu que a menininha que ele conhecia está completamente crescida.

Quando um momento de paixão desenfreada resulta em um beijo, Jason percebe que está apaixonando-se por Gracie. Mas Gracie guarda um vergonhoso segredo que a deixa profundamente com medo do amor. Ofendido por sua rejeição, Jason vai embora, pronto para pôr o passado—e a única mulher que ele não pode ter—para trás mais uma vez.

Gracie pensa que perdeu Jason para sempre. Mas quando o perigo ameaça a sua vida e ao rancho, ela apenas pode esperar que o seu homem do Texas venha para casa salvá-la, apesar de seus segredos—e tomar o controle de Comanche Wells, e de seu coração, de uma vez por todas.

Para o Departamento Artístico: seu belo trabalho na capa me ajudou muito.

Eu valorizo sua criatividade e dedicação.

Obrigada do fundo de meu coração...

Diana Palmer



Capítulo 1

O celular de Gracie Marsh tocou exibindo o tema do mais novo filme de ficção científica. Ela pulou, e a terra do jardim que limpava sujou o impecável suéter amarelo.

— Oh, droga — ela murmurou, secando as mãos no jeans velho antes de procurar o aparelho barulhento no bolso.

— De onde vem essa música? — A senhora Harcourt, governanta da casa, perguntou da varanda, onde plantava flores em um vaso.

— É o meu celular, senhora Harcourt — Gracie esclareceu — Provavelmente seja Jason... Alô? — ela arfou.

Houve um silêncio divertido.

— Não me diga — disse a voz profunda e máscula — Que você está até o pescoço de sujeira e agora seu bolso e seu celular também estão.

Ela sorriu apesar de sua frustração. Seu meio-irmão a conhecia melhor do que ninguém.

— Sim — ela admitiu.

— Eu xingaria.

— Eu disse "droga" — ela respondeu.

Ele suspirou.

— Eu tenho que lhe dar umas palmadas, Gracie. Algumas situações exigem algo mais elegante e discreto do que "droga".

— Você é experiente — ela devolveu, recordando que ele falava duas línguas fluentemente — Especialmente quando um dos vaqueiros faz algo que você não gosta — ela franziu a testa — Onde você está?

— No rancho — ele disse.

O rancho era sua propriedade em Comanche Wells, onde ele criava gado Santa Gertrudes e uma marca nova de sementes japonesas que era a base para o famoso carne Kobe. Jason Pendleton tinha milhões, mas ele raramente ficava na mansão da família em San Antonio, onde Grace passava a maior parte de seu tempo. Jason só aparecia lá a negócios, mas seu coração estava no rancho Santa Gertrudes. A maior parte do ano ele vivia lá. Ele podia lidar com os negócios internacionais, promover encontros, dirigir corporações enormes e organizar festas incríveis, com a ajuda de Gracie com anfitriã. Mas a maior parte do tempo ele estava em casa vestindo jeans, botas e chapéu, trabalhando com o gado.

— Por que você ligou? — ela perguntou — Você precisa de alguém para lhe ajudar na marcação do gado? — ela provocou, já que ele lhe havia ensinado a fazer isso — e muitas outras coisas — com o passar dos anos. Ela se sentia tão bem no rancho quanto ele.

— Estação errada — ele respondeu — Nós marcamos as crias na primavera. É final de agosto. Quase outono.

Ela franziu a testa.

— Então o que você está fazendo?

— Recolhendo os animais, praticamente. Mas nesse exato momento eu estou me preparando para ir a um leilão em San Antonio — ele disse — Eles tem alguns novinhos Santa Gertrudes que eu quero — ele acrescentou, se referindo à criação nativa de gado que fora encontrada no famoso King Ranch próximo a costa do Texas — Criaremos as novilhas para que elas possam parir na próxima primavera.

— Oh — ela tentou recordar o que aquilo queria dizer.

Ele suspirou alto.

— Novilhas são vacas jovens que ainda não se reproduziram — ele explicou novamente — Elas vão substituir as vacas que eu tive que vender, pois não dariam cria neste ano.

— Desculpe — ela murmurou, não querendo enfatizar seus problemas de memória. Ela esquecia coisas, tropeçava em degraus, sentia tonturas nos lugares mais inesperados. Havia uma razão física para aqueles lapsos, que ela nunca dividira com Jason, não desde que ela e sua mãe haviam se

mudado para a casa dele e de seu pai há quase doze anos atrás. Sua mãe desejava freneticamente esconder o passado, fazendo Gracie jurar silêncio. Cynthia Marsh havia dito a todo mundo que Graciela era sua enteada, não sua filha de verdade, para que nenhuma investigação sobre o passado de Graciela fornecesse informações sobre sua filha, ela e seu último marido que pudessem prejudicar o lugar de Graciela na família Pendleton. O pai de Graciela, um viúvo com uma filha jovem, havia morrido na guerra do Golfo, Cynthia enfatizava várias e várias vezes. Não era a verdade, claro. A verdade era mais traumatizante.

— Um dia você aprende tudo — ele disse brandamente. Era muito paciente com ela, como ninguém nunca havia sido.

— Por que você está ligando se não precisa de uma ajuda extra no rancho? — ela perguntou alegremente.

— Eu achei que você gostaria de ir ao leilão comigo — ele disse confortavelmente — Eu lhe pago um almoço quando terminar.

Ela sorriu.

— Eu adoraria.

Ela não gostou só da companhia, como adorou a atmosfera no leilão. Estava sempre lotado, sempre divertido. Ela adorava ouvir a voz do leiloeiro quando ele impulsionava os compradores a pagar mais e mais caro pelas variedades de gado. Ela gostava dos outros vaqueiros que apareciam por lá, muitos de Comanche Wells, assim como de Jacobsville, que ficava a poucos quilômetros de Comanche Wells. Havia um grupo seleto de rancheiros leais ao meio-ambiente ao qual Jason pertencia. Eles plantavam velhas gramíneas que faziam bem a terra, ainda providenciavam habitats aos animais selvagens, usavam métodos modernos de procriação que não faziam mal a ecologia, e tratavam muito bem o gado puro-sangue. Esses vaqueiros nunca usavam hormônios de crescimento e apenas usavam os antibióticos necessários, mais particularmente aqueles que preveniam problemas pulmonares bovinos. Não usavam pesticidas perigosos para controlar ervas daninha e pestes. Cy Parks havia introduzido a idéia de usar insetos predadores para controlar as pestes. A ausência de substâncias venenosas nas plantas ajudava no crescimento das colônias de abelhas, que eram essenciais na polinização de grãos e na colheita de sementes.

Nenhum dos grupos ecológicos do distrito Jacobs criava gado de corte; eles eram todos produtores de rebanhos e jovens touros campeões, vacas e novilhos, que eles vendiam para melhora do rebanho. Isso fazia com que eles criassem problemas com produtores de carne que queriam um lucro mais rápido. Houvera um número notável de brigas em conferências de gados no último ano. Jason havia se envolvido em uma delas. Gracie havia lhe retirado da cadeia, gargalhando quando o vira desganhado, sangrando e sorrindo como um felino quando o tiraram da cela. Ele amava uma boa briga.

— Eu disse que lhe pego em vinte minutos — repetiu, porque ela não o respondera.

— Ok. O que eu devo vestir?

— Jeans e camiseta — ele disse — Se nós usarmos roupas caras o preço vai subir em vinte dólares por cabeça antes que eu sente. Eu não quero ser reconhecido.

— Grande chance se nós aparecermos em seu Jaguar — ela zombou.

— Eu vou com uma das caminhonetes do rancho e vestirei roupas de trabalho — ele devolveu.

— Tudo bem. Eu termino de cuidar das minhas flores depois.

— Como se nós já não tivéssemos um grande número de bolbos no jardim. Você está preparando o solo para plantar mais nesse outono, não está? — ele murmurou — É apostado que você fez a senhora Harcourt ajudar com a varanda.

Ele a conhecia muito bem.

— São só amores-perfeitos — elas só duraram até o outono. Eu não irei plantar bolbos até outubro. Mas os bolbos são lindos na primavera, Jason — ela se defendeu.

— Por que eu pago um jardineiro para fazer o serviço externo? — ele grunhiu.

— Porque ele faz o serviço pesado que eu e a senhora Harcourt não conseguimos — ela disse calma — Eu vou desligar agora.

— Não me deixe esperando — ele disse — Nós mal chegaremos a tempo. Eu tive um pequeno acidente.

— Você se machucou? — ela exclamou.

Houve uma pausa delicada.

— Não — ele disse suavemente — Eu não. Um dos meus vaqueiros foi pisado por um touro. Quebrou o pé, mas ele ficará bem.

Ela soltou o ar que estivera prendendo. Jason era sua vida. Ele não sabia como ela se sentia em relação a ele. De qualquer maneira era impossível. Ela nunca poderia fazer aquelas coisas que as mulheres modernas faziam com os homens. Ela recordava sua mãe saindo do banheiro, o sangue ensopando sua camisola...

Fez uma careta.

— Eu achei que você tivesse contratado um homem para ir a leilões locais comprar gado representando o rancho.

— Eu contratei. Mas ouvi coisas sobre ele que não gostei. Ele deve estar nesse leilão. Eu mesmo posso afirmar.

— Ele irá lhe reconhecer.

— Nas roupas de trabalho? Muito difícil! Além disso, ele só me viu uma vez, atrás de uma mesa.

— Você é quem sabe. Estarei pronta.

— Melhor que esteja, ou eu mesmo lhe vestirei — ele avisou.

— Jason!

Mas ele já desligara.

Ela levantou, colocando sua pá de jardinagem de lado.

— Senhora Harcourt, nós precisamos dizer ao Manuel que termine esses canteiros para mim — ela disse enquanto subia os degraus — Jason vai me levar a um leilão.

— Tudo bem, querida — a velha mulher disse com um sorriso. Ela era alta, caminhava calmamente, tinha olhos negros e um sorriso amável. Ela começara a trabalhar para a família antes de Jason nascer e era considerada um membro da mesma. Ela e a empregada, Dilly, e o chofer, John, eram todos parte da família. Havia outros empregados que trabalhavam meio período, mas os mais antigos trabalhavam em período integral.

Gracie adorava viver no grande estado de San Antonio. A equipe ocasionalmente ia para Comanche Wells passar poucas semanas, especialmente quando Jason tinha companhia. Mesmo assim, não era a mesma sociedade local que ele convidava para a mansão de San Antonio. Geralmente eram líderes mundiais que precisavam de uma pausa no estressante cotidiano que possuíam, políticos de alto calão fugindo de escândalos, até mesmo um bilionário que queria privacidade por alguns dias. Jason escolhia seus amigos pelo caráter, não pela riqueza. Era uma das muitas coisas que Gracie amava nele. Tinha um grande coração e um ombro amigo para as pessoas que precisavam. Fazia caridades. Mas não parecia o tipo de homem de fácil aproximação.

Ele era introvertido. Era difícil para ele se relacionar com as pessoas. Conseqüentemente ele era intimidador para muitos convidados, que o achavam difícil em conversas particulares. Apenas com Gracie ele podia relaxar e ser ele mesmo. Era, pelo que ela considerava, um problema de confiança. Ele se sentia seguro com ela, como ela se sentia com ele.

Que pena, dissera sua amiga Barbara, dona de uma lanchonete em Jacobsville, que Jason e Gracie fossem irmãos, quando eles tinham tanto em comum. Gracie a lembrara de que não havia relação de sangue. O pai de Jason casara com a mãe de Gracie, que morrera semanas depois em um acidente de carro. Myron Pendleton ficara com Gracie, que não possuía nenhum outro parente vivo, e logo lhe deu outra meia-irmã, Gloryanne Barnes — agora senhora Rodrigo Ramirez — quando casara com a mãe de Glory, Beverly, meses depois. Glory e Gracie possuíam mais em comum do que as pessoas sabiam. Elas eram melhores amigas. Eram as duas contra o mundo quando estavam na escola, porque ambas possuíam cicatrizes de suas infâncias e não se sentiam confortáveis com

garotos. Elas raramente namoravam. Eram alvos de brincadeiras maldosas, que Jason rapidamente e eficientemente interrompera. Mesmo hoje, Glory era a irmã que Gracie não tinha.

Ela tomou banho e secou o cabelo, vestiu um jeans com rosas bordadas em uma perna, e uma camiseta rosa. Impulsivamente escovou os longos cabelos loiros e o trançou. Sorriu para si mesma com os olhos cinza brilhando. Tinha uma pele suave com radiante maciez. Não era bonita, mas era atraente, em seu modo tímido. Franziu a testa, imaginando se era apropriado usar tranças com sua idade. Às vezes fazia coisas que pareciam estranhas para as outras pessoas. O pequeno problema em seu cérebro fizera muito dano a seu ego.

Bem, era muito tarde para se preocupar com isso agora. Colocou o casaco e vestiu as botas. O som de uma buzina atravessou a porta de entrada. Jason, impaciente como sempre.

Desceu as escadas, quase tropeçando, e lembrou de que deixara o celular em seu quarto. Hesitou. Desistiu, Jason tinha o dele. Continuou descendo as escadas em direção a porta.

— Não voltarei para o almoço — gritou.

— Tudo bem, querida — a senhora Harcourt gritou de volta.

Jason estava tamborilando o dedo no volante. Ele a observou enquanto descia os degraus da elegante mansão e corria pela entrada circular até chegar à calçadota onde ele esperava com a porta aberta.

Ela sentou ao lado dele e bateu a porta.

— Eu sei, eu sei, estou atrasada, mas precisei tomar um banho — disse enquanto colocava o cinto de segurança — Eu não podia sair com o cabelo sujo!

Ele a observou por baixo da aba de seu Stetson. Não sorriu, mas seus olhos sim.

Ele vestia jeans também, uma jaqueta de couro velha e botas marrons cheias de manchas. A camiseta estava desbotada. Apesar da limpeza imaculada de suas belas e cuidadas mãos, parecia um vaqueiro pobre e trabalhador.

Céus, ele era sexy, ela pensou enquanto lhe lançava um olhar superficial. Alto e com ombros largos, com o físico de um ator de Hollywood, cabelo escuro em um corte convencional, a pele bronzeada que era um legado, assim como os olhos negros, de um avô espanhol. Não era convencionalmente belo, mas tinha um rosto másculo, magro e quadrado, com olhos profundos e bochechas altas, uma boca tão sensual que fazia Gracie estremecer. Ele nunca a beijara. Bem, não do modo que um homem beija uma mulher. Eles não tinham aquele tipo de relacionamento. Nem ele era um mulherengo. Ele tinha mulheres, certamente, ela sabia. Mas ele nunca as trazia em casa.

— Perdida nos pensamentos, docinho? — ele perguntou, sorrindo para ela.

— Eu estava pensando em quão belo você é — ela deixou escapar, e em seguida corou e riu nervosamente — Desculpe. Minha boca e meu cérebro estão desconectados.

Ele não sorriu. Seus olhos deslizaram pelo rosto dela e voltaram para a estrada.

— Você não é má, criança.

Ela brincou com o cinto de segurança.

— Alguém de Jacobsville irá nesse leilão?

— Cy Parks, J. D. Langley e Leo Hart — ele disse — Os Hart estão atrás de outro touro japonês para a carne Kobe. Eles estão instalando novos programas de procriação.

— Não me diga que Leo vai a um leilão de gados? — ela exclamou.

Ele riu.

— Não completamente. Mas quando consideramos como a carne japonesa vende, não é surpresa. É macia, magra e agrada aos compradores. Nós estamos em um mercado altamente consumidor, buscando novos métodos de produção e técnicas de venda para aumentar o número de vendas.

— Você não faz parte de um comitê com a associação de criadores de gado?

— Fazia. Tive que parar. Esse maldito negócio alemão está acabando comigo.

Ela recordou que ele estava lidando com uma nova companhia de computadores com negócios em Berlin que produzia um novo tipo de chip. As negociações já estavam em sua terceira semana enquanto os donos se reuniam para saber se iriam ou não aceitar o valor que Jason oferecia.

Eventualmente ele precisava viajar para se reunir com eles pessoalmente, porque o homem que era responsável havia se demitido. A esposa dele era inglesa e ele queria se mudar para Londres. Jason teria que substituí-lo, mas não havia tempo para isso agora. Era uma negociação muito delicada para se trazer um estranho. Jason teria que fazer o serviço.

— Você pode mandar Grange para a Alemanha e deixá-lo lidar com eles por você — ela murmurou com um sorriso maquiavélico, nomeando seu mais novo supervisor. Grange havia trabalhado para os Ballenger, mas Jason gostava dele e o contrata por um salário maior. Grange provara ser esforçado. Seu passado militar o tornara um perfeito supervisor. O major do exército não tinha problemas em dar ordens.

Ele fez uma careta.

— Grange negocia como um militar. Você sabe que eles não o deixarão entrar no país com armas.

— Grange é grande o suficiente para intimidar os negociantes sem armas.

Ele lançou-lhe um olhar frio. Ele não gostava do modo como ela falava de Grange. Não gostava do interesse de Grange nela. Não que ele se importasse. Ele só queria ter certeza de que Grange estivesse sempre ocupado quando Gracie visitasse o rancho. Seus olhos passearam pelo corpo suave vestindo jeans e camiseta. Sua mão se contraiu violentamente sobre o volante. Gracie não percebeu. Ela sorria para um grupo de crianças que brincava no jardim de uma velha casa na beira da estrada.

O SALÃO ONDE OCORRERIA O LEILÃO ESTAVA CHEIO. Gracie caminhou atrás de Jason, parando quando ele parava para falar com criadores de gado. O leiloeiro observou Jason quando ele entrou e eles se cumprimentaram. Ela não viu criadores de gado de Jacobsville, mas havia uma pequena multidão. Eles deviam estar do outro lado do salão. Os únicos lugares livres eram ao lado de uma parede, mas ele não se importava.

Ele cumprimentou educadamente um estranho criador de gado vestindo um terno caro e botas polidas. O homem o olhava com notável desgosto, observando as roupas de vaqueiro trabalhador, completo com botas velhas, casaco manchado e camiseta desbotada.

— Ótimo dia para compras — Jason disse cordialmente.

O homem sorriu tolamente.

— Para aqueles que podem comprar algo, com certeza. Você trabalha para um rancho local? — ele acrescentou, lançando um olhar depreciativo a Jason — Eles não devem pagar muito bem — ele virou-se novamente.

Gracie notou a troca e sorriu para Jason, mas ele não devolveu o sorriso. Seus olhos estavam furiosos. Eles sentaram e esperaram que o barulho cessasse para que o leilão pudesse começar.

Ela inclinou-se na direção de Jason.

— Quem é ele? — ela sussurrou, indicando o homem na fileira em frente a deles.

Ele não respondeu. Ao invés disso, fez um gesto na direção do leiloeiro que segurava o microfone.

Ele deu boas vindas aos criadores, agradeceu pelas presenças e começou com um lote de Black Angus. Jason encostou-se, apenas observando, quando as propostas começaram.

Gracie adorava ir nesses leilões com ele. Era uma das memórias mais agradáveis de sua adolescência, caminhar com ele através dos salões e aprender sobre o negócio. Isso o irritara no começo, e então o divertira. Finalmente ele entendera que não era o negócio que a agradava, mas o prazer de sua companhia. Ela era quieta, até mesmo fria, com os garotos de sua idade e homens de qualquer idade, mas adorava Jason e demonstrava. Os anos passaram, e ela ganhou um apelido — a sombra de Jason. Ele parecia não se importar. Glory nunca se importara muito com o gado, mas Gracie sempre se sentira fascinada por ele. Mesmo agora, ele raramente chamava outra pessoa que não fosse Gracie para acompanhá-lo em leilões, comprar novos equipamentos ou até mesmo dar uma volta pela propriedade. Um solitário na maior parte do tempo, ele se sentia extremamente confortável com ela.

Ela estudou o programa e bateu levemente na mão dele. Ele observou o que ela apontava no programa e concordou.

Era o próximo lote, uma consignação de novilhas puro-sangue Santa Gertrudes. Jason tinha novilhas substituidores, como qualquer criador possuía, contra abates necessários após a estação de procriação. Mas essas jovens fêmeas eram excepcionais. Elas eram de uma divisão do King Ranch, com linhas sanguíneas raras. Jason queria melhorar seu estoque de novilhas. Era uma barganha no preço.

O leiloeiro nomeou o produto e abriu a sessão. O rancheiro a sua frente levantou a mão e aceitou o preço. Houve um aumento no preço base em dez dólares por cabeça. Jason aguçou os ouvidos. O preço pulou em vinte dólares por cabeça.

— Eu disse a você que eles sabiam que eu viria — o criador na fileira seguinte disse satisfeito — Eu não disse que os preços saltariam quando eu comesse a oferta?

Jason não disse uma palavra. Mas seus olhos estavam friamente divertidos. O vaqueiro a sua frente aumentou a oferta em dez dólares, Jason dobrou. O preço subiu em cem, quinhentos, mil, dois mil.

— Quem diabos está ofertando contra mim? — o vaqueiro a sua rente murmurou irritado para sua companhia, olhando em volta — Ninguém aqui parece ser capaz de comprar um grupo de gado, muito menos puro-sangue Santa Gertrudes.

— Oferte mais — seu companheiro sugeriu.

— Você está louco? — o homem grunhiu — Eu estou no meu limite. Eu queria entrar em contato com meu chefe, mas ele não está no escritório. Ele não ficará feliz quando souber que alguém superou minha oferta por essas novilhas. Ele estava louco por elas.

O leiloeiro ofertou novamente. O vaqueiro ficou mudo, fumegando. Jason aguçou os ouvidos.

A oferta foi feita uma, duas, três vezes, e o leiloeiro bateu o martelo e gritou "Vendido!"

Ele não nomeou o comprador, como Jason havia concordado antes do início do leilão. Ele tinha o cheque de Jason e sabia onde, e como entregar a consignação. Jason e Gracie levantaram e caminharam para fora do salão. O vaqueiro que estava na frente deles saiu também, discando números em seu celular. Ele caminhou na direção de Jason e colidiu com ele.

— Olhe por onde diabos você anda, certo? — o homem grasniou para Jason e continuou andando.

Jason observou o homem com retribuição nos olhos escuros. Mas depois de um minuto ele se mexeu confortavelmente e encarou Gracie.

— Está com fome?

— Eu poderia comer um boi — ela murmurou com os olhos brilhando — Até mesmo um Santa Gertrudes.

— Barbaridade — ele soluçou — Vamos.

Ele dirigia uma das caminhonetes do rancho. Elas eram boas, mas não as topo de linha. Ele cortava gastos onde podia. O vaqueiro irritado e seu companheiro entraram em um carro de luxo e foram embora. Era um belo carro. Mas não era da mesma linha que o jaguar de Jason.

— Eu espero que nós não entremos na frente daquele vaqueiro — ela murmurou — Ele está com um problemão.

— Ele resolve isso logo — Jason disse facilmente.

— Legal da parte dele vir até aqui e mostrar como os verdadeiros criadores de gado se vestem — Gracie disse enquanto entrava na caminhonete e colocava o cinto. Lançou um olhar aguçado na direção dele — Você nos desgraçou, se vestindo assim para um leilão!

— Fale por você — ele devolveu enquanto ligava o motor — Você também não está a rainha do baile.

— Eu estou confortável — ela disse — Você disse que não era para colocar algo caro.

Seus olhos escuros encontraram o dela e lançaram-lhe um olhar que fez seu corpo ferver.

— Você ficaria bela em um saco de farinha, querida — ele disse solenemente — Mas eu gosto da trança.

Ela riu nervosamente, piscando rápido.

— Elas são muito infantis para mim, mas eu não consegui dar um jeito no meu cabelo hoje de manhã.

— Eu gosto.

Ele entrou na estrada e dirigiu até um restaurante próximo, estacionando ao lado. Ele e Gracie pisaram na varanda no mesmo momento em que o carro de luxo parou no estacionamento.

Jason lançou-lhe um olhar divertido.

— Bem, ele tem bom gosto para comidas.

— Eu aposto que alguém disse a ele que era um bom lugar para comer — ele devolveu.

A garçonete mostrou uma mesa a eles no momento em que o vaqueiro e seu companheiro entraram no lugar.

— Olha o que o gato arrastou — Cy Parks zombou enquanto Jason e Gracie sentavam-se à mesa em frente a dele.

— Olhe quem está falando, Parks — Jason devolveu.

— Como está Lisa? — Gracie perguntou.

Cy piscou duas vezes — Grávida — ele disse com um sorriso de orelha a orelha — Está quase chegando.

— Nossa — Gracie disse suavemente — Parabéns.

— Nosso filho precisa de um companheiro — ele explicou. Ele observou enquanto J. D. Langley, Harley Fowler, que era capataz de Cy, e Leo Hart voltavam para sua mesa com pratos cheios de salada. Lançou um olhar zombeteiro a eles — Salada! Bom Deus, eu nunca achei que veria o dia em que rancheiros sentassem com pratos de comida para coelho!

— Nós nos associamos ao comitê do verde — Leo zombou — Olá, Jason. Gracie. Vieram ao leilão?

— Sim — Jason respondeu — Nós não o vimos lá.

— Nós estávamos do outro lado do salão — J. D. murmurou, olhando na direção da mesa onde o vaqueiro e seu companheiro sentavam — Evitando a praga em ternos caros.

— Quem é ele? — Gracie perguntou.

Harley Fowler sorriu para ela.

— Você deveria saber.

— Eu? — ela exclamou confusa — Eu o conheço?

— Bem, o senhor Pendleton deve conhecê-lo — Harley acrescentou.

Jason lançou um olhar zombeteiro a Harley.

— O senhor Pendleton era meu pai.

Harley corou.

— Desculpe.

— Ele não gosta de cerimônias — Gracie disse ao jovem homem sorrindo — Nós não jogamos esse tipo de jogo.

— O inferno que não — Jason disse, e seus olhos brilharam enquanto o vaqueiro caminhava na direção deles. Seu corpo ficou tenso.

— Jason — Gracie disse suavemente. Ela não queria uma briga, e Jason tinha o pavio curto. O rancheiro já o deixara louco.

— Se não é a sociedade de Jacobsville — o visitante disse com um sorriso sarcástico — Os rancheiros que criam gado como animais de estimação, em pessoa.

Jason encostou-se na cadeira, esticando as pernas.

— Não há nada mal em tratar gado de maneira decente — ele disse deliberadamente.

O homem lançou-lhe um olhar desdenhoso.

— Desculpe, mas eu não me lembro de ter pedido sua opinião. Você pode trabalhar com gado, filho, mas tenho certeza de que você não conhece nenhum. Agora por que você não cuida da sua vida e deixa os criadores de gado conversar?

Os olhos escuros pousaram nele com uma frieza capaz de congelar um homem.

— Você não conseguiu aquele lote de novilhas Santa Gertrudes, conseguiu? — Cy Parks disse calmo.

O homem fez uma careta.

— Roubaram de mim. Eu sei que você deu o lance maior.

— Não. Não fui eu. Eu consegui os bezerros Santa Gertrudes — Os olhos verdes de Cy se estreitaram — Eu soube que seu chefe lhe mandou lá para conseguir as novilhas.

O lábio do homem curvou-se.

— Me mandou lá com metade do dinheiro necessário para comprá-los — ele disse furioso — E me disse para não oferecer mais. Inferno de homem. Eu aposto que ele não conseguiria distinguir uma novilha de um bezerro, sentado em seu escritório e dizendo aos criadores de gado como comprar gado!

Cy o estudou friamente.

— Essa atitude não vai levá-lo longe na associação Pendleton.

— Não é minha culpa se o chefe não sabe comprar gado. Eu terei que educá-lo.

Houve uma pausa coletiva na respiração da mesa. Além disso, as sobrancelhas de Jason se arquearam. Ele começava a gostar da cena.

— Você sabe quem superou minha oferta naquelas novilhas? — o homem perguntou curioso.

Todos na mesa de Cy apontaram para Jason Pendleton. Gracie também.

O visitante virou-se na direção do homem que passara o dia depreciando. Jason tirou o chapéu e deslizou os olhos pelo rosto chocado do homem.

— Você comprou aquelas novilhas? Com o quê? — o rancheiro arrogante exclamou. Ele observou Gracie — Você não parece o tipo de homem que pode comprar uma vaca doente, e sua namorada com certeza não tem dinheiro. Então você trabalha para quem?

Jason não gostou do comentário sobre Gracie. Sua diversão se tornou puro desgosto.

— Eu lhe faço a mesma pergunta — ele disse friamente.

— Eu trabalho para a organização Pendleton — o homem disse.

Jason o encarou.

— Não trabalha mais.

— E quem você pensa que é para me dizer isso? — o homem exigiu.

Os olhos de Jason brilharam para ele.

— Jason Pendleton.

O rancheiro encarou o pobre vaqueiro com descrédito. Mas então, em sua mente, recordou a pintura no escritório da corporação Pendleton, acima da lareira. O homem no retrato era a cópia do homem em sua frente.

— Você é o senhor... Senhor Pendleton? — ele indagou, ficando roxo — Eu não o reconheci!

Jason brincava com seu copo de café. Seus olhos fixaram-se no homem.

— Pena — ele murmurou.

O outro vaqueiro pareceu perder a dignidade e arrogância em um minuto.

— Eu não sabia... — ele murmurou.

— Obviamente — Jason disse brusco — Eu queria ver como você operava antes de aceitá-lo como meu representante. Boa idéia. Você gosta de depreciar as pessoas, não? Bem, você não fará isso na minha empresa. Pegue o seu cheque no escritório. Eu tenho que dizer as palavras?

A boca do rancheiro entreabriu-se.

— Você não pode fazer isso comigo! Inferno, ninguém pode despedir um homem por perder uma compra...! — ele começou insolente.

Jason ficou em pé. Ele era um palmo mais alto que o homem e parecia perigoso. Os homens na mesa ao lado ficaram tensos.

— Eu disse — Jason disse em um tom lento e perigoso — pegue o seu cheque — Suas mãos se fecharam ao lado do corpo.

O companheiro do rancheiro percebeu e segurou o braço do amigo, quase o empurrando. Ele sabia coisas sobre o temperamento de Jason Pendleton que o amigo obviamente não.

Gracie segurou a mão de Jason gentilmente. Ele olhou-a e se acalmou um pouco enquanto sentava novamente. Mas observava claramente o outro homem. O companheiro do rancheiro falava fervorosamente e indicava Jason Pendleton. O rancheiro olhou na direção dos criadores de Jacobsville e fez uma carranca. Mas ele não ia até uma mesa — na verdade saía do restaurante.

— Quem é ele? — ela perguntou.

— Ele é, melhor, ele era — Jason respondeu com puro desdém — o homem que eu contratei recentemente para ir a leilões por mim. Barker. Eu te falei sobre ele, que ele estava se aparecendo por aí. Foi bom eu checá-lo. Ele nos custaria negócios, com aquela atitude. Eu não gosto de homens que julgam as pessoas pela aparência. Riqueza não mede o caráter.

— Então é por isso que você estava ofertando tão alto contra ele.

— Eu tive que empurrar para ver como ele reagia. O leiloeiro sabia o que eu estava fazendo, então eu não terei que pagar o preço mais alto. Eu fiz um trato com ele antes do leilão.

Gracie torceu os lábios e assoviou.

— Oh, menino.

— Eu aposto que não é o que Barker está falando nesse momento — Harley disse com satisfação — E é isso o que você ganha por julgar as pessoas pela aparência. Nada mal em vestir roupas confortáveis — ele lançou um sorriso a Jason e voltou sua atenção para Gracie — Eu não acredito que você sair com capatazes de rancho, senhorita Gracie, mas se você sair, eu adoraria levá-la ao Shea e mostrar quão bem eu posso valsar...

Ele parou porque Jason o encarava, com um olhar mais frio do que o qual lançara para o vaqueiro pomposo.

— Oh, desculpe, é melhor eu terminar meu almoço e voltar ao trabalho — Harley disse com um sorriso envergonhado, voltando sua atenção ao prato.

Gracie encarava Jason, que só voltou ao normal com a chegada do garçom com suas saladas e bebidas.

— O que foi aquilo? — ela perguntou hesitante quando eles voltaram para a caminhonete.

— Barker? — ele perguntou distraído.

— Não. Harley.

A mandíbula dele contraiu-se.

— Harley é um menino.

Ela ficou desconcertada.

— Ele é um bom menino — protestou.

Ele não disse uma palavra.

Ela mexeu-se no assento, a testa franzida. Jason estava muito estranho ultimamente. Não entendia porque havia tanta raiva se remoendo dentro dele. Provavelmente ele ainda estava com raiva daquele homem, Barker, e era melhor deixá-lo com seus próprios pensamentos.

Jason estava estranhamente calado durante a viagem de volta, deixando o rádio ligado entre eles enquanto dirigia. Sua atitude em relação a Harley a confundira. Não era do feitio dele ser rude com assistentes, especialmente vaqueiros, e já deixara obvio que não gostava de homens que depreciavam os pobres. Ele não conhecia Harley muito bem, mas parecia gostar do jovem rapaz. Ou pelo menos, parecia até hoje. Era como se ele estivesse com ciúme do interesse do rapaz a respeito de Gracie. Isso era estúpido, claro. Ele era carinhoso com ela, mas não havia nada fora do comum em seu comportamento. Era apenas um pensamento bobo. Ela fez uma careta, ao imaginar como reagiria se Jason a tratasse como se fosse seu amante. Amor era uma coisa. Sexo... bem, era aterrorizante. Ela não tinha certeza de que poderia fazer isso. Nem mesmo com Jason, e ele vinha sendo o único homem em sua vida e em seu coração durante anos.

Capítulo 2

DOIS DIAS DEPOIS, GRACIE VOLTOU AO TRABALHO COM AS FLORES. Desta vez ela arrancara algumas ervas daninhas que cresciam muito rápido desde a passada do furacão Fay. As chuvas haviam sido torrenciais. Agora tudo estava enorme por causa da chuva. Depois de meses de seca, era maravilhoso ver o verde novamente.

Era sexta e ela era anfitriã de uma importante festa para Jason essa noite. Eram negócios. Ele odiava festas, mas ele estava negociando novamente, esperando acrescentar uma nova e criativa companhia de softwares da Califórnia ao seu quadro de aquisições. Os donos tinham mais ou menos vinte anos e eram doidos por futebol, então Jason havia convidado jogadores de futebol brasileiros e americanos para o coquetel. Era do feitio dele fazer os gostos de suas presas, quando queria algo.

Ela imaginou se ele era determinado assim com as mulheres que queria. Doía pensar no assunto.

Ela não se atrevia a pensar em Jason de uma maneira sexual. Apenas lhe causaria um ataque do coração. Sua mãe a prevenira sobre isso, e ela mesma vira o resultado quando era pequena. Seu pai só conseguia satisfação machucando a mulher, agredindo-a. O sangue em suas camisolas era prova da brutalidade do homem. A infância inteira de Gracie havia sido um pesadelo para sua mãe, e para ela. Quando criança, havia rezado para a mãe não morrer, deixando-a a mercê do pai. Deus sabe o que o homem poderia fazer com Gracie, embora nunca a houvesse molestado. Ela tinha medo do temperamento dele, especialmente quando bebia. Bebia muito. E ficava violento.

Ela estremeceu, ouvindo as lamentações da mãe enquanto as memórias a inundavam. Ela recordava como confortara a mãe logo após a morte do pai, ajudando a lavar o sangue, limpar os cortes e esfoliações. Sua mãe dissera que os homens eram doces, atentos e gentis até levarem-na para cama. Então, por trás das portas, a verdade era revelada. O que aparecia nos filmes, na televisão e nos livros era mentira. Essa era a realidade — sangue e lágrimas. Graciela devia recordar e não permitir a si mesma ser enganada pelo casamento. Ela deveria permanecer casta e segura.

Gracie ouviu o som de um carro na Estrada próxima e fez uma careta ao voltar ao presente. Um pobre motorista quase batera o carro. Ela sabia o que era isso. Não era a melhor motorista do mundo também. Jason se preocupava quando ela pegava o carro porque já tivera muitos percalços. Ela não era somente uma má motorista. O trauma físico de anos atrás causara danos em seu cérebro. Ela seria compensada pelo machucado, um médico dissera gentilmente, porque era muito inteligente. Mas não era muito reconfortante, quando o mundo a via como uma estabanada cabeça de vento. Pobre Gracie Pendleton, uma mulher comentara com a amiga, era o pássaro ferido da sociedade local.

Sorriu amargamente, ao recordar o que ouvira em um chá da tarde há algumas semanas. O comentário obviamente havia sido feito por alguém que não a conhecia. Ela sabia que se Jason soubesse daquilo faria a mulher sentir muito por ter aberto a boca. Ele era muito protetor em relação às pessoas que gostava. Seu primeiro vislumbre da generosidade dele ocorrera logo após a morte de sua mãe. Seu padrasto, Myron, se casara com Beverly Barnes, uma mulher que tinha uma jovem filha em um lar de adoção. Jason resgatara Gloryanne Barnes de uma situação perigosa, levando uma jovem Gracie para confortar a menina, que era quatro meses mais jovem. Se não fosse pelo envolvimento de Jason, ela e Gloryanne não teriam se safado tão facilmente.

Jason, ela pensou enquanto arrancava as ervas, era um enigma. Ela vivera com ele por doze anos e ainda sentia como se não soubesse nada sobre ele. Myron Pendleton havia morrido um ano após a morte de Beverly Barnes, a terceira esposa, vítima de um infarto. Naquela época, Gracie e Glory tinham dezesseis anos. Jason assumira a responsabilidade pelas duas garotas, e cuidara muito bem delas enquanto terminavam o ensino médio. De fato, as estragara com mimos. E ainda estragava. O presente de natal de Gloryanne no natal passado havia sido um jaguar XK verde. O de Gracie havia sido um meteorito, fabuloso e caro comprado em um leilão público do estado. Gracie era louca por fósseis e meteoritos. Tinha uma coleção. Não gostava muito de jóias, e odiava peles. Mas amava pedras. Jason a induzira a isso.

Ele também induzira sua mania por decorações de natal, que ela começava a colocar antes do dia de Ação de Graças. Jason nunca perguntara por que ela gostava tanto de natal. E esperava que ele nunca perguntasse.

Ainda faltavam três meses para o dia de Ação de Graças, mas Gracie já comprara guirlandas, junto com três árvores de natal e uma caixa de enfeites novos. Esperava ansiosamente as vezes quando Jason deixava seu adorado rancho e vinha a San Antonio por negócios. Era quando ele adquiria a imagem de magnata e organizava festas com Gracie, as quais eles convidavam estrelas de Hollywood e estrelas do esporte, com quem Jason podia associar-se. Isso freqüentemente lhe dava vantagens, sua associação com a fantasia caía. Muitas pessoas do mundo dos esportes e da arte apreciavam a amizade de Jason. Ele não era apenas dinâmico, mas rico sem ser avarento e não exibir sua riqueza. Mulheres solteiras o adoravam.

Quando ele não estava vestindo ternos caríssimos, usava jeans, botas, casacos e um Stetson e cuidava do gado com os outros vaqueiros. Mesmo lá ele era generoso, auxiliando seus homens se eles precisassem de ajuda.

Já que ele era um introvertido que não se misturava com os outros, não parecia o tipo de homem que possuísse um coração enorme e muita disposição. Mas havia muito mais sobre esse homem do que muitos imaginavam. Ele tinha um diploma de Harvard, mas não o exibia. Sua renda anual poderia sustentar duas ou três nações pobres. Ele não vivia como um multimilionário. Ele deixava a socialização com Gracie, mas ela gostava tanto disso quanto ele. Ela passava o tempo fazendo caridade e fundando projetos para ajudar as pessoas. Jason não sabia, mas ela possuía um bom motivo para doar fundos para os abrigos de mulheres, cozinhas comunitárias e lares de caridade.

Ela sabia que as pessoas perguntavam por que os irmãos passavam tanto tempo juntos. Mas ela e Jason não eram casados, e aparentemente nenhum dos dois seria. Gracie não queria nenhum tipo de relacionamento físico. Jason tinha namoradas, mas nunca o faziam considerar casamento. Ele não trazia mulheres para casa. Mas sim, considerava o que Gracie chamava de atitude medieval em relação a relacionamentos modernos. Ela não dormia com qualquer um. Não gostava de homem — ou mulheres — que o faziam. Jason se curvava ante seus preconceitos. Mas ela sabia que isso não o impedia de fazer o que gostava. Ele era um homem, apesar de tudo.

Fez uma careta ao notar uma mancha de sujeira na camiseta branca. Vestia jeans com ela, relíquias de um fim de semana que passara no rancho com Jason enquanto ele ensinava um forasteiro a montar. Gracie estava encarregada de ensinar sua esposa. Ele se divertira com sua paciência e prática em cima de um cavalo. Ela sabia que ele também apreciava sua falta de vaidade. Ela sempre usava os longos cabelos loiros em um rabo de cavalo ou tranças. Os olhos cinza dominavam o rosto oval com uma expressão que nunca precisava de maquiagem para ser realçada. Seus lábios eram cheios, naturalmente rosa. Ela nem ao menos passava batom, a menos que ela e Jason fossem a um lugar mais formal, como ópera, sinfonia, ou balé. Eles tinham gostos parecidos na música e no teatro, e concordavam até mesmo na política e na religião. Eles possuíam muitas coisas em comum para formar um casal incomum. Mas ela e Jason eram como irmãos, forçou-se a lembrar, mesmo que não tivessem o mesmo sangue.

O caule da rosa que ela estava podando parecia assimétrico, e isso lhe trouxe sentimentos sobre sua própria inadequação. Ela se perguntava por que sua mãe suportara tantas dores para esconder o passado de Gracie de seu novo padrasto e meio-irmão. Mas não havia questionado a decisão de Cynthia. Talvez sua mãe tivesse medo da atitude de Myron Pendleton se soubesse o que havia por trás da bela mulher que ele conhecera atrás do balcão da loja de roupas masculinas. Era mais fácil — e mais seguro — mentir e dizer a ele que seu marido morrera durante uma tempestade em uma operação no deserto, e que Graciela Marsh era sua enteada, não sua filha verdadeira. Essa mentira elaborada fora criada para garantir que Cynthia e sua filha pudessem escapar da gritante pobreza na qual viviam. Mas as falsas aparências não existiam entre quatro paredes. Cynthia havia delirado nos braços de Gracie na manhã em que morrera, confessando que não fora capaz de deixar Myron tocá-la desde o casamento. Myron ficara furioso e machucado, mas Cynthia não conseguia

conciliar seu novo casamento. Ela dissera que não podia continuar vivendo uma mentira. E naquele mesmo dia, ela morrera em um aparente acidente de carro. Gracie sabia que não havia sido um acidente. Mas ela não podia garanti-lo sem ter que dizer o motivo. Não era possível.

Gracie afastou uma mecha de cabelo com as costas da mão e só então percebeu que estava coberta de sujeira. Sorriu suavemente ao imaginar sua aparência naquele momento.

— Pelo amor de Deus, não me diga que você está limpando mais terra para plantar ainda mais flores? — disse uma voz profunda e divertida às suas costas — Eu achei que você tivesse terminado esse serviço no dia em que nós fomos ao leilão.

Ela virou-se, encarando os olhos escuros. Ele não sorria, raramente fazia. Mas os olhos sorriam no rosto limpo.

— Eu estava preparando a terra para os bulbos. Agora estou podando essas rosas — disse jovialmente.

Ele observou os ramos que enchiam o pequeno lugar e fez uma careta.

— Você planta rosas em cima de rosas, querida. Tem que retirar algumas.

Ela suspirou.

— Bem, eu saí do quarto e tinha mais galhos nessa primavera. Elas cresceram juntas e a chuva piorou a situação. Eu acho que poderia criar outro canteiro — murmurou para si mesmo, olhando em volta a procura de solo bom.

— Gracie — ele disse paciente — Nossos convidados chegam em duas horas.

— Duas horas? — ela o encarou atônita — Oh. Certo! Eu não esqueci — ela mentiu.

Ele sentou no grande corrimão de pedra que ficava ao lado dos degraus da varanda. Vestia calça preta, botas um suéter branco com gola alta e um blazer azul. Parecia caro e elegante, muito diferente do cowboy que aparecera no leilão dois dias atrás.

— Sim, você esqueceu — ele corrigiu, balançando a cabeça. Respirou fundo e olhou ao redor, observando a exuberante paisagem — Eu odeio esse lugar — ele murmurou.

— Você sempre odiou — ela respondeu — Não é o rancho.

— O que eu posso dizer? — ele deu de ombros — Eu adoro gado. Odeio alta sociedade.

— Pena que você tenha nascido no berço dela — ela riu.

Ela o observou dissimuladamente. Era bela, em sua maneira tímida. Gracie não era exatamente extrovertida, nem ele. Mas ela podia organizar uma festa melhor do que qualquer outra pessoa que ele conhecia. Era uma anfitriã graciosa, uma trabalhadora incansável em suas caridades, e se vestia belamente. Em uma emergência, não havia ninguém com cabeça mais fria. Ele a admirava. E não apenas por sua desenvoltura. Os olhos negros deslizaram por poucos segundos pelos seios firmes por baixo do suéter antes de desviá-los.

— Nós recebemos uma observação politicamente incorreta do procurador geral do estado.

— Simon Hart? — ela perguntou — Que tipo?

— Meu primo acha que nós passamos muito tempo juntos — ele disse — Ele diz que um de nós devia se casar e começar a produzir filhos.

Ela o encarou quieta.

— Eu não quero me casar.

Ele franziu a testa.

— Por que não?

Ela desviou os olhos.

— Porque não.

— Simon está feliz casado — ele apontou — Ele e Tira tem dois filhos.

A voz dela retesou-se.

— Bom para eles. Eu só não quero me casar.

— Você tem vinte e seis anos — ele lembrou — Não namora ninguém. Não consigo me lembrar a última vez que você saiu com alguém. No entanto, durante os quatro anos que você passou na universidade de Jacobsville conseguindo seu diploma você saiu com um. E ele era gay — houve uma estranha entonação no comentário dele.

Gracie recordou que Jason fora muito hostil com o jovem rapaz. Isso era surpreendente, já que ele era o homem mais tolerante que ela conhecia. Frequentava a igreja, como Gracie, e dizia que o fundador de sua religião não virava as costas para ninguém, independente de sua classe social. Ele podia estar com ciúmes?

— Eu me sentia bem com Billy — ela disse depois de um minuto.

— Sim, mas eu sei que ele não apreciava muito sessões tórridas em nosso sofá.

Ela corou e o encarou em seguida.

— Eu não tenho sessões tórridas com ninguém.

— Eu percebi — ele disse curto — Simon percebeu também.

— Não é problema de Simon o modo como nós vivemos — ela disse na defensiva. Então hesitou — É?

— Claro que não — ele estalou — Mas ele está certo em uma coisa, Gracie. Nenhum de nós está rejuvenescendo.

— Especialmente você — ela lembrou — Você fará trinta e cinco no próximo aniversário.

— Não me lembre.

— Você só fica melhor, Jason — ela disse carinhosamente — Nunca será velho para mim.

Ele a encarou por alguns segundos e sorriu.

— Obrigado.

Ela levantou a cabeça na direção dele.

— Talvez você devesse se casar — ela disse, imaginando porque doía dizer aquilo — Quero dizer, quem vai herdar tudo isso quando você morrer?

Ele respirou fundo e olhou em volta.

— Eu andei pensando nisso também.

O coração dela disparou.

— Você... já pensou em alguém? Alguma noiva em potencial? — perguntou sentando sobre os joelhos.

Ele balançou a cabeça.

— Tinha aquela advogada que você namorou, amiga de Glory — ela disse.

— Ela queria um doutorado em direito e eu lhe consegui uma permissão — disse com mal disfarçado desprezo.

— Então apareceu a política que Simon apresentou a você.

— Ela quer concorrer ao senado e eu tenho dinheiro — ele zombou.

— Jason, nem toda mulher quer algo financeiro de você — ela apontou — Você é atraente e tem um coração enorme. Você assusta as pessoas.

— Eu não assusto você — ele disse.

Ela riu.

— Mas assustava.

— Sim, quando você veio morar conosco — ele disse carinhosamente — Eu atraía você para fora de seu quarto com chocolates. Levou meses. Você sempre me olhava como se esperasse que chifres e rabo comessem a crescer em mim.

— Não era pessoal — ela chiou — Além disso — acrescentou com um sorriso travesso — Depois que eu conheci você me acostumei com os chifres.

Ele fez uma careta para ela. Mas seus olhos se estreitaram pensativos.

— Você não sai com um garoto desde que eu insisti para que você o fizesse no último ano do ensino médio. Você foi convidada para a formatura, mas não queria ir. Eu insisti. Eu pensei que você fosse desnecessariamente tímida.

— Então eu fui com o primeiro garoto que me convidou — ela recordou cheia de veneno.

Ela fez uma careta.

— Bem, ele parecia legal.

— Parecia mesmo?

Os olhos escuros brilharam.

— Eu percebi que o dente frontal dele era quase natural.

Ela estremeceu com a lembrança. Violência ainda a entristecia. Mas o garoto estava bêbado e insistente. Ele deixara marcas por todo seu corpo na tentativa de despi-la. Gracie tivera que ligar para Jason pelo celular. Ela se trancara no carro do garoto e ele atirara pedras na janela do motorista tentando forçá-la a abrir a porta.

Antes que ele o quebrasse, Jason chegou e desceu do carro. Mesmo agora, muitos anos depois, Gracie ainda podia ver o medo repentino no rosto do menino quando ele vira o homem alto e furioso se aproximando. Jason era elegante, e geralmente era calmo, mas podia se mover como uma cobra quando estava com raiva. O garoto era alto também, e musculoso — uma estrela do futebol. Mas ele não durara cinco minutos com Jason. Os pulsos o derrubaram em segundos. O confronto deixara Gracie doente. Jason a salvara, pensou. E não era a única vez que ele se metera entre Gracie e problemas. Havia um ditado no rancho Rocking Spur, que dizia que qualquer vaqueiro que quisesse uma viagem rápida para a emergência só precisava dizer algo desagradável de ou para Gracie na frente de Jason.

Depois que ele a salvara, naquela noite distante, dirigira com ela em um silêncio tenso. Mas quando eles chegaram a casa e percebeu como ela estava assustada, mesmo com ele, acalmou a menina e se tornou seu afetuoso meio-irmão.

Agora ele era tão familiar para ela quanto às flores que plantava. Mas ainda havia aquela distância entre eles. Especialmente desde quando ele começara a passar menos tempo na mansão de San Antonio. Ultimamente ele a olhava de um modo que a perturbava. Às vezes ele ficava ansioso também, como se sua própria vida o estivesse desapontando.

Enquanto pensava, ela cortou o último galho da roseira afastada dos crisântemos, que estavam começando a desabrochar. Passou a mão por eles, sorrindo, ao imaginar como eles ficariam belos em alguns meses, dourados e brilhantes quando o tempo frio chegasse. Seus bulbos teriam que ser cavados e separados, mas isso podia esperar o tempo frio. Plantara alguns bulbos no rancho também, no último outono, mas o pastor alemão de Jason comera todos. Morrendo de raiva, havia dito a Jason que o animal era um esquilo. Nenhum cachorro bem educado comeria um bulbo inocente. Ele quase morrera de rir com o comentário. Mas comprara outros bulbos e mesmo relutante permitira que um de seus vaqueiros a ajudasse a replantá-los; um de seus vaqueiros mais velhos e feios. Ele fazia loucuras para colocar distância entre ela e seu capataz, Grange.

— No que você está pensando? — ele perguntou.

Ela sorriu divertida.

— Em Baker comendo meus bulbos no último outono.

Ele sorriu.

— Ele desenvolveu gosto por eles. Eu tive que colocar uma cerca ao redor do seu canteiro.

— Uma cerca? — ela exclamou.

— Uma cerca branca — ele assegurou — Algo estético.

Ela relaxou.

— Você é gentil.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Sou?

Ela soltou a pá e ficou em pé, limpando a sujeira em sua blusa. Só piorava.

— Droga — ela murmurou — Não vai sair nunca.

— Harcourt consegue tirar qualquer coisa. Ela tem produtos químicos escondidos nas calças. Ela o encarou e riu deliciada.

— Sim, mas Dilly lava as roupas.

— Dilly tem produtos químicos também.

Ela encarou os pés. Seus tênis estavam cobertos de lama.

— Eu não vou entrar em casa desse jeito — murmurou. Retirou-os, ficando só de meia — Oh, droga!

— Eu preciso ensiná-la a praguejar — ele zombou.

— Você faz isso muito bem por nós dois, e em duas línguas — ela apontou. O espanhol dele era elegante e fluente.

Ele soluçou.

— Eu sei.

— O chão está frio — ela disse distraída.

Ele ficou em pé, aproximou-se e sem hesitação pegou-a nos braços como se ela não pesasse nada.

Ela ficou sem ar quando se viu nos meios dos braços fortes e colou-se ao pescoço dele, com medo de ser derrubada. Nunca gostara de ser carregada, embora tivesse estimulado Jason a fazer o mesmo. Sentia-se tremer, estando tão próxima a ele. Dessa vez, seu corpo demonstrou sua fascinação por ele. Sentiu o cheiro de café em sua respiração enquanto ele a carregava. Ele cheirava a perfume caro e sabão, e seus músculos apertavam seus seios. A dor que começava a consumi-la era quase dolorosa. Sua mente foi preenchida por pensamentos perigosos e incomuns. Devia estar doente, devia se afastar. Pensava nisso mesmo enquanto se aproximava mais ainda do calor dele e encostava seu rosto na garganta máscula. Achou ter sentido ele estremecer, mas era duvidoso. Nunca vira um homem mais controlado do que ele.

— Eu sei, você não gosta de ser carregada — ele disse em um tom brusco. Riu suavemente — Mas você não pode andar sobre o carpete branco com meias sujas, meu bem — ele acrescentou. Puxou-a para ainda mais perto, fazendo com que os seios pequenos e firmes se espremessem ainda mais contra o peito largo — Apenas fique quieta e pense na Inglaterra.

Ela franziu a testa enquanto ele subia os degraus e entrava na casa, inclinando-a um pouco para abrir a porta. Ele a fechou com um chute e subiu as escadas que levavam ao segundo andar da enorme mansão.

— Inglaterra? — ela perguntou divertindo-se.

Ele carregou-a pelas escadas sorrindo.

— Pense nisso.

— Inglaterra — ela nunca havia ido à Inglaterra. Havia?

Ele parou na porta do quarto dela. Os olhos escuros procuraram os dela. Estava muito perto. Ela podia sentir o hálito dele em seu rosto. A pressão de seus braços embaixo dela, seu calor a fez sentir-se embriagada e ofegante. Não queria se mexer. Queria que ele estivesse ainda mais próximo.

— Esses filmes antigos, onde as mulheres se sacrificam pelo bem do país? — ele tentou, ainda sorrindo. Mas seus olhos diziam muito, sábios, prometendo coisas que Gracie desconhecia.

— Que filmes antigos? — ela perguntou distraída. Sua mente se preocupava em quão rápido seu coração estava batendo.

— Não importa — ele disse pesadamente. Colocou-a no chão abruptamente, parecendo frustrado.

— Eu não assisto filmes antigos, Jason — ela disse, tentando acalmá-lo — Nós não temos nenhum.

— Eu comprarei alguns — ele murmurou — Talvez alguns documentários também.

— Documentários? Sobre o quê? — ela perguntou determinada.

Ele começou a falar, pensou melhor e fez uma linha fina com os lábios.

— Não importa. Não demore muito.

— Não demorarei — ela hesitou — O que eu devo vestir? — acrescentou, esperando agradá-lo, pois ele gostava quando ela pedia sua opinião, e ele parecia bravo com ela por algum motivo.

Ele parou. Seus olhos deslizaram pelo corpo dela com estranha lentidão.

— Coloque o vestido dourado que eu trouxe de Paris para você — ele disse — Fica muito bem.

— Não é muito chique para um coquetel? — ela perguntou.

Ele afastou-se. Era alto, ela pensou, sua cabeça chegava ao nariz dele. Ele olhou-a nos olhos.

— Não — ele respondeu. Em seguida tocou o cabelo dela — E deixe os cabelos soltos. Compridos. Para mim.

Ela sentiu-se quente e nervosa. Isso era novidade. A voz dele era profunda e lenta, suave como seda. Seus lábios se abriram em antecipação quando o olhou nos olhos.

Ele ergueu o queixo feminino com os dedos. Seu dedo moveu-se pelo lábio dela em uma carícia que a deixou sem ar.

Os olhos escuros se estreitaram, e sua mandíbula esticou-se quando ele viu a expressão nos olhos cinzentos.

— Sim — ele disse baixo, como se ela houvesse dito algo em voz alta. Ele a soltou lentamente, e desceu as escadas.

Ela o observou afastar-se, fascinada. Seus dedos tocaram a boca sensível. Seu coração batia tão rápido que ela achou que ele fosse saltar do peito. Não conseguia normalizar a respiração. Jason a tocara de um jeito novo, um modo como nunca a tocara antes. Não se atrevia a pensar profundamente no assunto. Não agora. Virou-se rapidamente e entrou no quarto.

HAVIA MUITAS PESSOAS NA FESTA, ela pensou enquanto descia as escadas e cumprimentava os convidados. Não precisava de muita imaginação para detectar os sócios da companhia de informática; eles vestiam ternos que não combinavam muito e pareciam fora de seus lugares e desconfortáveis.

Gracie, uma veterana em aproximação social, entendeu a confusão deles. Levava muito tempo para que ele se ajustasse a carros de luxos, roupas caras e festas como aquelas. De certa maneira, se sentia muito mais confortável com os vaqueiros de Jason do que com a mistura de profissionais elegantes e ricos. Mas tinha certeza de que estava apresentável, no vestido dourado que cobria um braço inteiro e deixava o outro braço e o ombro inteiramente à mostra. Ele descia até os tornozelos, mas o decote nas costas deixava a pele nua. O cabelo loiro caía pelos ombros em suave exuberância. Com o vestido, ela colocara um colar de ouro com anéis entrelaçados, e brincos combinando. Estava linda, e muito mais jovem do que sua idade real.

Ela caminhou até o homem ruivo com sardas no rosto que parecia o chefe e sorriu.

— Vocês têm tudo que precisam? — perguntou gentil.

Ele olhou para ela e corou.

— Eu, ahn, bem, eu... isso é — ele gaguejou.

O outro sócio, de rosto redondo e pele escura limpou a garganta.

— Nós estamos um pouco deslocados aqui — ele começou.

Gracie colocou os braços entre os deles e levou-os até o salão de baile, onde uma pequena banda tocava, e guiou-os até o bar.

— Ninguém gosta de cerimônias aqui — ela explicou agradavelmente — Nós somos pessoas comuns, como todas as outras.

— Pessoas comuns com jatinhos particulares e estrelas do futebol como amigos — o ruivo murmurou, olhando ao redor.

— Sim, mas vocês estarão na mesma sociedade algum dia — ela respondeu sorrindo — Jason disse que vocês são gênios, que desenvolveram softwares que revolucionarão a indústria dos jogos.

Os dois a encararam.

— Você é irmã dele — o mais baixo chutou.

— Bem, sua meia-irmã — ela disse — Eu sou Gracie Marsh.

— Eu sou Frec Turnbill — o moreno disse — Ele é Jeremy Carswell. Nós somos os donos da Shadow Software.

Ela cumprimentou os dois e sorriu.

— Estou feliz em conhecê-los.

— Seu... Meio-irmão — Fred disse, indicando o homem alto e elegante com uma taça de champanhe na mão, que naquele momento falava com um ator famoso — É muito agressivo. Nós não estamos muito interessados em vender, mas ele se aproxima cada vez mais. Ele nos ofereceu controle de criação, posições executivas e até mesmo bônus de estoque — ele riu nervosamente — É difícil dizer não a um homem como ele.

— Eu sei o que você quer dizer — ela disse.

— Ele parece em casa aqui — Fred suspirou — Eu acho que está, considerando seu nível social. Ela entregou taças de champanha a eles.

— Escutem — ela disse confidencialmente — Ele faz o que os negócios exigem. Mas vocês deviam vê-lo cuidar do gado. E especialmente vê-lo montar — seus olhos cinzentos tornaram-se sonhadores — Eu nunca vi nada mais bonito em toda minha vida do que Jason montando um cavalo.

Ambos a encaravam com expressões curiosas.

— Em um cavalo? — Fred murmurou.

— Cuidando do gado? — Jeremy acrescentou.

Ela sorriu, ainda observando Jason.

— Ele possui um rancho de Santa Gertrudes em Comanche Wells. Quando não está lidando com aquisições, está cuidando do gado com seus homens.

— Nossa! — Fred exclamou — Então ele não é o ganancioso homem de negócios tentando ganhar o mundo.

— Não nesta vida — Gracie disse suavemente — Ele vai aos extremos para ser responsável pelo meio ambiente. Ele nem mesmo usa pesticidas.

Naquele momento, Jason encontrou o olhar dela, porque sua cabeça virou-se e os olhos escuros atravessaram o salão de baile. Mesmo naquela distância, os joelhos de Gracie ficaram fracos e ela pareceu parar de respirar. Era a primeira vez que ele a olhava daquele jeito. Como se, ela pensou distraída, ele pudesse comê-la viva.

Ela afastou os olhos dele com um sorriso nervoso.

— Ele não é o que parece.

Fred torceu os lábios e trocou um olhar com Jeremy.

— Isso muda um pouco as coisas — ele disse — Um homem que sai e trabalha com seus funcionários não é a imagem que nós tínhamos do senhor Pendleton. Eu acho que nós somos vítimas da pretensão.

— Não se pode presumir nada sobre Jason — ela disse a eles — Quando Deus o fez, quebrou o molde. Não há outro homem como ele no mundo. Quando Jason dá sua palavra, ele mantém, e é a pessoa mais honesta que eu conheço.

Jeremy sorriu para ela.

— Bem, você nos convenceu. Acho que nós nos juntaremos à corporação.

— Vocês se juntarão a família — ela corrigiu — Jason dá bônus de feriados e bons pacotes de benefícios, e ele cuida de seus homens.

Jeremy levantou a taça. Assim como Fred.

— A um futuro próspero.

Gracie ergueu a sua também, e brindou com eles.

— Eu brindo a isso.

Ela desculpou-se e foi cumprimentar os outros convidados. Percebeu dois minutos depois que Jason falava com os dois executivos e sorria. Ela deu um risinho. Não era a primeira vez que ela fazia aquilo. Estava ficando boa no assunto.

Por volta da meia-noite, ela e Jason se encontraram na mesa de bebidas. Casais estavam na pista dançando uma música lenta e romântica.

— Quer dançar? — ela perguntou com um sorriso.

Ele balançou a cabeça.

Ela não ficou surpresa. Ele havia dançado com várias mulheres durante a noite, incluindo uma mais velha que viera a festa sozinha. Mas ele nunca dançava com Gracie nesses dias, não importa quão duro ela trabalhasse para convencê-lo.

Ela franziu a testa.

— Você dança com as outras pessoas.

Ele a encarou.

— Eu não vou dançar com você.

Ela sentiu-se abalada pela recusa. Não entendia o comportamento dele. Ela podia ser desastrada, mas fazia tudo certo na pista de dança. Ela pegou uma taça de champanhe e encheu.

— Não fique magoada — ele disse brusco — Eu tenho motivos. Bons motivos. Eu só não posso contá-los.

Ela moveu o ombro.

— Sem problemas — ela disse, sorrindo tolamente.

Ele virou-se para encará-la, a mandíbula contraída. Os olhos escuros estavam brilhando quando encontraram os dela.

— Você olha, mas você não vê, Gracie — ele disse bruscamente.

Ela o olhou cheia de lástima.

— Eu não entendo.

Ele suspirou.

— É uma atenuação — ele disse prendendo o fôlego.

Ela provou o champanhe. Uma das mãos dele ergueu-se e retirou a taça das mãos dela. Então levou-a até a boca, provando o líquido âmbar no exato lugar em que os lábios dela haviam tocado, e olhou-a nos olhos enquanto fazia isso.

O ato era deliberado, sensual, provocante. Os lábios de Gracie se entreabriram para respirar enquanto os olhos dele prendiam os dela em um laço que ela não podia quebrar. Ela sentiu uma explosão de sentidos tão intensa que a deixou sem fala.

— Chocada, Gracie? — ele perguntou enquanto lhe devolvia a taça.

— Eu... não sei.

Os dedos dela traçaram uma linha desde sua bochecha até o canto dos lábios. Observou-a intensamente.

— Você fechou o negócio.

— Que... negócio?

— O negócio com os computadores. Eles toparam, graças a você. Eu nem tive que apresentá-los aos jogadores de futebol — os dedos fizeram uma trilha pela boca suave — Incrível, esse dom que você tem fazer as pessoas se sentirem como se pertencessem ao lugar.

— Um dom — ela sussurrou, sem na verdade ouvi-lo. O que ele fazia com sua boca era muito erótico. Ela aproximou-se.

Ele inclinou a cabeça, para que não ouvissem o que ele dizia. A resposta dela era eletrizante. Ele estava pegando fogo.

— Gracie — ele disse se aproximando — Eu posso ouvir seu coração batendo.

— Você... pode? — os olhos dela estavam presos na boca firme, sensual.

Os lábios dele se partiram enquanto pairavam sobre os dela. O corpo alto amarrado no encanto que ela apresentava, as mãos femininas se aproximando de sua camisa e pressionando-a. Seu coração disparou.

— O que você fará se eu me inclinar mais um pouco e tocar seus lábios com minha boca? — ele perguntou em um tom áspero, sensual.

Ela não o ouvia. Não podia ouvir nada. Apenas conseguia ver a boca máscula, preenchendo sua mente com imagens tão sensuais e doces que suas pernas começaram a tremer. Seus dedos se contraíram sobre a camisa dele. Ela sentiu os pêlos finos e os músculos por baixo do tecido.

— Eu poderia incliná-la entre meus braços e apertá-la tão forte que você não conseguiria respirar a menos que eu o fizesse — ele sussurrou abruptamente — Te beijar tão forte que sua boca ficasse inchada pela intensidade!

Ela estava na ponta dos pés, sentindo os músculos dele se contraindo embaixo da jaqueta fina enquanto seus pequenos seios pressionavam seu peito. Sua boca estava entreaberta, implorando. Ela sentia-se quente, doendo. Estava tremendo. Sabia que ele a observava, e não se importava. Nada importava, exceto que ela o queria mais próximo, beijá-lo até sentir-se pegando fogo, até que a dor parasse, até que a tensão desaparecesse de seu corpo...

— Jason — ela chiou, apertando os ombros dele.

— Ei, Jason — veio uma voz exuberante detrás deles — Você pode explicar ao Ted o que acontecerá com o novo negócio dos computadores? Ele quer entrar no nosso contrato com os técnicos da Califórnia que você está tentando convencer.

Jason ficou parado, como se tivesse levando um choque. Ele tinha que trabalhar, controlou-se antes de afastar-se abruptamente de Gracie, e virou-se para o homem de negócios parado atrás dele, segurando um copo de uísque.

— Vamos encontrar os inventores e pedir que eles expliquem a ele — Jason disse forçando um sorriso — Vamos.

Ele não olhou para Gracie. O homem de negócios olhou, franzindo a testa ao ver a expressão dela, mas ele provava o álcool e imaginava que o acabara de ver fosse uma aberração provocada pela bebida. Jason não estaria beijando sua meia-irmã em público!

Capítulo 3

JASON PARECIA TÃO ALIVIADO quanto Gracie por não terem ficado juntos novamente. Ele não a procurou ou mesmo olhou para ela durante o resto da noite. Ele disse boa noite depois que os convidados partiram, mas de um modo curto e negligente, como se o interlúdio mais cedo o tivesse embaraçado. Parecia uma tentativa deliberada de sedução, mas estava começando a parecer uma indesejada falta de controle. Ele falara com ela de uma maneira que mudara o relacionamento dos dois. Talvez ele tivesse bebido muito e agora estivesse arrependido, ela pensou.

Mas Jason nunca bebia uísque. Ele bebia vinhos brancos ou champanhe, e sempre em poucas quantidades. Quando ele estivera próximo a ela, não se lembrava de ter sentido nada em seu hálito. Gracie não sabia o que pensar. Estava mortificada por ter se entregado à atração que sentia por ele, algo que não queria que ele visse. Era como fazer promessas que não manteria. Mas era o comportamento de Jason que a abalava.

Ela subiu ao seu quarto e trancou a porta. Ainda estava abalada pelo que acontecera antes dos dois serem interrompidos; não pelas ações dele, mas por sua própria resposta a elas.

Ela... o desejava. Realmente o desejava. Era a primeira vez em sua vida adulta que ela sentia desejo físico. Pensara por um longo tempo que fosse frígida, que não sentia desejo. Agora seu corpo havia acordado e estava angustiada pelas coisas que aprendera sobre si mesma. Não era insensível aos homens. Não mais. Era vulnerável. E Jason sabia.

Os avisos de sua mãe ecoaram em sua mente enquanto colocava a longa camisola de algodão e subia na cama, escondendo-se por baixo das cobertas e lençóis bordados a mão. Observou o teto, tremendo pelo impacto do suave toque de Jason. Sabia que nunca seria capaz de esquecer a fome nos olhos dele, no toque dele. Ele era um estranho nesse aspecto, um homem que ela não conhecia. Ele pretendia chegar tão longe? Ou ele realmente perdera o controle? Não era do feitio dele se comportar daquele jeito em público com uma mulher, muito menos com Gracie.

Estava se tornando claro porque mulheres bonitas vagueavam ao redor dele como satélites. Não era somente pelo dinheiro. Era o homem, sensual, terno, que atraía atenções. Gracie estava confusa em relação à mudança de atitude dele. Também estava confusa porque ele não quisera dançar com ela. Não havia sido a primeira vez. Por mais de dois anos, ele evitava qualquer tipo de contato físico com ela. O que havia acontecido para mudar a situação, em um espaço de um dia?

Não, ela pensou. Não, não era somente hoje. Ele estava diferente quando eles foram ao leilão de gado também. Era o modo como ele olhava para ela. Era quase predatório. Era como um felino se retorcendo na coleira. Se ele a quebrasse, o que aconteceria? Uma pequena parte de si tentou encontrar a resposta. Mas a parte maior estava com medo, mesmo de Jason.

Ela virou-se na cama durante toda a noite, esperando ver Jason novamente e ao mesmo tempo com medo. Poderia viver com ele novamente depois do que havia acontecido?

ELA DESCEU AS ESCADAS na manhã seguinte sem nenhuma maquiagem, o cabelo preso em um rabo de cavalo, vestindo um jeans velho, uma camiseta comprida e tênis. Ela queria parecer o mais jovem possível. No caso de Jason ainda estar por lá.

Mas foi uma camuflagem perdida já que ele não estava na mesa quando ela sentou-se. Ela percebeu enquanto arrumava o guardanapo e colocava café em uma xícara que apenas um lugar estava arrumado.

A senhora Harcourt entrou com um pequeno prato com ovos e carnes.

— Jason não está aqui? — ela perguntou à governanta.

— Não, querida, ele foi embora como um tornado, antes que eu preparasse os biscoitos — ela disse franzindo a testa — Muito tenso e arredio. Saiu com o carro como se um pelotão estivesse em seu encalço — ela assoviou — Não há dúvidas sobre por que eles o chamam de Jaguar. Parecia um gato selvagem ferido quando ele partiu.

Traduzindo, aquilo significava que ele estava com raiva. Ele costumava descontar sua raiva na estrada, algo que resultara em um bom número de multas de trânsito. Ele não dirigia descuidadamente, mas muito rápido.

Ela colocou os ovos em seu prato lentamente. Não sabia o que era mais forte — o alívio ou a decepção. Era apenas adiar o pagamento. Certamente eles não poderiam voltar a ter o mesmo relacionamento depois do que acontecera.

— Você está muito mal-humorada hoje — a senhora Harcourt disse gentil, os olhos escuros sorrindo enquanto aproximava os pratos de comida de Gracie — Festa ruim?

— O quê? Oh, não, não muito — ela respondeu com um suspiro — Apenas longa e barulhenta — sorriu — Eu não sou uma pessoa de festas.

— Nem Jason — a senhora Harcourt disse baixo — Ele prefere viver no rancho e ser um vaqueiro.

— Como ele conseguiu o rancho? — Gracie perguntou repentinamente.

A senhora Harcourt parecer estranhamente desconfortável, mas seu rosto rapidamente perdeu a expressão confusa.

— Ele o comprou de minha família — ela disse surpreendentemente — Era de meu avô. Não que estivesse em boa forma — ela acrescentou — Eu tinha medo de que ele fosse para subdivisões ou leilões — ela sorriu — Sou muito feliz por não ter ido.

Gracie ficou pensativa enquanto bebia o café.

— Ele comprou um ano antes de seu pai morrer — ela lembrou.

— Sim — a voz suave da senhora Harcourt teve uma mudança brusca.

— O senhor Pendleton não mudou com o tempo, não é? — perguntou enquanto colocava a xícara sobre a mesa — Ele odiava o rancho e o fato de Jason trabalhar ali. Ele disse que era degradante para um Pendleton fazer trabalho manual.

— Oh, ele era um defensor de sua classe e posição — a velha mulher disse amargamente — Ele recusou-se a deixar o primeiro capataz de Jason entrar pela porta da frente. Ele disse a ele que empregados tinham que entrar pelos fundos.

— Que ridículo — Gracie resmungou.

— Ele e Jason tiveram uma briga terrível por isso depois. Jason ganhou — a mulher riu — Apesar de seus erros, e ele não tem muitos, Jason não é um esnobe.

— Ele amava o pai? — Gracie riu — Que pergunta idiota. Claro que sim. Eu nunca esquecerei o dia da leitura do testamento do pai dele. Havia subvenções para Glory e para mim, mas o advogado discutiu isso com Jason entre quatro paredes. Depois disso ele se embabadou, lembra? — ela suspirou — Durante todo esse tempo, eu nunca o vi bêbado. Ele não chorou no funeral do velho, mas ficou possesso quando viu o testamento. Eu acho que demorou para que ele se desse conta do que havia acontecido. A perda, eu quero dizer. A mãe dele já havia morrido, e seu último parente vivo partira para sempre... Senhora Harcourt!! Você está bem?

A mulher havia derrubado a xícara de café na mão. Gracie levantou correndo, levando a mulher até a pia.

— Fique aqui — ela instruiu, colocando a mão queimada sob a água gelada. Ela foi ao banheiro e pegou a maleta de remédios. Caminhou rápido até a cozinha e colocou os suprimentos em cima da pia.

— Senhorita Gracie, eu posso fazer isso — ela disse — Não está certo, você cuidar de mim.

— Não comece — Gracie murmurou — As coisas não são desse jeito nesta casa. Você, Dilly e John são da família — ela disse firme — Nós cuidamos uns dos outros.

Lágrimas apareceram nos olhos da mulher. Gracie não soube dizer se causadas por emoção ou dor, mas sorriu gentilmente enquanto cuidava da queimadura.

— Honestamente, eu não sei o que nós faríamos sem você.

— Isso é tão gentil de sua parte, senhorita Gracie.

— Gracie — ela corrigiu — Você não chama Jason de Senhor Jason — ela apontou.

— Eu faço quando ele está por perto — a governanta corrigiu.

— E ele fica irritado. Ele não gosta quando você o trata como o chefe — ela hesitou enquanto afastava a bandeja — Ela está... muito estranho ultimamente — disse suavemente — Eu não entendo.

A senhora Harcourt parecia estar se segurando para não falar. Finalmente ela disse.

— Ele está com a cabeça cheia. Há aquela companhia de computadores da Alemanha que o está incomodando porque compete com sua nova linha. Poderia prejudicá-lo no mercado. Ele disse que espera não precisar ter que ir até lá, mas os donos estão batendo o pé sobre vendê-la.

— Deus os ajude se ele for até lá — Gracie zombou — Jason é como uma escavadeira quando quer algo.

— É mesmo — a senhora Harcourt concordou — Obrigada por me ajudar.

— Oh, eu tenho um motivo maior — Gracie disse — Eu preciso da sua ajuda em algumas decorações de natal. Você precisa me ajudar a colocar as caixas no sótão para que Jason não as veja quando chegar,

A velha mulher hesitou, claramente preocupada.

— Ele só critica — Gracie lembrou — Ele não diz que eu não posso colocar árvores, grinaldas e guirlandas — ela franziu a testa — Por que ele odeia o natal? — ela perguntou, e não pela primeira vez. Mas nunca havia perguntado para a senhora Harcourt antes.

A senhora Harcourt fez uma careta.

— O pai dele não se importava com árvores, mas nunca comprou presentes. Ele dizia que o feriado era nada mais do que uma desculpa para comércio. Ele nunca estava aqui no natal, de qualquer modo, por toda a vida de Jason — ela acrescentou amargamente — Eu comprava pequenos presentes para ele, ou fazia bonés e cachecóis, ou colchas para sua cama — ela disse suavemente — Dilly, John e eu tentávamos agradá-lo. Ele era uma criança solitária.

— Que terrível — Gracie murmurou.

— Por que você ama tanto? — a mulher perguntou.

— Eu nunca pude celebrar o natal — ela disse — Nem mesmo uma árvore — seu rosto corou. Não pretendia deixar aquilo escapar.

A velha mulher ficou claramente chocada.

— Mas você vai à igreja com Jason. E você decora tudo — até mesmo Baker, com antenas falsas...!

— Meu pai era... um ateu — ela sussurrou — Ele não nos deixava ir a igreja ou celebrar o natal.

— Oh, minha querida — a senhora Harcourt abraçou-a. Gracie chorou. Exceto por essa mulher, Gracie não havia recebido qualquer tipo de afeição desde a morte de sua mãe. Myron Pendleton era gentil, de um modo impessoal, mas não dava abraços. Na verdade, nem Jason.

— Você contará a ele? — Gracie perguntou, finalmente se afastando, para secar os olhos com um guardanapo que a senhora Harcourt lhe oferecia.

— Não. Eu sou boa em guardar segredos — ela acrescentou com um sorriso que pareceu estranhamente cínico — Mas por que você não quer que ele saiba?

— Minha mãe me ensinou a nunca falar sobre minha infância. Especialmente depois que nós chegamos aqui.

A senhora Harcourt sentiu que havia muito sobre essa jovem mulher que nunca havia sido repartido com ninguém.

— Venha e termine seu café — ela coagiu — Eu lhe farei um bolo de chocolate mais tarde. Gracie sorriu.

— Você me estraga, senhora Harcourt. Eu e Glory também. Você sempre estragou.

— Eu sinto falta de ter minhas próprias filhas — ela disse — Meu marido era estéril.

— Eu não percebi. Sinto muito.

Ela sorriu triste.

— Eu o amava, mas ele era um homem difícil de conviver. Ele cuidava dos cavalos para Jason. Levou um chute na cabeça de um deles e morreu no curral. Eu não tinha lugar para ir, nem família, então eu fiquei aqui.

— Ficou muito feliz por você ter ficado — Gracie disse — Você fez deste lugar um lar. Ainda faz.

A senhora Harcourt corou.

— Por isso, você terá um bolo de chocolate com cobertura e recheio.

— Meu favorito!

A velha mulher deu um risinho.

— Eu sei. Agora que já terminei tudo, farei o seu bolo. Termine seu café.

— Sim, madame.

Gracie voltou para a mesa. A vida era dura para todos. Pobre senhora Harcourt, uma viúva sem filhos para confortá-la na idade avançada.

ERA UM DIA LENTO no café da Barbara. A dona sentou em uma mesa com Gracie, comendo uma salada. Ela era doze anos mais velha que Gracie, com cabelos loiros e olhos bonitos. Todos a conheciam e amavam. Era uma viúva, mas tinha família. Havia adotado Rick Marquez, o detetive de homicídios de San Antonio, quando ele era criança. Agora ele era a alegria de sua vida.

— Por que você não olha para Rick? — Barbara tentou — Ele é jovem, solteiro e incrivelmente belo, mesmo sendo eu a dizer.

— Ele carrega uma arma — Gracie apontou.

— O seu meio-irmão também — a mulher respondeu.

— Sim, quando ele está no rancho, mas Jason não passa a vida ao redor de corpos — ela acrescentou.

— Tendo visto dois vaqueiros do Rocking Spur aqui na semana passado, posso debater isso. Eles disseram que haviam acabado de tirar o gado da lama, e eles pareciam mortos.

— Assim como Jason, quando está ajudando a recuperar o gado — Gracie disse.

— Um multimilionário, trabalhando com o gado — a mulher suspirou balançando a cabeça.

— É o que ele seria o tempo todo se pudesse.

Barbara sorriu.

— Eu lembro quando ele conseguiu aquele rancho. Parecia ter ganhado na loteria.

— Eu aposto que ele precisou pagar muito por isso — Gracie murmurou — É enorme.

— Na verdade eu ouvi falar que ele herdou — Barbara disse.

Gracie riu.

— Na verdade, não. Ele pertenceu a alguém da família Harcourt. Eles o venderam a ele.

Barbara deu de ombros.

— Eu devo ter entendido mal. Falando do diabo, como está Jason?

Gracie mexeu no cabelo.

— Eu não sei.

Algo no seu tom de voz deixou Barbara tensa.

— Por que você não sabe?

— Eu não o vejo há dias, nem mesmo ouvir falar nele — ela disse — Eu planejei uma festa para dois amigos nossos que vão se casar. Ele não disse se virá ou não.

Barbara ficou surpresa.

— Vocês brigaram? Mas você e Jason nunca discutem, mesmo com as centenas de decorações de natal que você coloca em qualquer lugar começando no dia de ação de graças, que o deixa louco...

— Nós tivemos um desentendimento — Gracie não podia falar sobre o que realmente acontecera — Ele foi embora sem dizer adeus da última vez em que esteve aqui.

Barbara pousou uma mão sobre a de Gracie.

— Você deveria ir ao rancho e falar com ele — ela disse — Às vezes ele é difícil com as pessoas, como a maioria dos solitários. Talvez ele queira se desculpar e não saiba como.

Gracie pensou durante um minuto.

— Você é perceptiva — disse — Sim, ele é difícil com as pessoas. Ele não se desculpa, mas trabalha nisso para que você entenda o que ele quer. Ele guarda as coisas — suspirou — Minha meia-irmã, Glory, costumava dizer que Jason ficava mais magoado do que nós percebíamos, mas nunca mostrava. Ela dizia que ele encarava isso como uma fraqueza.

— Foi o que o pai lhe ensinou — Barbara disse friamente — O velho adorava mulheres, plural, mas não era muito com compromissos. Ele só se casava com mulheres que não conseguia levar para a cama — puro desejo, nunca amor. Nunca amou nenhuma delas. Ele ensinou a Jason que amar era uma fraqueza. Dizia que as mulheres usavam o sexo como uma arma para extorquir dinheiro dos homens.

— Bom Deus! — Gracie exclamou — Como você sabe?

— Um dos meus primos trabalhava para Myron Pendleton. Ele ouviu o velho falando com Jason sobre mulheres um dia. Ele estava absolutamente aborrecido. De fato, ele abandonou o emprego. Ele disse que não iria trabalhar para um homem que não tinha respeito pelas mulheres.

Gracie balançou a cabeça.

— Eu vivi com ele por todos esses anos e nunca soube disso.

— Você viveu sob proteção dele, querida, não sob o telhado — Barbara disse secamente — Você e Glory ficavam na escola, mas quando vinham para casa, Jason vinha para cá e deixava vocês duas em San Antonio com a senhora Harcourt e os outros. Você não percebeu?

Gracie não. Ela se perguntava por que Jason, enquanto as protegia e estragava, mantinha-as afastadas ao mesmo tempo.

— Você realmente não entende o que há de errado com Jason? — Barbara perguntou em um tom peculiar.

Gracie lançou-lhe um olhar vazio.

— O que você quer dizer?

Barbara soltou sua mão e desviou o olhar.

— Nada. Eu só estava pensando alto. Provavelmente seja algo com os negócios que o está aborrecendo, certo?

Gracie relaxou.

— Sim. Eu acredito que sim — bebeu o café — Sabe, acho que vou parar no rancho no caminho. Ele não pode perder essa festa.

— Esse é o espírito — Barbara olhou pela janela e piscou — O tempo está piorando novamente. Provavelmente seja aquela tempestade tropical que estava a caminho. Olhe aquelas nuvens escuras!

— É melhor eu ir logo — Gracie respondeu — Está escurecendo também.

— Não é bom dirigir a noite quando está chovendo — Barbara disse preocupada — A estrada para o rancho não é pavimentada. É pura terra. Não é seguro. Têm aparecido alguns seqüestradores por aqui ultimamente, e você seria um bom negócio para esses criminosos horríveis.

— Eu dirijo um VW — Gracie disse num tom confidencial — Não vou derrapar na terra! Quando aos seqüestradores — estamos em Jacobsville. Nada acontece por aqui.

TRINTA MINUTOS DEPOIS, sentada na estrada com a chuva molhando o teto e o carro atolado na terra, teve que engolir suas palavras. Ligou para o rancho usando o celular. Grange, o capataz de Jason, respondeu.

— Grange, você pode dizer a Jason que eu estou presa na lama na estrada que leva ao rancho?

— ela perguntou queixosa — Eu perdi o controle do carro.

— Claro que sim. Quer que eu vá até aí com a caminhonete e pegue você — ele perguntou.

Ela hesitou. Antigamente teria dito sim. Agora, com Jason agindo tão estranhamente, não queria colocar Grange em qualquer situação embaraçosa.

— Eu acho melhor pedir para Jason — ela respondeu.

— Sem problemas — ele disse gentil — Você está bem?

— Sim, estou.

— Eu vou procurá-lo. Ele saiu com os rapazes para checar o gado, então deve demorar alguns minutos. Fique sentada.

— Com certeza. Obrigada — ela terminou a ligação. Oh, nossa. Se Jason estivesse no meio de alguma operação, ela estaria em apuros. Apenas quisera melhorar a situação. Agora, as coisas estavam piores.

O tempo parecia piorar enquanto ela torcia a bolsa no colo e tentava não deslizar pela janela do passageiro do pequeno carro. Havia sido uma decisão impulsiva ir até lá. Devia ter esperado.

Gracie observou a chuva que caía no pára-brisas e esperou que Jason chegasse logo. Então sentiu-se culpada por ele precisar sair e resgatá-la novamente. Era uma idiota, murmurou silenciosamente. Nada que ela fazia terminava bem. Era um desastre sobre duas pernas. Se ao menos não tivesse um cérebro derrotado. Se ao menos...

Escutou o barulho de uma caminhonete e olhou para frente a tempo de ver uma das caminhonetes de cabine dupla do rancho vindo em sua direção. Ele sempre dirigia rápido. A estrada de terra estava enlameada e alagada também, e ela previa um desastre se ele brecasse muito forte. Podia sentir a raiva dele no modo como parou a caminhonete. Não derrapou. Ele sempre tinha controle sobre si mesmo, mesmo quando estava terrivelmente enraivecido.

Ela respirou fundo. Ficaria bem. Jason sempre estava lá para salvá-la de si mesma. Mesmo que ele não gostasse de fazer isso.

Outra caminhonete, mais simples, parou atrás da caminhonete de Jason. Ele saiu do lugar e falou com o motorista. Então ele caminhou na direção de Gracie com passos longos, raivosos, o chapéu empurrado sobre os olhos, o casaco de chuva amarelo pingando.

O carro estava afundado. Gracie estava sentada em um ângulo de quarenta e cinco graus. Jason abriu a porta e olhou para ela com os lábios comprimidos.

— Venha — ele disse abruptamente, esticando as mãos.

Ela hesitou. Ele possivelmente não sabia por que ela não se sentia bem nos braços de um homem, mesmo estando acostumado com seu comportamento.

— Venha — ele disse novamente, mais gentil dessa vez — Gracie eu sei que você não gosta de ser carregada, mas não há outro jeito a menos que você queira ser guinchada junto com o carro. Ele pode capotar.

Ela mordeu o lábio inferior. Era ainda mais aterrorizador.

— O... ok.

Ela ergueu os braços, apertando a mandíbula. Jason segurou e ergueu-a, sem esforço, até conseguir segurá-la. Então a tirou do carro. Ela não vestia um casaco de chuva — outro estúpido engano — e estava levemente molhada quando ele chegou à caminhonete.

Ele a colocou no lugar do passageiro, depois de andar por uma polegada ou mais de lama vermelha.

— Aperte o cinto — ele disse e fechou a porta.

Ele falou com o outro homem e apontou a estrada, indicando a rodovia, não o rancho. Obviamente ele estava mostrando que queria que o carro dela fosse levado para San Antonio. Ele não queria Gracie no rancho. Aquilo doeu.

Ele sentou ao lado dela, ainda molhado, ainda com raiva, ainda taciturno. Apertou o próprio cinto, conferiu se ela havia feito o mesmo, ligou o motor e dirigiu em direção a rodovia a caminho de San Antonio.

— O rancho é naquela direção — ela disse em tom baixo, apontando para trás.

— Eu vou te levar para San Antonio — ele disse brusco — Você não ficará aqui esta noite.

Ela não se atreveu a perguntar por que. Virou os olhos para a estrada e desejou que as coisas fossem como antes, antes dele ter dito coisas que nenhum dos dois esqueceria.

— O que diabos você estava fazendo na estrada debaixo de chuva? — ele perguntou brusco.

Ela mexeu na bolsa.

— Esperando que nós pudéssemos nos entender.

— Oh.

Ela observou o perfil dele. Não podia decifrar nada em sua expressão. Estava simplesmente indiferente.

— Ok, eu sei — ela disse com um longo suspiro — Eu estraguei tudo de novo. Eu devia ter esperado por um dia ensolarado. Talvez exista um mercado para mulheres que não consigam fazer exatamente nada da maneira certa. Eu devo entrar para o teatro.

Ele fez um som engraçado com a garganta.

— Eu me lembro da sua primeira vez no palco.

Ela fez uma careta. Sim. Na décima série. Havia participado de uma peça, em um papel secundário. Ela havia tropeçado enquanto voltava para seu lugar, trombado em outro ator e os dois haviam terminado no chão. O público havia delirado. Tristemente a peça havia sido uma tragédia, e ela tinha um monólogo — que não foi pronunciado — sobre a morte. Ela deixara o palco em lágrimas, sem pronunciar suas falas, e fora chutada da peça na mesma noite por um diretor furioso. Jason havia ido falar com o homem, que colocou Gracie de volta na peça e até mesmo pedira desculpas. Ela nunca tivera coragem de perguntar por que.

Ela encarou as pernas.

— Talvez eu pudesse trabalhar como manequim — sugeriu — Você sabe — ficar parada em uma boutique e vestir coisas diferentes todo dia.

Ele a encarou.

— Talvez você pudesse tomar aulas de karate.

— Karate? Eu?

— Eles ensinam autoconfiança — ele sorriu debilmente — Você podia usar um pouco.

— Eu usaria um golpe de karate em alguém, atingiria um ponto vital e terminaria na prisão federal por assassinato — ela suspirou.

Ele a observou, mas não respondeu. Ligou o rádio.

— Eu quero ouvir o noticiário, você se importa?

— Claro que não — ela se importava, mas não podia forçá-lo a falar se não quisesse. Então eles ouviram preços de gado até que ele entrou na mansão de San Antonio e parou na frente dos degraus. Desligou o motor, deu a volta na caminhonete e abriu a porta. A chuva os seguiu. Estava garoando, e o caminho estava quase alagado.

— Eu posso caminhar — ela disse rapidamente.

Ele arqueou uma sobrancelha e indicou os vários centímetros de água empoeirada no caminho.

Ela estava molhada, mas não queria estragar os sapatos novos. Mordeu o lábio com força.

Ele lançou-lhe um olhar zombeteiro.

— Algumas mulheres se sentem lisonjeadas por serem carregadas — ele disse de maneira mundana — Você age como se eu a estivesse levando para a guilhotina cada vez que isso acontece.

Ela mexeu-se desconfortavelmente.

— É que... isso me lembra algo ruim. Mais especialmente quando chove.

— O quê?

O rosto dela estreitou-se.

— Apenas... algo. Há muito tempo.

Ele a estudou, enquanto a chuva molhada seu chapéu e o casaco impermeável, e percebeu que não sabia nada da vida de Gracie antes da mãe dela casar com seu pai. Ele lembrava-se de ter que tirar Gracie do quarto com chocolates, porque ela morria de medo dele. Levava meses para ganhar

sua confiança. Franziu a sobrelance. Seu pai nunca havia discutido com Jason, exceto para dizer ao jovem rapaz que Gracie precisaria de alguém que cuidasse dela, protegesse-a. Aquilo não fizera muito sentido naquele tempo.

— Você guarda segredos, Graciela — ele disse profundamente, usando seu nome completo, como raramente fazia.

O som de seu nome nos lábios dele era sensual. Doce. Isso causou-lhe sensações que não queria sentir. Não tinha nada a oferecer, e ele não sabia disso. Ela nunca poderia deixar algo... romântico... acontecer entre eles. Nunca. Mesmo que quisesse. E ela queria. Desesperadamente. Especialmente desde que ele sussurrara aquelas coisas sensuais e excitantes para ela na festa.

Ela esboçou um sorriso.

— Você não guarda segredos também?

Ele deu de ombros.

— Somente sobre o meu programa de reprodução — ele disse secamente, mencionando a genética e os avanços tecnológicos que ele produzia melhor e os puros-sangues.

Sobre mulheres também, ela queria dizer, mas não se atrevia a intrometer-se na vida particular dele.

— Alguns segredos são melhores se guardados — ela disse.

— Você diz — os olhos dele brilharam — Você trabalha para a CIA, certo?

Era a primeira brincadeira que ele fazia. Ela sorriu com puro prazer.

— Claro. Eu tenho um casaco, uma venda para olhos e pílulas de cianeto, além do número de um agente russo da KGB na bolsa — sorriu — Jason, meu carro!

— O motorista estava logo atrás de nós. Estava mais devagar. Eu disse para ele vir até aqui com cuidado. Vamos, querida. Eu tenho muito trabalho a fazer — ele suspirou — Eu estava fora procurando pelo gado, supervisionando dois vaqueiros novos que não entendem muito, quando uma cerca caiu, e o gado começou a dissipar-se. Eu tenho uma equipe completa tentando recuperá-los. Mas os novos precisam de supervisão.

— Você contrata homens para cuidar do gado e então você sai e cuida deles.

Ele deu de ombros.

— Eu não sou preguiçoso.

— Eu percebi.

Ele aproximou-se e pegou-a no colo, como se ela fosse leve como uma pena.

— Você é como uma gata, Gracie — ele murmurou — Toda cheia de linhas e baixo peso. Você não come bem.

— Eu nunca estou com fome.

— Você joga tudo for a — ele virou-se na direção da casa.

Um raio iluminou o céu escuro, assustando Gracie, que repentinamente se colou a ele e escondeu o rosto em seu pescoço, tremendo.

— Oh, eu odeio relâmpagos! — ela murmurou enquanto as trovoadas ecoavam ao redor deles. Seu rosto de moveu novamente, no momento em que ele moveu a cabeça, e sua boca tocou a dele com a ação. Estava tão perfeitamente sincronizado que ela parecia ter virado a cabeça de propósito, para produzir a doce carícia e tentá-lo.

O corpo de Jason se contraiu violentamente e ele parou de andar. Não disse uma palavra, mas Gracie podia sentir sua respiração alterada. O contato havia deslizado pelo corpo jovem. Imaginou se ele sentira o mesmo.

Era aparente que sim. Na luz da varanda, ele observou-a com os olhos pegando fogo. Eles se estreitaram quando chegaram à boca suave.

O relâmpago aconteceu novamente, e o trovão também, mas Gracie não viu. Ela só conseguia ver o rosto de Jason encarando-a com crescente intensidade. Podia sentir o peito largo contra seus seios, movendo-se bruscamente, como se ele tentasse normalizar a respiração. Seu coração disparou. O suave toque de sua boca na dele havia agido como uma gota no chão seco.

— Jason? — ela sussurrou desconcertada pelo olhar rigoroso dele. Parecia furioso com o que havia acontecido — Eu sinto muito! Eu não queria...

— Não mesmo? — perguntou entre dentes enquanto a olhava nos olhos.

Os braços dele, fortes e quentes, contraíram-se ao redor dela. Seus dentes trincaram quando ele desceu o olhar para a boca suave. Hesitou, como se estivesse travando uma batalha contra seus próprios instintos. Gracie observou chocada a fome nos olhos escuros que começaram a estreitar-se e brilhar enquanto a tempestade caía ao redor deles.

— Que inferno — ele murmurou enquanto inclinava a cabeça — Já estou ferrado de qualquer maneira! — a boca dele pousou sobre a dela repentinamente, entreabrindo seus lábios, urgente como os raios, assustadora como a tempestade, enquanto ele mal conseguia respirar de tanto desejo. Seus braços contraíram-se famintos, apertando os seios firmes de Gracie contra a parede de músculos de seu peito. Ele gemeu contra os lábios suaves e puxou-a para mais perto, suas sobancelhas unidas em agonia enquanto sua boca se movia insistente sobre os lábios dela, separando-os.

Ela não podia acreditar que isso estava acontecendo. Amava Jason. Sempre o amara. Mas ela nunca presenciara esse lado dele. A paixão e necessidade presentes no beijo eram exatamente iguais aos conselhos da mãe sobre o que acontecia entre homens e mulheres. Involuntariamente seu corpo reagiu a proximidade dele; sua boca abriu-se para a furiosa necessidade do beijo dele. Sentiu um choque de prazer que nunca sentira antes enquanto a boca máscula tornava-se mais exigente.

Mas lutou contra isso. Era o modo como começava, sua mãe havia dito, com uma necessidade feroz que segava as mulheres aos desejos dos homens. Começava assim, mas terminava em dor e humilhação, e por fim, em tragédia. Tragédia. Tiros e o gosto metálico de sangue...

E então, repentinamente, a boca quente e dura de Jason deslizou pelo seu pescoço e chegou ao seu seio, pressionando com tanta fome que ela entrou em pânico.

Memórias do passado surgiram em sua mente, assustadoras. A boca dele sobre seu seio era insistente, dominadora. Em poucos segundos, ela sabia, ele a morderia, e ela ficaria igual sua mãe, sangrando...!

Ela empurrou o peito dele, lutando contra as imagens em sua mente tão bravamente que ela imaginou que essa inesperada falta de controle em um homem cujo lugar em sua vida fosse temperado com controle de aço. Ela não conhecia esse Jason. Os braços dele estavam se contraindo, e sua boca se abria, como sabia que seria... Empurrou mais forte.

Jason percebeu, ainda que tarde, o que estava fazendo e ergueu a cabeça. Um arrepio percorreu seu corpo quando a sentiu movendo-se freneticamente contra ele. Mas ela não tentava se aproximar. Estava lutando para afastar-se dele.

— Jason, não! Me... solte! Por favor! — ela choramingou, o pânico em seu rosto, na voz assustada. Ela empurrou mais forte — Me solte! Me solte!

— Maldita! Você começou! — ele grunhiu, chocado tanto pela sua falta de controle quanto pela rejeição dela.

— Eu sei. Mas eu... eu não queria! Eu não queria... isso! Eu sinto muito! — ela soluçou.

Ele a colocou em pé abruptamente e deixou-a afastar-se. Ela encarou-o com olhos chocados, angustiados. Ele afastou-se, a mandíbula contraída. Ele observou-a com olhos suaves em um rosto duro como pedra. Havia violência e paixão mal contida em sua expressão. Ele a olhava como se a odiasse. Um suspiro carregado escapou dos lábios dela. Havia começado tudo, mesmo acidentalmente, e agora ele estava com raiva novamente. Era sua culpa. Ele a odiava por tentá-lo...!

Antes que ele pudesse falar, ela já saíra, entrando na casa, correndo como uma louca pela escada. Ele a encarou com emoções turbulentas, os olhos brilhando, o corpo tenso e dolorido. O desejo evaporou lentamente dele, para ser substituído por vergonha, Gracie, entre tantas mulheres. Estava furioso consigo mesmo. Estava furioso com ela, pelo movimento que o despertou e o toque deliberado da boca dela sobre a sua que gerara sua paixão e fizera-o cruzar a linha. Ela permitira a intimidade no começo, e então, quando ele avançou um pouco, o empurrara como se o achasse repulsivo. Repassou o episódio em sua mente, e a raiva cresceu pela vergonha, junto com rejeição,

humilhação e orgulho ferido. Ele traía seu desejo por ela, e ela ficara... com nojo. Havia visto em seu rosto.

A dor o atingiu como uma lança. No começo sentiu-se ferido. E então rebelado. Maldita! Por que tentá-lo com indiscrição e então comportar-se como se ele fosse totalmente responsável por tudo?

Virou-se e caminhou de volta a caminhonete. Naquele momento, não se importava em vê-la novamente enquanto vivesse. Amaldiçoou-a durante todo o caminho até Comanche Wells, tão irritado que nem viu seu motorista passar por ele na estrada. Nunca sentira-se tão ferido. Gracie não o queria. Estava com medo dele, fugira assustada. Nunca seria capaz de apagar esse episódio da mente dos dois. Em um segundo, haviam se tornado inimigos.

Pisou fundo no acelerador. Não se importava em ganhar uma multa de trânsito. Nada mais importava. Não agora.

EM SEU QUARTO, Gracie ficou no escuro, tremendo. Memórias odiosas preencheram sua mente. Gritos vindos do quarto. Lágrimas. Machucados, medo e sangue, manchando a camisola de sua mãe. Sua mãe, chorando. Seu pai amaldiçoando, brutal, acusando. Outras memórias: do garoto que trouxera Gracie para casa, tarde por causa de um pneu furado. Seu pai, segurando-a nos braços e jogando-a contra a parede com toda força que possuía. Ela caíra, tonta, machucada e horrorizada, a tempo de vê-lo aproximar-se com um cinto na mão. Ele atingira seu corpo. O som, mais alto do que a chuva lá fora; o horror dos golpes, o sangue...

Ela acendeu a luz e olhou-se no espelho. Seu rosto, como o de sua mãe havia sido, coberto de lágrimas, corado, angustiado. O garoto nunca voltara. Gracie havia sido retirada da casa, sangrando e tremendo, pela mãe. As ameaças de seu pai as seguiram enquanto elas procuravam ajuda. Sua mãe fugiu. Gracie não. Não tinha rapidez suficiente para escapar da raiva de seu pai. Foi erguida, carregada de volta para casa enquanto a mãe gritava e implorava do jardim do vizinho.

Luzes azuis piscando. Sirenes. Homens em uma van, vestidos como soldados, mas todos de preto. Armas grandes. Gracie caída no colo do pai, sendo carregada até a porta, a pistola apontada para sua cabeça, seu pai rindo. Sua mãe podia deixá-lo, mas Gracie morreria, e ela teria que viver com isso. Gritando, recusando-se a falar com o negociador. Ele queria que a mídia soubesse que a culpa de tudo era da mãe de Gracie. Gracie morreria agora, a tempo do noticiário das seis horas! Ele gritara para os policiais que estavam com as armas apontadas. E ele começou a puxar o gatilho.

Um tiro. Um tiro. O barulho de um trovão. Algo molhado no rosto de Gracie, em sua boca, metálico e talo; uma dor lancinante em sua cabeça enquanto ela e seu pai caíam no chão molhado...

Voltou a mente ao presente. Jason a beijara. Sua boca pressionara seu seio. Ele pretendia forçar os dentes sobre sua pele, como seu pai fizera com sua pobre mãe? Ela dissera para Gracie nunca se casar, que os homens enganavam as mulheres, para depois bater e torturá-las no quarto, porque era a única maneira de prazer que ele encontrava. Gracie entendeu. Sexo era apenas para prazer do homem, e a mulher pagava por isso com dor. Sangue, gritos e dor...

Gracie segurou a ponta do vestido e sentiu-se doente. Fugira de Jason. Ele devia achar que ela o achava nojento. Desejou poder desculpar-se, mas isso envolveria admitir a verdade sobre seu pai e sua mãe, e não podia fazer isso. Se fizesse, Jason provavelmente a expulsaria de casa. Seria um escândalo terrível se alguém descobrisse algo sobre o passado dela. Mas acontecera há muito tempo, e as pessoas tinham a memória curta. Ninguém conectaria o artigo no jornal sobre o corpo ensanguentado de uma garotinha chorando no colo de um policial ao lado do corpo do pai, com a mulher que vivia na mansão. Especialmente quando sua própria mãe dissera a todos que Gracie era sua enteada. Ninguém sabia que seu último nome havia sido modificado legalmente logo após a morte de seu pai, para Marsh — o nome do meio de sua mãe. Estava salva.

Secou os olhos enquanto observava a mulher de olhos inchados no espelho. Sua mãe era bonita. Gracie puxara o pai, cujo rosto era comum. Tinha uma bela boca e sua figura era proporcional, mesmo com seios pequenos. Seu cabelo comprido, trançado em um rabo, seria seu melhor atrativo se

o deixasse solto. Mas era como Gracie, amarrado sempre para que não escapasse. Por dentro, Gracie estava amarrada com memórias horríveis.

Jason a odiaria a partir de agora. Talvez fosse melhor. Ele não ficaria tentado a tocá-la novamente, a deixá-la tão fraca que ela faria tudo que ele pedisse. Sentiu uma profunda perda. Adoraria ser uma mulher normal. Jason era um tipo de homem gentil, e bonito, que as mulheres adoravam. Seria um marido e pai maravilhoso.

Mas Gracie estava certa de que nunca submeteria o corpo ao domínio físico de um homem. Tinha amigos homens — a maioria gays — mas nunca tivera o que eles chamam de "encontro quente". Nos círculos que frequentava, diziam que ela era fria como gelo. Era confortável saber que as pessoas pensavam aquilo. Isso a salvava da humilhação de rejeitar qualquer homem que a visse como a sobremesa depois de um belo jantar. Isso a protegia de avanços amorosos. Especialmente agora. Jason pensaria que ela era frígida, que não queria que ele a tocasse. Doía deixá-lo pensar isso. Mas era a única maneira de escapar do destino que a mãe tivera. Mesmo Jason, apaixonado, seria igual seu pai. Não sentira a boca dele em seus seios? Ele não havia usado os dentes, mas também, ela o empurrara a tempo. A tempo. Afastou-se do espelho. Sentia-se morta por dentro.

Capítulo 4

JASON CAMINHOU DISTRAÍDO ATRAVÉS da multidão de Nova York que se encontrava no coquetel. Estava atormentado com o que acontecera com Gracie. Ela nunca o perdoaria mesmo que tivesse sido a atitude dela que houvesse precipitado as coisas. Ele tentava se esquecer de que havia atravessado a linha com ela ainda antes do dia da chuva. Começara na festa, dois dias depois do leilão. Ultrapassara os limites. Quase a beijara. Na noite da chuva, não havia sido capaz de se conter mais. Seu desejo por ele o consumira naqueles minutos apaixonados na varanda da mansão de San Antonio. Por preciosos segundos, Gracie se colara a ele, respondendo a fome de sua boca. Mas então ela havia começado a lutar contra ele, empurrando-o. Sua rejeição fora absoluta. Sua expressão era horrorizada. Olhara para ele como se fosse o diabo em pessoa.

Já estava na segundo dose de uísque da noite — uma anomalia para um homem que quase nunca bebia. Só ficara bêbado uma vez, quando o advogado da família lhe entregara a carta deixada como testamento de seu pai. Havia sido uma revelação que devastara Jason. Seu pai era um esnobe, mas Jason nunca esperara que ele pudesse ser tão cruel e insensível.

A carta dizia que ele não deixava nada para os caseiros porque eles eram inferiores. Especialmente a senhora Harcourt, acrescentara. Jason recordou os sacrifícios que a velha mulher fizera por ele ao longo dos anos, sendo uma mãe desde que a biológica morrera quando ele tinha apenas cinco anos. Ela havia sido seu conforto, sua segurança. Cuidara dele quando estava doente. Inferno, cuidara de seu pai esnobe quando ele ficou doente. E mesmo assim, não recebeu nada porque era de classe inferior. Jason sentira tanta repulsa que nunca contara a ninguém o conteúdo da carta. Apenas ficara bêbado, desacreditando que seu pai pudesse ser um maldito insensível. Glory e Gracie não eram ligadas a ele, mas haviam recebido dinheiro. Por que ele havia sido tão deliberadamente grosseiro com a senhora Harcourt? Talvez ele tivesse ciúmes da atenção que ela dava a Jason, ou sentia inapropriado. Apenas Deus sabia a verdade.

A dor da carta ainda o atravessava por todos esses anos. Agora se juntava à agonia que o desejo por Gracie lhe causava. Era um desejo vicioso que ameaçava destruí-lo como homem. Por dois anos, queimara como uma chama dentro dele, implorando por alívio. Tudo que ele conseguira havia sido um longo e angustiado beijo. Seria o único. Gracie nunca o deixaria tocá-la novamente. Sua expressão lhe dissera isso. Fora repugnante para ela, aparentemente, ser beijada por um homem que era como irmão. Mas não havia relação sanguínea entre eles. Não tinham parentesco, nem mesmo que mínimo. Isso não importara. Gracie nunca lhe perdoaria. Agora, além da fome que sentia por ela, veria também repulsa em seus olhos, quando eles se encontrassem. Grunhiu enquanto bebia novamente.

Uma ruiva bonita e cheia de vida juntou-se a ele na mesa de bebidas quando ele acrescentava mais uísque e uma pedra de gelo ao copo.

— Oi — ela o cumprimentou — Você é o milionário do Texas sobre quem todos estão falando? — ela perguntou sorrindo. Tinha olhos azuis em um rosto requintadamente belo. Longos cabelos vermelhos caíam pelas costas até quase tocarem a cintura, ondas movendo-se como o mar em seu comprimento sedoso.

— Devo ser — ele zombou — Estou vestindo as roupas dele.

Os olhos dela brilharam.

— Eles dizem que você tem um rancho.

Ele deu de ombros.

— Querida, todo homem no Texas tem um rancho, um cavalo e uma arma.

— E uma empresa conhecida mundialmente que manufatura computadores e desenvolve softwares? — ela brincou.

— Talvez não — ele concordou. Bebeu o uísque, observando as pessoas bonitas que lotavam a casa da cidade de Nova York. Aproximou-se da janela, observando as mansões de Manhattan, no caminho do rio Hudson — É algo realmente bonito de se ver — ele murmurou.

— Eu aposto que o Texas também é — ela disse — Nunca fui lá.

— Isso é uma vergonha — ele murmurou, sorrindo para ela — O que você faz para viver?

— Eu sou modelo — ela disse com um olhar levemente insultado — Certamente você lê as revistas.

Ele lia, e se lembrava de tê-la visto, uma mulher sensual de pernas longas e olhos fascinantes. Ela estava usando eles com Jason, e ele estava enfraquecendo. Seu ego estava acabado. Precisava saber que alguma mulher o achava atraente.

— Você está com alguém? — ele perguntou.

Ela riu.

— Ninguém. Eu terminei com meu namorado um mês atrás.

— Que pena — ele disse secamente.

— Você é casado? — ela perguntou em um tom suave e envolvente.

— Deus me livre!

O sorriso tornou-se maior.

ELE NÃO SE LEMBRAVA MUITO BEM do resto da festa. Lembrava-se de ter começado o segundo copo de uísque e ter murmurado que Gracie era fria, e então cambaleara um pouco. A ruiva o levava até a porta e entrara com ele em um taxi. A última coisa de que se lembrava era ter sentado em um sofá grande e suave.

Mas quando acordou, as coisas repentinamente se tornaram claras. Ele estava deitado sob os lençóis apenas com um short de seda preto. Perto dele estava uma mulher ruiva nua, parecendo adormecida em seus braços.

Não precisava ser sábio para saber o que acontecera. A angústia atingiu-o como uma onda. Bebera muito. Sua cabeça latejante lhe dizia isso. Em seu desespero para esquecer o que havia acontecido com Gracie, havia ido para a cama com essa mulher estranha. Se não conseguia se lembrar de nada, estava certo de que não usara preservativo, porque não carregava nenhum consigo. Essa bela criatura em seus braços obviamente o achara irresistível e agora encarava a probabilidade de ter uma criança com ela por causa de sua falta de controle.

Sentou-se com um gemido. Passara muito tempo desde a última vez em que estivera com uma mulher. Na verdade desde que sua paixão por Gracie se tornara uma obsessão. A abstinência funcionara como afrodisíaco, imaginou amargamente. Ele era rico e essa mulher obviamente desejava sua riqueza. Havia sido uma presa fácil. O que faria agora?

Nada seria igual novamente. Gracie o culparia pelo beijo furioso e o odiaria. Nunca a teria para si. Tinha trinta e quatro anos, e encarava um futuro solitário que surgia em frente como um abismo.

Não queria ir para casa sozinho. Não queria encarar Gracie nas atuais circunstâncias, com o orgulho no pé e o ego dilacerado por sua rejeição.

Por outro lado, não estava ansioso para livrar-se dessa mulher. Se eles não se cuidaram, ela poderia ficar grávida. Estremeceu ao pensar que repentinamente e permanentemente havia arrancado Gracie de sua vida com esse ato de luxúria. E se surgisse uma criança...

Uma criança. Seu filho. Sorriu com o pensamento. Podia ter um filho, algo seu, para amar e ser amado. Virou o rosto e observou a mulher adormecida. Ela era bonita, jovem, maleável. Se havia sido um escorregão ou não, importava? Por que não casar e ter uma família? Ela não podia ser muito pior do que as outras caçadoras de ouro que o perseguiram. Pelo menos essa era bonita e desejável. Era até mesmo famosa.

Imaginou-se entrando na mansão de San Antonio com a mulher ao seu lado, e vendo o rosto chocado de Gracie. Ela não o queria. Essa mulher obviamente queria. Não pensaria no futuro. Não se deixaria pensar nas consequências da decisão impulsiva. Já ultrapassara a barreira, de muitas maneiras. Poderia também deixar o destino levá-lo para onde quisesse. Não restara nada de seus sonhos. Ficaria com o que podia ter. Deitou-se de volta e fechou os olhos.

GRACIE LEVOU vários dias para se recuperar. Sentia muito por ter misturado as coisas com Jason novamente. Quando fora ao rancho, esperara que eles pudessem se entender novamente. Ao invés disso apenas os afastou mais.

Era o aniversário da senhora Harcourt. Gracie encomendou a comida, livrando a mulher de ter que preparar seu próprio jantar. Pelo menos, pensou, se Jason não viesse para a celebração como geralmente o fazia, Glory e seu marido, Rodrigo, viriam. Mas no último minuto, Glory ligou e cancelou. Rodrigo tinha que ir a Washington em um chamado urgente, ela iria com ele. Não podia deixá-lo ir sozinho, explicara para Gracie. Estavam casados há quase um ano, e ela não conseguia ficar longe dele. Ele estava trabalhando no escritório do DEA de San Antonio, e Glory era assistente do advogado de Jacobsville, Blake Kemp. Eles moravam em Jacobsville, mas freqüentemente visitavam a mansão dos Pendleton. Glory presenteara a senhora Harcourt com uma adorável e cara bolsa de mão e um carão, desculpando-se por não poder participar da celebração. Quando a hora do jantar se aproximou, Gracie analisou a expressão no rosto da senhora Harcourt. A mulher gostava muito de Jason, e sem dúvidas, estivera com ele durante toda sua vida. Ficaria magoada se ele não aparecesse por causa do que havia acontecido.

A senhora Harcourt estava preocupada.

— Jason não deixou nenhuma mensagem enquanto nós estávamos fora? — ela perguntou.

Gracie balançou a cabeça. Sentia-se culpada mas não queria demonstrar.

— Grange disse que ele estava em uma conferência de negócios em Nova York. Já está lá há uma semana. Não disse quando voltaria.

A mulher observou a bela mesa arrumada.

— Tudo está pronto na cozinha — disse tristemente — Toda aquela comida...

— Nós daremos o que sobrar para os empregados — disse gentil.

A senhora Harcourt sorriu.

— É muito gentil.

— Sim, eu sei. Eu... — parou de falar. Um carro se aproximava. Talvez, esperou, fosse Jason!

— Você acha que é ele? — a senhora Harcourt perguntou esperançosa.

— Verei.

Gracie quase correu até a porta. Ele a perdoara! Fariam as pazes depois de tudo. Tudo ficaria bem.

Abriu a porta com um sorriso radiante a repentinamente ficou tão rígida quanto uma estátua de pedra. Jason não estava sozinho.

Ele estava sorrindo. Tinha uma bela ruiva com ele. Ela estava grudada no braço dele e o olhava como se tivesse ganhado na loteria. Quando ele olhou na direção da porta e viu Gracie, o sorriso sumiu de seu rosto.

— Olá, Gracie — ele disse friamente — Nós viemos para o aniversário da senhora Harcourt. Gracie parecia tão chocada e magoada como ele esperara. Era decepção também? Mas era tarde. Muito tarde.

Ela tentou se recompor. Colocou seu sorriso de festa.

— Olá — ela disse para a ruiva — Eu sou Gracie Marsh...

— Sim, a meia-irmã — a mulher disse em um tom divertido, condescendente — Eu não pude acreditar quando Jason me contou. Imagine, uma mulher da sua idade ainda morando em casa!

Gracie afastou-se enquanto eles entravam. A brisa doce beijou seu rosto enquanto fechava a porta. Era o maior choque que já tivera em sua vida adulta, e a dor ricocheteava dentro dela.

— Senhora Harcourt, venha aqui, por favor — Jason chamou a mulher sentada ao lado da mesa da sala de jantar, vestindo um belo vestido e sapatos sem salto.

Ela entrou na sala, trocando olhares com Gracie, que se sentia dizimada.

— Eu gostaria que vocês conhecessem Kittie Sartain — ele disse suavemente — Minha noiva.

Gracie não desmaiou. Sentiu que desmaiaria naquele momento, mas a senhora Harcourt entrou na sua frente rapidamente para saldar os dois chegados.

— Eu sou a senhora Harcourt, governanta da casa — ela disse.

— Que bela sala de jantar — Kittie disse, ignorando a mulher. Caminhou ao redor da mesa — Loça adorável — ela disse — Estou faminta!

— Nós jantaremos logo — a senhora Harcourt disse. Não encarou Jason.

— Que bom — ele disse agradado — Nós tivemos uma viagem difícil. O avião demorou por causa de um alarme falso. Nós ficamos esperando por uma hora.

— Eu odeio vôos comerciais — Kittie disse impaciente — Meu último namorado tinha um jatinho particular. Você devia comprar um, Jason, evita uma agravação.

— Pensarei nisso — ele disse com um sorriso frio — Onde está Glory e seu marido? — ele acrescentou.

— Rodrigo teve que viajar a negócios. Glory foi com ele — Gracie disse em um tom baixo.

— Entendo.

— O que são essas decorações de natal? — Kittie explodiu, rindo quando viu duas caixas de enfeites que estavam no corredor — elas haviam acabado de chegar e Gracie não tivera tempo de levá-las para seu quarto. Não esperava que Jason fosse aparecer.

— Gracie gosta de decorar a casa para o natal — a senhora Harcourt começou.

— Verde e vermelho, que banal — a recém chegada murmurou enquanto olhava as caixas. Ela vestia um terninho de seda branco que era obviamente muito caro. Isso melhorava sua bela figura.

— Ninguém no meu círculo celebra mais o natal, é tão ultrapassado!

Gracie não sabia o que dizer. Nunca esperara que alguém falasse com ela daquele jeito. Encarou Jason, mas ele olhava para a ruiva com puro prazer.

— Eu fiz um bolo de chocolate — a senhora Harcourt disse.

— Não para mim, obrigada, estou de dieta. Espero que você não tenha cozinhado com gordura e manteiga — Kittie continuou — Eu nunca como gorduras saturadas.

— Nós faremos mudanças — Jason disse confortável. Sentou na ponta da mesa — Feliz aniversário — ele acrescentou em um tom mais gentil. Empurrou uma caixa de jóias na direção da mulher.

A senhora Harcourt estava obviamente perturbada, mas pegou a caixa. Tocou o belo broche decorativo com dedos adoradores.

— Pérolas e rubis. Meus favoritos! Obrigada, Jason. Eu o usarei para ir à igreja no domingo.

— Igreja — Kittie virou os olhos.

A senhora Harcourt parecia perdida. Jason olhou para Kittie e franziu a testa.

Ela viu a expressão dele e imediatamente endireitou o corpo.

— Eu ajudei Jason a escolher o broche — disse claramente — Fico feliz por ter gostado.

— É muito bonito — a mulher gaguejou.

— Você pode trazer a comida agora? — Jason perguntou — Nós não comemos nada no avião.

— Claro. O entregador já trouxe a comida, e está pronta para nós — a senhora Harcourt disse.

Enquanto ela falava, John e Dilly entraram na sala. John era alto e tinha cabelos brancos. Ele era o motorista da família há muitos anos. Usava roupas casuais, como Gracie o instruíra a fazer. Assim como Dilly, que fazia a limpeza pesada; ela era uma garota cheinha alguns anos mais velha do que Gracie, com ossos largos e rosto comum. Ela vestia jeans e um suéter.

— Esse é John, nosso motorista — Gracie apresentou — E Dilly, que ajuda a senhora Harcourt com o serviço de casa.

Kittie os encarou.

— Eles ajudarão a servir o jantar?

Os olhos de Gracie se arregalaram.

— Eles são família. Eles sempre comem com nós em ocasiões especiais.

Kittie lançou um olhar a Jason. Ele ignorou.

— Eu não me importo em ajudar a servir — Dilly disse embaraçada.

— Eu só entrei para avisar que não posso ficar. Meu irmão está na cidade e quer me ver — John mentiu, pensando rapidamente — Eu tenho meu celular, se vocês precisarem. Feliz aniversário, senhora Harcourt.

— Obrigada, John — a mulher disse, observando o rosto dele.

Dilly olhou para ele penosamente, como se quisesse fugir também, mas estivesse presa.

— John, Dilly, essa é Kittie, minha noiva — Jason apresentou a ruiva — Ela é uma das modelos de nosso país. Vocês provavelmente já a viram nas capas de revista.

— Já vira nos correios, Gracie pensou maldosa, mas não disse nada.

— Sim, eu sou muito ocupada — Kittie disse em um tom arrogante — De fato, estou ocupada pelos próximos três meses. Trabalharei por todo o mundo. Você terá que aprender a viver sem mim, querido — ela provocou Jason.

Ele sorriu de volta para ela, mas apenas com a boca. Seus olhos estavam vazios.

— Parabéns — John disse a ele — Espero que vocês sejam felizes.

— Obrigado.

John parou por um momento, então virou e saiu da sala. O coração de Gracie estava se partindo. Sua família, seus amigos leais e ajudantes estavam se sentindo como convidados indesejados. A ruiva horrível não se importava, e Jason estava tão frio que Gracie nem o reconhecia. Ele estivera fora por poucas semanas, pelo amor de Deus, não podia ter ficado noivo tão rápido e não ter dito a ninguém!

— Nós vamos comer? — a ruiva perguntou a Jason, passando a mão sedutoramente pela dele — Estou tão faminta, Jason.

Gracie afastou a cadeira e ficou em pé.

— Eu vou ajudar — ela disse a senhora Harcourt e Dilly, e entrou com elas na cozinha.

— Imagine chamar os criados para comerem na mesa com vocês — Kittie reclamou — E deixar sua meia-irmã viver com você na idade dela? — exclamou — O que as pessoas devem pensar?

Gracie puxou as mulheres e fechou a porta, encostando-se nela com os olhos fechados. Entrara em um pesadelo.

— Quem é ela? — Dilly exclamou horrorizada.

Gracie respirou fundo.

— Você ouviu. É a noiva de Jason — disse em um tom que continha dor e mal podia ser ouvido — Ele vai casar com ela.

Dilly parecia doente. Assim como a senhora Harcourt, que parecia sofrer mais do que as duas.

Houve uma batida na porta e Jason a empurrou, acidentalmente empurrando Gracie também. As três mulheres o encararam com expressões que iam de choque a desespero. O que parecera uma boa idéia em Nova York estava se tornando um desastre no Texas. Ele sentia-se culpado, e escondeu a culpa com mal humor.

— Vocês se acostumarão com ela — ele disse tenso — Ela não é tão má como parece. Apenas não conhece vocês.

Ninguém disse nada.

Os olhos de Jason se estreitaram.

— Indiferente ao modo como vocês se sentem, espero que a tratem com respeito e a façam se sentir em casa.

— Claro, Jason — Gracie disse sem encará-lo diretamente — É sua casa, afinal.

— Sim — ele disse sem graça — É minha casa — e voltou para a sala.

— Se formos espertas — Dilly disse a senhora Harcourt de maneira triste — Começaremos a procurar por outros empregos.

Gracie concordou. Mas ela nunca tivera um emprego e não tinha certeza de sua habilidade, devido aos seus problemas mentais. Mas uma coisa era certa. Não podia viver sob o mesmo teto que aquela mulher quando ela e Jason se casassem.

— Haverá outro aniversário, senhora Harcourt — Dilly disse pesadamente enquanto procurava um avental.

Gracie concordou silenciosamente. Olhou para a pobre senhora Harcourt, cujos olhos estavam cheios de lágrimas. Queria abraçar e confortar a mulher, mas nada ajudaria agora. Nada mesmo.

FOI UM DOS piores dias da vida Gracie. Kittie reclamou sobre tudo, comeu um pouco da salada, bebeu um pouco de café e murmurou sobre a qualidade da comida. Depois do jantar ela e Jason se retiraram para a sala de estar, onde ela sentou em seu colo e passou a noite o beijando.

A senhora Harcourt preparou um quarto para ela, embora a mulher tentasse amargamente se deitar com Jason. Ele afastara a idéia com mais força do que uma surpresa Kittie esperava.

— Você não é ultrapassado — ela insistiu — Especialmente depois do que aconteceu em Nova York — acrescentou insinuante.

Gracie sentiu-se doente. Jason removera qualquer dúvida de que estava interessado emocionalmente em Gracie. Se estivesse, esse noivado não estaria acontecendo. Ela esperara muito de um beijo. Ela era uma mulher, ele era um homem, e ela havia começado, como ele acusara. Ele só tirara vantagem de uma oferta, como qualquer homem faria. Mas ela esperava que eles fizessem as pazes, que as coisas voltassem a ser como antes. Agora ela percebia como a esperança era impossível.

Kittie era rude com ela e com todos na casa. Usava um diamante enorme no dedo, e nunca se afastava mais do que seis centímetros de Jason a não ser à noite. Eles ficaram por uma semana, durante a qual Gracie e os outros moradores da casa encontraram razões para não interagir com os visitantes. Jason levou sua noiva a um grande número de eventos sociais, incluindo o balé e a orquestra sinfônica. Gracie ficou confusa quando Jason não levou Kittie ao rancho, até que ouviu a mulher falar sobre o cheiro do gado e passar o tempo com um bando de vaqueiros sujos.

Kittie não se cansava de dizer as mulheres da casa que mudanças seriam feitas quando ela voltasse para Ação de Graças. Uma coisa era que eles precisavam de um fornecedor melhor, e outra, era que a decoração da casa era absolutamente gótica. Ela precisava ser remodelada. O quarto de Gracie, acrescentou com ameaça na voz, era como um quarto de criança, todo cheio de laços, rosa e branco, e precisava se atualizar. Claro, ela disse pela décima vez, era muito gentil da parte de Jason deixar sua meia-irmã morar com ele, mas Gracie já não tinha idade para se manter sozinha? Falou sobre a idade da senhora Harcourt e murmurou que ela já era quase uma anciã, como o motorista. E que Dilly era uma total vergonha! Ela era muito caipira para trabalhar em uma mansão.

Não que Kittie tivesse dito essas coisas na frente de Jason. Quando ele estava por perto, ela agradava a todos, mesmo Gracie. Desse modo, se alguém reclamasse sobre ela para Jason, ele saberia que era mentira.

Jason tolerava os avanços de Kittie, mas se Gracie prestasse atenção, veria que todas as aberturas vinham dela. Ele parecia estar jogando um jogo de espera com a adorável modelo.

Ele não passava cinco minutos sozinho com Gracie, o que era um alívio para ela. Ainda estava chocada pelo repentino noivado. Sempre achara que ele ia se casar um dia, mas esperava que fosse com uma mulher que ele conhecesse, alguém que conhecia seu passado. Essa modelo era como alguém

de outro planeta. Sim, ela era bonita, tinha cultura e conhecia o mundo. Mas não era divertida. Gostava da casa, mas apenas por suas posses. Sentimento não possuía lugar em sua vida. Gostava de frio, dinheiro e homens. Gracie ouvira ela falando com alguém ao telefone, comentando sobre seus encontros sexuais com uma variedade de homens. Ela estava noiva de um homem que era dinamite na cama, ela dissera ao ouvinte, então enquanto ele pudesse satisfazê-la, ela ficaria com ele. Mas também havia um príncipe do oriente médio que a estava cortejando, e ele era muito mais rico do que Jason. Relacionamento eram um aborrecimento, ela suspirou. Os homens só queriam sexo, mas quando eram ricos, não era difícil para ela. Podia fingir prazer enquanto recebesse os presentes caros em troca.

Gracie, que nunca conhecera um homem intimamente, ficou chocada com a atitude da mulher. Era esse o sentido da vida, fazer sexo com várias pessoas para conseguir posição social? Parecia uma vida particularmente vazia para Gracie, que era feliz com as coisas simples e não queria fazer parte de orgias. Devia estar na censura, decidiu. Então lembrou de Kittie e deu de ombros.

ALGUNS DIAS APÓS o aniversário da senhora Harcourt ela viajou até Jacobsville na tentativa desesperada de escapar da constante presença de Kittie grudada a Jason. Havia uma quantia considerável de visitantes à mansão, a maioria pessoas rica e famosa, que Jason sabia ser da vontade de Kittie conhecer. Isso foi após as compras que fizera na Neiman Marcus, de onde a ruiva viera com numerosas caixas de roupas caras, sapatos, perfume e jóias.

— Sim, nós sabemos sobre a sua nova convidada — Barbara disse simpática. Podia ver a tristeza no rosto de Gracie — Ele vai mesmo casar com ela?

— Como você sabe sobre ela? — Gracie perguntou.

— Ele estava exibindo ela no balé. Rick foi como guarda-costas de Keely Welsh e Clark Sinclair.

Gracie suspirou.

— Bem, ela é bonita.

— Rick não ficou impressionado. Ela o ignorou. Ele não é rico.

— Eu imaginei — ela respondeu — Jason parece estar feliz com ela.

— Eu sinto muito.

Ela moveu um ombro.

— Era inevitável. Mas eu não posso viver com ela — suspirou tristemente — Preciso arrumar um emprego e trabalhar. Preciso encontrar um lugar para morar.

— Gracie não apresse as coisas — Barbara disse gentilmente — É um longo caminho do noivado ao altar.

— Ela disse que eles vão se casar no natal — murmurou.

Barbara piscou.

— Talvez...

— Talvez não — respirou fundo — Eu posso dar aulas. Tenho um diploma em história. Talvez haja um emprego como substituta na universidade comunitária. Posso ensinar sem um diploma de mestre.

Barbara hesitou. Em seguida suspirou.

— Ok, eu conheço o presidente da instituição. Ligarei para ele hoje a noite.

Gracie sorriu.

— Obrigada. Tenho que achar um lugar para viver...

— Não, não tem. Pode ficar comigo.

— Oh, não posso — começou.

— Eu gostarei da companhia. Rick nunca fica em casa ultimamente. Eu adoraria ter alguém com quem falar.

— Como se você não falasse com as pessoas todos os dias — Gracie brincou.

— Não é a mesma coisa que falar com uma amiga. Quando você quer começar? — Hesitou — Posso fazer uma sugestão? Espera até o semestre da primavera. Começa em janeiro. Até lá você pode não precisar de um emprego.

— Ou posso precisar de um desesperadamente — Gracie respondeu — Preciso encontrar algo para a senhora Harcourt, para John e Dilly também. Kittie vai expulsá-los antes de me expulsar.

— Jason não deixará isso acontecer.

— Você não conhece essa mulher — Gracie insistiu — Ela os forçará a partir e dirá a Jason que foi decisão deles. É uma mestra na manipulação — parecia preocupada — Posso trazer Mumbles?

— Seu gato?

Concordou.

— Ele estava no veterinário nessas três últimas semanas, enquanto eles curavam uma infecção no rim. Ele é velho, você sabe, e não durará muitos anos, mas eu não posso abandoná-lo.

— Eu adoro gatos. Pode trazê-lo.

Ela iluminou-se.

— Você é a melhor amiga que eu tenho.

— Bem, eu digo o mesmo — Barbara respondeu — Agora pare de pensar e vamos comer uma torta!

Capítulo 5

Como era de se esperar, Jason só falou com Gracie pouco antes de ele e Kittie dirigirem até o aeroporto com um sombrio John. Gracie trouxera o velho Mumbles para casa, sua infecção curada. Ele era um gato grande com olhos azuis, manchas laranjadas nas orelhas e no rabo. Seu pêlo era longo e luxuoso, e Gracie o mantinha penteado. Com seu colar de imitação de diamantes, Mumbles era a figura de um animal de estimação mimado. Mas sua beleza não impressionou Kittie, que logo que entrou na sala onde o gato se encontrava, começou a espirrar. Gracie o levava até o quarto murmurando desculpas, mas Kittie nem ao menos respondera. Lançou um olhar a Gracie que prometia retribuição.

E aqui estava. Jason a olhou com olhos em chamas em um rosto taciturno.

— Você precisará fazer algo com Mumbles antes de nós voltarmos para Ação de Graças, Gracie — ele disse baixo — Kittie é alérgica a gatos.

Que irônico, pensou, mas não disse nada.

— O que você quer que eu faça com ele, Jason? — perguntou preocupada.

— Ele não pode ficar na casa com Kittie — disse, afastando o olhar. Seu noivado estúpido já estava custando muito caro.

— Ele está com doze anos e nunca ficou fora de casa — disse miseravelmente — Eu não posso colocá-lo no jardim.

— Kittie é alérgica a gatos — repetiu tenso — Ela só estava espirrando ontem, mas ela geralmente tem que ser internada.

Gracie não deixou que ele visse seus olhos. Não podia chorar.

— Oh, pelo amor de Deus, é só um gato velho — não uma criança! — ele gritou, irritado com a possibilidade de lágrimas. Estava matando-o machucá-la assim! Dera o gato maldito a ela. Havia sido uma revelação, o modo como ela reagira ao presente. Imaginou se ela já tinha ganhado algum presente na vida. E agora o gato era a causa de uma briga com Kittie, e Jason estava no meio do fogo cruzado entre uma mulher que não queria e a mulher que doía para ter e não o queria. Estava furioso com seu próprio sentimento de inutilidade.

O tom de sua voz fez com que Gracie se afastasse dele. Seu rosto branco como papel. Fazia tempo que não falava com ela daquela maneira, que não parecia tão duro. Era o fim de tudo. Kittie a odiava e estava buscando maneiras para tirá-la da casa. O argumento era triste e resignado a ser

aceito. Sentia muito pela alergia de Kittie, mas o pobre Mumbles era velho e doente e não tinha lugar para ir. Agora Jason parecia estar oferecendo a oportunidade de eutanásia!

— Ele está velho, Gracie — ele disse duramente — Não tem muito tempo de qualquer maneira. Talvez seja melhor resolver logo.

— Eu não vou matá-lo! — ela explodiu. Seu lábio inferior tremeu. Não se lembrava de ter ficado contra Jason alguma vez. Mas estava lutando por Mumbles, agora, por sua vida. Fechou os pulsos ao lado do corpo — Se você quer que nós dois saíamos e só dizer.

— E o que você faria? — ele perguntou calorosamente — Arrumar um emprego? O que você pode fazer além de oferecer chás e festas, Gracie? — ele acrescentou friamente.

Ela reagiu às palavras como se ele tivesse lhe dado um tapa, e ele queria morder a língua pelo escorregão.

— Eu não sou uma idiota, Jason — Gracie disse duramente — E talvez eu possa fazer um monte de coisas que você nem imagine!

Ele não disse nada. Apenas a encarou.

Foi a última gota. Então era isso que ele pensava dela. Nunca a ferira daquela maneira antes. Magoada e furiosa, virou-se e correu pelas escadas como se tivesse as chamas do inferno aos seus pés. Quando se sentiu segura, trancou a porta e sentou ao lado da janela, tremendo. Esse era o único lar que ela tinha. Sentia-se segura nessa casa. Ela e os empregados se adoravam, cuidavam uns dos outros. Mumbles era parte da alegria que sentia por viver ali durante doze anos, desde que Jason o dera como presente de natal. E agora, em um piscar de olhos, tudo mudara. A ruiva perversa entrara pela porta, e tudo estava acabado. Ia perder tudo que amava. Sua família, seu lar, e até mesmo seu gato. E especialmente Jason!

Houve uma batida forte na porta.

— Gracie! — Jason chamou urgentemente.

Ela não respondeu. Seu coração estava partindo.

Ele empurrou a porta. Não abria.

Houve outra pausa.

— Gracie — ele chamou de novo, menos bravo.

Ele murmurou algo. Um minuto depois, ouviu passos se afastando. Gracie soube então que não estaria mais em casa quando ele e sua noiva voltassem para Ação de Graças.

A SUA MEIA-IRMÃ não vai se despedir de nós? — Kittie perguntou em um tom suave enquanto eles entravam na limusine.

O rosto dele endureceu.

— Ela está magoada pelo gato.

— É só um gato — ela disse friamente — Ela pode conseguir outro quando for morar em sua própria casa.

Ele franziu a testa.

— O que você quer dizer com sua própria casa?

— Bem, querido, você não espera que ela viva conosco? — ela exclamou horrorizada — Eu quero dizer, o que as pessoas pensariam? Além disso, eu não vou dividir você com outras pessoas. Ainda mais uma mulher gananciosa e interesseira como ela.

— Gracie não é interesseira — ele disse brusco.

— Ela não faz nenhum esforço para se manter, faz? — ela perguntou — Todos esses anos, vivendo por sua conta, deixando você pagar suas contas, até mesmo as roupas. Não é certo. Eu tenho certeza de que as pessoas devem fofocar de vocês dois.

Ele sentia-se realmente mal. Seu pequeno jogo de revanche destruíra sua família. Deu uma olhada no rosto pálido de John no retrovisor. Tinha que falar com ele e com Dilly quando voltasse, para assegurá-los de seus lugares. E especialmente com a senhora Harcourt, pensou miseravelmente. Ela ficara tão feliz por ele se lembrar de seu aniversário, apenas para Kittie tratá-la como uma empregada. Fechou os olhos em uma onda de dor. Ela tivera tão pouco em sua vida.

Todos os sacrifícios, e seu pai não lhe deixara um centavo. Jason fez de tudo para que ela se sentisse bem desde então. Devia ter dito algo quando Kittie a insultara. E Gracie... Tinha o coração ferido por causa do velho gato e ele tornara as coisas piores ao descontar nela sua raiva.

Kittie viu uma oportunidade e pegou-a.

— Você sabe — ela disse em um tom confidencial, aproximando-se dele e brincando com seu colar — Ela já tem vinte anos e não é casada. Isso não quer dizer que ela não quer estragar tudo?

— O quê?

— Bem, se ela se casar perde tudo... não é? Você não continuará a mantendo nessas circunstâncias. Ela não pode se casar, pode?

A terrível sugestão o enervou. Nunca olhara daquele ponto. Estava Gracie tão acostumada a seu estilo de vida que permanecera solteira não porque não encontrasse um homem que amava, mas porque não seria mais sustentada por Jason? Claro que não! Ele sabia que ela não era uma mulher egoísta. Mas...

— Você está bem, querido? — Kittie perguntou preocupada — Não parece bem.

Ele engoliu o orgulho.

— Estou trabalhando em um negócio com uma companhia de computadores alemã — ele disse tenso — É meio frustrante.

Ela aproximou-se e grudou o corpo nele.

— Eu posso cuidar da frustração — ela sussurrou — Apenas espere e verá.

Seria uma longa espera, pensou miserável. Seu corpo não tinha nenhum interesse nela, apesar de sua beleza. Era incapaz de fazer amor com ela, um fato que tentava camuflar com desculpas. Sua viagem aérea lhe daria um tempo para respirar. Mas não tinha muita esperança de cumprir a promessa que fizera a ela. Seu orgulho ferido pela rejeição de Gracie o servira em um prato para Kittie. Quando a imaginar que ela poderia ter ficado grávida, era uma piada. Vira a maleta com as pílulas anticoncepcionais, que ela mantinha ao lado da cama.

Ela se divertira sobre o então chamado encontro na noite em que ele ficou bêbado, e a possibilidade de ter ficado grávida. Crianças, ela zombara, não eram para ela. Era maníaca com o controle de nascimento. Sua carreira era a coisa mais importante em sua vida. Não desejava trocar fraldas e perder sua figura. Além disso, ela zombou, ele não havia sido capaz. Desmaiara na cama e deixara que ela o despisse. Mais tarde, quando ele estava estressado pelos seus negócios, ela disse em um tom zombeteiro que ele podia redimir-se pela abstinência. Ela sabia que eram os negócios que o tornaram momentaneamente incapaz. Acontecia com os homens, disse sabiamente. De fato, seu último namorado era similarmente afetado por isso de vez em quando. Assim como seus outros amantes.

Jason sentiu uma onda de náusea quando ela comentou sobre suas outras conquistas. Ele já ouvira rapazes falando sobre quantas mulheres já tiveram, e isso o enjoara. Lembrava seu pai, que nunca fora fiel a suas mulheres. Jason nunca quisera ser como ele.

Kittie tentava seduzi-lo, mas pareceu perceber que ele não se sentia atraído por ela, e pior, percebeu que Gracie era a culpada por isso. Isso a levava a dizer alguns insultos que ele ignorara, mas não seria capaz de ignorá-los indefinidamente. Quando ela estivesse fora, ele daria um jeito de romper o noivado. Talvez com algo muito caro. Sabia também que era sua riqueza que a mantinha ao seu lado. Ela insinuara que Gracie ficava ao seu redor pela mesma razão. Ele não queria acreditar. Mas o que ele sabia do passado da mulher com quem dividira o lar por tanto tempo? Seu passado era misterioso. Seus olhos se estreitaram. Faria algumas investigações, decidiu. Não gostava de segredos.

Tentou falar com John no aeroporto, mas o homem estava quieto e indiferente, recusando-se a olhar para ele.

— Nós resolveremos tudo no natal — Jason disse ao motorista.

John deu de ombros.

— Nada para resolver, senhor Pendleton — ele disse educadamente — Nós estamos muito velhos para fazer esses trabalhos de qualquer maneira, como a sua noiva disse. Tenha uma boa viagem.

— John!

Mas o motorista já se afastava com o carro.

Jason praguejou baixo. Mal ouviu Kittie lhe chamando da entrada do terminal.

Ligou para casa enquanto Kittie estava no banheiro. A senhora Harcourt atendeu.

— Não deixe John ir embora — ele disse tenso — Isso também serve para você e Dilly. Nós conversaremos quando eu chegar em casa. Eu ficarei na Europa para resolver algumas coisas, mas volto em uma semana ou duas. Depois disso provavelmente terei que ir para a Alemanha, mas nós conversaremos primeiro.

A senhora Harcourt hesitou.

— Tudo bem, senhor Jason.

Ele piscou.

— Não me chame assim!

— Eu só trabalho para você — ela disse baixo — É tudo. Você precisa de empregados que se encaixem as vontades da senhorita Kittie — disse gentilmente — Nós seremos um problema para você. Talvez já sejamos. Myron nunca nos deixaria ficar se estivesse vivo.

— Eu não sou meu pai!

Ela respirou fundo.

— Mesmo assim, nós encontremos algo...

— Não!

Ela não disse nada.

— Nós falaremos sobre isso quando eu chegar aí. Kittie abre a boca e as palavras escapam. Ela não considera os sentimentos das outras pessoas. É a companhia que ele quer — ele odiava ter que desculpar-se. Respirou fundo — Como Gracie está?

Ela não disse nada novamente.

— Senhora Harcourt?

— Ela está trancada no quarto. Chorando — disse pesadamente.

Ele fechou os olhos.

— Bom Deus — ele gemeu — Eu nunca quis magoá-la desse jeito. Diga a ela que nós faremos alguma coisa a respeito do maldito gato, mesmo que eu tenha que construir outro quarto para ele! Além disso, vocês estão fazendo suposições que podem não valer nada até o natal.

— Eu direi a ela — ela disse.

— Sinto muito por ter estragado seu aniversário — ele disse gentil — Eu espero que você tenha mais cinquenta, todos melhores do que esse.

— Obrigada — ela disse, e sua voz se suavizou — Tome cuidado, nesses lugares perigosos. Venha para casa salvo.

— Irei. Cuide de Gracie — ele disse rude — Você sabe como ela fica quando está chateada. Eu gritei com ela. Nunca quis magoá-la desse jeito.

— Eu sei.

— Não a deixa dar o gato.

— Tudo bem — a senhora Harcourt disse.

— Eu ligarei da Europa.

— Tome cuidado.

— Você também — ele respondeu.

Ela desligou. Ele desligou o celular e observou o terminal com olhos vazios. Sua vida estava tão bagunçada que ele imaginava se as coisas voltariam ao normal. E, além disso, se a dor que sentia quando pensava em Gracie deixaria de torturá-lo.

AS SEMANAS PASSARAM. Então Kittie ligou e repentinamente não havia mais tempo. Gracie mudou suas coisas para a pequena casa de Barbara e estava imensamente grata por ela ter deixado Mumbles morar com elas também. Ela se oferecera a considerar eutanásia, em lágrimas.

— Talvez Jason estivesse certo. Ele está velho e fica doente demais. Ele vomita em qualquer lugar — Gracie fungou — E ainda arranha os móveis.

— Nós daremos um jeito — Barbara disse firme — Gracie, você não pode matar um animal que é como um membro da família só porque uma modelo antipática não gosta de animais. Não é nem a casa dela!

— Será — Gracie disse sombria — Kittie ligou de algum país escandinavo na noite passada para perguntar se nós já havíamos nos livrado de Mumbles. Ela disse que Jason ficou furioso quando eu briguei para não livrarmos dele — ela hesitou, fazendo uma careta — Na verdade ela disse que Jason queria que eu tivesse partido há anos, mas sentia pena de mim. E então Kittie insinuou que eu era como uma companhia paga ou algo do tipo.

Barbara aproximou-se e lhe deu um abraço.

— Você leva as coisas muito a sério, Gracie. Além disso, se Jason se sentisse assim, diria na sua frente. Ele não pediria para outra pessoa fazer o trabalho sujo.

Gracie secou os olhos.

— Talvez você esteja certa. Mas há uma verdade em tudo. Eu nunca tentei me manter sozinha. Eu vivi sob as asas dele por tanto tempo, deixei que ele fosse responsável por mim por tantos anos, que acabei esquecendo que era uma mulher crescida — afastou-se, a expressão mais calma — Todos dão risada de mim. Eles pensão que eu sou uma cabeça de vento, desastrada e incapaz de fazer qualquer coisa importante. Até Jason finalmente admitiu que não me acha capaz de fazer qualquer coisa a não ser festas. Eu deixei minha... minha aflição me convencer disso. Mas não é. Eu posso me manter sozinha. Posso ser independente. E serei — os olhos cinzentos ficaram frios como aço — Não vou morar com aquela mulher!

Barbara gostou da resolução no rosto da amiga.

— Escute você — ela brincou — Nem parece a Gracie.

— Talvez eu possa ser algo mais na vida — ela respondeu secando os olhos — Talvez eu possa ensinar, comprar um carro, ser uma pessoa inteira, sem precisar de Jason atrás de mim fazendo tudo.

— Você já tem um carro — Barbara argumentou.

Gracie juntou os dentes com força.

— Não tenho mais. Kittie disse que Jason lhe deu permissão para usar o VW, já que foi ele que pagou pelo carro.

— O quê?

Ela respirou fundo.

— Ela vai me emprestar o velho Thunderbird de Jason para trazer minhas coisas até aqui.

— Como ela é generosa — Barbara zombou.

— Não importa. Eu posso cuidar de mim. E farei tudo.

— Você pode mesmo — Barbara assegurou — Uma vida nova, Gracie.

— Uma vida nova — isso soou como um futuro cheio de promessas. Ela só precisava esquecer Jason e a intrusa que o estava separando dela. Não ajudava pensar que se ele tivesse colocado os braços ao redor do pescoço dele e o beijado, não estaria nessa situação. Mas trazendo a noiva para casa, deixara claro que não estava interessado nela. Ele só ficara zangado por ela tê-lo beijado, acidentalmente ou não, e tê-lo tentado. Talvez assim fosse melhor. Considerando seu passado, mal podia esperar um futuro com um homem, mesmo que com Jason.

— Agora traga Mumbles para dentro e eu cuidarei dele enquanto você vai a San Antonio e pega o restante das coisas — a outra mulher acrescentou.

— Eu disse a Kittie que traria Mumbles para cá hoje, antes que ela voltasse para casa. Foi quando ela disse que usaria meu carro e me emprestaria o de Jason — disse tristemente — Ele

levou as chaves da Mercedes com ele, então eu acho que isso quer dizer que ele não queria que eu a dirigisse.

— Talvez ele apenas tenha esquecido — Barbara disse — Você disse que ele está com muitos problemas nos negócios ultimamente.

— Acho que sim.

— Escute, tente não dirigir a noite — Barbara acrescentou preocupada — Você sabe que um dos vice-presidentes de Jason foi seqüestrado ano passado, e existem novos casos toda semana de pessoas seqüestradas nessa área. Aconteceu até mesmo com o marido Fe Glory, Rodrigo, no ano passado. Todos sabem que Jason é rico — mordeu o lábio nervosa — Rick diz que um dos irmãos Fuentes está ligado a ditador sul americano que está usando os seqüestros como um meio de recuperar sua posição. Você seria uma presa fácil. Jason pagaria qualquer coisa para tê-la de volta. Eles sabem disso. Eles têm informantes em todos os lugares.

— Não fique paranóica — Gracie chiou — Ninguém vai olhar duas vezes para aquele velho Thunderbird, mesmo que seja um carro clássico renovado.

— Eu imagino que os seqüestradores devam conhecer qualquer carro que ele tenha e as placas — Barbara disse sabiamente — Eles estão ganhando milhões em troca de vidas humanas.

— A maioria são pessoas do outro lado da fronteira, latinos ricos.

— O vice-presidente de Jason não era um latino rico. Nem o seu cunhado, Rodrigo Ramirez, quando eles o seqüestraram — ela lembrou Gracie.

A moça fez uma careta.

— OK, você venceu. Mas eles não seqüestraram ninguém por aqui esse ano. Até que eles façam, eu me recuso a ficar preocupada.

— Ótimo. Esconda sua cabeça na areia.

Gracie sorriu.

— Bom conselho. Farei isso também. De qualquer modo, eu preciso ir rápido. O presidente do colégio vai me dar um emprego, graças a você, e uma amiga minha me convidou para promover leituras na escola secundária — acrescentou com um sorriso — Serei paga por isso. Primeiro, depois de pagar seu aluguel, verei Turkey Sanders para comprar um carro novo.

— Não — Barbara chiou — Turkey não! Ele vai lhe vender um chaci e dizer que é um motor extra!

— Eu posso lidar com Turkey — ela respondeu calmamente — Espere e veja. Trarei algumas roupas, mas não empacotarei camisolas e vestidos de noite — acrescentou — Não terei uso para elas aqui — sorriu amargamente — Kittie é do meu tamanho. Espero que ela goste dos vestidos de Paris.

— Você deve trazê-las também. Existem muitos eventos de gala começando em San Antonio nesse mês — concertos sinfônicos, ópera, o baile dos barões do gado...

— Tudo está no passado. Eu não sou mais uma socialite com dinheiro para investir em caridades. E não terei como ir a bailes em San Antonio. O que me lembra — acrescentou sombriamente — Que tenho algumas pérolas e diamantes na caixa de jóias da mamãe que Myron me deu. Vou vendê-las. Comprarei o carro com o dinheiro e pagarei o aluguel.

— Eu não quero aluguel — Barbara gemeu — Você é minha amiga.

— Você também é minha — Gracie respondeu — Mas não deixarei você me manter assim como não deixarei Jason — engoliu o bolo na garganta — Estou envergonhada por ter dependido dele por tanto tempo sem me dar conta de como era errado.

Barbara piscou. Gostaria de dizer algo útil, mas podia ver que Gracie estava perdida em tristeza e medo do futuro.

E ela estava certa. Apesar de seu otimismo, Gracie sabia que seria uma estrada árdua até conquistar a independência financeira. Estava acostumada a comprar tudo que quisesse sem considerar o preço, comer nos melhores restaurantes e dirigir os melhores carros. Teria que aprender a economizar e viver em uma condição mais baixa. Podia fazê-lo. Mas levaria tempo.

Apenas esperava conseguir provar a Jason que ele estava errado sobre suas oportunidades. Iria mudar sua vida, e não importava o quanto fosse difícil.

A SENHORA HARCOURT ARGUMENTARA sobre a mudança, e espantou-se quando Gracie começou a arrumar sua última mala e deixou as melhores coisas no armário.

— Mas o senhor Jason disse para você não partir, que ele faria algo sobre o gato — protestou.

— Aquela ruiva venenosa mandará alguém matar Mumbles assim que eu virar as costas — Gracie disse friamente — Ela não vai matar meu gato. E eu não vou morar aqui com Jason e aquela mulher.

— Mas são os móveis de sua mãe, os enfeites de natal antigos, suas roupas e seus pertences! — ela excitou-se.

— Eu pedi que John me ajudasse a colocar os enfeites e a mobília no sótão, junto com aqueles pertences que eu guardei — Gracie respondeu — Eu não acredito que Kittie queira subir lá para jogá-los fora. Está empoeirado. Não é o lugar certo para ela. No entanto, se ela subir, Não será o fim do mundo. Eu não terei um lugar para colocar essas coisas agora — suspirou ansiosa — Além disso, Jason odeia meus enfeites de natal e decorações. Ele não se importará em jogá-los fora.

A senhora Harcourt olhou lamentavelmente para os vestidos que Gracie deixara no armário.

— Eu não entendo como ele pode ter ficado noivo dela — disse sombriamente — Ela não é o seu tipo. Ela é tão superficial, Gracie. Não se importa com ninguém, nem mesmo com ele, apenas com o que ele compra para ela.

— Eu não acredito que seja sua maquiagem emocional que o mantenha com ela — Gracie disse entredentes — Eu acho que ela é dinamite na cama. É o que ela diz para seus amigos quando liga para eles. Ela diz que Jason também é.

A senhora Harcourt sentou na cama enquanto Gracie dobrava as roupas.

— Ele está confuso — disse — Eu acho que você também está. Ele não é seu irmão, você sabe. Gracie corou.

— Sim, eu sei — disse incomodada, e sua expressão era reveladora.

— Então é isso — a mulher mais velha disse pensativa — Aconteceu alguma coisa. Ele te assustou e você correu, e ele pensou...

— Não leia mentes, não é legal — Gracie murmurou.

— Não é preciso ler mentes para saber sobre as pessoas que você ama — a governanta disse com um sorriso gentil — Ela é a vingança dele, não é? Porque você fugiu e feriu seu orgulho.

Gracie arregalou os olhos. Nunca considerara essa possibilidade. Observou as roupas na mala.

— Eu não acho que seja isso. A frente da casa estava inundada, e ele estava me carregando para a varanda, depois que eu fiquei atolada no rancho. Ele virou a cabeça para dizer algo e eu virei a minha ao mesmo tempo e nós... bem, eu o beijei. Ele ficou chocado, mas me beijou de volta. Mas quando eu o empurrei, ele ficou furioso — juntou os dentes — Ele disse que era minha culpa por tê-lo provocado daquele jeito. Eu estava triste e confusa. Claro que eu corri. Eu devia ter me desculpado, mas ele não estava mais aqui na manhã seguinte.

— Antes disso ele estava muito próximo de você na festa — a senhora Harcourt lembrou — As pessoas comentaram. Ele parecia estranhamente interessado em você.

Gracie balançou a cabeça.

— Eu não entendo nada disso.

— Ele não sabe sobre o seu passado, Gracie — ela disse depois de um minuto — Você devia ter dito a ele há muito tempo.

Ela observou a outra mulher chocada.

— Você não sabe — disse preocupada. Ouviu um movimento e olhou na direção do corredor, mas não havia nada lá. Virou-se para a senhora Harcourt — Você não pode saber sobre o meu passado.

— Sua mãe me contou — a senhora Harcourt disse — Ela sabia algo sobre mim. Nós confidenciamos algumas histórias tristes no período em que ela ficou aqui — ela tocou o ombro de

Gracie quando o rosto da mulher ficou pálido — Gracie, nem todos os homens são como o seu pai. Você vive no passado, com medo de ir para frente. Está destruindo sua vida.

— A alternativa é dizer a Jason, e se eu contar ele vai... — respirou fundo — Ele nunca vai me olhar do mesmo jeito de novo. Eu vivi com medo durante toda minha vida, achando que ele ficaria envergonhado por saber a verdade — fechou os olhos — Era um pesadelo. E nós éramos tão pobres, senhora Harcourt. Alguns dias eu não podia ir para a escola porque eu não queria que as pessoas me vissem vestindo as mesmas roupas todos os dias da minha vida...!

A senhora Harcourt a abraçou, segurou-a em seus braços enquanto ela chorava.

— Você tem que aprender a não se importar com o que as pessoas pensem. Jason não se importa. E ele não irá te menosprezar se souber a verdade. Não foi sua culpa, querida. Como você pôde imaginar que era?

— Papai era tão brava comigo. Se eu tivesse chegado à casa a tempo ele ainda estaria vivo. Ele morreu por minha causa — as lágrimas rolavam por suas bochechas.

— As pessoas morrem quando chega a hora — a mulher disse baixo — É a vontade de Deus, não a nossa. Gracie, se ele não estivesse bêbado e não ameaçasse você em primeiro lugar, ou se não tivesse sido tão bruto com sua mãe... Ela não teria fugido de medo dele. Ele era paranóico em relação a ela, e ela nunca o traiu. Pobre mulher. Bom Deus, que pesadelo ela viveu todos aqueles anos, brutalmente estuprada e com medo de partir por causa do que ele faria com você — balançou a cabeça — Eu não posso acreditar que você ache que Jason iria lhe culpar.

— Ele acha que eu venho de boas pessoas, que meu pai morreu como um herói da guerra, que éramos da classe média e respeitáveis — sorriu friamente — É uma mentira. Tudo. Minha mãe inventou uma história de que ela era minha madrasta para evitar que investigassem nosso passado. A polícia atirou no meu pai para evitar que ele me matasse. E ele mataria. Ele ria. Ele disse que mamãe se arrependeria por tentar abandoná-lo.

— Conte a Jason — a senhora Harcourt disse firme — Conte a verdade.

— Certo. Contar e perder seu respeito — Gracie balançou a cabeça — Será um belo dia quando a imprensa descobrir tudo.

— Sim, não seria? — uma voz fina disse do corredor.

As duas mulheres levantaram. Kittie Sartain estava parada lá em um terninho azul, o cabelo ruivo ao redor do rosto sorridente.

— Então agora eu não precisarei encontrar maneiras para fazer você partir, certo? Tudo que eu tenho que fazer é contar a Jason o que eu ouvi!

Gracie se afastou da senhora Harcourt.

— Eu já estou partindo. Tenho um lugar para ficar. Só precisarei do Thunderbird por alguns dias, até me ajeitar e comprar meu próprio carro — disse em um tom profundo. Seu orgulho estava dilacerado. Kittie não podia ter escolhido uma hora melhor para entrar em ser anunciada — Eu já levei meu gato.

— Salvou a vida dele. Eu mesma iria levá-lo ao veterinário para fazer uma eutanásia. Eu disse que você pode emprestar o Thunderbird — Kittie disse friamente — Mas você terá que trazê-lo antes que Jason dê por sua falta. Ele ainda está zangado, você sabe. Ele ficou furioso pelo gato.

— Não é o que ele me disse — a senhora Harcourt disse bruscamente, encarando a recém chegada.

— Oh, quem se importa com o que ele disse para você? — a ruiva murmurou — Você só é uma relíquia do passado, guardada por sentimento. Você irá também — acrescentou com um sorriso frio.

— Não irei — a senhora Harcourt disse baixo — O senhor Jason me disse para ficar. Ele não gostará quando souber que Gracie partiu.

— Ele não gostará se ela ficar — a ruiva disse maliciosamente — Se ela ficar, Jason vai ouvir algumas fofocas sobre sua doce meia-irmã.

Gracie ficou pálida. Era chantagem do pior tipo. Mas ficou doente ao imaginar que Jason pudesse descobrir a verdade.

Levantou uma mão quando a senhora Harcourt parecer querer argumentar.

— Não, senhora Harcourt. Está tudo bem. Eu pegarei o resto das minhas coisas e partirei agora. Mas você e os outros não tem que ir.

— Kittie esperou a governanta voltar. Fechou a porta e sorriu friamente para a governanta.

— Você acha que pode ficar? — Kittie perguntou — Eu percebi algo sobre você e Jason que a meia-irmã dele nunca notou. E um dos meus contatos em Nova York conhece um detetive particular em San Antonio que me devia um pequeno favor — ela sorriu — Eu me pergunto se Jason sabe a verdade sobre seu próprio passado, senhora Harcourt?

Para um chute no escuro, funcionou muito bem. O rosto da senhora Harcourt empalideceu.

— Está certo... Pense no tipo de história que eu posso fornecer aos tablóides, sobre Gracie e sobre você. Vale a pena?

— Não, não vale. Eu partirei — a senhora Harcourt disse sombriamente — Você vai deixar John e Dilly ficarem?

— Difícil! Eu não quero cuidar de um lar de caridade. Eu já disse a eles que eles estavam sobre aviso. Aquele tal de John quis argumentar, mas eu sei coisas sobre ele que são melhores se ficarem de lado. Você quer argumentar? — acrescentou com um sorriso maldoso.

A senhora Harcourt queria. Mas possuía um segredo que preferia morrer do que contar a Jason.

— Eu tenho certeza de que nenhum de nós quer morar na mesma casa que você.

— Isso é mútuo — Kittie disse friamente — Vocês tem dois dias para saírem — ergueu um molho de chaves — Jason me deu permissão para redecorar a casa, e estou fazendo isso. Eu já contratei trabalhadores novos, pessoas jovens com energia e mente criativa, que vão servir muito bem quando eu e Jason nos casarmos. Fora com os velhos, dentro com os novos — ela disse com um sorriso indiferente.

Ela virou e afastou-se, discando números em seu celular.

Gracie chegou ao corredor carregando sua mala, ela e a senhora Harcourt trocaram olhares tristes.

— Talvez se eu pedisse, ela deixasse vocês ficarem, pelo menos até que Jason volte — disse esperançosa.

A outra mulher ficou horrorizada. Não conhecia outro lar há trinta e cinco anos. Mas não se atrevia a ficar.

— Não — respondeu sem dar explicações — Eu vou para Jacobsville com você. Barbara sempre precisou de uma boa cozinheira. Eu servirei lá. Nós levaremos John e Dilly também. Encontraremos algo para eles também. E você — acrescentou firme — Vai mostrar a Jason que é mais competente do que ele acredita. Não vai doer tanto nele. Especialmente agora que ele destruiu sua própria vida se unindo àquele tubarão ruivo.

Gracie sorriu. Nunca ouvira a governanta falar daquela maneira sobre Jason. Ela sempre o adorara, nunca aceitara nenhuma crítica a respeito dele. Talvez eles se tornassem pessoas melhores com os desafios a enfrentar. Não se atrevia a pensar em como seria sua vida sem Jason. Não se atrevia.

— Não se preocupe com o seu passado, senhorita Gracie — a senhora Harcourt disse gentil — Ela não dirá a ele. Ele a jogaria na rua.

Gracie fez uma careta.

— Você acha mesmo? Eu não. Vamos. Vamos falar com os outros.

Elas falaram com Dilly, mas John já havia empacotado suas coisas e partido. Não dissera a Dilly para onde pretendia ir. Ele parecia assustado também, ela disse. Gracie esperava que elas pudessem encontrá-lo mais tarde, mas no momento, precisava tirar as duas mulheres da casa. Ela mesma também. Se ficasse mais um minuto perto de Kittie, era capaz de matá-la!

GRACIE COMEÇOU A TRABALHAR como professora especial no sistema escolar do distrito Jacobs. Seu primeiro dia foi assustador, mas quando ela ficou em frente a cinquenta alunos e começou a falar sobre pequenos fatos conhecidos sobre a batalha do Álamo, todos ficaram quietos

e prestaram atenção. Ela contou a história da batalha, distribuiu cópias de quadros e documentos que enfatizavam os detalhes que ela contava. Os alunos a aplaudiram quando ela terminou.

Sua auto-confiança cresceu depois disso. Apesar de alguns alunos bagunceiros, ela tornou-se conhecida entre os alunos e os professores. Além disso, foi convidada a dar palestras no ensino fundamental e no médio. Encontrou-se como professora. Esperava ansiosamente pelo semestre da primavera, quando ela começaria a dar aulas de história para adultos na universidade local.

Também comprou um carro. Turkey Sanders era um charlatão, mas sentiu pena dela e disse que tinha o carro perfeito para ela — um pequeno veículo que era apenas dez anos mais velho que o carro que Kittie dirigia agora. Pelo menos era econômico. Mas o preço era mais alto do que suas reservas.

— Eu terei que voltar na próxima semana, quando eu receber — ela disse tristemente — Se ele ainda estiver aqui, eu tento fazer um negócio com você.

— Você pode pedir o dinheiro ao seu meio-irmão — ele sugeriu.

Sua expressão fechou-se.

— Eu não tenho mais um meio-irmão. Não tenho mais família. Sou somente eu.

Ele clareou a garganta.

— Desculpe. Má idéia. Volte em uma semana, senhorita Marsh — ele disse baixo — Acho que o carro ainda estará aqui.

Ela esboçou um sorriso abatido.

— Obrigada, senhor Sanders.

— Pode me chamar de Turkey — ele deu um risinho — Todos chamam.

Ela imaginou o motivo, mas não queria perguntar.

NA MANHÃ SEGUINTE, ela vendeu as jóias de sua mãe na joalheria local. O dono ficou horrorizado e não quis pegá-las, mas ela disse orgulhosamente que não tinha dinheiro e precisava comprar um carro para ir ao emprego. Ele parou de argumentar. Também ofereceu o melhor que preço que conseguiu e prometeu que não venderia seus tesouros por qualquer valor.

Gracie ficou chateada apenas uma vez, quando começou a comprar um casaco que chamou sua atenção e percebeu que não tinha dinheiro. Saiu da loja em chamas. Precisava de um cartão de crédito em seu próprio nome, decidiu, um que não fosse bancado por Jason. Mas primeiro, precisava começar a dar aulas a noite. Não ficaria em débito.

Ela e Barbara se deram muito bem. Eram companhia uma para a outra, especialmente nos finais de semana, porque Rick estava trabalhando em um difícil caso de assassinato em San Antonio e mal ficava em casa. Mumbles se tornara tanto gato de Gracie quanto de Barbara.

Quando recebeu seu primeiro pagamento, o qual recebeu com muito orgulho, pegou o dinheiro que conseguira com as jóias da mãe e parte de seu pagamento e foi falar com Turkey Sanders. Comprou o pequeno VW. Sentiu-se independente pela primeira vez. Então Kittie ligou e disse que precisava do carro de Jason.

Ligou para a mansão de San Antonio e disse ao homem que atendeu que levaria o carro naquela tarde se alguém pudesse levá-la de volta. O homem pareceu nervoso e indignado. Eles não eram um serviço de limusine, disse orgulhosamente. Bem, Gracie murmurou, pegaria um taxi! Desligou furiosa. Imaginava para onde o pobre John havia ido. Não conseguira encontrá-lo. A senhora Harcourt estava cozinhando para Barbara, e Dilly estava servindo mesas. Elas estavam ficando na pensão da senhora Brown. Mas John não entrara em contato com ninguém.

Gracie ligou para Barbara e disse que ia para San Antonio devolver o carro de Jason e pegaria um taxi de volta, mas Barbara se recusou a permitir isso. Ela iria pegá-la na mansão. Demoraria alguns minutos, porque ela precisava arrumar o café pela noite. Gracie concordou. Ela iria em frente. Barbara poderia pegá-la na frente da mansão, porque não falaria com Kittie!

Entrou no Thunderbird clássico, ligou o motor e dirigiu para San Antonio. Mal alcançou os limites da cidade quando dois carros a abordaram. Um parou em sua frente, bloqueando o caminho, o outro parou ao seu lado. Três homens, todos mascarados, saíram do carro, colocaram um pano em

sua cabeça e a jogaram no banco traseiro de um automóvel. Segundos depois, suas mãos foram amarradas e levou uma injeção rápida. Perdeu a consciência antes que o carro saísse do distrito Jacobs.

Capítulo 6

JASON PASSOU SEMANAS na estrada, tentando resolver problemas na corporação que resultou da crise econômica do país. Era tudo igual no mundo inteiro, a quebra de um mercado causa a de outro. Foi preciso coragem, apostar, e até mesmo alguma especulação para cuidar de um império financeiro nos dias de hoje. Odiava ter que viajar tanto, especialmente quando sua vida pessoal encontrava-se tão bagunçada quanto a financeira. Viera brevemente antes do Halloween para resolver alguns problemas no rancho de Comanche Wells.

Não aparecera em San Antonio para ver Gracie, cauteloso com a situação doméstica lá. Ele sabia que ela não gostava de Kittie. Inferno, ele não gostava de Kittie também, mas estava magoado com a rejeição de Gracie e tentava desesperadamente lidar com ela. Kittie parecera uma boa idéia no começo, mas não fizera nada a não ser tornar pior a situação. Sentiu-se aliviado quando seu trabalho a levou à Europa. Ele tentara, enquanto estava no país, ligar para Gracie, mas nunca a encontrava. No final, desistira, sem tentar vê-la e viajou novamente para lidar com seus interesses globais.

Era novembro, quando, cansado e terminadas todas as viagens e encontros de negócios, ele pôde voltar para o Texas. O trabalho havia sido duro, tentara convencer quadros de corporações teimosas de que suas aquisições as beneficiariam, mesmo que os preços estivessem mais baixos. As aquisições de Jason, como mais notável a nova companhia de softwares na Califórnia, eram investimentos de risco nos últimos tempos. Ele tinha que ser agressivo em suas explicações, tinha que fazer promessas que esperava manter. O software que os dois gênios da informática haviam criado ia revolucionar a indústria do vídeo-game, que era um dos setores de movimento mais rápido da economia. Ele permitiria contato entre personagens e objetos nos jogos, através de uma nova tecnologia que precisava esforçar-se para entender, apesar de sua ótima educação. Não era um jogador.

Então apareceu a companhia na Alemanha que ele estava tentando comprar. Seu novo notebook oferecia módulos inovadores que eram ligados com todos os tipos de multimídia, e era o topo do mercado para a próxima geração de tecnologia móvel. Mas a companhia alemã havia melhorado seu design e acrescentara um novo chip de computador, além de estar diminuindo seus preços. Era unir-se a eles ou perder a competição e ver seu negócio cair como uma rocha. Os donos da companhia alemã diziam agora que seus acionistas não aprovavam o negócio. Jason estava resignado a uma aquisição hostil, que agora estava nos estágios iniciais.

Vira Kittie uma ou duas vezes enquanto estava fora. Estivera em Londres e apareceu no estúdio para ver como ela estava. Ela terminaria mais cedo do que esperava, disse a ele, porque eles haviam cancelado uma tomada russa. Iria para casa. Havia perguntado se podia ficar na mansão de San Antonio e fazer uma pequena redecoração. Nada drástico, ela prometeu. Ela só queria atualizar as cortinas e a decoração, e tinha um amigo decorador em San Antonio que adoraria ajudá-la. Só um pequeno projeto, ela jurou. Ele não gostaria de mudar um pouco as coisas?

Ele concordou distraído, sua mente presa no negócio alemão, fazendo-a prometer que não magoaria mais Gracie. Ela prometeu claro, afinal eles seriam uma família, não seriam? Ele não respondeu. Já estava cansado do noivado. O fotógrafo que estava organizando a revista parecia muito íntimo de Kittie, tocando-a sempre que tinha oportunidade. Ela quase gemera quando ele deslizou a mão por suas costas. Jason não ficou surpreso em perceber que aquilo não o perturbava. Ele podia estar noivo, mas não sentia nada por essa mulher. Estava mais determinado do que nunca a romper o noivado. Seria mais fácil, se ela já estivesse em San Antonio quando ele chegasse em casa. Eles teriam tempo para conversar. Ele não queria pensar no modo como Gracie receberia a visitante,

mas tinha certeza de que ela se comportaria. Ela era educada, não importando o quanto estivesse zangada.

Tentou ligar para ela algumas vezes no caminho de volta ao Texas, mas ela não atendeu o celular. Provavelmente, pensou infeliz, reconheceria seu número no identificador e estava ignorando. Se arrependia do modo como se comportara. Teria que recompensá-la de alguma maneira. Se não a podia ter da maneira que queria, talvez eles pudessem voltar a serem amigos e não inimigos. Estava desesperado para tê-la de volta em sua vida. As semanas longe dela haviam sido agonizantes. Seus olhos doíam para vê-la.

JASON HAVIA DEIXADO o Jaguar no aeroporto antes de viajar pela segunda vez. Planejava dirigir até Comanche Wells e checar as coisas no rancho, mas cedeu a um impulso de parar na mansão de San Antonio primeiro. Queria ver Gracie e se assegurar de que Kittie não houvesse magoado ela e a senhora Harcourt. Também queria assegurar-se de que Kittie não tivesse estrapolado nas mudanças. Já estava arrependido por ter deixado que ela fizesse as mudanças. Isso apenas magoaria Gracie ainda mais.

Planejava ligar para as mulheres de Londres e contar que Kittie estava chegando, mas ficara ocupado e acabara esquecendo. Sentia muito, mas era tarde agora. Só esperava que Kittie estivesse sendo diplomática. Mas julgando pelo passado, não era muito provável. Estava resigando a agir como pacificador.

A primeira coisa que notou quando subiu na varanda foi a ausência das flores da senhora Harcourt. Franzindo a testa, notou que os canteiros de Gracie estavam cobertos de folhas e estranhas estátuas. Apreensivo, destrancou a porta e entrou.

Não tinha certeza de ter entrado na casa certa; O vestibulo havia sido refeito, com azulejos em um padrão preto e branco que ele odiou. Cobria o piso de carvalho que o dono original instalara. Jason havia sido parcial em relação a isso. Outros choques se sucederam. A confortável mobília da sala de estar havia sido substituída por peças modernas que não possuíam descanso para braços. Uma pequena mesa de vidro com uma orquídea solitária estava no lugar antes ocupado por uma bela mesa de cerejeira. As cortinas não estavam caídas, estavam amarradas em um mastro e tinham protuberâncias, eram da cor da aveia. Acima da cornija, onde a foto do seu pai costumava ficar, estava um quadro com frutas dentro de uma cesta.

Um jovem alto usando um terno entrou na sala.

— E quem você é? — ele perguntou com arrogância — Como entrou?

Jason virou-se, os olhos brilhando.

— Com a minha chave. Quem diabos é você?

— Eu sou o motorista.

— O diabo que é! Onde está John?

— Se você quer dizer aquele velho que trabalhava aqui, ele foi embora...

— Onde está a senhora Harcourt? Na cozinha? — perguntou abruptamente.

O jovem se mexeu desconfortável.

— Você quer dizer a senhorita Gibbons — ela é a cozinheira.

— Dilly? — insistiu.

— A senhora Sartain a demitiu — ele disse — Demitiu todos... Ela disse que eles eram muito velhos...

Jason deu um passo e o jovem se calou, corando.

— Eu não me importo com quem você seja. Essa é minha casa e eu não lhe contratei. Saia. Encontre os outros empregados e leve eles com você — virou de costas e checkou as horas — Você tem trinta minutos para fazer as malas, ou eu acusarei vocês de invasão de propriedade!

— Nós... nós fomos contratados.

— Não por mim — Jason disse em um tom frio e ameaçador.

O homem afastou-se desconcertado.

— Você deve falar com a senhorita Sartain — ele começou.

— Onde ela está?

Houve um barulho na escadaria e Kittie apareceu, vestindo um terninho de seda preto muito bonito.

— Querido! — ela exclamou e jogou-se em seus braços.

Ele afastou-se. Seus olhos brilhavam de raiva.

— Onde estão meus empregados? — perguntou brusco.

Ela limpou a garganta.

— Bem, eu deixei que eles fossem. Jason, eles eram muito velhos, e aquela Dilly, honestamente, ela é tão... caipira!

— Você não tinha nenhuma autoridade para contratar e despedir ninguém! — ele rugiu — Eu disse que você podia fazer algumas pequenas mudanças, não bagunçar com toda minha vida!

Ela afastou-se um passo.

— Isso precisava ser modernizado — ela começou.

— É minha casa, Kittie — ele disse friamente — Minha! Você não toma decisões por mim!

Ela o encarou.

— Nós vamos nos casar...

— O inferno que vamos!

Ela hesitou. Seus olhos piscaram como se ela não pudesse entender o que estava acontecendo.

— Você me comprou um anel — ela disse.

— Fique com ele, junto com as roupas — ele gritou — Mas saia da minha casa. Agora.

Ela riu nervosamente.

— Jason, você está zangado. Ok, eu passei um pouco dos limites. Eu posso ligar para aqueles velhos e pedir que eles voltem...

Ele teve um repentino pensamento.

— Onde está Gracie?

Kittie ficou realmente nervosa.

— Nós tivemos uma longa conversa — ela disse lentamente — Ela concordou que precisava se manter sozinha...

— Onde? — ele exigiu.

— Eu não sei! Ela emprestou o seu carro e dirigiu até Jacobsville com o gato estúpido e algumas coisas. Eu disse para ela trazer o carro de volta, mas por algum motivo ela ainda não trouxe. Mas eu tenho certeza de que está tudo bem — Kittie acrescentou precipitadamente. Entretanto, isso era perturbante, já que Gracie sabia o quanto ele gostava do carro. Então por que ela ainda não havia chegado?

Seu quarto. O quarto de Gracie. Jason teve um pressentimento. Virou-se, subindo a escada de dois em dois degraus. Chegou até a porta do quarto de Gracie e a abriu. A visão que alcançou seus olhos era revoltante. O bonito quarto Vitoriano de Gracie era um pesadelo em vermelho e preto. Parecia um bordel. A mobília, tudo que sobrara de sua família, não estava mais lá. Abriu o armário. Nenhuma de suas roupas estava lá também. Nem mesmo o belo vestido dourado que trouxera de Paris para ela. Nada de Gracie permanecera. Olhou com descrédito para a mulher atrás dele.

— Esse quarto era uma desgraça — Kittie exalou detrás dele — Rosa e branco! Que tipo de mulher gosta de um esquema de cores como esse? Era de 1800!

Jason encarou com olhos tão frios que ela estremeceu.

— Onde estão as roupas dela? As mobílias? — perguntou em um tom assustador.

Ela cruzou os braços sobre o peito e fez um beicinho.

— Bem, ela levou algumas roupas — vacilou — O restou eu dei embora.

Ele fechou as mãos ao redor do corpo. Quase vibrava de raiva.

— Ela estava no meu caminho! — explodiu. Os olhos azuis o encarando — Você estava obcecado por ela! Tudo que você falava era sobre Gracie, Gracie, Gracie! Você nem me beijava! E ela estava aqui, morando com você, gastando seu dinheiro, mimando aqueles velhos que mal conseguiam fazer

suas tarefas. Sim, eu a joguei para fora! Ela não argumentou. Disse que estava feliz por ir! — não acrescentou que usara chantagem para convencer Gracie.

Ele não conseguiu dizer nada.

Kittie percebeu, mas não se importava.

— Se não fosse por ela, você já estaria casado comigo. Estaria com a vida arrumada — explodiu — Estou cansada de desfilar. Eu quero vir para casa e conviver com as pessoas certas, ter dinheiro para gastar, comprar o que eu quiser sem me importar com o preço, ter os melhores carros. Eu quero ser rica! E tudo que você quer é sentar e falar sobre Gracie — seus olhos brilharam — Bem, está certo, se você quer me expulsar, vá em frente. Como se eu quisesse morar com um homem que não consegue me tocar porque está pensando na meia-irmã!

— Cuidado com a boca — ele disse em um tom perigoso.

— Oh, que se dane. Vou pegar as minhas coisas. Chame um taxi para me levar ao aeroporto e compre a minha passagem de avião — ela disse rancorosa.

— Você tem sorte por eu não lhe processar — ele disse em um tom carregado de fúria — Você não tinha autoridade para destruir minha casa e botar fogo em minhas coisas.

Ela alisou o cabelo.

— Me processe — ela disse audaciosa — E eu contarei aos tablóides seu vergonhoso segredo! — disse sem pensar.

— O que você quer dizer? — ele franziu a testa — Que segredo? — deu um passo na direção dela. O brilho em seus olhos era perigoso.

Ela afastou-se.

— Isso é o que eu sei e o que você tem que descobrir — devolveu.

Ela virou e afastou-se. Jason observou com uma sensação de abismo na boca do estômago. Olhou ao redor e viu as ruínas de seu imaculado e de bom gosto lar e se amaldiçoou por sua própria estupidez.

DUAS HORAS DEPOIS, Kittie e seus empregados recentemente contratado estavam fora da propriedade. Kittie estava a caminho do aeroporto. Ela informou Jason de que gastara uma pequena fortuna na Neiman Marcus e ele receberia a conta, mas ela não daria nada de volta. Ele disse para ela guardar tudo com bom proveito. Ela entrou na limusine que Jason oferecera para levá-la ao aeroporto sem dizer uma palavra.

Os empregados voltaram para San Antonio em seus próprios carros. Jason teve uma enxaqueca que nunca sentira antes.

Esperou até que os convidados indesejados partissem para ligar para Barbara. Precisava estar com a cabeça fria para lidar com Gracie. Barbara saberia onde Gracie estava. Não sabia como começar a consertar as coisas que Kittie fizera. Havia também a angústia de tentar trazer a senhora Harcourt de volta, a mulher doce e amável que havia sido jogada para fora de casa como um sapato velho. A única coisa boa era que Kittie não tivera acesso ao rancho, ou precisaria estar repondo vaqueiros também.

O telefone tocou no café várias e várias vezes. Estava quase desistindo quando Barbara atendeu.

— Onde está Gracie? — ele perguntou brusco.

— Eu não sou a pessoa a responder — disse tristemente — Eu não sei onde ela está, Jason. Ninguém sabe.

— O que você quer dizer? — ele perguntou, o medo percorrendo seu corpo.

— Aquela sua noiva idiota ligou e disse que queria o carro de volta essa noite porque você estava chegando e ela não queria problemas por tê-lo emprestado para Gracie. Eu ia até San Antonio para trazê-la de volta. Gracie foi, mas nunca chegou ao seu destino.

O coração dele congelou no peito.

— O quê?

Barbara suspirou tristemente.

— Eu encontrei o carro na beira da estrada com a bolsa e o celular dela, há uma hora mais ou menos, quando eu fechei o restaurante e fui até San Antonio — ela hesitou — Eu liguei para a delegacia. O xerife Hayes acha que ela foi seqüestrada.

Ele sentou.

— Seqüestrada?

— Sim. Talvez você tenha escapado porque estava fora do país. De qualquer modo, aconteceram muitos seqüestros por aqui ultimamente. Há um ditador sul-americano escondido no México, perto da fronteira. Hayes acredita que ele possa estar no bando de Fuentes, mas não está lidando com drogas. Ele está usando os seqüestros para depor seu rival e voltar para o país. Ele não matou ninguém, mas ele deixou uma bela socialite mexicana em... bem... um modo machucado.

— Bom Deus! — Jasou gemeu, passando a mão pelo cabelo. Soubera sobre os seqüestros enquanto estava viajando, mas estava muito preocupado com os negócios para se focar nisso. Ainda, ele devia ter se mantido em estado de alerta. Afinal, tinha um vice-presidente que havia sido seqüestrado no México no ano passado e mal voltara vivo — Eles estão pelo menos procurando Gracie? Se não passaram vinte e quatro horas eles não vão preencher uma ficha de desaparecimento.

— Hayes Carson fez — Barbara respondeu brusca — Ele interditou os carros. Um dos homens de Cy Parks viu uma caminhonete e um carro em alta velocidade antes de saber o que estava acontecendo. Ele parou quando me viu ao lado da Thunderbird.

— Graças a Deus! Talvez eles possam pegá-los antes que eles atravessem a fronteira — respirou fundo — Por que você não ligou para mim? — perguntou com raiva.

— Eu liguei, mas aquele mordomo, ou seja lá o que ele disse que era, falou que você não estava e não sabia como lhe avisar. Eu não tinha o número do seu celular. Onde você está? Ainda está viajando? — perguntou.

— Eu cheguei há pouco tempo — disse tenso — Tive uns problemas com uns empregados que eu não contratei, sem contar uma casa destruída. Parecia que algum dono de bordel a tivesse comprado para negócios — acrescentou — Gracie não estava. Assim como todos. Kittie disse que havia pedido para que eles partissem — sua voz estava fria — Eu joguei os empregados na rua e terminei o noivado. Quero minhas pessoas de volta, mas não sei onde procurar.

— Eu tenho dois deles trabalhando comigo — Barbara disse — Eu não sei onde o senhor John está. A senhora Harcourt não conseguia falar com você.

— Que bagunça infernal! — ele rugiu.

— Sim, Jason, querido, e de quem é a culpa? — Barbara acrescentou com pura malícia na voz.

— Minha — ele disse em um tom deprimido — Arruinei tudo.

Barbara suavizou. Ele parecia alguém atingido por uma casa.

— Alguns desastres se dão por vencidos sem tentar.

— Não, aqui não — ele respirou fundo — Eu ligarei para algumas pessoas que conheço. Nós esperamos por uma ligação de resgate. Eu imagino que eles liguem, se ela foi raptada por ser quem era.

— Você não sabe quem ela é de verdade — Barbara disse baixo — Você nunca quis saber.

— Kittie falou sobre algum segredo de família. Ameaçou torná-lo público.

— Eu não estou surpresa. Gracie não me contou o que era, mas estava aterrorizada por causa da ameaça.

— O que está acontecendo, Barbara?

— Gracie é quem tem que dizer. É problema dela — houve uma pausa — Hayes Carson acabou de entrar. Ele diz que eles perderam o rastro na fronteira.

Ele praguejou.

— Me deixe falar com ele.

Barbara entregou o telefone ao homem, murmurando.

— Jason Pendleton.

— Olá, Jason — o xerife Hayes falou baixo — Desculpe ser o portador de más notícias. Eles pegaram Gracie. Tenho certeza de que haverá um pedido de resgate. Liguei para Garon Grier e Jon Blackhawk no escritório do FBI em San Antonio. Eles estão a caminho para investigar. Bem, Garon está. Jason disse que estava indo para sua casa com uma equipe com seguranças e para bloquear o telefone.

— Diga para ele vir logo — respondeu — Eu estou com os portões abertos. Deus, que horror!

— Ela nunca devia ter dirigido sozinha naquela estrada com um carro que era conhecido por ser seu, com seqüestradores rondando por aí — Hayes disse brusco — Ela não teve defesa. Não tinha nem uma arma. Era uma presa fácil. Por que você não mandou alguém para buscar o carro?

— Eu estava fora do país — disse brusco — Minha ex-noiva pediu para que Gracie o trouxesse para casa antes que eu chegasse, assim eu não saberia que ela deixara Gracie emprestá-lo.

— Garota gentil.

Ele respirou fundo.

— Eu poderia torcer o seu pescoço! Mas é minha culpa. Gracie saiu de casa por causa das mudanças. Assim como os outros empregados. Estou aqui sozinho, recém chegado de um vôo internacional, com uma casa arruinada e faminto. Nem sei aonde encontrar o café e a cafeteira.

— John os encontrará. Ele sabe cozinhar — Hayes disse — Ele cozinhará e fará o café — fez uma pausa — Talvez eu deva mandar o meio-irmão dele também. Ele é um agente também, mas ele está trabalhando sob disfarce aqui em Jacobsville como policial.

— Kilraven não entrará pela porta, então poupe seu fôlego — Jason disse brusco — Eu o conheço muito bem. É cabeça dura e não segue ordens. Eu não quero Gracie morta — a palavra o atingiu na cabeça. Gracie podia ser torturada, estuprada ou assassinada, e ele estava sentado ali sem saber como salvá-la. Sentiu uma onda de inutilidade atingi-lo com fúria — Você pode falar com Cy Parks e ver se ele e Eb Scott não me arrumam uma equipe? Dinheiro não é problema. Você também não precisa dizer ao escritório.

— Farei isso — disse baixo — Tenho grande respeito pelo FBI, mas eles são mais lentos do que eu gostaria. Gracie vai ser levada a uma das áreas mais perigosas do outro lado da fronteira. Uma garota gentil e protegida como ela... não quero nem pensar.

— Eu sei — as palavras eram como espinhos entrando em seu coração — Temos que pegá-la rápido.

— Falarei com Parks e ligo de volta.

— Estarei com o celular. Anote o número — ditou para o xerife anotar — Pode ligar a qualquer hora.

— Eu sei. Entrarei em contato — e desligou.

Jason sentou na poltrona que era desconfortável como o inferno, mesmo sem descanso para braços, e se amaldiçoou por sua falta de prevenção. Estivera tão envolvido nos negócios e vingança que não pensara no bem estar de Gracie. Ela era sua vida, e a colocara em risco. Fechou os olhos. Tudo que podia fazer era rezar. E rezou.

JON BLACKHAWK ERA TÃO alto quanto seu meio-irmão, Kilraven. Eles tinham os mesmos olhos cinzentos e cabelo preto, exceto que Jon usava um elegante rabo de cavalo. Vestia um terno cinza e parecia muito elegante. Os rumores eram de que os meio-irmãos possuíam metade de um distrito em Oklahoma.

Ele arqueou uma sobrancelha quando Jason abriu a porta.

— Uma casa desse tamanho, e você abre as portas?

— Eu acabei de demitir os empregados — Jason murmurou — Vamos, entre.

Jon olhou ao redor e piscou.

— Bom Deus!

— Foi o que eu disse quando vi. Minha ex-noiva decidiu redecorar o maldito lugar. Vou gastar uma pequena fortuna para colocar tudo de volta no lugar — caminhou até a cozinha — Aprendi a cozinhar no exército, mas a maioria eram cobras, lagartos ou coelhos, e estou muito cansado para

caçar — acrescentou brincalhão — Hayes Carson disse que você cozinha. Eu não como desde o café da manhã, e isso foi em Amsterdam enquanto eu estava em uma conferência.

Blackhawk sorriu divertido. Tirou a jaqueta e procurou um guardanapo. Colocou um da senhora Harcourt sobre o corpo ágil e elegante e começou a procurar comida, café e utensílios. Achou uma frigideira.

— Posso fazer uma omelete. Café?

— Por favor — Jason disse obscuramente — Eu preferia ficar bêbado, mas isso não vai ajudar.

— Não, não vai — Blackhawk concordou — Os problemas só pioram quando você tenta evitá-los. Se serve de consolo, esse homem, Emilio Machado, tem muito respeito pelas mulheres. Um de seus homens estuprou uma refém. Machado lhe deu um tiro na cabeça.

Jason relaxou um pouco.

— Tem mais uma coisa. Gracie é... bem, ela não é de festas. Foi protegida e é muito ingênua.

— Meu tipo de garota — Blackhawk disse gentil — Odeio essas mulheres modernas que não pensam em nada a não ser casar-se com um homem depois de acabar de conhecê-lo.

— Retrocesso — Jason murmurou.

— Pode acreditar — o homem repetiu — Na verdade eu venho de uma cultura unicamente moral.

— Continue — Jason disse intrigado.

— Meu pai era um Lakota Sioux. Herdou uma fortuna de negócio petrolífero de seu pai, que tinha terras em Oklahoma. Minha mãe, entretanto, é uma Cherokee misturada com Irlandesa — balançou a cabeça — Parte de mim adoraria beber. A outra me lembra constantemente que eu poderia me tornar um alcoólatra em dois segundos.

— Culturas interiores incompatíveis.

— Sim, como meu meio-irmão.

— E a mãe dele?

— A mãe dele era branca. Está morta — acrescentou baixo em um tom que não permitia especulação.

— Vocês tinham o mesmo pai? — Jason perguntou confuso.

— Sim. Nosso pai foi um agente do FBI que trabalhava em San Antonio. A mãe de Kilraven se casou com ele primeiro e teve meu irmão. Ele é dois anos mais velho do que eu. Então seu pai se casou com minha mãe. Nós dois somos Blackhawk, mas Kilraven adotou o nome da mãe quando começou a trabalhar disfarçado. Nós somos meio-irmãos, mas somos iguais.

— Sim, são mesmo.

A campainha tocou no momento em que Jason estava retirando os ovos do congelador. Jason atendeu a porta. Três homens vestindo terno estavam parados. Um era familiar.

— Kilraven... — Jason começou brusco.

Kilraven levantou uma mão.

— Seu cunhado, Ramirez, já me deu um sermão sobre cumprir ordens — ele interrompeu — Ele joga xadrez com meu chefe. Eu não posso decepcioná-lo.

Jason gemeu.

— Rodrigo e Glory. Eu não liguei para eles.

— Não precisa. Ramirez já sabe. Ele disse para mantê-los avisados — levantou a cabeça e fungou — Omelete? — ele parecia faminto — Eu não jantei. Eles — apontou para os dois agentes atrás dele — Não quiseram parar em um fast-food no caminho.

— Nós estávamos com pressa — o mais velho disse.

Jason deu um risinho.

— Tudo bem, entrem. Seu irmão está cozinhando — ele disse a Kilraven.

— Isso vai ser uma festa — Kilraven comentou — Ele fez um curso de culinária. Já estou com água na boca.

— Temos muita comida, se um de vocês fizer o bacon.

Kilraven ergueu a mão.

— Eu sei fazer. Improvisarei — acrescentou passando por Jason — Quem pode fazer torradas?

Jason deixou os outros agentes entrarem e fechou a porta. Todos caminharam até a cozinha.

— Eu mesmo faço, se o seu irmão encontrar o pão e a manteiga. A casa foi destruída enquanto eu estava fora.

Kilraven fez uma careta enquanto eles passavam pela sala de estar.

— Alguém poderia lhe prender por essa monstruosidade.

— Com certeza — Jason devolveu — Vamos. Jon, você pode alimentar mais três?

Jon olhou para eles e sorriu.

— Claro. Acrescentarei mais ovos — olhou para o irmão e deu um risinho — Eu ouvi você se oferecendo para fazer o bacon?

Kilraven dobrou as mangas.

— Pode apostar. Onde está?

— Nós precisamos de pão, manteiga e canela também. E pratos.

— E garfos — um dos agentes sugeriu.

— E eu que pensava que omelete era para se comer com a mão — Kilraven zombou.

— Enquanto nós trabalhamos aqui, vocês dois arrumem as coisas na sala de estar — Jon disse aos agentes — Estamos esperando por uma ligação em breve.

Eles concordaram. Um deles carregava uma mala que parecia cheia de equipamentos eletrônicos. Foram até a sala e começaram a desocupar a mala.

Os outros três trabalharam divertidos na cozinha e serviram o jantar. Eles estavam terminando a segunda rodada de café quando o telefone tocou repentinamente.

ELES CORRERAM EM DIREÇÃO à sala de estar. Os dois agentes sentaram em uma mesa carregada de equipamentos eletrônicos. Jon indicou o agente que estava monitorando a ligação e disse para Jason atender.

— Pendleton — ele disse brusco.

— Nós estamos com sua irmã — uma voz com sotaque respondeu — Nós ligaremos de volta em alguns dias para negociar o resgate. Não envolva o FBI. Nós estamos de olhos. Se eles interferirem, ela morre e nós não ligamos de volta — ele desligou.

Jon observava o rosto de Jason.

— Não acredite em tudo que você ouve — ele disse baixo — Nós sabemos o que estamos fazendo.

Assim como ele. Sabia que se não salvassem Gracie em vinte e quatro horas, não salvariam mais. Os seqüestradores disseram que ligariam depois de alguns dias. Estava muito preocupado. Esperava que Cy Parks convocasse uma equipe e fosse atrás dele. Esse equipamento de alta qualidade era muito bom, mas os seqüestradores não estavam com pressa e eles precisavam de uma ação rápida, antes que Gracie se tornasse uma estatística.

GRACIE ENTROU EM UMA CABANA, com o som de uma guitarra tocando uma melodia em algum lugar próximo. Era bela, como a sinfonia de um instrumento harmônico e reverência. Imaginou quem estava tocando.

Sentou. Estava com as mãos amarradas, atrás dela, mas não estava mais encapuzada. Sentia-se embriagada. Recordou, vagamente, uma agulha sendo enfiada em seu braço enquanto era retirada do carro de Jason por dois homens baixos e fortes. Perto dela, um garotinho em roupas em pedaços estava sentado na porta, observando-a. Tinha grandes olhos castanhos.

— Como se chama? — ela perguntou suavemente.

Ele a encarou piscando. Foi uma surpresa ver a falta de compreensão em seus olhos. Ele não entendia espanhol. Imaginou se ela era um Maia. E então imaginou onde estava. Os Maias viviam em uma península do México. Ela estava ali?

— Honee bot may! — ela disse arrastadamente, usando o pouco do dialeto maia que aprendera com Barbara. Havia muitos dialetos maias. Este, significava olá. Esperava não estar assassinando a pronúncia.

O garoto repentinamente sorriu de orelha a orelha.

— Honee bot may — ele disse timidamente. Disse mais alguma coisa, mas ela não entendeu. Ele saiu pela porta. Segundos depois, a guitarra silenciou. A cortina que era usada como porta foi empurrada para o lado quando um homem alto e forte entrou, sorrindo para ela.

Ele era muito bonito. Tinha grandes olhos castanhos em um rosto quadrado, com cabelos negros indisciplinados. Tinha um nariz reto e bochechas altas, um queixo quadrado, e uma boca grande e sensual. Tinha ombros largos e rudes, parecendo mais um lutador do que um vaqueiro. Sua pele era morena clara. Tinha um porte altivo.

Ele sorriu enquanto a observava.

— Então você acordou. E Angel disse que você fala Maia.

— Apenas uma palavra — ela respondeu, o tom hesitante — Mas sei falar espanhol.

— Eu também. Meu nome é Machado. Você deve ter ouvido falar de mim? — Acrescentou quando ela pareceu reconhecê-lo.

— Sim. Nós ouvimos falar que você estava com os irmãos Fuentes. E que você era um ditador de um distrito na América do Sul, mas havia sido deposto e exilado.

Ele deu de ombros.

— Uma aproximação com a verdade, mais não tão próxima. Entretanto — ele acrescentou, e os olhos escuros brilharam — Logo meu Nêmesis vai lutar para manter sua posição. Eu preciso ganhar dinheiro para cotratar o tipo de talento que preciso para recuperar meu antigo posto.

— Você me seqüestrou.

— Sim, seqüestrei — ele disse em um tom de desculpas — Estou desesperado por dinheiro e achei que esse era um... modo mais rápido de obter do que vendendo drogas para jovens que precisam roubar para manter o vício — acrescentou em um tom frio.

— Você é parceiro dos irmãos Fuentes — disse friamente — Eles matam policiais e jornalistas.

— Insetos — ele disse enojado — Eles não são parceiros. Eu permito que eles ocupem territórios por aqui sem arrancar suas gargantas. Isso é tudo.

Ela inclinou a cabeça, curiosa.

— Aqui? Onde é aqui? — perguntou olhando ao redor — O garoto fala maia. Nós estamos em Yucatán?

— Não, não — ele respondeu — Apenas no norte da Sonora, logo após a fronteira do Texas. Conveniente para os melhores alvos para apropriação — americanos ricos — ele acrescentou com um sorriso travesso.

Ela o encarou.

— Seqüestro é um crime federal nos Estados Unidos. Um crime capital.

Ele levantou uma mão.

— Por favor, não cite a lei para mim. É tão deprimente ser reprimido pelos ideais morais dos imperialistas.

Ela prendeu a respiração.

— Nós não somos imperialistas.

Ele fez um som estranho com a garganta. Ela mexeu-se desconfortável e ele curvou a boca. Ajoelhou-se ao lado dela e pegou uma chave para abrir as algemas.

— Bárbaros, amarrarem você desse jeito — ele disse — Peço desculpas. Eu disse para eles serem gentis. Uma mulher de qualidade não deve ser tratada rudemente.

Ela riu.

— Mulher de qualidade? Eu cresci nos subúrbios de El Paso — ela disse, sentindo-se próxima do estranho com quem dividia coisas que nunca contara a Jason — Sem dinheiro, um pai brutal que bebia e batia em minha mãe e em mim, e que foi morto por um tipo enquanto segurava uma arma

contra minha cabeça e ameaçava me matar se minha mãe o abandonasse. Isso soa como qualidade para você? — acrescentou.

Ele ficou surpreso.

— Mas você é uma Pendleton.

— Eu sou uma Marsh — corrigiu — Meu meio-irmão é um Pendleton. Ele tem o dinheiro. Eu deixei a casa dele. Trabalho para comer e vivo economicamente. Eu não tenho dinheiro. Então se você espera por um resgate, você conseguirá mais dinheiro vendendo os ovos daquelas galinhas — ela acrescentou, indicando algumas galinhas que vira na sujeira próxima à casa de adobe.

— Ele é seu meio-irmão. Ele certamente ama você e pagará para tê-la de volta — ele insistiu.

Ela respirou fundo.

— É mais provável que ele diga para você fazer o pior — disse pesadamente — A noiva dele me odeia. Ela se livrou de mim porque ameaçou contar um segredo de família que ele desconhece — acrescentou — Ela me ouviu contando sobre o meu passado e Jason não tem idéia de onde eu vim. Aquela víbora usa de chantagem para conseguir o que quer. Embora eu tenha certeza de que ela irá contar tudo para ele apenas por diversão — seus olhos encontraram os dele — Eu sei que alguns dos reféns que foram seqüestrados morreram — ela disse sem recuar.

Ele a encarou.

— Eu não mato mulheres — ele informou — Quando à mulher, um dos homens de Fuentes decidiu que a queria e a forçou a aceitá-lo. Quando eu soube, atirei nele. Eu não tolero tal comportamento. Nem mesmo quando eu era o general de meu país.

Ela ficou menos assustada.

— Seu irmão não ia lhe querer se ele soubesse sobre seu passado? Tem certeza?

— Absoluta — suspirou. Deu um sorriso triste — Então, General, você conhece a expressão sobre comprar um porco em uma briga? Porque é isso que você fez. Falando figuradamente!

Capítulo 7

O GENERAL EMILIO MACHADO foi avisado que havia sido feito contato com Jason Pendleton, e esperou alguns dias decidindo o que fazer. Finalmente mandou o pedido de resgate a Jason através de um intermediário, um oficial do governo mexicano na província de Sonora. Gracie ouviu tudo. Imaginou se Kittie se oporia ao pagamento de sua rival, e decidiu que provavelmente sim. Kittie era uma das mulheres mais maliciosas que Gracie já conhecera. Mas Jason era leal as pessoas, mesmo que não gostasse delas. Ele pagaria o resgate, pelos velhos tempos. Ele e Gracie haviam brigado e se separado, mas ele ainda a considerava família. Não a abandonaria. Pelo menos esperava.

Mas mesmo assim, havia uma chance de ele hesitar. Se, por algum motivo, Kittie contara a ele a verdade sobre sua meia-irmã. Nesse caso, Jason podia não se sentir obrigado a fazer nada. Não sabia como seu captor poderia reagir a isso. Apesar de sua atitude gentil, devia ter um lado cruel para ter conquistado toda uma nação. O homem gentil que amava crianças provavelmente era mortal por trás de uma arma e não hesitaria em matá-la.

Preocupou-se por Barbara, sem mencionar a senhora Harcourt e Dilly. Elas estariam preocupadas e temeriam por ela. Desejou ter um modo de avisá-las que estava bem no momento. Mas quanto isso duraria, realmente não sabia.

SE ELA ESPERAVA RESULTADOS RÁPIDOS, ficou desapontada. Um dia passou, então dois, três, e uma semana sem nenhuma notícia do outro lado da fronteira. Gracie imaginou que a burocracia era lenta e um número de agentes deviam estar envolvidos. O FBI, com certeza. Ou não estariam? Era um seqüestro internacional. Eles mandariam a CIA ou do departamento de defesa ou a NSA? Bem, pensou, podia ser perdoada por sua ignorância no assunto. Nunca havia sido seqüestrada antes.

Seu medo por Machado lentamente foi se dissipando. Ele a tratava com cortesia e respeito. E estranhamente, deixou que ela andasse por lá. Isso causou algumas discussões entre ele e o grupo de Fuentes, particularmente um homem jovem e entroncado. O mesmo homem que freqüentemente lançava olhares a Gracie que a faziam estremecer. Apesar da gentileza de Machado, esse era um campo de criminosos. Esses homens haviam matado e fariam novamente com a menor provocação.

Primeiro, pensara na idéia de escapar, mas não por muito tempo. Homens com pistolas automáticas patrulhavam o vilarejo, que era rodeado por acres e acres de terra seca, com muitas cobras e escorpiões. Mesmo um veterano em combates com técnicas de sobrevivência seria intimidado lá, quanto mais Gracie. Pela primeira vez, estava consciente da vida que levava, protegida, isolada de elementos degradantes da sociedade, mantida afastada do dia-a-dia sofrido dos pobres. Seu trabalho de caridade era idealista, e ela não sabia muito sobre pobreza, mas os últimos anos haviam suavizado e a tornado menos atenta ao que era viver sem educação e oportunidades.

Se sobrevivesse a essa experiência, decidiu, iria aprender mais e se tornaria mais envolvida com o mundo para sua própria segurança. Já estava aprendendo um pouco com sua nova vida, onde se misturava com trabalhadores comuns. Podia ver os resultados da pobreza. Estava começando a entender o que seria de sua vida se sua mãe não houvesse se casado com Myron Pendleton.

Sentia arrependimento, pois ela e Jason nunca se aproximariam novamente. Kittie conhecia segredos que podiam destruir Gracie. Não hesitaria em usá-los. Gracie podia tentar explicar seu passado a Jason, mas duvidava que ele fosse escutar. Ele via Kittie como a lua no céu. Como era doloroso. Kittie já se livrara de todas as pessoas com que Gracie se importava, e roubara Jason. Gracie tinha uma vida nova. Era dura e solitária, apesar da amizade e apoio de Barbara. Kittie moraria em sua casa com Jason, divertiria seus amigos, iria a concertos e balés com ele. Gracie viveria nas sombras de sua vida e nunca mais iria a leilões em celeiros ou correria pelo rancho. Ele a odiava pela atração física que sentia. Nem ao menos sabia por que ela o afastara. Ela que o amava mais do que a própria vida.

Ficou aflita peça que estava perdido, mas sua situação imediata tomou a dianteira. Eles a matariam se o resgate não fosse pago? O perigo a mantinha acordada e tirava seu apetite. Machado percebeu e veio visitá-la na pequena casa de adobe onde ela morava com uma mulher e uma criança que pareciam pertencer a organização Fuentes.

— Você acha que nós iremos lhe matar se não conseguirmos o resgate — ele adivinhou, observando os olhos dela arregalarem-se — Eu posso lhe assegurar que isso não irá acontecer.

— Meu meio-irmão ajudou em uma operação que fez com que Fuentes perdesse um grande carregamento de cocaína e foi instrumental na morte de um irmão e na prisão de outro — disse triste — Ele quer vingança.

Os olhos dele brilharam.

— Muito bem. Mas o poder aqui está em minhas mãos, não nas dele — respondeu — Você vê aqueles homens, señorita? — Ele perguntou, e indicou um grupo de soldados com roupas camufladas carregando armas automáticas — Eles não pertencem a Fuentes, e matariam ele ou um de seus homens se eu mandasse.

Ela relaxou um pouco.

— Tudo bem.

— Não se preocupe — ele disse com humor — Ele tem as suas prioridades. Eu tenho as minhas. Era conveniente fazer um acordo aqui na fronteira. Mas ele tem menos homens do que eu, e os meus são soldados treinados. Está mais claro?

Ela respirou fundo e sorriu.

— Sim. Obrigada.

Ele deu de ombros.

— Eles a querem de volta viva e segura, e é como você vai retornar para eles. Eu lhe dou minha palavra como oficial e cavalheiro — acrescentou com sinceridade — No meu país, isso significa algo.

— No meu também — ela respondeu.

Ele concordou e olhou ao redor quando uma mulher baixa com cabelos negros até a cintura entrou com o garoto, Angel. Ela ergueu a cabeça sorrindo timidamente.

— Con permiso? — perguntou hesitante antes de entrar.

— A su servicio, señora — ele disse, e sorriu para ela, o que a ruborizou.

O general piscou para Gracie e os deixou sozinhos.

GRACIE FEZ AMIZADE COM a mãe do pequeno Angel e logo brincava com a mulher, que falava espanhol e maia. As pessoas com Machado não eram descendentes dos astecas que se agruparam na cidade do México, mas imigrantes da América Central. Seus ancestrais eram os maias, o que veio como uma agradável surpresa para Gracie, que era fascinada por suas culturas.

A vida no campo para essas mulheres consistia em cultivar milho, fazer tortillas, cozinhar e, claro, cuidar das crianças. Gracie as ajudava na plantação, trabalhava animadamente enquanto ela e Josita, a mãe de Angel, falava sobre crianças, tempos difíceis no México e os perigos da fronteira.

As crianças brincavam ao redor dela, fascinadas com seu cabelo loiro. Ela ria e contava histórias a eles sobre Kukulcán, a famosa serpente de lendas, assim como contos de conquistas maias e a história da cultura avançada que presenteara a astronomia e os calendários. Dia a dia, sentia-se mais confortável com os capturadores, e atraía mais jovens, também ansiosos para ouvirem suas histórias.

Mesmo assim, sentia falta de Jason e de Jacobsville. Uma tarde, ao redor da fogueira, o próprio general sentou-se para ouvi-la contar sobre jogos que significavam vida ou morte para times opostos.

Quando as crianças finalmente foram para suas camas, o general ficou.

— Eles estão fascinados com os seus contos — ele disse — Seu espanhol é elegante. Com um pouco de sotaque — ele brincou.

Ela riu.

— Eu aprendi com um professor francês, então não é minha culpa.

Ele concordou.

— Eu entendo — ele inclinou a cabeça e estudou Gracie — Você não tem medo de mim.

Ela balançou a cabeça enquanto alisava a areia onde estava sentada.

— Eu vejo o modo como você trata as crianças — disse simplesmente — Elas a amam. É difícil enganar uma criança.

Ele sorriu.

— Eu gostaria de ter uma família, uma grande, com muitos filhos e filhas. Aliás, eu passei a minha vida em batalhas. Não tinha tempo para uma mulher. Não uma permanente, pelo menos.

Ela entendeu a insinuação. Ele parecia um homem que conhecia intimamente as mulheres. Ele a olhava de um modo que era mais encorajador do que intimidante, apesar de sua falta de experiência. Ele pareceu perceber quão nervosa ela estava, e agradar-se por isso.

— Você tem uma aparência jovem, mas você já deve ter mais de vinte anos — ele disse surpreendentemente — Você não teve oportunidade de casar?

— Na verdade não — respondeu — Eu não... me entendo muito com os homens.

— Por causa de seu pai.

— Por causa do modo como ele tratava minha mãe. Ela dizia que todos os homens eram animais quando tinham uma mulher.

— Eu posso entender porque você ache isso — ele disse em um tom profundo e suave como seda — Mas não é verdade. Alguns homens são animais. Não todos.

— Ela pensava que meu pai não era. Foi enganada.

— Uma mentira que teve tristes conseqüências não só para elas, mas para sua filha também. Ela ainda vive?

— Não. Pouco depois de casar com pai de Jason, ela bateu com o carro em uma árvore e morreu na hora. Eles acham que foi um acidente, que ela perdeu o controle. Eu sei que não. Mas

nunca falei sobre isso — os olhos cinzentos encontraram os dele através da fogueira — É tão estranho eu conseguir falar sobre isso com você, quando nunca toquei no assunto com Jason.

— Minha opinião não é tão importante para sua felicidade como a dele seria.

Ela riu suavemente.

— Você é muito perceptivo.

— Você o ama — ele disse gentil — E não como irmão.

O rosto dela fechou-se como um girassol.

— Por mais que isso me faça bem — ela disse — Ele não sente o mesmo por mim.

— Um homem cego — ele marcou — Triste para ele. Você tem qualidades que são admiráveis, sem contar a sua tolerância a se adaptar a diferentes estilos de vida. Eu não ouvi você dizer durante nenhum momento que era uma pena as pessoas viverem nessa miséria.

— Não é miséria! — ela protestou — Elas são felizes aqui. Não tem muitos bens materiais, mas amam seus filhos e dão valor à família. Não são obcecados por riqueza. Eles vivem com a natureza, não tentam controlá-la. Um dia — ela disse filosoficamente — Se o nosso sistema tecnológico for destruído, serão pessoas como essas que nos tirarão da escuridão e nos ensinarão a viver em um mundo que não será controlado por máquinas.

Ele riu cheio de prazer.

— Você fala da lenda do deus da chuva.

Ela iluminou-se.

— Sim! Você a conhece?

— Toda cultura indígena tem uma história sobre ele.

Ele inclinou a cabeça e sorriu para ela.

— Você ama história.

— Com certeza — confessou com um sorriso tímido — Tenho um diploma e espero dar aulas um dia.

— Você tem o dom — ele sorriu — Estou espantado com a fascinação que as crianças sentem por você — ele disse — Isso lhes dá orgulho por ser quem são — Algo que infelizmente está em falta na sociedade em que vivemos.

— Orgulho e auto-estima são a chave para o sucesso — ela disse — Muitas culturas foram destruídas por conquistadores...

— Ah, agora você fala da sua própria cultura imperialista — ele brincou.

Ela fez uma careta.

— Você a chama de imperialismo — nós chamamos de proteger a democracia. A verdade é subjetiva.

Ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Sim. Isso é verdade.

Próximo dali, um guitarrista trocava as músicas e agora tocava uma música romântica em espanhol. Para surpresa de Gracie, Machado começou a cantar, a voz profunda sedutora e contagiante na escuridão. Gracie ficou em pé, escutando, deliciada com o talento dele. A música era sobre um homem que adorava uma garota, mas não tinha dinheiro. Ele a perdia para um rancheiro rico e lembrava-se dela toda vez que ouvia a chuva, como lágrimas, em seu telhado.

— Você canta muito bem — ela disse quando a música terminou — Se você não fosse um ditador, poderia ser um cantor famoso.

Ele deu um risinho.

— Eu canto para meu próprio prazer. Mas comparado a governar um país, niña, não é nada. Eu tenho um vício pelo poder.

— Um vício comum aos homens, pelo que percebi — suspirou, os pensamentos retornando a atual situação.

Hesitou.

— Você já falou com Jason? — perguntou preocupada. Fazia a mesma pergunta durante todos os dias da semana, e ele dera respostas nebulosas. Seus nervos estavam começando a matá-la.

Ele checkou as horas no relógio de pulso.

— Prometeram uma resposta hoje. Meus homens devem estar fazendo contato agora. Acho que as notícias de seu irmão chegarão logo. Você deve estar ansiosa para ir para casa.

— Um pouco — ela disse com um sorriso — A noiva de Jason deve estar reclamando sobre o dinheiro que ele terá que pagar por mim, e eu não sei como ele reagirá. Além de minhas melhores amigas, acredito que as únicas pessoas que ficarão felizes por me ver serão os agentes federais que organizam o resgate. Será bom para eles me recuperar viva e inteira.

— Com certeza — ele respondeu — Essa noiva... Você acha que ele a ama?

Ela suspirou.

— Eu não sei. Parece que sim. Ele ficou do lado dela contra mim e todos os empregados — moveu-se cansada — Jason não é assim. Especialmente com a senhora Harcourt. Ela está com ele desde que ele nasceu.

Ele balançou a cabeça.

— Uma mulher sedutora pode acabar com um homem, mesmo um mais velho. Mas a paixão queima e então se apaga — ele acrescentou reconfortante — Dê tempo. Ele verá a luz.

Ela riu divertida.

— Eu não prenderei a respiração.

— Pessimista — ele acusou — Você tem que esperar milagres, *niña*, ou nunca verá um.

— Eu os vejo toda hora. Apenas a minha relação com Jason não está dando certo.

— As coisas mudarão. Você verá.

— *General!* — uma voz profunda chamou — Tem um homem no telefone querendo falar com você!

— Você não tem um celular? — Gracie perguntou surpresa.

— Cinco — ele disse sorrindo — Eles não podem ser rastreados. Muito para carregar comigo, entenda. Eu tenho homens para fazer isso por mim — ele ficou em pé — *Con permiso* — disse com respeito, e se afastou.

TALVEZ FOSSE JASON, Gracie pensou esperançosa. Não estava sendo maltratada, mas estava nervosa sobre as intenções dos seqüestradores. Um deles, o mais baixo que pertencia ao bando de Fuentes, a observava constantemente. Ele tinha os braços cobertos por tatuagens. Era musculoso e brutal, e ela tinha medo dele. Queria ir para casa.

Cruzou os braços contra o ar frio da noite. Onde estava sentada, em uma cadeira no final da varamda, não havia muita iluminação. As crianças que estavam escutando suas histórias haviam ido para a cama e estava sozinha enquanto Machado falava com alguém.

— Então você está sozinho, em? — uma voz fria e seca murmurou atrás dela — Eu esperei por esse momento.

Ela virou-se, o rosto pálido enquanto via o homem em quem estivera pensando se aproximar dela.

O FBI ESTAVA NEGOCIANDO tudo, mas o seqüestrador continuava insistindo que precisava de mais dinheiro do que estava sendo oferecido. Ele também estava atento as armadilhas. Queria seguros, garantias de condução segura, não queria observadores e dispositivos.

Jon Blackhawk jogou o celular contra a parede depois de uma ligação. Ele praguejou. Muito alto.

— Você não pode jogar equipamentos do governo dessa maneira, não quando está em operação — Kilraven disse apontando o dedo para ele.

— Isso é frustrante! — Jon exaltou-se.

— Eu mesmo gostaria de acertar algumas pessoas — Jason disse asperamente. Ficou em pé.

— O que eles querem dizer com mudar a figura a cada ligação?

— É só obstrução — Jon disse pesadamente — Eu odeio isso também. Eu sei que você está preocupado. Não gosto do tempo que estamos perdendo também. Mas é a única opção que temos agora.

Kilraven torceu os lábios e observou Jason com uma expressão estranha.

— É mesmo?

Jon estacou na frente de seu irmão e o encarou.

— O que você sabe? Está acontecendo algo que você não me contou?

Kilraven deu um sorriso inocente.

— Eu? Estou aqui para representar minha própria agência — ele disse — Não tenho permissão para interferir — acrescentou com um sorriso angelical.

— Como você não interferiu quando Rodrigo foi preso pela gangue de Fuentes?

— Aquela foi uma situação especial — Kilraven protestou — Eles o matariam por vingança. Esse grupo não tem nada contra Gracie.

Jon relaxou um pouco.

— É verdade. Hammock, veja se eu quebrei o telefone, certo? — ele disse a um dos homens — Eu não queria fazer isso.

Hammock o pegou do chão, apertou um botão e o colocou na orelha. Em seguida deu um risinho.

— Eles devem ter feito especialmente para você, chefe — entregou o celular de volta a Jon. Não estava nem riscado — Belo aparelho.

Enquanto os dois irmãos continuavam trocando farpas, Jason foi até o pátio, erguendo o rosto para o ar frio da noite. Durante dias, havia sido otimista, acreditara que Gracie voltaria. A esperança estava acabando. Ele nunca deixaria de se culpar. Empurrara Gracie diretamente para a linha de fogo quando permitira que Kittie a expulsasse de sua própria casa. Não era do feitio de Gracie deixar aquilo acontecer. Como Kittie teria conseguido? Certamente Gracie teria ligado para ele, perguntado se aquilo era mesmo seu desejo. Relembrando a briga sobre o gato, entretanto, não podia ter certeza.

Seu pequeno ato de vingança acabara tragicamente, e Gracie pagaria pelo seu ego ferido. E se os seqüestradores pretendiam pegar o dinheiro e ficar com ela? Pior, e se eles já tivessem a matado? Eles diziam que se as pessoas não fossem resgatadas nas primeiras vinte e quatro horas, as chances de resgatá-las eram pequenas. Sentiu o pânico o dominando. Se Gracie morresse, não teria motivo para ficar vivo. Não teria mais nada. Não teria...!

Uma mão pousou em seu ombro.

— Pare com isso — Kilraven disse firme — Torturar-se não vai ajudar.

— Nada parece ajudar de qualquer maneira — Jason disse sombriamente — Merda!

Kilraven aproximou-se enquanto Jon discutia planos com os dois agentes.

— Eles estão se preparando para agir — disse baixo — Eles não podem saber — acrescentou indicando os outros — Não é uma ação sancionada. Mas do modo como os seqüestradores estão se comunicando, Gracie estaria morta antes deles entrarem em contato. Nós temos que agir.

Os olhos de Jason estavam cheios de angústia.

— Diga que eles não a deixarão na linha de fogo. Prometa!

— Eb Scott mandou o melhor. Trabalhei com eles quando Rodrigo foi capturado. Ela não entrará na linha de fogo. E eles a trarão para casa.

Jason relaxou um pouco.

— Eu odeio essa burocracia.

— Assim como Jon — Kilraven disse — Mas ele é certinho, assim como nosso pai era. Minha madrastra quase ficou louca tentando apresentá-lo às mulheres. Ele é muito puritano.

Jason virou-se e o encarou.

— Você não bebe, dorme com qualquer uma, não joga, e ainda diz que ele é puritano?

Kilraven piscou.

— Eu não sou puritano — ele disse alto para que os homens na sala ouvissem.

— Sim, ele é — Jon disse da porta.

— Eu fumo cigarros! — Kilraven informou.

— Um cigarro por ano não é fumar, e você é puritano.

Jon deu um risinho, apreciando o desconforto do irmão.

— Nós vamos fazer uma pausa — Jon disse a Jason — Talvez eles liguem de volta em um hora e nós possamos descobrir algo. Sinto muito. Negociações são um inferno. A maioria de nós prefere sair atirando — ele acrescentou com um olhar significativo para o irmão — Mas esse é o modo mais seguro.

— Claro que é — Kilraven concordou — Note que eu estou aqui, ao invés de estar em algum vilarejo do outro lado da fronteira, camuflado e carregando uma pistola automática.

— Eu percebi — Jon disse irritado — Isso não quer dizer que você não está em conjunto com alguém que estpa.

Kilraven apenas sorriu.

O HOMEM SUBIU os degraus da varanda vindo do canto da casa, rindo friamente quando Gracie ficou em pé e decidiu se tinha uma chance de alcançar a porta antes que ele a pegasse.

A esperança evaporou no instante em que ele a segurou pelo braço. Ele era musculoso, como se trabalhasse com pesos o tempo todo. Gracie não tinha conhecimento de que seus bíceps e tatuagens eram resultados de seu período na prisão. Somente sabia que ele era mais forte do que ela, e que isso terminaria mal. Não tinha treinamento em artes marciais, exceto pelo que aprendera com Marquez no tempo em que ele passava na casa de sua mãe, Barbara. E não era muito.

Entretanto, lembrava de um golpe. Enquanto o homem se inclinava em sua direção, fechou as mãos em punho e o atingiu onde conseguia.

Ele a soltou, amaldiçoando e gemendo. Funcionara! O alívio a dominou e então percebeu que só tornara a situação ainda pior.

— Erro grande — ele grunhiu, uma mão tocando seu seio, a outra segurando suas nádegas enquanto abria a boca.

— Socorro! — ela gritou se retorcendo.

A mãe de Angel ouviu e veio até a porta, estacando apavorada.

— Vaya! — o homem ordenos, e ela voltou.

Gracie ouviu a porta sendo fechada e soube que estava perdida.

Enquanto o homem a dominava, tentou lembrar os outros golpes que Marquez lhe ensinara. Se ao menos... conseguisse... soltar... as mãos!

Sim! Ela as soltou e bateu nas orelhas do homem. Ele explodiu de dor e raiva. Ela soltou-se e correu, as pernas longas a direcionando ao meio do pequeno povoado.

— Socorro! — ela gritou — Socorro!

Provavelmente o bando de Fuentes apenas olharia e riam dela enquanto o homem a estuprava, pensou em pânico, mas talvez os homens armados sentissem pena dela e viessem ajudar. Ou não. Seu coração batia selvagememente, a respiração ofegante enquanto tentava encher os pulmões de ar. Nunca se sentira mais assustada durante toda sua vida. Se Jason estivesse lá para protegê-la... não estaria nessa situação. Agora sua vida estava em risco. Preferia literalmente estar morta. Tentou correr mais rápido, mas escutou passos se aproximando. Não pararia de correr. Mas sabia que havia perdido a batalha. Não havia uma pessoa próxima. Não havia ajuda.

O homem recobrou o senso, assim como a audição, e a alcançou no momento que ela chegou a uma loja de doces.

Ele a virou e rudemente a jogou no chão.

— Agora — ele grunhiu — Você vai pagar por lutar contra mim!

Capítulo 8

GRACIE TENTOU CHUTÁ-LO, mas ele era muito forte. Estava sem fôlego, fraca e com medo. Estava perdida. Não havia esperança. Mas enquanto permanecia deitada, à mercê de um homem, algo cresceu dentro dela com fúria. Estava cansada de ser uma vítima. Bem, esse criminoso podia matá-la, mas ela lutaria. Sua mãe estava certa. Alguns homens eram animais. Mas esse pagaria um preço caro pelo que estava prestes a fazer.

Movendo-se com indignação, virou a cabeça e repentinamente o mordeu na bochecha. Sentiu o sangue em sua boca quando ele levantou a cabeça. Ele gritou, pressionando os dedos contra a bochecha. Sentiu o sangue. Ele praguejou e armou um soco.

— Vá em frente covarde — ela disse — Bata em uma mulher! Mostre ao mundo que homem bravo você é.

O escárnio o atingiu em cheio. O homem, ainda furioso, levantou o pulso para atingi-la. Ela juntou os dentes, esperando pelo golpe, mas não fechou os olhos. Provocou-o a bater nela. Se ele aproximasse o rosto, arrancaria seu nariz fora da próxima vez!

Antes que o homem tivesse uma chance, um estranho flash de luz piscou em algum lugar. Uma batida, como o estalo de um rojão. O homem estremeceu. Seus olhos brilharam por um momento antes de ele cair em cima dela.

Sentiu algo molhado em seu peito, algo com cheiro metálico. Estava muito confusa para se mover. Atrás do corpo do homem, um homem alto se aproximava. Ele segurava uma pistola. Era o general, com uma carranca e sério, movendo-se rapidamente na direção deles.

Gracie estremeceu de alívio, mesmo com um homem morto próximo a ela. Memórias horríveis apareceram. Empurrou o homem inconsciente, que era mais pesado que tudo, mas não conseguiu soltar-se. O general puxou-o pela camisa e o empurrou como se fosse um trapo sujo. Ajoelhou-se ao lado de Gracie.

— Niña, você está bem? — ele perguntou suavemente — Eu sinto muito.

Havia sido tão brava enquanto acontecia. Agora, repentinamente, não conseguia parar de chorar. O homem a puxou contra o peito e tentou acalmá-la.

— No llores — ele sussurrou — Não chore. Você está salva. Eu nunca vou deixar algo ou alguém machucar você. Nunca, enquanto estiver um sussurro em meu corpo.

Ela passou os braços pelo pescoço dele. Sentia-se segura. Não tinha mais medo.

O homem estremeceu, com sua permissão para protegê-la. Tivera mulheres em sua vida, mas nunca uma que o fizera sentir-se tão homem, tão necessário. Quase havia sido estuprada pelo verme ao seu lado. Devia estar aterrorizada, uma mulher gentil como ela. Mas aceitara os braços reconfortantes de Machado sem hesitar, como se sentisse em casa. Seus olhos se fecharam em uma onda de posse. Se pudesse ficar com ela, pensou insanamente, recusar a recompensa e levá-la com ele, para sempre.

Mas era um pensamento louco. Ela nunca se encaixaria na violência de seu mundo, mesmo se pudesse fazer com que ela o amasse. Seria errado. Ela não estava acostumada a revolução e a tentativas de assassinato. Sorriu tristemente enquanto alisava o cabelo desalinhado. Mas os sonhos eram doces, e tinha esse tempo com ela, até que ela voltasse para casa. E aproveitaria.

JASON JOGOU O PRÓPRIO celular no chão, praguejando tão violentamente que o agente, Hammock, deu um passo para trás.

— Agora veja o que você fez — Kilraven disse ao irmão Jon — Você o corrompeu.

— Eu trabalho com aquele maldito banco por metade da minha vida, e eles não me deixarão pedir um empréstimo de um terço do que eu possuo em certificados de depósito! — Jason rugiu — Quando isso tudo acabar eu fecharei a maldita conta que eu tenho lá!

— Eu não culpo você — Jon disse a ele — Mas não fique aterrorizado. Nós podemos cuidar de tudo com dinheiro falso. Eu mandarei agora. Tudo que nós precisamos é de poucos minutos até os seqüestradores contarem o dinheiro. Nós podemos segui-los até o esconderijo e abordar. Eles não terão nem tempo de descobrir que é falso — ele pegou o próprio celular e discou alguns números.

Jason relaxou um pouco. O anúncio de Kilraven de que a invasão para resgatar Gracie havia encontrado obstáculos piorara seu humor. Nesse meio tempo os seqüestradores finalmente lhes deram uma prova e a promessa do retorno de Gracie. Estava tentando juntar o dinheiro, apenas para ser recusado. Pegou o celular, checkou se ainda estava funcionando e o guardou no bolso. O tema de um filme de ação ecoou no silêncio. Jason atendeu o celular imediatamente.

— O quê? — ele perguntou.

— Uh, senhor Pendleton? — a voz hesitante disse — Aqui é Mark Peters. Eu sou o gerente de depósitos de seu banco...

— O que diabos você quer agora? — Jason rosnou.

— Por favor, senhor, eu não sabia quem você era — o homem disse freneticamente — O presidente do banco, o senhor Lammers, mandou que eu ligasse de volta. Ele mandou dizer que o banco vai emprestar o necessário para que o senhor possa resgatar a senhorita Marsh.

Jason respirou fundo.

— Já era hora — disse brusco.

— Desculpe por tudo, senhor. Se você me disser quanto precisa, deixarei o dinheiro pronto para quando você chegar. Eu sou novo, senhor. Eu não sabia quem você era.

Você saberá da próxima vez, não é? — Jason pensou furioso, mas não disse nada.

— O FBI tem a situação sob controle — Jason devolveu friamente — Obrigada pela oferta, mas é desnecessária agora. Adeus.

— Mas, senhor...!

Ele fechou o flip do celular com um tapa. Não era pacífico. John Lammers ia perder um bom tempo tentando manter sua conta, nessas circunstâncias.

Jon Blackhawk entrou na sala.

— O dinheiro está chegando — disse a Jason — Estará aqui em dez minutos.

— Eles disseram que ligariam de volta às seis — Jason lembrou. Passou a mão pelo cabelo furioso — Você descobre quem são seus amigos de verdade em situações como essa — ele disse, ainda fulminando pela recusa inicial do banco — Eu ajudei John Lammers a conseguir clientes para o banco quando ele chegou aqui. Na verdade eu movi dinheiro de outro banco para ajudá-lo — suspirou se acalmando — Mas é com Gracie que estou preocupado. Pelo menos teremos algo para mostrar aos seqüestradores.

— Vai funcionar — Jon Blackhawk disse gentil — Eu prometo.

Um rock pesado explodiu no breve silêncio e Kilraven atendeu ao telefone murmurando desculpas aos outros enquanto saía da sala para atender a ligação.

— Eu nunca imaginei que ele fosse um fã de rock — Jason apontou.

Jon apenas riu.

O dinheiro falso, obtido em uma sala particular do departamento de polícia local, sob ordem do juiz, chegou a tempo. Enquanto Jon combinava a entrega, Kilraven chamou a atenção de Jason e moveu a cabeça na direção da cozinha.

Quando Jason se aproximou, ele fechou a porta. O rosto de Kilraven estava fechado.

— Eles estão entrando no vilarejo agora — ele disse — Levou tempo para conseguir a cooperação das autoridades mexicanas, mas o seu cunhado, Ramirez, aparentemente tem ligações com o presidente de lá. Ele ajeitou tudo. As notícias chegarão antes mesmo do pedido de resgate.

Jason não disse nada. Sua expressão falou por ele. Parecia cinco anos mais velho. Sentia-se com cinquenta. Por favor, Deus, ele rezou silenciosamente, faça com que ela sobreviva. Deixe-a viver.

NÃO HAVIA GELO no povoado. Gracie limpou os machucados com uma toalha molhada que a mãe de Angel trouxe para ela. A jovem mulher era tão cuidadosa que fazia Gracie se sentir como se fosse parte da família. Machado estava preocupado também. Ele mandara seus homens levarem o corpo do homem que atacara Gracie de volta para Fuentes com uma mensagem. Ele não disse qual era.

Ela não perguntou. Estava aliviada por ter sido resgatada. Havia sido uma noite dramática.

— Eu queria ter mordido mais forte — murmurou para si mesma, embora estivesse triste pelo homem ter perdido a vida tentando atacá-la. Gostaria de vê-lo preso. Mas era possível, considerando seu passado violento, que ele a tivesse matado se Machado não atirasse nele. Soube somente depois que aquele homem estivera na prisão, cumprindo pena por um assassinato. Não era o único que ele havia cometido, disseram. Havia matado pelo menos duas mulheres, uma delas sua própria irmã.

Arrepios percorreram sua espinha ao pensar quão próximo chegara da morte, ou algo tão ruim quanto.

Machado deu um risinho repentinamente.

— Você tem espírito — ele murmurou — Josita me contou o que viu enquanto ela esperava que Angel me chamasse. Ela disse que você o mordeu com muita força.

Ela fez uma careta ao lembrar.

— Eu provavelmente morrerei envenenada — murmurou.

Ele riu.

— Não, eu acho que não. Você foi muito brava. Lutou, quando soube que isso poderia custar sua vida.

— Pareceu a coisa certa a fazer — ela respondeu, e percebeu quanto sua vida mudara em tão pouco tempo. A Gracie monótona e medrosa havia se tornado alguém totalmente diferente. Não tinha certeza se podia se reconhecer nessa mulher forte e brava que lutara contra a morte.

— Eles cantarão músicas sobre você essa noite ao redor da fogueira — Machado disse com um sorriso simpático.

— Deve ser uma canção de morte — ela disse debilmente.

— Sim, talvez, mais ainda...

Ele foi interrompido por uma explosão súbita nos arredores do povoado. Machado ficou em pé, puxando a pistola. Ele gritou com seus homens e dirigiu algumas ordens em espanhol.

— Fique aqui, fique deitada — ele ordenou para Gracie e Josita — Pode ser alguns dos homens de Fuentes querendo vingança pelo que aconteceu.

Ele virou-se e correu na direção da explosão.

— Onde está Angel? — Gracie perguntou horrorizada.

— Lá — Josita apontou o fundo da casa de adobe — Dentro. Não se preocupe — ela acrescentou em um inglês ruim e tentou sorrir.

Gracie deixou escapar um suspiro. Mas estava mais nervosa agora. E se os homens estivessem atrás dela, a culpando pela morte do homem? Ela era responsável, mesmo não tendo atirado. O que eles fariam se a pegassem? Ela seria assassinada?

Enquanto tentava afastar os pesadelos de sua mente, ouviu um som logo atrás dela. Virou a cabeça, apenas uma fração, a tempo de ver um homem alto vestido de preto com uma máscara no rosto apontando uma pistola automática em sua direção.

— POR QUE ELE NÃO LIGA? — Jason murmurou, observando o telefone — Já se passaram dez minutos!

— Algumas vezes eles brincam com as famílias das vítimas — Jon Blackhawk disse baixo tentando acalmá-lo — É cruel, mas pode ser parte do jogo.

— Eu conheço um jogo que gostaria de jogar com eles — Jason disse prendendo a respiração. A cada dia que passava, encarava a possibilidade de perder Gracie para sempre. Os últimos dias haviam sido um inferno na terra. Se pensasse muito no assunto, ficaria louco.

— Kilraven observou o relógio.

— Volto em um minuto — ele disse aos outros — Tenho que ligar para um dos homens que está me cobrindo no escritório.

— E que oficial seria? — Jon brincou, pois sabia que o irmão estava apenas figurando como policial em Jacobsville. Ele era um agente federal trabalhando disfarçado.

— Você nem imagina — Kilraven murmurou. Em seguida saiu da sala.

Jason observou o telefone, esperando que ele tocasse. Mas o tempo passou, interminavelmente.

— **ESTÁ TUDO BEM** — uma voz familiar disse enquanto o homem segurava Gracie pelo ombro. Ela não podia ver o rosto, mas conhecia a voz profunda. Era Grange, o capataz de Jason!

— O que você está fazendo aqui? — ela soluçou.

— Eu não estou aqui — ele disse secamente — Você tem que se lembrar disso.

— Você não está aqui — ela repetiu, ainda recuperando o ar pelo susto que ele lhe dera.

— Morte certa — ele caminhou na direção de outro homem, também vestindo preto, com uma máscara — Fique com ela até que nós tenhamos certeza de que a distração está mantendo todo mundo ocupado do outro lado do campo. Não faça nenhum barulho.

— Eu ficarei tão quieto quanto um rato de igreja — o homem assegurou.

— Espere — Gracie disse urgentemente, segurando seu braço — Tem um homem aqui. Ele me salvou de ser... estuprada. Ele me protegeu. Faça com que ele não se machuque.

Ele respirou fundo.

— Gracie...

— Por favor!

— Qual é a aparência dele? — o homem perguntou irritado.

— É fácil encontrá-lo — ele é o homem mais alto no campo. Ele parece um pouco a estrela da ópera, Plácido Domingo, mas muito mais jovem.

— Será fácil enxergar no escuro — Grange disse.

Ela o encarou.

— Faça o que você puder.

— Tudo bem — ele inclinou a cabeça para o outro homem, que concordou. Grange saiu correndo através de uma explosão de tiros.

Gracie prendeu a respiração. Tanta violência. Imaginou se algum dia esqueceria. E o homem gentil, o general, que a salvara. E se eles o matassem tentando salvá-la? Porque sabia com certeza que Jason mandara esses homens atrás dela. Ele não podia estar tão zangado...

Encarou o homem atrás dela. Seu rosto estava coberto também.

— Jason mandou vocês? — ela perguntou.

— Sim.

Ela franziu a testa.

— Eu conheço você?

Ele deu um risinho.

— Não — respondeu — E não importaria de qualquer maneira, porque eu não estou aqui.

Ela engoliu uma risada.

— Entendi. Você e esses homens estão aqui enquanto alguém do governo está sentado ao lado de um telefone esperando um pedido de resgate.

— Certo — ele disse — Eles disseram que seu irmão está botando fogo nas coisas com sua língua.

— Ele pode fazer isso — sentiu-se aquecida. Mas então lembrou de Kittie e da defesa dele, lágrimas inundaram seus olhos. Kittie estaria na casa, esperando, com todos os novos empregados de Jason. Não podia pisar naquela casa, não depois do modo como partira. Que coisa boa era ter a casa de Barbara lhe esperando, e seu emprego para quando retornasse. Não teria que depender da caridade de Jason. E de algum modo pagaria a ele pelo resgate. Mesmo que precisasse da vida inteira.

Uma figura moveu-se na escuridão e correu na direção deles, segurando uma automática. O homem atrás dela ergueu a sua pistola e o acertou mortalmente no peito. A arma escapou de sua mão e ele caiu no chão com um choraminho estranho. Ele não se moveu.

— Sinto muito por você presenciar isso — ele disse baixo — Obviamente alguém do bando de Fuentes o mandou para que você não saísse daqui viva.

— Sim. Obrigada — ela acrescentou bruscamente. Podia ter dito a ele que já vira dois homens mortos em sua vida, e seus nervos estavam entorpecidos. Mas não disse.

Ele recolheu a faca, erguendo a cabeça para escutar. Havia gritos frenéticos ao longe, mas nada próximo a eles. Gracie rezou para que Machado não se ferisse. Devia muito a ele.

Eles aguardaram em um tenso silêncio até que Grange voltou, com outros dois homens carregando pistolas automáticas. Eles tinham um homem com eles. Machado!

— Esse homem conhece uma maneira de lhe soltar — Grange disse em um tom baixo, indicando o recém chegado.

— Si — o general respondeu antes que Gracie enlouquecesse — Eu trabalho para o general — ele disse encarando Gracie — Não gosto muito dele. Ajudarei vocês a libertarem a senhorita.

— Nós não encontramos o seu benfeitor — Grange disse a ela — Mas não acredito que ele seja um dos homens que nós pegamos.

— Obrigada — ela disse tentando não se entregar. Machado obviamente não queria dividir sua identidade com os homens. Só então ela percebeu que ele estava usando um chapéu de beisebol e um blusão, para disfarçar um pouco o peso.

— Eles estão procurando a fonte dos fogos de artifício — Grange indicou uma chama que brilhava contra a escuridão da noite — Eles não nos viram, e não podem. Precisamos sair daqui agora.

— Estou pronta quando vocês estiverem — ela disse nervosa.

Machado lançou um olhar a ela e acenou com a cabeça. Ela acenou de volta.

Ele os guiou pela escuridão. Minutos depois, ela e os homens subiram em uma caminhonete e se afastaram. Machado ficou parado ao lado do veículo, indicando as direções. Eles dirigiram até uma ponte, onde Machado ficou.

— Buena suerte, señorita — ele disse com um sorriso — Eu vou me lembrar de você — ele acrescentou em um tom suave e profundo.

— E eu, de você. Obrigada — ela disse.

— Nós nos encontraremos de novo algum dia — ele disse suave — Vão logo! Adios, amigos! E ele desapareceu na escuridão.

— Acelere! — Grange gritou ao motorista.

Eles passaram pelo rio nos limites da parte Texana da fronteira. Não apareceu ninguém enquanto eles entraram em uma estrada principal que ia até San Antonio. Um quilômetro depois, eles pararam ao lado de um grande SUV. Grange e os homens mascarados saíram, junto com Gracie.

Os homens retiraram as máscaras e afastaram-se. Dois minutos depois, estavam de volta, vestindo jeans, camisas e chapéu de vaqueiro, sem a camuflagem e as armas.

— Continue em frente — Grange disse aos outros homens, que foram para a caminhonete — Eu vejo vocês depois. Obrigado!

Eles acenaram e partiram. Gracie não viu seus rostos.

— Estou livre — ela disse enfim — Estou livre!

— Com certeza — Grange disse com um sorriso — Nós levaremos você até o hospital de San Antonio. É mais perto do que Jacobsville.

— O hospital — ela protestou — Mas...

— Você precisa ser observada — Grange disse baixo — Quem bateu em você?

— Um dos homens de Fuentes — ela disse — Ele levou um tiro enquanto tentava me estuprar.

— Bom para ele — Grange disse entredentes.

— Sinto muito, mas nós não encontramos seu protetor — Grange disse.

Ela riu suavemente.

— Encontraram sim.

— Encontramos? — Grange franziu a testa.

— Claro. Era o homem que ajudou vocês a me tirar do campo! — disse a eles.

Houve algumas exclamações baixas, que ela não quis ouvir.

— Alguém deveria ligar para Jason — ela disse baixo depois de um minuto.

Grange parou o carro e entregou seu próprio celular a ela.

— Escute antes de ligar para ele — disse firme — Os contrabandistas te deixaram na beira da estrada. Você não imagina o motivo. Um estranho gentil lhe deu uma carona até o Centro Médico Hal Marshal em San Antonio, certo? — ele perguntou antes que ela discasse o número — O estranho também não ficou para receber o agradecimento. Você estará lá em — ele checou o relógio — dez minutos. Mas diga a ele quinze, assim ele não se mata tentando chegar lá.

— Certo. Obrigada, Grange — disse gentilmente — Você também — disse ao outro homem, que era alto e tinha cabelos negros — Nunca serei capaz de retribuir.

— Agradeça a Eb Scott — Grange respondeu — Foi a operação dele. Eu só fiz parte.

— Sim, mas foram vocês que se arriscaram.

Grange deu um risinho.

— Ligue para Jason. Eu imagino que ele deva estar roendo as unhas agora.

O telefone tocou e uma voz profunda atendeu.

— Pendleton — ele disse rude.

— Jason?

— Gracie! Onde você está? Eles machucaram você?

Ele soava apavorado. Trouxe o telefone para mais perto.

— Eu estou bem. Eles acabaram de me deixar na beira da estrada. Um velho senhor muito gentil me pegou e está me levando até o Centro Médico Marshal. Nós chegaremos lá em quinze minutos.

— Estarei lá.

O telefone ficou mudo.

— Você se importa se eu ligar para minha irmã também? — ela perguntou a Grange.

— Claro que não. Tenho muitos minutos extras.

— Obrigada.

Após a conversa afetuosa com Glory, entregou o telefone a Grange.

— É melhor você acelerar — ela advertiu — Glory e Rodrigo estão praticamente ao lado do hospital, e estavam ao caminho enquanto falávamos. Mas mesmo que Jason esteja mais longe, ele tem um jaguar novo, e tem uma licença para pilotá-lo.

— Sim, eu sei — Grange pisou fundo no acelerador.

Gracie apertou os dedos nervosamente. Imaginou se Kittie viria junto.

— ELES A SOLTARAM! — Jason gritou para Jon e Kilraven. Ela está a caminho do memorial Marshal. Estou indo para lá!

— Você não vai dirigir — Kilraven disse entrando na frente dele — Vai acabar com o carro. Eu dirijo.

— Eles não pediram resgate? — Jon Blackhawk perguntou horrorizado.

— Ela vai explicar quando chegarmos lá. Você vem? — Jason perguntou.

— Os patos voam? Hammock, empacote o equipamento e tranque a porta quando você sair. Eu vou dar uma volta com meu irmão. Você vai com Hammock — Jon disse ao colega — Ligo para vocês depois.

Os três homens se afastaram correndo e não pararam até alcançarem o carro de Kilraven. Eles entraram. Jason na frente e Jon atrás.

Kilraven deixou marcas de pneu ao entrar na rodovia. Entrou no meio do tráfego sem parar e luzes azuis repentinamente piscaram atrás deles.

— Oh, inferno! — Jason explodiu.

— Não se preocupe — Kilraven deu um risinho. Ele pegou seu rádio, ligou e chamou o departamento para descobrir quem estava atrás deles. Quando o número foi fornecido, ele mudou as frequências no rádio e falou com o perseguidor — Eu tenho uma moça grávida aqui e estamos

tentando chegar ao memorial Marshal — ele disse ao oficial — Eu sou policial de Jacobsville. Você pode nos ajudar?

— Você devia ter avisado antes — veio a resposta seca — Ok, estou dando a volta. Me sigam!

— Pode apostar! Obrigada!

O carro da patrulha passou por eles, as luzes piscando. O tráfego estava leve àquela hora da noite, então não era preciso muito desvio.

Jason encarou Kilraven.

— Eu quero ver você explicar se ele nos vir descendo do carro — ele disse.

— Pensarei em algo. Segurem-se!

Jason levou algum tempo para ligar para Glory e Rodrigo, que já estavam a caminho do hospital. Gracie ligara para ela, Glory disse. Eles prometeram encontrá-lo no hospital. Ele também ligou para Barbara e pediu que ela desse as notícias para Dilly e para a senhora Harcourt. Desejou saber onde John estava, mas ele não devia estar sabendo sobre o seqüestro.

Kilraven entrou no estacionamento das emergências, seguindo o oficial que os ajudara.

Três homens saíram o veículo e subiram a rampa.

— Que inferno! — o oficial gritou atrás deles.

— Entre e eu explicarei tudo! — Kilraven gritou — Nós somos agentes federais em um caso de seqüestro! A vítima está aqui.

Uma porta de carro abriu e fechou, mas eles ainda estavam correndo.

O departamento se vingou na sala de espera, na figura de uma senhora mal-humorada. Jason percebeu que acabaria na prisão por causar um tumulto, mas passaria pela mulher se fosse necessário.

Quando chegou lá, não foi necessário. Jon e Kilraven tiraram suas identificações antes de chegarem à recepção. Tudo que eles precisavam fazer eram mostrá-la e dar uma explicação para que pudessem entrar na área autorizada, junto com Jason. A mulher checkou no computador e disse em qual cubículo Gracie estava. O médico da família estava com ela, acrescentou.

Jason caminhou pelo corredor até chegar ao cubículo. O doutor Harrison estava lá, assim como Glory e Rodrigo.

— Gracie está aqui — Bob Harrison disse, parando para apertar a mão de Jason — Ela está um pouco machucada, mas...

Jason já havia passado por ele. Gracie estava sentada em uma mesa, a pele relada, as roupas rasgadas, o cabelo sedoso sujo e emaranhado. Parecia bonita para o homem abatido que a encarava. Ele aproximou-se repentinamente e pegou-a nos braços, escondendo o rosto em seu pescoço. Segurava-a como se tivesse medo de perdê-la. O corpo poderoso tremia e os dentes estavam cerrados. Estava muito aliviado para conseguir falar.

Atrás de Gracie, Glory e Rodrigo viram o rosto dele e trocaram olhares estranhos. Não era a expressão de um homem que estava grato porque sua meia-irmã ficaria bem. Era a expressão de um homem apaixonadamente envolvido com uma mulher que era seu mundo. Eles sentiram-se como espiões o observando.

Gracie colou-se a Jason tremendo. Estava segura. Esse era o único lugar no mundo onde ela se sentia realmente segura, os braços de Jason. Se ao menos ela fosse uma mulher inteira. Se ao menos pudesse oferecer paixão e ser abraçada dessa maneira para sempre... Mas ele estava noivo. Sua noiva a odiava. Ela a jogara para fora da casa e nunca mais poderia voltar.

Quando a memória dos últimos dias passados com Kittie começou a retornar, ela tentou afastar-se de Jason, os olhos baixos para que ele não notasse o que havia neles.

Ele teve que forçar-se a soltá-la. E então percebeu o que não havia registrado antes. Alguém a havia machucado. Soltou uma palavra que fez as mulheres do quarto corarem.

Capítulo 9

— JASON! GRACIE EXCLAMOU CHOCADA.

— Quem fez isso com você? — ele perguntou furioso — Eu caçarei e matarei nem que seja a última coisa que farei em minha vida!

Ela nunca o vira tão zangado.

— Ele está morto — ela disse — Eu tinha um protetor no campo, Jason — disse baixo — Ele mantinha os homens de Fuentes longe de mim. Ele atirou no homem que... que tentou me machucar.

— O bastardo atacou você! — ele rugiu.

— Sim — ela disse roucamente — Eu mordi parte do rosto dele primeiro — acrescentou com um sorriso.

Ele arregalou os olhos.

— Você o quê?

— Mordi ele — disse rindo suavemente.

— Meu Deus — Jason disse abatido. Gracie nunca havia lutado com ninguém durante esses doze anos.

— Quando ele me agarrou, eu usei um pouco da auto-defesa que Marquez me ensinou. Eu enfiei a unha no quadril dele e em seguida puxei as orelhas dele. Eu corri e achei que poderia escapar, mas ele me pegou e me derrubou no chão. Eu achei que estava perdida, mas a mulher com quem eu ficava mandou seu filho buscar o general e ele matou o homem — ela respirou fundo — Eu devo muito a ele. Espero que o bando de Fuentes não o mate por ter me ajudado a escapar e perder o resgate,

— Que general? — Jon Blackhawk perguntou com a sobrelanceira franzida.

— Emilio Machado — ela respondeu — Ele...

— Machado? Meu Deus! — Jon pegou o celular — Você não pode partir antes que eu volte — ele acrescentou saindo do quarto enquanto discava alguns números.

— Machado! — Kilraven exclamou — Então é para lá que ele foi!

— Você o conhece? — Gracie perguntou confusa.

— Conhecê-lo? Inferno, todos na justiça o conhecem! — Kilraven respondeu — Ele era o melhor amigo que nós tínhamos na América do Sul até que aquele pequeno grupo de anarquistas o depôs. Nós ficamos com medo que ele tivesse sido assassinado. Ninguém sabia onde ele estava.

Ela sentiu-se iluminada.

— Ele não é má pessoa?

— O contrário — Kilraven respondeu — Nós queremos ajudá-lo a voltar ao poder, mas o clima político não está propício a interferência internacional no momento. O que ele está fazendo com o bando de Fuentes? Ele odeia traficantes!

— Ele está tentando ganhar dinheiro para recuperar seu poder — ela explicou.

— E ele te ajudou a escapar?

Ela concordou, mudando para uma posição mais confortável.

— Cara, isso dói.

Jason aproximou-se novamente, inclinando-se para colocar os lábios gentilmente contra o ombro machucado.

— Isso ajuda? — ele perguntou suave, os olhos escuros brilhando para ela.

Ela prendeu a respiração com a expressão dele, e o prazer que aquela proximidade produzia. Olhou a boca dele inevitavelmente.

— Posso pedir que vocês saiam enquanto eu examino minha paciente? — Bob Harrison perguntou dando um risinho — Vocês não podem estar aqui, vocês sabem.

— Nós federais podemos quebrar as regras — Kilraven murmurou com um sorriso — Foi a única maneira de entrarmos. Estávamos preocupados.

— Sim, eu entendo, mas eu preciso... — o celular do doutor tocou. Ele atendeu, fazendo com que Glory, Rodrigo e Kilraven saíssem na sua frente.

Jason ficou para trás.

— Eu achei que ficaria louco — ele sussurrou. Inclinou-se e pousou a boca ternamente sobre a de Gracie — Deus, eu estava apavorado! — beijou-a com mais força, gemendo quando ela estremeceu.

Ele afastou-se, os olhos faiscando, o rosto coberto de paixão frustrada.

— Desculpe — ele gemeu — Eu perdi a cabeça por causa do medo. Não pude evitar.

— Está... Está tudo bem — ela gaguejou.

Ela a encarou novamente, a testa franzida. Ela não parecia assustada. Ou enojada. Relembrou a provação que ela enfrentara. Sentiu-se culpado por tocá-la daquela maneira, mesmo que gentilmente.

Seus dedos deslizaram pela pele machucada e ele estremeceu, como se doesse nele ver aquilo.

Fascinada, ela ergueu os dedos para segurar a mão dele. Ela encarou os olhos escuros e sentiu que parte dela estava se derretendo sobre a mesa de exames.

— Eu achei que eles iriam te matar — ele disse roucamente — E então eu me lembrei da briga por causa de Mumbles e que eu fiquei do lado de Kittie contra você — fechou os olhos — Que inferno na terra, Gracie.

Ela apertou os dedos dele com os seus.

— Eu estou bem — ela disse — Somente a aparência é ruim.

Ele trouxe os dedos dela a sua boca e beijou-os faminto.

— Você está linda para mim.

O corpo dela tremeu com o contato. Estudou-o com tímido prazer, um rubor que era revelador e lisonjeiro.

Jason ergueu a cabeça e observou os olhos suaves. Seu olhar caiu para a boca dela. Lentamente, para não assustá-la, inclinou-se e tocou os lábios dela delicadamente, esmagando-os ternamente. Ela não se afastou. Ele prendeu o lábio superior dela com os seus e deslizou a língua por baixo da pele suave, provando-a. A respiração dela parou na garganta e fez um pequeno som arfante.

Ele se afastou novamente, estudando-a. Ela não estava tentando se afastar. De fato, parecia querer que ele repetisse o gesto.

Ele segurou o rosto dela com as duas mãos e se inclinou novamente. Sua boca separou os lábios dela e moveu-se entre eles em uma carícia delicada e sensual que a fez estremecer, mas não de medo.

Quando ele ergueu a boca, ela o seguiu. Esquecera Kittie, a briga, tudo. Tudo que sabia era que beijar Jason era delicioso. Seus braços deslizaram hesitantes ao redor do pescoço dele, puxando-o de volta. Dessa vez o beijo não foi breve nem terno. Era um incêndio, como chamas na floresta seca. Era tão sensual que ela até mesmo esqueceu suas dores.

Mas depois de um minuto, ele afastou-se dela, respirando asperamente. Seus olhos estavam faiscando. Havia uma pergunta neles.

— Da última vez, quando você atolou o carro na lama, você me empurrou e correu! — ele sussurrou confuso.

— Você me assustou — ela sussurrou também — Você colocou a sua mão no meu... no meu — ela limpou a voz — Eu me lembrei de minha mãe. Ele... Meu pai... A mordeu lá. Ela saía do quarto noite após noite com a camisola ensopada de sangue!

— O quê? — ele exclamou chocado.

— Ela tinha cicatrizes — disse fraca — Ela disse... Que os homens eram gentis até entrarem em um quarto, e então eles viram animais. Ela me avisou. Ela disse que os homens gostam de machucar as mulheres, que era a única maneira que eles tinham de sentir prazer.

Os olhos dele se escureceram ainda mais.

— Não eu — ele sussurrou — Nunca!

Os olhos dela se suavizaram enquanto o encarava.

— Verdade?

O coração dele disparou. Os olhos dela diziam coisas incríveis.

Repentinamente eles se arregalaram, como se a realidade os atingisse com força.

— Kittie veio com você? — ela perguntou friamente.

— Kittie? — ele prendeu a respiração — Kittie... Não! Inferno, não! Ela está em Nova York. Eu terminei o noivado e a chutei de casa no minuto em que vi o que ela havia feito com você e os outros!

— Você não está mais noivo dela? — perguntou ofegante.

— Não — ele disse roucamente.

— Mas você a amava — ela começou.

— Nunca!

— Eu não entendo — ela disse, os olhos arregalados.

Ele inclinou-se e pôs a boca na dela novamente, mais profundamente.

— Nós conversaremos em casa — ele sussurrou — Quando você for examinada, eu te levarei para casa.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Mas eu não moro mais lá — ela disse — Eu moro com Barbara em Jacobsville. Eu tenho um emprego agora, e um carro...

— O quê?

Ela queria explicar, mas o doutor Harrison entrou e protestou, empurrando Jason para fora do cubículo. Depois de examiná-la e receitar algo para a dor, os federais voltaram e ela estava muito tranqüila. Disse a Jason que ia até Jacobsville com Glory e Rodrigo.

— Eu irei te ver amanhã — ele disse obstinadamente.

Ela concordou.

— Eu virei também — Jon Blackhawk acrescentou — Você precisa me falar sobre Machado. Existem planos de trabalho em que você é fundamental — ele disse. Certo?

— Certo — ela concordou.

Glory e Rodrigo a ajudaram a sair do cubículo. Jason observou-a afastar-se com raiva. Sentia que o mundo inteiro estava conspirando para mantê-lo afastado de Gracie.

Jason passou pelo pocilho que os escoltara até o policial. Ele falava com Kilraven e tinha um olhar divertido.

— Foi um menino ou uma menina? — ele perguntou.

Jason virou na direção dele com a frustração nos olhos escuros. O policial ergueu as duas mãos e afastou-se, rindo sozinho.

GRACIE DORMIU ATÉ a tarde seguinte no quarto de hóspedes de Barbara, onde morava desde que deixara a mansão em San Antonio. Quando acordou, Jason estava sentado do lado da cama, usando roupas de trabalho. Ele estivera trabalhando com os homens, sabia. Sua bota estava empoeirada e a camisa azul e o Stetson estavam suados.

— Como você se sente? — ele perguntou gentil.

Ela esboçou um sorriso, mas estremeceu com a dor.

— Machucada e esmagada — ela disse. Encarou-o sabiamente — Assim como você. Você não pode estar trabalhando com o gado. A engorda foi há dois meses.

— Estávamos fazendo alguns abates — ele disse — Temos uma grande quantidade de feno e milho, apesar das cheias, mas estamos nos livrando de fêmeas mais velhas que não estão grávidas.

Ela fez uma careta.

— Não é legal comer vacas que não deram crias.

Ele riu suavemente e tirou o chapéu, jogando-o em uma cadeira.

— Eu não trabalho com bife de gado — ele lembrou.

— Então para quem você os mandou?

— Para rancheiros que trabalham — ele respondeu travesso.

Ela riu suavemente.

Os olhos escuros deslizaram sobre ela como mãos, pousando na suave camisola de flanela que se colava aos seus seios.

Ela corou e puxou a coberta.

Ele olhou para o chão.

— Nós nunca conversamos sobre coisas íntimas — ele disse depois de um minuto — Eu não sabia que sua mãe havia sido tratada dessa maneira. Estranho, ela ter se casado com meu pai — ele acrescentou encarando Gracie — Ele descartava as mulheres como papel. Ele só se casava com aquelas que se recusavam a dormir com ele.

Ela brincou com o cobertor. Esse território era doloroso. Não queria contar muito a ele.

— Ela foi abusada durante muitos anos, acredito que ela se iludiu quando seu pai foi gentil com ela. Talvez ela achasse que podia dormir com ele, se tentasse, e então no final, ela não conseguiu... — ela parou quando viu o rosto dele.

Ele franziu a testa.

— Gracie, o que você sabe que não me contou?

Podia amaldiçoar-se por sua falta de restrição. Mas talvez não fosse tão ruim. Podia contar a ele. Mordeu o lábio inferior.

— Ela disse que ele havia sido gentil com ela e ela realmente queria lhe dar prazer, mas não conseguia... Não conseguia fazer com ele. Ele ficou furioso. Ele ia se divorciar dela. Ela tinha medo por mim. Não tínhamos nenhuma família — fechou os olhos — Todos pensam que foi um acidente, mas eu sei que não. Ela bateu naquela árvore de propósito, Jason. Não conseguia viver com ela mesma.

Ele soltou o ar que estava preso.

— Ele sabia sobre o primeiro casamento dela?

— Ela não queria que ninguém soubesse — disse lentamente — Especialmente ele — abaixou os olhos.

— Que inferno de maneira para se começar um casamento.

— Com mentiras — ela concordou triste — Você não sabe como era — disse hesitante — Mesmo quando eu era pequena, eu podia ouvi-la chorando, tarde da noite. Ela nunca me deixou ver o que ele fazia com ela até eu completar quatorze anos. Eu estava assistindo um filme na televisão quando ela saiu do quarto. Eu quase morri de susto. A camisola inteira estava cheia de sangue — ela deu de ombros — Eu cuidei dos machucados. Ele fez com os dentes. Ele tinha que machucá-la para... conseguir satisfação, ela disse. Era daquele jeito desde que eles haviam se casado, mas muito, muito pior depois que ele começou, bem, começou a beber.

Ele não sabia o que dizer. Estava chocado. Sem fala.

Ela evitou os olhos dele.

— Ela tinha cicatrizes profundas em todo peito. Ela disse que todos os homens eram assim, não conseguiam nenhuma satisfação se não machucassem as mulheres. Ela disse que eu não podia confiar em um homem, não importa quanto ele fosse gentil, que meu pai havia sido gentil no começo também. Mas quando eles se casaram, e ela ficou grávida, era muito tarde. Ele a mantinha em casa ameaçando-a comigo. Ela não tinha estudo, exceto um rosto bonito. Ela achava que ele faria isso. Ela ficou por mim — tremeu — Fiquei horrorizada com o sexo durante toda minha vida, Jason. É por isso que fiquei solteira. Toda vez que penso nisso, eu vejo ela... — a voz sumiu.

Ele não esperava por isso. Nunca imaginara que um homem pudesse ser tão bruto com uma mulher. Ouvira histórias sobre outros homens, mas isso era novo. Sem dúvidas ela fugiria dele. Não havia sido muito gentil com ela naquela noite. Sua paixão o fizera perder o controle. Com certeza pareceria assustador.

— Deus, eu sinto muito — ele disse roucamente — Eu não sabia. Nada.

Ela torceu a coberta com os dedos.

— Nós não conversamos sobre esse tipo de coisa. Eu não conseguia te contar. Então apareceu Kittie...

— Sim. Apareceu Kittie — ele sentia-se um lixo. Usara Kittie para feri-la. Era um pensamento doloroso saber que acrescentara ainda mais cicatrizes emocionais nela.

Um miado suave chamou sua atenção. O velho Mumbles pulou na cama e veio até ele, encostando-se em seu braço. Ele passou a mão pela cabeça do velho gato.

— Olá, Mumbles — ele encarou Gracie — Eu mandei a senhora Harcourt lhe dizer que nós construiríamos uma casa só para ele. Ela contou a você?

Ela balançou a cabeça.

— Nós tínhamos outras coisas com que nos preocupar.

— Que coisas? — ele perguntou com suspeita — Como Kittie conseguiu tirar todos vocês da casa? Você pensou mesmo que eu permitiria isso?

Ela baixou os olhos para Mumbles, que sentou em seu colo, ainda ronronando.

— Eu não sabia como você se sentia. Você ficou do lado dela contra todos nós. Ela disse que você se sentia como se eu estivesse tirando vantagem de você, que eu nem mesmo era da família. Eu nunca pensara nisso sobre o seu ponto de vista, mas tive que fazer. Ela estava certa, Jason. Você não me deve nada.

Ele lançou improperios que a calaram. Ficou em pé, passando a mão furiosamente pelo cabelo, enfiou as mãos no jeans e olhou cegamente pela janela.

— Não — ela disse preocupada — Eu posso me manter. Eu tenho um emprego. Estou ficando em pé sozinha pela primeira vez na minha vida. Não é uma punição, Jason. Eu estou... aprendendo que tenho habilidades que nunca imaginei ter. Eu posso fazer mais do que organizar festas e chás — acrescentou amargamente.

Ele piscou.

— Eu disse isso, não disse? Isso, e muito mais — ele estremeceu — Parece que se passaram anos desde que nós fomos naquele leilão.

— Sim — ela concordou. Era como outra vida, considerando o que acontecera entre eles e o agora.

— Você me empurrou — ele disse depois de um minuto — Feriu meu orgulho. Fiquei com vergonha de mim mesmo. Eu fui para Nova York e fiquei bêbado. Acordei na cama com Kittie.

Ela fechou os olhos em uma onda de náusea e dor. Ele dormira com a aranha ruiva. Ele dormira com ela!

— Maldito seja você! — ela gritou furiosa.

Ele virou-se. Se aquilo não era ciúmes, ele não sabia nada sobre mulheres. Aproximou-se da cama e a encarou fascinado.

— Você dormiu com ela!

Ele respirou fundo. Seria vantajoso deixá-la pensar aquilo, mas ela já havia sofrido demais. Não podia machucá-la ainda mais.

— Eu não tinha certeza — ele confessou baixo — Eu sabia que estava muito bêbado para pensar em precauções. Então se havia acontecido, poderia haver uma criança — ele remexeu os olhos. Aquela admissão era mortificante — Eu tive que mantê-la por perto até ter certeza. Ela aproveitou. Nós podíamos ficar noivos, ela disse. Eu estava machucado e envergonhado pelo que havia acontecido com você. Não tinha muita coisa para me preocupar — ele deu de ombros — Eu desisti. Mais tarde, eu descobri que ela havia ido para a cama com meia dúzia de homens naquela mesma época em que supostamente dormira comigo. Eu a pressionei e ela confessou que nada havia acontecido.

Gracie relaxou visivelmente.

— Mas então, todos ficaram sabendo que nós estávamos noivos e eu estava tão atolado de problemas para resolver que acabei deixando rolar. Eu não me importava com mais nada — ele encontrou os olhos feridos dela — Eu a encontrei em Londres e ela perguntou se podia ficar na casa e fazer algumas pequenas mudanças na decoração — ele riu amargamente — Eu não tinha idéia do que ela era capaz até chegar e ver os ajustes — ele estremeceu — O seu quarto parecia um bordel. Todas suas roupas haviam sumido, até mesmo o vestido que eu trouxe de Paris... — ele a olhou como se aquilo fosse o mais doloroso.

— John e eu escondemos algumas roupas, móveis e decorações de natal no sótão — ela confessou — Eu sabia que Kittie não subiria lá para buscar.

Ele sorriu.

— Querido John. Pelo menos nem tudo foi destruído.

Ela procurou os olhos dele.

— Você ficou noivo dela por meses.

Ele sabia o que ela estava insinuando. Sentou ao lado dela, inclinando-se com uma mão apoiada no travesseiro ao lado de sua cabeça.

— Eu não conseguia.

— O quê?

— Eu não conseguia fazer sexo com ela — ele disse abruptamente — Esse foi um dos motivos de brigas. Ela enxergava um cheque em branco. Tudo que precisava fazer era me levar para a cama novamente e dizer que estava grávida. Mas não funcionou. Naquele tempo, eu já a conhecia muito bem. Ela não me amava. Ela nem me queria. Ela queria o que eu tenho.

— Eu podia lhe dizer isso da primeira vez em que a vi — ela disse amargamente.

Ele estudou o rosto dela.

— Ela te odiava. Odiava todos os empregados. Ela queria afastar todos que pudessem ser uma ameaça — riu bruscamente.

— Ela saiu dos limites quando quis expulsar Mumbles de casa. Foi a última gota... e magoar a senhora Harcourt na festa de aniversário não ajudou muito — ele acrescentou.

— Pobre senhora Harcourt — ela disse baixo — Já passou por tanta coisa.

— Eu não entendo por que ela partiu — ele disse — Ela sabia que eu nunca deixaria Kittie despedi-la.

Gracie mexeu a cabeça no travesseiro.

— Ela conversou sozinha com Kittie. Até ali, ela dizia que ia ficar até você a mandasse embora. Ela estava muito pálida e assustada — hesitou — Você acha que ela tem algum segredo obscuro no passado que Kittie conheça?

A mão dele tocou-lhe o cabelo, espalhado pela franha branca. Parecia a luz do sol no inverno.

— Eu não acredito. Ela veio morar com meus pais antes de eu nascer. Ela era mais materna do que a minha própria mãe. Eu perdi minha mãe quando era pequeno. A senhora Harcourt era a única que beijava os cortes e me abraça quando eu estava assustado — o rosto dele endureceu — Eu fiquei ultrajado quando soube que Kittie a tinha demitido.

— Barbara lhe deu um emprego. E para Dilly, também.

— Bem, as duas foram recontraídas — ele disse abrupto — Elas já estão em San Antonio organizando a redecoração. Eu contratei uma firma para colocar tudo de volta no lugar, incluindo o seu quarto — ele acrescentou esperançoso.

Ela respirou suavemente.

— Eu não voltarei, Jason.

Ele começou a argumentar. Ela sentou na cama e colocou os dedos sobre os lábios dele. Incrivelmente, o pequeno toque pareceu fasciná-lo.

— Eu tenho uma oportunidade de me manter sozinha, de mostrar que posso sobreviver, pagar aluguel, ser independente. Eu tenho tudo que quero desde os quatorze anos. Agora eu quero ver o que posso fazer sozinha.

Ele segurou os dedos dela e os beijou ternamente.

— Algo que eu nunca fiz — ele disse baixo — Meu pai era rico. Ele herdou muito, e minha mãe também vinha de família rica. Eu nunca tive que me manter sozinho — ele soou amargo.

— Mas você fez — ela protestou — Jason, quando você comprou aquele rancho em Comanche Wells, ele estava quebrado, um pequeno pedaço de terra falido, com algum gado magro! Você o tornou um dos maiores no estado! Você não herdou isso, você aprendeu.

Ele ficou surpreso pela agitação dela.

— Eu não havia pensado dessa maneira.

— Se o seu pai não tivesse lhe deixado nada, você ainda seria rico. Você tem uma boa cabeça para negócios sobre os ombros.

— Cortesia de uma educação em colégios caros.

— Você precisa ter talento.

Ele sorriu. Os olhos escuros deslizaram pelos machucados e ele fez uma carranca.

— Eu podia ter lhe poupado disso — ele disse pesadamente — Se eu não estivesse tão apavorado por resolver os negócios, estaria em casa, e você nunca teria sido seqüestrada.

— Minha mãe sempre dizia que as coisas aconteciam por algum motivo — ela disse tentando acalmá-lo. Ele parecia atormentado — Eu tinha uma vida fútil. Você me mimava. Mimava *Glory* também, mas eu principalmente. Eu nunca tive que trabalhar por nada.

— Você trabalhou duro para conseguir o diploma em história — ele disse — Você precisava de tutotes para cada matéria. Você não tinha uma vida social, exceto pelo seu amigo... homem, o tempo inteiro. Eu havia esquecido.

Ela hesitou. Realmente queria contar tudo a ele. Mas ainda tinha medo pela sua reação.

— Você não confia em mim, *Gracie* — ele disse — Você está escondendo coisas.

Ela moveu-se desconfortável.

— Você é quem diz. Nós nunca conversamos de verdade, a não ser coisas banais.

Os dedos dele deslizaram pela bochecha dela em uma carícia.

— *Barbara* disse que eu não te conhecia, que eu nunca quis conhecer. Ela estava errada — os olhos dele começaram a brilhar — Eu quero saber tudo sobre você.

O coração dela saltou. A expressão dele não era assustadora, mas continha elementos de uma paixão violenta. Ela já sentira isso antes, especialmente no dia anterior quando ele empurrara as pessoas para chegar até ela no hospital.

Os dedos dela curvaram-se ao redor dos dele.

— Você pode não gostar do que vai descobrir.

Então havia mais. Os olhos dele se estreitaram.

— Conte.

Ela hesitou. Talvez isso não importasse. Mas talvez sim. Como ele reagiria à verdade? No fundo de sua mente, recordou as ameaças de *Kittie*. Mas *Kittie* estava fora de cena agora. Ela não teria motivos para jogar *Gracie* aos lobos da mídia. Ou teria? Se *Jason* descobrisse dessa maneira, ele a perdoaria por esconder a verdade durante todos esses anos?

— Você está adiando — ele acusou — Pelo menos me diga porque você precisava de tutores quando sua mente é afiada como uma faca.

Talvez não doesse tanto.

— Eu tive um... machucado na cabeça pouco antes de mudar para cá com minha mãe para morar com vocês.

A respiração dele ficou presa na garganta.

— Um machucado na cabeça?

Ela concordou.

— Como foi que aconteceu?

Ela respirou fundo.

— Eu cheguei tarde da livraria porque o carro do amigo da minha mãe estava com problema no motor. Nós tivemos que caminhar até um mecânico e daí ele me levou para casa — ela fechou os olhos. Era uma lembrança ruim — Meu pai estava esperando na porta. Ele disse que todas as mulheres eram vagabundas como minha mãe, apenas tentando arrancar as coisas dos homens. Ele disse que eu me arrependeria por me comportar daquela maneira.

Jason não disse nada. Ele esperou, tenso, apertando os dedos dela com força.

— Ele me agarrou e me jogou de cabeça na parede, *Jason* — ela disse baixo.

JASON PRAGUEJO VIOLENTAMENTE. Naquele instante, um monte de coisas tornou-se claras em sua mente, sobretudo por que Gracie não gostava de ser carregada.

Ele alisou o cabelo dela, os olhos refletindo a dor que sentia por aquela confissão.

— Eu gostaria de conhecê-la naquela época — ele disse suavemente — Eu limparia o chão com o seu pai!

Ela sabia que ele faria mesmo. Ele sempre fora protetor em relação a ela, sempre gentil. Perguntou-se por que pensara que ele podia machucá-la, mesmo na intimidade.

— Eu acredito que nós carregamos as nossas infâncias durante toda a vida — ela disse refletindo — Minha mãe fez com que eu nunca confiasse em um homem. Eu sei que ela só estava tentando me proteger, me salvar do que ela passara. Mas ela me deformou. Acredito que o dano no cérebro também não ajudou muito.

— É por isso que você sofre tantas quedas — ele adivinhou.

Ela concordou.

— Eu misturo algumas das minhas funções motoras. Não a um grau de deformação, e houve algumas melhoras ao longo dos anos. Mas eu nunca serei completamente normal. Tenho que trabalhar mais do que outras pessoas para aprender coisas novas.

— Não importa — ele disse roucamente. A mão deslizou até a boca dela e tocou-lhe com o dedo — Você é perfeita do jeito que é.

Ela hesitou.

— Eu achei que as coisas mudariam se você soubesse — ela disse.

Os olhos dele encontraram os dela.

— Mudaria alguma coisa se você descobrisse algum segredo obscuro de meu passado? — ele brincou.

Ela riu.

— Você não tem nenhum segredo obscuro, Jason.

— Isso é o que você pensa — ele murmurou — Responda a pergunta.

— Não. Nada mudaria.

— Exatamente — ele esperou até que ela chegasse ao ponto.

Ela ainda estava indecisa.

— Talvez existam coisas piores — ela começou.

— Talvez você deva me contar, e abrir tudo de uma vez — ele respondeu — Eu disse que não mudaria nada. E não mudará.

Ela suspirou.

— Tudo bem. Mas me dê um tempo, Jason. Já estou bem assoberbada no momento.

— Sim. E foi minha culpa — ele acrescentou.

Ela odiou a angústia presente no rosto bonito. Levantou-se e segurou a cabeça dele, puxando-a em sua direção.

— Pare com isso — ela sussurrou — Você não sabia que eu seria seqüestrada. Você não tem nada a ver com isso.

Ele tentava ouvir, mas seus olhos estavam presos na boca suave. Parecia estar faminto.

Ela gostou disso. Gostou da intensidade dos olhos dele fixos em sua boca. Puxou-o e abriu os lábios no momento em que ele os tocou. Era como voar, pensou com puro prazer. Ele não estava brigando com ela. Ele estava, como se fosse precisando, tentando manter o controle. Ele não sabia, mas isso não era necessário. Não mesmo. Ela deslizou os braços ao redor dele e o puxou com força.

O corpo dele esmagou o dela antes que ele pudesse se afastar.

— Gracie — ele gemeu.

Ela não estava ouvindo. Ele não estava lutando muito também. Ela ergueu-se, colando a boca a dele até aumentar a pressão e a intimidade do beijo. Ela o levava a imprudência. Ela gemeu, porque os sentimentos eram novos, quentes e deliciosos.

— Pelo amor de Deus! — ele abriu a boca e enfiou a língua profundamente na boca dela.

Ela arfou, mas o calor já a estava dominando. Sentia a mão dele em seu seio, tocando-o com fome, acariciando-o com a palma da mão. Ele juntou-se a ela na cama e deslizou os braços por baixo do corpo feminino, encostando os seios suaves contra o peito largo. Mesmo através de dois tipos de tecidos, o contato era elétrico, perturbador.

— Sua pequena tola — ele murmurou contra a boca dela enquanto sua mãe começava a abrir os botões — E se eu não conseguir parar?

Naquele momento, a mão dele tocou o seio dela por baixo da camisola e ela arqueou-se na cama, estremeecendo com o prazer do contato.

— É tão bom — ela sussurrou.

— Eu conheço algo melhor — ele murmurou contra seus lábios.

Enquanto ela tentava entender, a boca dele deslizou por sua garganta, por baixo da camisola e direto no seio suave. Ela ficou tensa, mas ele não estava machucando. Os lábios deslizavam pela pele quente, explorando, saboreando. A língua dele rodeou o mamilo e o deixou repentinamente duro e sensível.

Ela arfou, arqueando-se para aumentar o prazer. Ela ouviu uma risada profunda, suave e então ele a posicionou e sua boca a engoliu por inteiro. Ele a levou a uma quentura sensual, escura, com uma sucção lenta e sedutora que a fez subir como um foguete chinês.

Explodindo, a mente repleta de prazer, ela enfiou as unhas nos ombros dele e gemeu, um tipo de som dolorido que o excitou ainda mais. Quando o corpo dela ficou rígido e começou a tremer, ele perdeu todo o controle e sugou-a com tanta força que a deixou com uma mancha roxa, uma marca de amor, que não sairia por dias.

Quando ele ergueu a cabeça, ela estava atordoada, em pânico, com lágrimas de vergonha escorrendo por suas bochechas.

Era difícil não se sentir lisonjeado. Ele sabia sem perguntar que ela nunca sentira nada como aquilo em toda sua vida. Era como um pequeno clímax, um alívio da tensão que produzira nela com a boca. Ela estremeceu e corou. Ele beijou as lágrimas, os lábios ternos e pacientes.

— Ninguém nunca disse... que era assim — ela disse tremendo.

— Você não pode descrever com palavras — ele sussurrou sensualmente. A boca tocando a dela — Eu te levei ao clímax. Seus seios estão incrivelmente sensíveis.

Ela estava perdida com as palavras. Não sabia o que dizer, como se sentia. Os olhos tímidos e preocupados encontraram os dele. Ele sorria, mas não um tipo pomposo de sorriso. Era cheio de preguiçosa afeição. Isso, e orgulho.

Ele observou os seios pequenos e firmes e os desenhou com o dedo indicador.

— Eu deixei marcas. Sinto muito. Eu perdi um pouco a cabeça.

Ela olhou onde ele tocara. Havia uma marca roxa.

— Não doeu.

— Não deve doer — ele disse baixo — Deve fazer você explodir.

Ela corou.

Ele sorriu.

— Agora você sabe.

Ela tocou a boca dele com os dedos. Estava fascinada por ele. Ele olhava seus seios, e ela deixava, apreciando os olhos dele nela, as mãos dele nela.

— Jason — ela sussurrou — Fazer sexo é assim?

A respiração dele mudou quando ele a encarou.

A tensão no quarto repentinamente se tornou angustiante. Ele olhou para o corpo dela e respirou fundo. Ele podia empurrar o resto da camisola. Podia tirar suas roupas. Podia entrar nela, duro e fundo, e empurrá-la no colchão com o peso de seu corpo enquanto a possuía. Ela deixaria. Seus olhos estavam revelando segredos. Ela gritaria quando ele sugara seu seio. Ela era barulhenta. Ela gritaria interminavelmente enquanto ele lhe proporcionava prazer. Mas a casa estava vazia. Ninguém os ouviria.

Ele doía em vontade de tê-la. Era uma dor que nunca cessava. Ele seria gentil. Ele lhe daria uma lembrança que nunca se apagaria, que a tornaria totalmente sua. Era errado, ele sabia. Ela era religiosa. Ela se arrependeria. Mas ele estava tão excitado que não podia pensar em nada. Mesmo dizendo a si mesmo para parar, suas mãos se aproximaram da camisola, para empurrá-la para baixo...

O toque insistente e repentino da campainha soou como uma explosão no quarto.

As mãos de Jason seguravam a camisola que já estava caída no quadril de Gracie. Eles se encararam com descrença.

A campainha tocou novamente.

Jason gemeu. Seu corpo estava tremendo de agonia. Forçou-se a afastar os olhos dos seios de Gracie e levantar da cama. Virando-se, passou a mão pelo cabelo tentando recuperar o controle, tentando relaxar o corpo da tensão que o dominara.

Gracie arrumou a camisola. Estava tremendo. Quase foram muito longe. Ela tentara Jason e agora os dois se arrependeriam. Ela saiu da cama, vestindo um robe, fazendo uma careta quando os músculos machucados e os seios sensíveis protestaram.

— Eu atendo — ela sussurrou sem encará-lo.

Ela caminhou descalça pelo corredor. Na porta da frente, olhou através do olho-mágico. Era o agente especial do FBI, Jon Blackhawk, em um terno caro, o rabo de cavalo tão digno quanto o belo rosto.

Ela abriu a porta.

— Agente Blackhawk — ela cumprimentou.

Ele franziu a testa. Ela estava muito corada.

— Você está bem? — ele perguntou preocupado — Eu precisava fazer algumas perguntas sobre Machado, mas você não parece bem. Eu posso voltar...

— Não precisa — ela disse — Honestamente — Abriu a porta e o levou até a sala de estar — Você gostaria de beber algo?

— Eu farei café — Jason Pendleton disse da porta. Ele estava um pouco corado também. Ele vestia roupas de trabalho, o que divertiu Blackhawk que apenas o via em roupas caras. Ele parecia um homem diferente.

Blackhawk não era cego ao fato de que interrompera algo entre os dois, mas aprendera a fingir. Isso o ajudava no emprego.

— Eu gostaria de uma xícara. Perdi a minha essa mãe.

— Um segundo. Gracie? — Jason perguntou em um tom diferente.

Ela sorriu para ele.

— Sim, por favor.

Ele sorriu de volta e caminhou até a cozinha.

JON BLACKHAWK FOI METICULOSO em seu questionamento. Ele queria saber sobre tudo que Gracie observara no campo, desde o número de homens até o modo como eles se vestiam.

— Havia muitos militares lá — ela disse a ele — Eles vestiam uniformes. O general não gostava do bando de Fuentes. Ele disse que permitia que eles ficassem por ali, mas odiava traficantes. Foi um dos homens de Fuentes que me atacou — ela acrescentou.

— Algum dia aquele bando vai acabar, como a organização de Manuel Lopez — Jon assegurou.

— Sim, e alguém vai aparecer para dar um jeito — Jason acrescentou. Ele estava sentado do outro lado da sala em uma poltrona, parecendo totalmente em casa. Encarava Gracie quando ela não estava olhando, enxendo seus olhos com a beleza dela.

— A vida segue — Jon concordou. Observou suas notas — O general mencionou algum plano para retomar seu governo?

Ela balançou a cabeça.

— Ele só disse que ia retomá-lo. É por isso que ele está seqüestrando pessoas — ela fez uma careta — Eu acredito que ele esteja se culpando por perder meu resgate.

— Meu irmão ajudou nisso — Jon disse irritado — Ele estava envolvido, ajudado por pessoas de Jacobsville que aparentemente vão permanecer anônimas.

— Kilraven estava com medo pois Gracie poderia ser morta enquanto nós negociávamos — Jason disse baixo — Assim como eu, francamente. Se você precisa culpar alguém, a pessoa sou eu. Eu não queria arriscá-la. Por nada — ele encarou Gracie de uma maneira que poderia começar um incêndio.

Ela o encarou.

— Eu sabia que você estava por trás de tudo quando eles entraram.

— Eles? — Jon perguntou.

— Grr... grandes bolas de fogo, já é hora? — ela exclamou, quase entregando o nome do seu salvador — Eu tenho que encontrar Barbara para o almoço!

— Nas suas condições? — Jason exclamou — Você está louca?

Enquanto ele falava, um carro estacionou na frente da casa. O carro de Barbara.

— Oh, inferno — Jason murmurou baixo.

Gracie corou.

Jon segurou uma risada. Tinha uma boa idéia do que estava acontecendo. Não disse, é claro. Era um cavalheiro.

Fez mais duas perguntas antes de Barbara entrar com sacolas de comida do restaurante. Ela parou na porta e os encarou. Gracie vestia uma camisola e um robe, o cabelo bagunçado, o rosto corado. Jason parecia frustrado. E o agente do FBI, Blackhawk se divertia com tudo isso. Ele ficou em pé quando ela entrou. Assim como Jason. Maneiras do velho mundo, Barbara pensou divertida.

— Eu trouxe o almoço — ela disse a Gracie. Encarou os homens — Talvez eu deva buscar mais.

— Talvez não — Jason disse — Tenho gado para mover. Eu só parei para ver como Gracie estava.

— Eu já estava indo — Jon acrescentou — Acho que já tenho o suficiente, mas ligarei para você, se precisar de algo mais.

— Claro — Gracie disse.

— Obrigado. Até logo — ele disse a Jason.

Barbara carregou a comida até a cozinha. Jason ajudou Gracie a levantar do sofá, os olhos suaves e possessivos.

— Eu te vejo mais tarde — ele disse suavemente. Ele afastou o cabelo do rosto — Daqui alguns dias, você gostaria de supervisionar?

— Supervisionar o quê? — ela perguntou.

— A próxima quinta é Ação de Graças. Nós precisamos montar a árvore de natal e as decorações — ele murmurou observando os lábios dela — Eu levarei os homens para ajudar. Nós traremos Dilly e a senhora Harcourt de San Antonio e elas começarão a decorar.

Ela sentiu a alegria esvaindo de seu corpo.

— Eu não quero comemorar esse ano — ela disse sem olhar para ele — Talvez Kittie estivesse certa. Você nunca gostou dessas decorações de qualquer modo. É só uma grande bagunça. A senhora Harcourt pode montar uma árvore para você no rancho.

O coração dele parou. Entendia o motivo pelo qual ela perdera o entusiasmo pelo feriado. Sentiu a culpa invadi-lo.

— Gracie, você adora a decoração do feriado.

Ela o encarou e piscou.

— Não posso. Não esse ano. Não posso, Jason.

Ele respirou fundo.

— Ok. Eu não forçarei. Você virá para o jantar de Ação de Graças, certo?

Ela hesitou.

O rosto dele endureceu. Imaginou se o que acontecera no quarto dela ajudara na hesitação. Ela estava se sentindo culpada? Ele a deixara envergonhada pelo que acontecera? Ela o queria, ele sabia. O que estava errado?

— Gracie, sobre o que aconteceu... — ele começou.

Corando, ela se afastou. Era vergonhoso, o modo como praticamente se jogara em cima dele. O abandono selvagem não era seu tipo, e estava confusa e um pouco amedrontada pelo que acontecera. Precisava de tempo para ordenar os pensamentos.

— Eu preciso ajudar Barbara na cozinha. Adeus, Jason.

E ela se afastou.

Ele segurou os palavrões até estar de volta em sua caminhonete, afastando-se da casa. Nunca ficara tão frustrado. Algo no passado de Gracie os estava mantendo separados, deixando-a hesitante, confundindo as coisas. Ele não sabia qual segredo terrível ela estava escondendo dele. Ele nunca buscara respostas. Mas o que ficara sabendo certamente indicava que havia mais. Muito mais. Ele queria respostas, por Deus, e iria consegui-las!

— JASON ESTÁ IRRITADO — Barbara comentou quando Jason deixou marcas na rua ao sair.

— Ele só está com pressa — Gracie respondeu — Ele não está acostumando com caminhonetes do rancho.

— Ele está frustrado.

— Barbara!

— Vocês dois estavam corados e desalinhados — ela disse com um sorriso — O que aconteceu enquanto eu trabalhava?

— Barbara!

— Já era hora, é tudo que eu tenho a dizer — a mulher disse pensativa.

— O que você quer dizer? — Gracie perguntou quando se juntou a amiga na mesa, onde Barbara enfiava copos com chá gelado.

— Eu quero dizer que Jason arde cada vez que olha para você. Não me diga que você não percebeu?

O coração de Gracie saltou.

— Verdade?

— Ele não estava te convidando para decorar a casa? — ela perguntou.

Gracie pegou seu sanduíche.

— Sim. Kittie zombou disso. Ela disse que ninguém mais fazia decorações daquele tipo, e que eu era ultrapassada. Jason já dizia isso há anos.

— E você deixará isso lhe impedir? — a amiga perguntou horrorizada — Gracie, você sempre teve o seu próprio estilo. Você deve fazer o que gosta, sem se importar com o que as pessoas pensam. Eu amo as suas decorações. Os vizinhos costumavam passar pela casa durante toda época do feriado— eles esperavam ansiosos para ver qual esquema de cores você usaria — os olhos dela se ergueram — Era como um presente que você tinha para a comunidade. Eu acho que era assim em San Antonio também.

Ela sabia que era. Mas a lembrança de Kittie ainda doía, mais agora que sabia que Jason quase cometera um erro que o forçaria a se casar com a mulher. Gracie o perderia para sempre.

— Kittie é história — Barbara disse firme — Ela só queria o que Jason possuía. Ela não o amava.

— Ele estava atraído por ela — Gracie disse baixo.

— Estava? Ou ela era um prêmio de consolação pelo que ele realmente queria?

— Eu não sei.

— Você devia ir — Barbara disse firme.

Mas Gracie não tinha certeza se queria ir. Amava Jason de todo seu coração, e o queria desesperadamente. Mas até mesmo brincadeiras sexuais não era sexo. Não sabia se podia dar o que ele queria. Tinha medo de descobrir. Se o recusasse uma segunda vez, ele podia chegar aos finais. Ele podia voltar para Kittie. Podia ser o fim de seus sonhos. Precisava de tempo para pensar no assunto.

ERA PREOCUPANTE JASON não ter ligado ou procurado por ela nos dias que se seguiram. Gracie levantou da cama no dia seguinte. A escola estava fechada para o feriado de Ação de Graças, mas ela ajudava Barbara na lanchonete, contra a vontade da mulher. Jason não entrou em contato. Ela pensou em ligar para ele, mas ainda estava muito envergonhada pelo modo como haviam se separado.

A senhora Harcourt ligou na noite de Ação de Graças, às duas da manhã. Gracie atendeu o telefone sonolenta.

— Alô?

— Senhorita Gracie? É Eve Harcourt.

— Sim, senhora Harcourt. Feliz Ação de Graças! Sinto muito por não ter ligado...

— Oh, tudo bem, todos nós sabemos o que você passou — ela hesitou — Senhorita Gracie, você poderia ir até o Shea's se eu mandar algum dos vaqueiros buscá-la?

Ela sentou na cama e piscou.

— Senhora, Harcourt, por que eu iria ao bar às duas da manhã? — ela perguntou ainda sonolenta.

— Veja bem, o senhor Jason recebeu um pacote ontem, entrega especial. Ele entrou no escritório e fechou a porta. Eu não sei o que era, mas ele ficou fora o dia todo. Ele nem veio para o jantar. Eu achei que ele pudesse estar com você até que o telefone tocou e era aquele bagunceiro, Tiny, do bar.

Gracie se ajeitou na cama.

— Tiny? Por que ele ligou para você?

— Ele disse que o senhor Jason destruiu o bar, senhorita Gracie — ela continuou preocupada — Ele colocou Tiny em cima de uma mesa quando ele tentou mandá-lo embora. Agora um dos rapazes do rancho Hart está trancado no banheiro e ele está ameaçando derrubar a porta se ele não sair. Eu juro, não me lembro da última vez que o senhor Jason bebeu algo alcoólico!

— Eu lembro — Gracie murmurou, lembrando que ele dissera a ela a maneira como terminara na cama com Kittie. Imaginou o que o aborrecera dessa vez — Eu vou me vestir. Mande um dos rapazes. Eu trarei Jason para casa.

— Você era a única que podia lidar com ele quando ele estava bêbado — a mulher disse — Eu odeio ter que ligar para você, mas ele não deixaria ninguém mais se aproximar.

— Eu sei. Está tudo bem.

— Obrigada, senhorita Gracie — ela disse, e desligou.

Ela tinha medo de homens que bebiam, mas essa era a segunda vez que Jason bebia realmente. A outra vez havia sido quando seu pai morrera e ele não a ameaçara de nenhuma maneira quando ela havia interferido. De fato, havia conseguido tirar a bebida da mão dele com extrema facilidade. Ele fez tudo o que ela mandou e a seguiu como um cordeirinho. Era mais um motivo para nunca ter medo dele. Tendo vivido com um pai que bebia em excesso e era violento, seria devastador descobrir que Jason era igual a ele. Mas ele não era.

TIM, UM DOS HOMENS DO RANCHO, levou Gracie até o bar.

— Você quer que eu entre com você? — ele perguntou.

— Venha e fique na varanda, Tim — ela disse — Eu precisarei que você me ajude a levá-lo até a caminhonete. Provavelmente seja melhor que você não entre.

Ele pareceu aliviado.

— O chefe é perigoso quando está bêbado — ele disse.

Ela sorriu.

— Sim. Mas não comigo.

Ela entrou no bar. Jason não estava cambaleando, mas parecia uma cascavel procurando um lugar para morder. Ele praguejava contra uma porta fechada no fundo do bar. A maioria dos clientes já haviam ido embora. Era somente Jason e a pobre alma presa no banheiro.

Tiny veio encontrá-la.

— Desculpe por eu ter ligado pedir ajuda, senhorita Gracie, mas eu estou me recuperando de uma cirurgia — ele se desculpou — O senhor Pendleton fica irracional quando bebe, e ele já me deu um empurrão. Não quero ligar para os policiais a menos que seja preciso. Ele é um bom homem.

— Eu cuido disse. Obrigada por ligar, Tiny. Você sabe que nós pagaremos os danos.

— Claro que sim.

Ela passou por ele. Jason ainda estava praguejando.

— Jason — ela chamou suavemente.

A mudança nele foi imediata e surpreendente. Ele virou-se, piscou e pareceu relaxar um pouco.

— Olá, Gracie — ele disse um pouco ofegante. Esboçou um sorriso débil — Estou um pouco bêbado.

— Eu percebi — ela o pegou pela mão — É hora de ir para casa.

— Ok.

Ela o guiou até a saída do bar para divertimento de um atônito Tiny. Ele não ofereceu nenhuma resistência. Atrás dela, ouviu uma porta sendo aberta.

— Ele já foi? — um vaqueiro perguntou apreensivo.

Jason parou, fez uma carranca.

— Você...!

— Casa, Jason! — Gracie disse firme, apertando a mão dele.

Ele encarou o vaqueiro, que estava congelado no lugar. Então respirou fundo e virou-se, deixando Gracie guiá-lo até a caminhonete, onde Tiny o esperava com a porta do lado do passageiro aberta.

— Ele zombou do meu maldito chapéu — Jason murmurou enquanto se sentava — Eu ia dar-lhe um chute, mas ele correu e se trancou no banheiro. Maldito covarde!

Gracie entrou ao lado dele, indicando para que Tim ligasse a caminhonete.

— Eu não quero ir para casa — Jason disse repentinamente.

— Bem, você vai de qualquer modo — Gracie respondeu. Apertou o seu cinto de segurança, mas não encontrou o dele. Ele estava sentado em cima. Encostou-se e esperou que a polícia não percebesse. Era contra a lei não usar cinto.

— A senhora Harcourt estava muito triste — Gracie disse — Ela disse que você nem ao menos tocou no jantar de Ação de Graças.

— Não importa — ele murmurou — Você não estava lá. Não é Ação de Graças sem você.

O coração dela doeu com aquele comentário. Sentiu-se culpada.

— Eu odeio uísque — ele murmurou enquanto se aproximavam do rancho.

— Você odiará ainda mais pela manhã — ela assegurou — Só até a varanda, Tim, daí você volta para a cama. Obrigada — ela acrescentou.

— Não é necessário, senhorita Gracie.

Entre eles, seguraram Jason em pé e o levaram até a casa. A senhora Harcourt estava esperando no corredor, os olhos cheios de preocupação.

— Ele está bem? — ela perguntou preocupada.

Ele a encarou.

— Eu só estou bêbado, senhora Harcourt — ele disse — Não muito bêbado, embora.

— Vamos — Gracie disse caminhando com ele pelo corredor na direção de seu quarto — Senhora Harcourt, volte para a cama. Eu levarei ele até o quarto.

— Obrigada, senhorita Gracie — ela hesitou — Mas eu precisarei te levar até a casa de Barbara.

— Eu não vou — ela disse firme — Posso dormir no quarto de hóspedes. Não precisa se preocupar.

— Farei um bom café da manhã para você — a mulher disse com um sorriso — Obrigada por salvá-lo.

— Nada vai salvá-lo de mim — Gracie murmurou. Segurou Jason e o levou até o quarto, fechando a porta atrás deles. Ela queria, mais do que tudo, saber o que o deixara daquele jeito.

Ela o jogou na cama king-size e abaixou-se para tirar suas botas. Ele esparramou-se no colchão, tirando o chapéu. Ela jogou as botas no chão e sentou ao lado dele. Ele vestia jeans e uma camisa xadrezm roupas confortáveis, mas não caras. Aparentemente ele fora do rancho ao bar.

— O que diabos está errado com você? — ela perguntou — Você quase nunca bebe.

Ele abriu os olhos e a encarou.

— Eu contratei um detetive particular.

O coração dela parou.

— Por que, Jason?

Ele passou uma mão pelo cabelo.

— Para me contar o que você não queria dizer. Para me contar sobre sua infância, e a verdade sobre sua família.

Capítulo 11

O CORAÇÃO DE GRACIE PAROU. Sentiu cada gota de sangue sendo sugada de seu rosto com a constatação.

— Oh — ela disse fracamente.

Ele fez uma carranca.

— Eu sabia que você ficaria assim. Eu tinha que saber. Eu tinha que saber, Gracie!

Ela virou o rosto. Lutou contra as lágrimas.

— Eu achei que poderia esconder isso para sempre, que você nunca descobriria — fechou os olhos com força — Estou tão envergonhada!

— Envergonhada de que, neném? — ele perguntou suavemente — Vem aqui comigo! — ele a puxou para seus braços e a segurou firme, lutando contra os efeitos da bebida enquanto tentava ordenar seus pensamentos. O que ficara sabendo havia sido um choque terrível — Por que você estava com medo de contar?

— Nós éramos tão pobres — ela sussurrou — Não tínhamos nada. Mamãe não queria que seu pai descobrisse. Ele era tão esnobe, Jason. Ele nunca se aproximaria dela se soubesse. Ela fingia que nós vínhamos de uma família rica e inventou histórias para que ele não descobrisse nada.

— Seu pai segurou uma arma contra sua cabeça e ameaçou te matar — ele disse — Um oficial do SWAT que estava lá disse que ele atiraria, que não estava blefando. O atirador disse que precisava pegá-lo. Mas o trauma... O seu pai morrer quando estava parado atrás de você — ele gemeu — Se eu soubesse, teria te levado na terapia! E não somente por isso. Sua pobre mãe!

— Acho que todos nós estávamos confusos — ela concordou estremecendo — Eu pensei... Eu pensei que isso mudaria as coisas entre nós, se você conhecesse meu passado. É tão sórdido. Kittie me ouviu contando para a senhora Harcourt e ameaçou contar a você se eu não saísse de sua vida — ela sentiu o corpo dele tremer — Eu estava tão assustada...

— Não teria importado. Não importa agora — ele apertou os braços ao redor dela — Você está segura, Gracie. Ninguém vai lhe machucar de novo, não enquanto houver ar em meu corpo!

Ela relaxou com um leve estremecer e o deixou segurá-la. Colou-se ao corpo dele e agradeceu pela vida.

Ele riu de uma maneira estranha.

— O que foi? — ela sussurrou.

— Eu tenho você em minha cama no meio da noite, vulnerável e suave, e não consigo fazer nada em relação a isso.

— O ... o quê?

Ele riu ofegante.

— Homens bêbados não podem fazer nada.

Ela ergueu a cabeça e o encarou.

— Não podem?

— Foi tudo que me salvou de Kittie — ele murmurou, segurando uma mecha de cabelo loiro — Mas eu não quero ser salvo de você.

Ela apoiou as mãos no travesseiro embaixo da cabeça dele e estudou o rosto tranqüilo.

— Não quer?

Ele a abraçou com mais força.

— Você poderia tirar minhas roupas — ele sugeriu — Nós podemos ver o que acontece.

Ela corou.

— Não.

— Desmancha-prazeres — ele respirou fundo — Durma comigo, então. É uma cama grande. Está congelando. Posso ficar resfriado.

— Não está tão frio.

— Sim, está — ele moveu-se, puxando uma coberta colorida que a senhora Harcourt havia feito. A única luz no quarto vinha de fora, eles mal podiam se ver. Ele puxou Gracie para perto dele e cobriu-os com a coberta.

— A senhora Harcourt ficará horrorizada.

— Não, não ficará — ele murmurou — Ela sabe sobre homens bêbados, eu garanto.

— Você não estará bêbado pela manhã — ela protestou, mas não com muita força.

— Pela manhã — ele sussurrou em sua orelha — Você pode não se importar.

Ela estremeceu um pouco, mas ele a conhecia muito bem para entender o motivo. Levantou a cabeça e observou os olhos dela.

— Você acha que sexo fora do casamento é pecado — ele sussurrou — Eu sei. Eu lhe assustei na casa de Barbara porque perdi o controle. Prometo que não farei de novo. Nunca lhe forcarei a nada.

O corpo dela relaxou.

— Eu não quero que seja assim — ela argumentou.

Ele a puxou para perto e segurou-a com força.

— Não existe nada errado com o modo como você é — ele disse baixo — Durma, anjo. Eu te protejo.

Já era tarde. A senhora Harcourt não julgaria. Além disso, ambos estavam vestidos. Aproximou-se de Jason, fechou os olhos, e finalmente, dormiu.

JASON OBSERVOU-A DORMIR. A luz do dia estava entrando pela janela. Gracie ficara em seus braços durante toda a noite. Não havia tentado sair. Era um sonho tornado realidade, ver o rosto dela em seu travesseiro, o cabelo espalhado como uma cortina de ouro. Olhou os seios dela por baixo da camiseta que ela vestia e sentiu uma vontade de tirá-los, junto com o sutiã, e fazer um banquete da pele suave e quente. Mas sabia coisas sobre ela que nunca imaginara. Tinha que ir devagar, ensiná-la a ter intimidade. Pela primeira vez, tinha uma pequena esperança para o futuro. Gracie o queria. Ela podia não saber, ou entender, mas sentia. Sorriu com felicidade.

Ele ouviu alguns passos no corredor. A porta abriu, só um pouco, e a senhora Harcourt espiou dentro do quarto.

Ele colocou os dedos nos lábios, e indicou o pequeno corpo próximo ao seu. Então sorriu.

Ela sorriu também.

— O café estará pronto em dez minutos — ela sussurrou.

Ele concordou.

A senhora Harcourt fechou a porta. Estava positivamente radiante.

Gracie o ouviu rir e abriu os olhos. Observou-o na luz suave, fascinada pelo jogo de emoções em seu rosto. Os olhos dela deslizaram dele para a cama e o encarou novamente.

Os dedos dele deslizaram pelos seios dela.

— A senhora Harcourt acabou de entrar para avisar que o café estará pronto em dez minutos — a mão dele deslizou pela barra da camiseta — Você acha que nós podemos fazer algo em oito minutos? — ele murmurou travesso.

Ela segurou o pulso dele e então o soltou lentamente.

Ele deu um risinho. Os dedos deslizaram ao redor dela para encontrar o fecho que mantinha o sutiã no lugar. A mão dele voltou-se pelo seu braço e então tocou o seio suave.

Ele inclinou-se na direção da boca dela.

— Eu adoro te tocar assim — ele murmurou enquanto a beijava suavemente.

As unhas dele o apertaram, mas ela não protestou. Quando ele a olhou nos olhos, descobriu-os cheios de prazer e curiosidade.

— Tudo mudou — ela sussurrou.

— Sim — Os olhos dele estavam escurecendo. Ele ergueu-se e tirou o tecido do caminho, para que pudesse ver o que estava tocando — Tudo.

Enquanto ele falava, inclinou a cabeça e ela sentiu a boca quente sobre seus seios, explorando, provocando, possuindo. O prazer repentino aqueceu o corpo dela. Ele ouviu o gemido arfante enquanto aumentava o prazer e a insistência dos lábios. Uma mão deslizou por baixo dela. A outra abriu os botões de sua própria camisa. Ele puxou o quadril dela contra o seu e colocou os seios suaves no peito coberto por pêlos.

Ele teve que cobrir a boca dela com a sua para abafar o gemido excitado que escapou dos lábios dela quando a paixão dominou o corpo inexperiente. Ela estremeceu, gemendo, agarrando-o. Ele ajeitou-se em cima dela, afastando as pernas femininas para que ela pudesse sentir a força de seu corpo, o poder e o calor de seu desejo. Ele estremeceu quando o seu quadril se moveu ritmicamente contra o dela.

Ela abriu as pernas para ele, agarrando suas costas quando o prazer a ergueu a alturas nunca antes esperadas.

— Café da manhã! — a senhora Harcourt chamou do corredor.

Jason se afastou de Gracie.

— Nós já vamos! — ele gritou, esperando que a voz não soasse muito rouca.

— Ok — os passos dela se afastaram pelo corredor.

Gracie o encarou, os olhos arregalados.

Os olhos dele deslizaram pelos seios dela e mais abaixo, onde os dois corpos ainda estavam colados no quadril. Tinha que lutar para recuperar o fôlego.

— Eu quero entrar em você, duro e fundo — ele sussurrou asperamente — Eu quero que você me sinta contra você, contra o seu corpo.

Ela tremeu, mal conseguindo respirar. Nunca esperara que os homens falassem desse jeito com as mulheres. Seu rosto corou, mas não de vergonha. Estava imaginando o corpo dele entrando nela. Ela gemeu.

— Você deixaria — ele arriscou.

Ela respirou fundo.

— Sim.

Ele hesitou. Sentia dor. Muita dor.

— Não deixe esfriar — a senhora Harcourt chamou novamente.

Ele fechou os olhos e engoliu um impropério. O corpo poderoso vibrava com desejo frustrado.

Gracie sentiu aquela angústia em seus próprios ossos. Afastou-se dele. Seus lábios tocaram-lhe o rosto, as pálpebras, o nariz e as bochechas.

— Está tudo bem — ela sussurrou — Está tudo bem.

Ele adorou a ternura. Sentou novamente na cama e deixou-a fazer o que quisesse, beijá-lo e acalmá-lo. Os olhos escuros a encararam, suaves e quietos.

— Você está bem? — ela perguntou gentil — Eu li que isso machuca os homens, quando eles ficam assim. Eu não sabia o que fazer.

— Ótimos instintos — ele respondeu ainda ofegante — Funcionou.

Ela sorriu. Seus olhos estavam maravilhados quando o encararam.

— Eu nunca entendi até agora. O que significava, eu quero dizer.

— Isso piora — ele disse, observando os seios dela — Piora muito...

— Oh — ela sentou, afobada, e arrumou as roupas — Desculpe. Eu não percebi...

Ele ficou em pé.

— Não foi uma reclamação.

Ele a colocou em pé, admirando a diferença entre eles. Alisou o cabelo dela.

— Vai aparecer — ela disse preocupada.

— Eu não me importo — ele respondeu. Em seguida segurou a mão dela — Vamos comer alguma coisa.

Eles se olhavam através das mortidas. A senhora Harcourt ria alegre. Eles eram tão transparentes. Ela ficava feliz ao observar a afeição crescente entre eles. Já era hora, ela pensou.

DEPOIS DO CAFÉ, eles caminharam até o curral para ver um homem tentando domar uma potranca com rédeas curtas.

— Nós temos ter o jantar de Ação de Graças hoje — ele murmurou sorrindo para ela — A senhora Harcourt o salvou.

O coração dela saltou.

— Eu adoraria.

Ele virou-se, puxando-a gentilmente contra seu corpo.

— Então nós poderemos decorar uma árvore de natal.

Ela mordeu o lábio inferior, sem saber o que dizer.

Ele moveu as mãos na cintura dela.

— Eu sei por que isso significa tanto para você — ele disse depois de um minuto — O detetive foi muito claro. Seu pai era ateu. Ele não te deixava montar uma árvore, ou qualquer tipo de decorações ou ir à igreja.

Ela concordou.

— Os feriados eram solitários.

— De agora em diante — ele jurou — Nós os celebraremos juntos, mesmo que eu tenha que colocá-la em um avião para encontrá-la. Eu prometo.

Ela sorriu para ele. Ele falava sobre um futuro. Um futuro juntos.

— E nós iremos devagar — ele disse baixo — Estou apressando as coisas. Não quero fazer isso. Estou morto de fome por você — ele confessou — Mas posso me controlar. Tenho que controlar. Eu quero conhecer você, Gracie.

— Nós vivemos juntos por doze anos — ela riu.

— Não assim — ele disse com a voz cheia de sentimento — Nunca assim — ele inclinou-se e lhe deu um beijo suave.

— Jason, alguém pode ver — ela protestou fracamente.

O rosto dele ficou sombrio.

— Eles terão que se acostumar — ele respondeu.

Ele fazia promessas sem dizer uma única palavra. Ela o encarou com o coração nos olhos.

— Sim, eles terão que se acostumar.

O pulso dele acelerou. Inclinou-se e a beijou ternamente, segurando-a em seus braços. Quando ela tentou se aproximar, ele deu um passo para trás.

— Não — ele disse suavemente — Isso muda tudo. Eu quero você. Eu tenho certeza de que você sabe disso. Mas nós temos que dar um passo por vez. Ok?

Ela sorriu.

— Ok.

AS DUAS SEMANAS SEGUINTEs foram mágicas. Gracie e Jason cavalgaram juntos no rancho, foram a um leilão, assistiram uma exibição do quebranozes no balé de San Antonio. Nesse tempo, Gracie deu uma palestra para uma sala de terceiro ano e chamou atenção até do professor enquanto contava eventos da batalha do Álamo. Então a universidade ligou, desesperada por um substituto para o professor de história que dava aulas a noite — ele havia sofrido um acidente de

carro e não poderia voltar até o final do curso. Ela teria que dar apenas quatro aulas, até o fim do semestre, a primeira semana de dezembro. Ele havia deixado seu plano de aulas e as suas notas.

Ela entrou na sala nervosa e incerta. Mas quando percebeu como aqueles alunos eram maduros, como estavam interessados na matéria, relaxou e os aqueceu. Ela seguiu o plano do professor, que envolvia a história do Texas, mas acrescentou seus próprios conhecimentos sobre a influência da revolução mexicana nos Estados Unidos, e o conflito no Álamo. A aula durava duas horas, mas teve um acréscimo de meia-hora. Já passava das nove quando Gracie dirigiu até a casa de Barbara.

Tivera que brigar com Jason para não jogá-lo fora. Ele queria lhe presentear com um jaguar conversível, e ela queria pagar do seu próprio modo. Ele ficou irritado por ela ser tão independente. Mas ele a respeitou, do mesmo modo. Não a pressionou.

Era difícil para eles ficarem separados, considerando a paixão crescente que os assustava. Jason a queria. Era tão evidente que ficou impressionada por não ter notado antes. Barbara contou que já havia percebido há dois anos. Foi exatamente quando Jason começou a recusar danças com ela. Talvez, imaginou, ele estava incerto sobre seu controle se ficasse perto dela, e não queria que ela soubesse como sua afeição por ela havia se tornado algo físico.

A IDÉIA DE DECORAÇÃO para o natal ainda deixava um gosto amargo em sua boca, mas foi convencida pela senhora Harcourt e por Jason. Passou a tarde anterior a sua aula preparando tudo. Enquanto colocava os últimos enfeites na grande árvore que Jason arrumara para a sala, com Jason sentado em um poltrona bebendo café e a observando, o celular dele tocou. Ele o tirou do bolso, checkou o identificador e o desligou abruptamente, colocando-o sobre uma mesa.

Gracie o observou curiosa.

— Eu não estou com vontade de conversar — ele disse sem dar explicações.

Ela apenas sorriu, voltando às decorações.

Um minuto depois, o telefone da casa tocou. E tocou. E tocou novamente.

Gracie franziu a testa com evidente curiosidade.

— Você não vai atender?

Jason suspirou irritado e começou a se levantar.

— Eu atendo! — a senhora Harcourt gritou.

Ele sentou-se novamente, mas Gracie notou que ele parecia desconfortável. Imaginou o motivo.

Um minuto depois, a senhora Harcourt entrou na sala. Lançou um olhar cauteloso na direção de Gracie antes de entregar o telefone a Jason.

— É a senhorita Sartain — ela disse friamente.

Jason murmurou algo, encarou Gracie e atendeu.

— Sim, eu sei. Eu cancelei — ele disse após um minuto. A mandíbula dele estava tensa, o rosto irritado — Não, eu não mudei de idéia — ele disse. Houve uma hesitação, durante a qual o rosto dele endureceu — Eu sei tudo sobre o passado dela — ele disse abruptamente, encarando uma confusa Gracie. Houve outra pausa. Os olhos escuros começaram a brilhar — Se você quer falar com os tablóides, fique a vontade. Eu não tenho nenhum segredo que me importo em esconder. Está tudo bem. Eu não estou interessado em voltar com você, Kittie. Você pode ligar todo maldito dia, mas terá a mesma resposta. Ótimo. Faça o que quiser.

Ele desligou e entregou o telefone para uma preocupada senhora Harcourt.

— Se ela ligar novamente, desligue. Nem ao menos fale com ela — ele disse firme.

A senhora Harcourt concordou, mas seu rosto estava pálido. Ela obviamente ouvira a conversa.

Ele olhou para Gracie, que o observava abertamente, o rosto cheio de incerteza.

— Ela havia ligado para você antes? — perguntou.

Ele hesitou.

Ela se aproximou.

— Havia?

— Algumas vezes — ele confessou relutante — Você tem que entender como a mente dela trabalha — ele disse — Ela achou que podia me conseguir de volta se fosse persistente, mas não

adiantou. Agora ela está me chantageando. Eu acabei com as armas dela quando disse que sabia sobre seu passado, mas ela disse que sabe outro segredo que eu adoraria saber — ele riu friamente — Chance difícil.

Gracie não tinha certeza se Kittie estava mesmo blefando. A senhora Harcourt estava escondendo algo, mas não tinha idéia de que.

— Por que você ainda fala com ela? — Gracie perguntou.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Com licença? — ele perguntou em um tom arrogante.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Bem, ela é muito bonita — ela disse — E você ficou noivo dela por vários meses, Jason...

— Noivo não é casado — ele interrompeu brusco — Meu pai tentou três vezes com pouco sucesso — ele acrescentou, seus olhos estavam escuros e inexpressivos — Mesmo ele e minha mãe não se deram muito bem. Você sabe quanto tempo a sua mãe e a mãe de Glory duraram. Eu nunca vi um bom casamento.

Gracie estava ainda mais desconfortável agora. Ele não estava realmente pensando em casamento. E se ele apenas a quisesse, e pensasse que podia levá-la para a cama e ficar com ela sem casamento? Não era a primeira vez que pensava naquilo, e não conseguia lidar com a idéia.

Ele era carinhoso e parecia apreciar sua companhia, mas não sequer mencionara um futuro entre eles. Pior, ela estava frustrada por causa dos sentimentos que ele provocava nela e irritada por causa da tensão entre eles que crescia cada vez mais. Agora ele não queria nem tocá-la. Era como se ele estivesse brincando, usando algum jogo sexual. Mesmo agora, a expressão dele continha divertimento. Ele estaria arrependido pelo que acontecera entre eles e voltaria para Kittie?

Ele notou a expressão dela e seus olhos escureceram.

— O que está errado? — ele perguntou, com ironia na voz.

— Você tem mesmo certeza de que queria terminar aquele noivado? — ela insistiu — Ou você apenas se sentiu culpado por eu ter sido seqüestrada?

Os olhos dele eram gentis. Ela não era a única que estava frustrada, mas a condição dele durava um pouco mais. Ele estava queimando para tê-la, e cada vez que dava um passo na direção dela, ela se afastava dois. Seu humor, sempre escondido sob a superfície, estava ameaçando entrar em erupção.

Ele ficou em pé.

— Talvez eu me sinta culpado — ele respondeu, os olhos se estreitando — Você não estaria na estrada naquela noite em primeiro lugar se não tivesse saído quando Kittie entrou. Você nunca gostou de Kittie.

Ela ficou chocada com as palavras, e a suave agressão por trás delas. Afastou-se da árvore com a última decoração, uma de vidro, na mão e o encarou.

— Como você dá uma chance para uma cascavel? Oferece a primeira mordida? Ela fez a senhora Harcourt e Dilly sentirem-se como idiotas. Ela zombou da idade de John. Ela me queria fora do caminho porque eu poderia interferir nos planos dela para conseguir o seu dinheiro.

Ele inclinou a cabeça e a encarou. Ficava mais zangado a cada minuto.

— E esse é o meu único atrativo para as mulheres Gracie? O meu dinheiro?

Ela ficou parada. Eles estavam entrando em áreas perigosas. O dia havia começado bem. Agora estava se tornando uma nuvem negra.

— Jason, eu nunca disse isso.

— Você sabe o que Kittie falou sobre você? — ele disse friamente — Ela disse que você nunca se casou porque você sabia que eu não manteria você e outro homem. Ela disse que você ficou solteira deliberadamente, para ter uma vida confortável.

O rosto dela ficou coberto por sombras. Então era assim que Kittie o mantivera afastado de Gracie, plantando dúvidas em sua mente.

— Você sabe por que eu sou solteira.

— Sei? — ele perguntou — Eu conheço o motivo que você me deu. Mas você não tem medo de mim, Gracie — ele acrescentou em um tom insinuante — De fato, eu sou o único que sempre se afasta.

O rosto dela ficou vermelho. Era verdade, mas ele estava distorcendo tudo. Ela o amava. Era por isso que não tinha restrições com ele. Agora ele parecia achar que ela estava jogando.

— Eu ainda sou rico, Gracie — ele disse cegamente — E você é uma garota trabalhadora. Não é?

Foi a gota d'água. Ela jogou a decoração e ouviu o barulho do vidro se quebrando com um sentimento de imprudência.

— Sim, eu sou — ela gritou — Eu sou uma garota trabalhadora, com minha própria vida, e você pode agradecer às estrelas por eu ser independente, não pode? Você nunca terá que se perguntar se eu estou por perto por que você é rico, porque essa é a última vez que eu coloco meus pés nessa casa!

Ela pegou a bolsa, a jaqueta e caminhou até a porta.

— Aonde diabos você pensa que vai? — ele perguntou logo atrás dela.

— Eu vou trabalhar! — ela rugiu — Minha aula começa em duas horas. Eu ficarei na cantina tomando café! Qualquer coisa é melhor do que ficar sentada aqui ouvindo sua conversa com sua noiva!

Jason sentiu algo se quebrando. Apoiou as mãos ao lado do quadril.

— Eu disse a você que terminei o noivado!

— Você disse a Kittie? — ela desafiou sarcástica.

— Droga!

— Tudo bem, comece a xingar — ela murmurou — Isso certamente vai ajudar!

Ela abriu a porta do velho carro e sentou atrás do volante. Jason permaneceu a observando, a mandíbula tão tensa que ela podia ver do carro. Ela ligou o motor e a fumaça preta saiu do escapamento. Ela queria chorar. Isso apenas enfatizava a diferença social entre eles.

— Tudo bem, vá para sua maldita aula e veja se eu me importo! — ele gritou.

— É o que eu planejava!

Ela colocou o carro em movimento e gemeu quando o motor rangeu enquanto ela entrava na estrada. O pequeno pedaço de ferro provavelmente pararia na estrada e ela teria que caminhar de volta, engolir seu orgulho e pedir uma carona até a cidade. Mas ela iria até Jacobsville, mesmo que nunca chegasse lá.

Ela sentiu vontade de chorar, mas não entraria em pânico. Estava convencida de que Jason não tinha intenção de pedi-la em casamento, nem agora nem nunca. Ele queria alguém em sua cama, mas não em sua vida. A opinião dele sobre casamento era clara.

Ele ainda queria Kittie? Se ele não quisesse, por que havia atendido às ligações? E ele quase ignorara, até que a senhora Harcourt finalmente atendeu ao telefone e quase o enfiara em suas mãos. Ele estava tentando esconder o fato de que Kittie ligava para ele?

Ela estava muito confusa para pensar direito. Sua vida estava maravilhosa. Jason era atento e carinhoso, e as coisas haviam voltado ao normal. Bem, não totalmente. Não quando ele a beijava com tanta fome e a olhava como se estivesse faminto.

Mas um casamento não podia ser construído dessa maneira. Era uma fome que logo poderia ser satisfeita. Não durava.

Gracie queria um lar e filhos. Começara a pensar nisso com Jason, e ele a encorajara. Mas a ligação de Kittie destruíra aquela ilusão como um tiro. Agora Jason estava praguejando e Gracie dirigindo de volta para Jacobsville com o orgulho preso na garganta. Os sonhos sobre um futuro alegre haviam sido esmagados.

Ela pegou a estrada de terra e guiava o carro até Jacobsville, estava quase no final de uma velha ponte de madeira quando o carro estúpido parou, afogou e morreu, no meio da velha ponte. Ela deu um murro no volante e usou algumas das piores palavras de Jason. Não era o seu dia!

Capítulo 12

GRACIE ESTAVA RESIGNADA a caminhar de volta ao rancho para pedir ajuda quando uma caminhonete vermelha veio em sua direção.

Ela parou na frente de seu carro e acenou. O motorista parou no estacionamento ao seu lado.

— Senhorita Gracie, é você? — Bobby Hawkins, um dos bombeiros voluntários de Jacobsville perguntou — O que você está fazendo nesse pedaço de ferro? — ele indicou o carro.

— Pode não parecer muito, Bobby, mas é meu. Você pode me dar uma carona até o colégio comunitário? Eu me atrasarei para a aula e Turkey Sanders vai demorar uma vida para chegar aqui e fazer o carro funcionar. Eu não posso nem ligar para ele. Esqueci meu celular essa manhã.

Bobby fez uma careta.

— Acho que posso ajudá-la. Tenho que chegar ao banco antes que ele feche para fazer um depósito, e então ir até a loja de informática para pegar uma coisa. Tenho uma aula treino, mas se você não se importar em esperar um pouco enquanto eu pego minhas coisas no caminho, posso te deixar lá antes de ir para a estação.

— Eu não me importo, Bobby — ela disse.

— Suba, então — ele disse com um sorriso.

— Você é um salva-vidas!

Ela sentou ao lado dele e eles dirigiram na direção da cidade. O negócio no banco levou mais tempo do que o planejado, e então o chefe de polícia ligou e pediu que ele parasse na companhia de suprimentos para escritórios e pegasse alguns lápis.

Finalmente, ele estava a caminho para deixar Gracie quando um pedido de resgate ecoou no rádio. Ele atendeu, franzindo a testa da direção de Gracie.

— Alguém caiu na água do rio — ele disse — Tenho que ir, sou o único mergulhador presente. Pedirei que um dos garotos te traga de volta para a cidade. A vida de alguém pode estar em perigo...

— Não diga mais nada — ela disse — Vá!

Ele já estava saindo da cidade. Ligou a caminhonete, deu tranco no motor e voltou a estrada. Gracie levou um minuto para perceber que eles se dirigiam a mesma ponte onde seu carro estava parado.

Vários homens estavam parados na ponte. A polícia estava lá, junto com o pessoal do serviço de emergência, uma caminhonete e dois carros particulares. Um deles era o jaguar conversível de Jason. Gracie trincou os dentes. O que Jason estava fazendo lá?

— Você viu alguém na ponte quando seu carro falhou? — Bobby perguntou a Gracie.

— Não, ninguém. Quem será que caiu?

— Nós saberemos logo, eu espero.

Ele parou o mais próximo possível. Os dois saíram. Gracie caminhou no meio da multidão.

— Pelo amor de Deus, você pode correr? — a voz de Jason soou urgente.

— Jason? — ela empurrou os homens parados ao lado dele, olhando o rio — Quem caiu? — ela perguntou preocupada.

Ele parou e a encarou.

— Gracie? — ele a puxou contra ele e segurou-a com força — Eu pensei que você estivesse no rio! — ele gemeu.

Ela ainda tentava ajeitar as coisas em sua mente.

— No rio?

— Seu carro estava parado aqui, abandonado.

Como ele sabia o que o carro dela estava lá? Ele a seguira, esperando fazer as pazes?

— Você disse que ela havia pulado no rio! — o chefe assistente Palmer acusou, parando ao lado deles — Você tinha certeza!

Jason soltou Gracie relutantemente. Ele piscou.

— Bem, nós tivemos uma briga. Eu fiquei preocupado e a segui, e encontrei o carro abandonado aqui! — ele disse na defensiva.

— Abandonado e sem as chaves! — Gracie murmurou, tirando-as de seu bolso e chacoalhando-as na frente do rosto dele — Quem tira as chaves do carro antes de pular no rio? — ela perguntou indignada.

Os lábios de Jason fizeram uma linha fina. Estava envergonhado e odiava a sensação.

Palmer fez uma carranca. Ele era policial até trocar de posto e se tornar um bombeiro. Por causa de seu velho emprego, tinha uma boa idéia do que estava acontecendo.

— Escute, está tudo bem — ele disse calmo — É sempre melhor estar seguro do que pedir desculpas.

— Claro que é — Gracie respondeu — Obrigada — ela sorriu para ele.

Ele sorriu de volta.

— Ok, homens, vamos recolher tudo e voltar para a estação.

Bobby Hawkins deixou escapar um assovio.

— Que bom, eu não estava ansioso para mergulhar na água fria — ele disse zombeteiro — Embora já tenha feito. Nós podemos ir agora, senhorita Gracie, eu te levo até o colégio.

— Eu a levo — Jason disse firme — Nós ligaremos para Turkey Sanders no caminho e pediremos que ele recolha o carro.

Bobby parou indeciso.

— Obrigada, Bobby, mas Jason me leva — ela disse — Já causei muito problema.

— Nenhum problema — Bobby afirmou — Verdade.

Jason segurou o braço de Gracie, abriu a porta do jaguar e a sentou ao seu lado.

— Belas rodas — Bobby disse com um assovio.

Jason deu um risinho.

— Pertence a mim e ao banco, Bobby — ele disse ao homem — Eu não conheço ninguém que possa conseguir um desses com seu salário.

— Mesmo assim, é muito bonito — Bobby suspirou. Ele sorriu no caminho a sua caminhonete.

— Sim, muito bonito — Gracie suspirou também, olhando o velho carro que possuía, parado na ponte.

— Você pode vir para casa e conseguir um jaguar na hora que você quiser — Jason disse abruptamente.

Ela olhou para ele.

— Jason, eu não estou brincando de ser independente. É importante para mim saber o que posso fazer sozinha.

— É claro que sim — ele disse enquanto entrava na estrada e acenava para as pessoas do resgate — Você não é uma boneca.

Ela corou de prazer.

— Você disse que eu era.

— Nunca disse isso.

— Você disse que eu era boa em dar chás — ela murmurou.

— Você é boa em tudo que você faz — ele disse simplesmente — Especialmente em emergências.

Ela sorriu relutante.

— Ok.

Ele olhou para ela enquanto dirigia.

— Eu não quero Kittie. Nunca quis.

Ela corou. Encarou os campos onde arados haviam retirado milho morto do chão.

— Eu estava com ciúmes — ele disse entredentes.

Ele riu suavemente.

Ela olhou para ele, atônita com a mudança que sua afirmação havia provocado.

Os olhos dele encontraram os dela por um instante.

Ela deu de ombros.

— Estou frustrada também — ela confessou.

— Você não é a única.

— Toda essa abstinência foi sua idéia.

— A primeira vez é difícil para as mulheres, pelo que ouvi falar — ele disse calmamente — Se eu me descontrolar, você não vai apreciar o resultado. Estou tentando esfriar um pouco as coisas.

— Com o que em mente? — ela perguntou finalmente.

Ele franziu a testa.

— O que você quer dizer?

Ela sentiu-se deslocada.

— Eu quero dizer, o que você vê para nós no futuro? Eu serei um enfeite em sua cama...

— Pelo amor de Deus! — ele estacionou no acostamento e a encarou — É isso que você acha que eu quero de você? Não, não minta — ele acrescentou quando ela tentou encontrar uma resposta — Eu quero saber. Você acha que eu sou tão egoísta que meu objetivo é te levar para a cama?

Ela deu de ombros. Pensara nisso, ainda que brevemente. Mas a expressão era evidente. Ela tentou recuar.

— Eu não sabia. Isso tudo é novo para mim. Você ficou noivo de Kittie por tanto tempo...

— Eu achei que não tinha mais nada — ele disse sombriamente — Eu queimava por dentro toda vez que olhava para você, e você só se afastava. Eu desisti. Eu não me importava se estava noivo ou não. Eu estava morto por dentro.

Os olhos dela se suavizaram quando o encarou, vendo a frustração que o assolava. Respirou fundo.

— Eu quero filhos.

Os olhos dele eram gentis.

— Eu também quero.

Ela começou a relaxar.

— Nós nos damos bem — ele disse — A maior parte do tempo. Nós conhecemos o melhor e o pior de cada um. Fisicamente, somos dinamite juntos. As crianças virão naturalmente.

— Nós moraríamos juntos...

— Nós nos casaríamos, Gracie — ele disse sombriamente.

A mudança nela era expressiva.

— Você nuna falou...

— Você nunca perguntou!

Ela começou a perceber quanto dono fizera a frágil relação deles com ciúmes desnecessários. Torceu a bolsa em suas mãos.

— Nós ainda temos um longo caminho para percorrer, não temos? — ele perguntou ausente. Voltou a estrada — O que você está ensinando no colégio comunitário?

— História — ela disse — O professor sofreu um acidente. Eu estou o substituindo. Eu começo a dar aula no período integral quando o semestre começar.

Ele franziu a testa enquanto dirigia.

— Período integral?

— Essa classe se encontra três noites por semana — ela disse.

— Você não tem um certificado de professor, tem?

— Você não precisa de um se dá aulas para adultos. Você não precisa de um diploma superior também.

Ele suspirou.

— Oh.

— Eu nunca tive que me sustentar — ela tentou explicar — Até isso tudo acontecer, eu só pensava no dia seguinte, na próxima caridade, na próxima festa — ela buscou as palavras corretas — Eu não quero guiar uma corporação ou escalar o monte Everest. Eu só quero fazer algo que ajude o mundo — ela riu — Isso soa brega, não é?

— Claro que não. Todos nós queremos sentir que o que fazemos vale a pena — ele a encarou e sorriu — Mesmo um rancheiro gosta de saber que seu trabalho ajuda o meio-ambiente, é bom para o habitat da vida selvagem, deixa o mundo um pouco melhor.

Ele entendia. Isso tornava as coisas mais fáceis.

— Meu pai odiava o rancho. Ele não entendia por que eu queria sair para pescar ou cuidar do gado. Ele achava que era acabar com a dignidade dele, eu fazer serviço manual — ele balançou a cabeça — Ele era mesmo um esnobe.

— É o que a senhora Harcourt disse.

Ele riu.

— Ela o conhecia. Ele não a deixava sentar-se à mesa e comer conosco. Ele dizia que os empregados deviam ficar na cozinha — ele arqueou uma sobrancelha — Eu me lembro de quando isso mudou.

Ela riu. Ela e Glory haviam entrado na cozinha com seus pratos e sentado na mesa com a senhora Harcourt, deixando um divertido Jason e um chocado Myron Pendleton na formal mesa de jantar.

Depois de um minuto, Jason as seguira até a cozinha, informando a seu pai que se ele sentia inclinado a comer na mesa formal, ele e as garotas comeriam com os criados. Envergonhado e embaraçado, Myron convidou a senhora Harcourt para comer com eles, e então o costume permaneceu. Agora, Dilly e John também jantavam com a família, junto com a senhora Harcourt.

Ele franziu a testa repentinamente.

— Eu não pude encontrar John — ele disse baixo — Isso me preocupa.

— Você não pode contratar um detetive particular para encontrá-lo?

Ele arqueou a sobrancelha, lembrando que investigara a vida de Gracie sem contar a ela.

— Eu não sei se devo.

— Ele provavelmente está apavorado, pois Kittie ameaçou revelar algo, e ele está se escondendo — ela disse baixo — Ela ameaçou a senhora Harcourt. Eu não sei com o quê.

— Provavelmente com o passado dela — ele disse — A senhora Harcourt gosta muito de você.

Ela sorriu.

— Sim. Eu também gosto dela.

— Nós encontraremos John cedo ou tarde. Pode apostar — ele suspirou — Eu não vou guiar até o aeroporto e não gosto da idéia de alugar um carro de San Antonio. Mas eu não deixarei isso — ele indicou o carro veloz — Em nenhum estacionamento. Eu o deixei em um lugar bem escondido quando fui para a Europa.

Ela riu. Ele adorava seus carros, especialmente esse.

— Eu sou excêntrico — ele disse na defensiva.

— Se você fosse pobre, eles te prenderiam. Só é chamado de excentricidade quando você é rico.

— Você pode vir para casa e ser rica também.

Ela balançou a cabeça.

— Ainda não.

Ele suspirou.

— Ok.

Ela estava mais próxima dele nesses dias do que nunca estivera. Sentia-se bem; não apenas para defender sua posição, mas tê-lo tão perto. Ele era o oposto exato de seu pai.

— Por que você não pode viver comigo e ser independente também? — ele perguntou repentinamente.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Isso é uma contradição em termos.

— Eu não gosto de deixá-la sozinha à noite — ele disse — Você teve uma experiência traumática no México. Eu aposto que você tem pesadelos.

— Eu tive muitas experiências traumáticas, e eu tenho pesadelos, mas sou uma mulher crescida. Posso lidar com isso.

— Faça uma consulta com o doutor Hemmings — ele murmurou.

O médico era um psicólogo. Gracie e Glory o viam regularmente durante a adolescência por insistência de Jason. Ele conhecia o passado de Glory. Não conhecia o de Gracie, mas sentia que o doutor Hemmings pudesse ajudar com a perda de sua mãe.

Ela brincou com a bolsa enquanto eles dirigiam em Jacobsville, pelo centro da cidade.

— Eu gosto dele. Eu sempre podia falar sobre coisas que me assustavam. Posso fazer isso, mais tarde — ela disse vagamente. Não pediria que Jason pagasse as consultas e ela não tinha condições.

— Você e o seu orgulho — ele disse com resignação — Eu não quero que você fique mais assustada sobre sexo do que já é.

Ela pulou com o som da palavra e ele recuou.

— Desculpe — ele disse.

— Eu não sou tão confusa — ela respondeu — Além disso, não é tão assustador quando eu penso em fazer isso com vo... — ela segurou a palavra.

Mas ele sabia o que ela ia dizer. Sorriu para ela.

— Essa é a minha idéia de diplomacia — ele murmurou.

— Bobagem. Sua idéia de diplomacia é um canhão — ela clareou a garganta — Mas eu não quero fazer isso antes de casar.

Ele deu um risinho.

— Ok. Não, verdade — ele assegurou enquanto entrava no estacionamento do colégio, que já estava quase cheio — Eu gosto de banhos frios e exercícios pesados. Meus músculos estão ficando maiores.

Ela gargalhou. Ele era escandaloso.

— Que horas eu te busco? — ele perguntou.

— Nove e meia — ela disse — Estou no segundo andar, sala 106. Nós geralmente deixamos as portas abertas porque é a única turma noturna no andar. Você pode entrar se eu não estiver aqui.

— Eu virei cedo — ele disse, estudando-a — Eu gostaria de ouvir sua aula.

Ela corou com prazer.

— Eu ainda estou aprendendo.

— Um dos meus homens tem uma irmã que dá aula na escola fundamental — ele disse — Ela disse que a classe na qual você deu uma palestra ainda está falando sobre o Álamo. Alguns deles pediram que seus pais lhes levassem para um passeio. Eles disseram que as crianças impressionaram até os guias turísticos.

Ela riu.

— Eu adoro minha matéria.

— E você é bom com crianças — os olhos estavam repletos de orgulho — Você pode fazer tudo o que quiser, Gracie. Tudo o que lhe faltava era confiança. Você está conseguindo isso também — ele deu de ombros — Eu gosto quando você fica contra mim e defende a sua posição.

— Obrigada.

— Vá para sua aula — ele olhou pela janela. Nuvens pesadas estavam se formando — Hoje está muito quente — ele comentou — Eu espero que não venha uma tempestade. Tenho muitos novilhos prontos para a mudança de pasto. Nós levaremos muito tempo se começar a chover.

— Não se apresse — ela disse.

— Ele deu um risinho.

— Pode deixar.

Ele saiu, deu a volta no carro e abriu a porta para ela. Era a cortesia do velho mundo que sempre a fazia sentir-se bem. Sorriu para ele, acenou e caminhou até a entrada do lugar.

ERAM NOVE E MEIA quando notou que Jason entrava nos fundos da sala. Ele ainda usava roupas de trabalho, suja e manchada, e parecia cansado. Ele encostou na parede, cruzou os braços e escutou atento. O coração dela saltou com prazer por vê-lo, mesmo desalinhado e sujo como estava.

Ela falava sobre os modernos Texas Rangers agora, já havia contado sobre sua turbulenta e inspirante história.

— Eles ainda tem que saber selar e montar um cavalo — ela disse — Porque suas investigações podem pegá-los desprevenidos. Eles também trabalham em casos internacionais. Se vocês estão interessados em aprender mais sobre eles, eles têm um Web site no corredor da fama onde eles fornecem mais detalhes sobre sua história e métodos investigativos — ela fez uma pausa — Alguma questão?

— Sim, eles ainda são uma força composta somente por homens? — uma aluna perguntou.

Gracie riu.

— Não. Eles possuem oficiais mulheres, assim como homens.

— Por quê? Você está pensando em se alistar, Jane? — um dos meninos brincou.

Ela riu.

— Por que não? Eu acho que ficaria bem em um chapéu branco.

— Isso é tudo, já acabamos por hoje. Vejo vocês amanhã, no mesmo horário.

— Obrigado, professora — um dos jovens do fundo murmurou. Ele pegou os seus livros e observou Jason por um momento — Homem, você deveria se inscrever para algumas aulas e conseguir um emprego melhor — ele disse com genuína simpatia — Cuidar do gado não é maneira de ganhar dinheiro!

Jason torceu os lábios.

— Você pode estar certo.

— Ele está — outro aluno disse — Além disso, do jeito que a ciência está progredindo, em poucos anos eles serão capazes de fazer um bife em uma máquina.

— Deus proíba — Jason gemeu.

Gracie juntou-se a eles no fundo da sala com sua bolsa e sua pasta.

— Deus proíba o quê? — ela perguntou a Jason.

— Fazer bifos em uma máquina.

Ela fez uma careta. Observou o jovem rapaz.

— Hall, não é? — ela perguntou — O doutor Carlson disse que você é a estrela dele em microbiologia. Você está planejando produzir gado no laboratório dele?

Ele riu divertido.

— Na verdade eu pensava mais em células do coração — ele disse a ela — Elas não se regeneram, mas você pode criá-las em um ágar, até mesmo imprimir as células com uma impressora modificada...! — ele ficou orgulhoso ao defender sua matéria.

— Bárbaro — o outro jovem murmurou, o encarando — Que tipo de mente doentia iria submeter uma impressora inocente a esse tipo de abuso?

Jason soltou uma gargalhada.

— Você deve convidá-lo a se juntar a nós — o jovem disse a Gracie — Um diploma pode lhe conseguir um pagamento muito mais alto do que cuidar do gado na chuva!

— Ele pode estar certo — Gracie disse brincando.

Os olhos deles brilharam enquanto eles dividiam uma brincadeira silenciosa.

— Pode. Já está pronta?

Ela concordou. Apagou as luzes e fechou a porta antes de caminhar ao lado de Jason.

— Noite difícil? — ela perguntou.

Ele concordou.

— Um indício de trovão e as vacas se dispersam. Nós temos duas cercas destruídas e gado por toda a estrada — ele balançou a cabeça — Um dos oficiais de Grier ameaçou me prender por deixar o gado pastar na grama do estado.

Os estudantes estavam parados ao lado do conversível que Jason dirigia, o vermelho. Ele praticamente brilhava na chuva.

— É uma beleza, não é? — um dos estudantes de Gracie se entusiasmou — Aposto que ele voa! De quem será que é?

— Com certeza de ninguém que trabalha aqui — o homem que brincara com Jason por causa de seu emprego disse com um sorriso — Um dos nossos professores disse que uma velha lei pode colocar todos os mestres na cadeia porque diz que todos que possuem menos do que cinco dólares na carteira é um vagabundo — ele ergueu o olhar — Olá, senhorita Marsh! Não é uma beleza?

— É sim — Jason concordou enquanto abria a porta e ajudava uma divertida Gracie a entrar — O banco e eu o compramos juntos.

As bochechas do garoto ficaram vermelhas.

— É seu?

Jason deu de ombros.

— Eu trabalho no rancho — ele disse com um sorriso — Mas sou dono dele também. Eu tenho os melhores Santa Gertrudes do Texas.

O garoto assoviou.

— Você come eles?

Jason o encarou.

— Você comeria uma escultura de Rodin?

O garoto riu.

— Claro que não.

— Igualmente. Arte é arte. Até logo.

Ele sentou atrás do volante, ligou o motor, observou se Gracie havia apertado o cinto e saiu do estacionamento.

NO MOMENTO EM QUE ELE ENTROU na rodovia, o céu se fechou novamente e a chuva pesada caía no parabrisas.

— Droga — ele murmurou encarando Gracie, que não vestia uma capa de chuva.

— Eu não trouxe uma sombrinha. Achei que a chuva havia parado.

— Não se preocupe, eu não vou derreter — ela brincou, os olhos suaves brilhando.

Ele riu.

— Acredito que não. Nós estamos com o quintal enlameado, mas eu posso carregá-la — ele a encarou — Você comeu alguma coisa?

Ela balançou a cabeça.

— Não dava tempo. Além disso, a cafeteria já havia fechado.

— Eu acho que nós podemos fazer uma omelete e torradas — ele suspirou — Dilly foi ao cinema com a mãe. É sua noite de folga. A senhora Harcourt teve que viajar até San Antonio para supervisionar alguns últimos detalhes na casa, então ela não voltará hoje também.

— Eu posso cozinhar — Gracie disse.

— Eu também. Nós dividiremos as tarefas.

Era tão natural ficar com ele no rancho. Parecia que havia passado um longo tempo desde que eles estiveram juntos de uma maneira confortável. Apesar da briga anterior, eles eram amigos.

Ele parou perto da porta dos fundos, mas o jardim inteiro estava enlameado por causa do gado que havia escapado.

— Eu acho que nós ficaremos ensopados — ele disse enquanto desligava o motor e saía do carro.

Gracie pisou em uma poça de lama, tropeçou nos próprios pés e foi de cara na lama.

Deixou escapar uma palavra que ouvira Jason dizer. Ele deu uma gargalhada, divertido pela figura dela, comendo lama e usando uma linguagem que nunca usaria.

Ela pegou um pouco de lama e jogou na camiseta dele.

— Aí — ela murmurou rindo — Agora nós combinamos!

Ele não ficou com raiva. Apenas balançou a cabeça.

— Ok, mas você pode esquecer de ser carregada — ele disse — Nenhum de nós precisa mais se preocupar com sujar a roupa — ele acrescentou com um olhar significativo para sua camisa.

— Desculpe — ela murmurou — Você não devia ter rido.

— Eu não pude evitar — ele respondeu enquanto caminhavam até a varanda — Você precisava ver a cena!

— Não, obrigada — ela hesitou — Essa lama está acabando com meus sapatos e suas botas.

— É melhor tirá-los e deixá-los aqui — ele disse, inclinando-se para tirar os dela antes de sentar em uma cadeira e tirar as suas próprias botas — A senhora Harcourt vai nos matar se chegar amanhã e vir a casa lotada de lama.

— Eu não a culparia.

Eles entraram na casa, tomando cuidado com o belo tapete e caminharam até os quartos.

— Ai — Gracie murmurou quando sentiu uma fisgada na perna — Eu devo ter me cortado em alguma coisa.

— Tome um banho. Eu tomarei um também, e então eu vejo o corte — ele disse.

Ela começou a dizer que ela mesma poderia fazer isso, mas ele parecia preocupado. Apenas sorriu.

— Ok.

Ele suspirou enquanto a encarava.

— Bem, você fica bonita até mesmo com lama vermelha — ele murmurou.

Ela riu.

Ele piscou para ela e foi até o seu quarto, fechando a porta.

Capítulo 13

NUNCA HAVIA SIDO TÃO BOM ficar sob a água quente, Gracie pensou enquanto lavava o corpo e o cabelo e se enrolava em uma toalha. Observou a perna e fez uma careta ao ver o corte na parte de dentro da sua coxa. Não precisaria de pontos, mas era levemente profundo.

Pegou as meias molhadas e notou um corte na perna da calça. Podia ter sido um pedaço de metal o vidro no chão que fizera isso.

Ela ouviu uma batida na porta e Jason entrou, usando uma calça de seda e nada mais. Gracie observou a perfeição do peito musculoso e coberto por pêlos. Lembrou-se da sensação de tê-lo contra seus seios. O pensamento a excitou, e ela ficou corada.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Não comece a me seduzir — ele disse — Não é legal tirar vantagem de um homem que só está querendo ajudar.

— Que tipo de ajuda você tem em mente? — ela perguntou com um sorriso travesso.

Ele apertou o nariz dela com o dedo.

— Pare com isso. Vamos ver o corte.

Ela colocou a perna sobre o vaso e puxou a toalha para mostrar o corte.

— Eu devo ter caído sobre alguma coisa — ela disse.

— Alguma coisa afiada — ele disse com a testa franzida — Quando você tomou uma vacina antitetânica?

— Esse ano — ela informou.

— Boa garota — ele procurou curativo e um creme antibiótico na maleta — Eu acho que não precisa de pontos.

— Eu também acho. Eu não quero fazer uma viagem até a sala de emergência. Foi um longo dia.

— Eu sei.

Ele aplicou o creme e cobriu com o curativo, os dedos deslizando pela pele suave. Ela tremeu com o toque dele.

Ele a encarou com um sorriso divertido.

— Não me deixe ver o quanto isso a excita — ele advertiu — Tudo pode acontecer.

— Verdade? Tudo?

Ele ficou em pé e procurou o secador de cabelo.

— Palavras sábias.

Ele ligou o secador e seus dedos deslizaram pelo cabelo dela enquanto começava a secá-los. Ela se aproximou, apreciando o corpo dele próximo ao seu. Sentiu-se feliz. Não tinha medo dele. Perguntou-se porque tivera. Parecia perfeitamente natural estar nos braços dele vestindo somente uma toalha.

Ele terminou de secar o cabelo dela e desligou o secador, colocando-o em cima da pia.

Ela o olhou com fascinação. O conhecia há tanto tempo, e às vezes ele era como um estranho. Especialmente agora. A relação deles havia sofrido uma mudança radical nas últimas semanas.

Ele pegou uma mecha do cabelo dela e seus olhos se estreitaram quando caíram para o vale dos seios dela aparente sobre a toalha. A mandíbula dele se estreitou.

— Você fica linda sem as roupas.

— Fico? — ela disse ofegante. A tensão no banheiro se tornou explosiva.

— Bonita. Desejável. Irresistível... — ele inclinou-se e esmagou a boca dela com a sua, apenas para deslizá-la pela garganta e pela pele suave dos seios dela. Ele hesitou enquanto pousava os lábios sobre eles, esperando pela reação dela. Ele ergueu a cabeça, apenas um pouco, para encará-la.

Quando ela não tentou afastá-lo, ele sentiu um choque de puro prazer percorrendo-o. Inclinou-se novamente. Suas mãos abaixaram um pouco a toalha, para tirá-la do caminho, e sua boca se abriu sobre a pele suave e levemente perfumada.

Não foi assustador, quando os lábios dele se moveram ternamente pela pele dela. Esqueceu do medo e estremeceu de prazer. Passou os braços ao redor dele, enfiando as unhas nas costas dele enquanto a boca dele lhe explorava os seios.

Ela mal notou quando a toalha se afastou de seus seios. Não se importava. A boca dele estava aberta sobre o seu mamilo e ele o sugava, explorando-a com tanta sensualidade que ela tremeu de necessidade e um pouco de medo.

Ele sentiu-a estremeecer e ergueu a cabeça. Os olhos escuros procuraram os dela.

— Você não precisa ter medo — ele disse baixo — Eu não farei nada que você não queira.

— Eu sei — ela passou o dedo pelos pêlos que cobriam o peito dele. Era bom senti-lo daquela maneira, com tanta intimidade. Sentiu o corpo dolorido. As sensações que ele provocava nela eram intoxicantes. Sentiu-se tão fraca que não poderia ficar em pé — Não é assustador — ela sussurrou — Eu... Eu gosto.

A mão dele cobriu a dela sobre o seu peito. A respiração dele era notavelmente ofegante.

Ela podia sentir a tensão nele. Observou o rosto dele com curiosidade e fascinação.

Ele não havia dormido com Kittie. Ele dissera, e nunca mentiria. Ela sabia que ele estava se contendo há muito tempo, não namorava ninguém. Se ele se sentisse tão atraído por Gracie quanto ela se sentia por ele, com certeza já fazia muito tempo que ele não sentia aquela fome que ela podia ver em seus olhos. Isso o tornava vulnerável, o que, estranhamente, acabava com seu medo. Mas seu passado, e seus escrúpulos, haviam erguido uma barreira que ela não podia derrubar.

— Deus, eu quero você! — ele murmurou roucamente.

— Eu sei. Eu também quero — ela sussurrou — Mas...

Ele concordou.

— Mas. — Ele observou os olhos preocupados e sorriu gentilmente enquanto se inclinava para beijá-la com doce ternura. E ela poderia ter se afastado naquele momento. Mas quando ele se aproximou, a toalha caiu no chão, fazendo com que o corpo dela ficasse pressionado contra os músculos firmes de seu peito, e contra o estômago em uma intimidade que eles ainda não haviam dividido. Ele gemeu angustiado.

Gracie sentiu um estremecimento repentino no corpo dele que ecoou em seu próprio corpo. Senti-lo contra si era como uma droga, ela não conseguia o suficiente. O toque de pele contra pele

fez seus joelhos tremerem. Sentiu-se derreter em lugares estranhos, pequenos choques de prazer que cresciam a cada toque do peito dele contra o seu.

Encostou-se nele impulsivamente, colocando-os em uma posição que fez com que ela rapidamente sentisse a resposta do corpo dele. Gemeu sob a boca insistente quando registrou o poder que vinha dela. A seda suave da calça de pijama não era barreira. E quando ela caiu no chão, a intimidade se tornou um narcótico que a impediu de resistir.

Ela segurou-o com força, deixando-a língua dele invadir sua boca com paixão e urgência. O calor aumentou ainda mais quando ela o sentiu contra si nos lugares há poucos segundos separados pela seda. Ele tremeu de desejo por ela, e ela arqueou-se para satisfazer a necessidade.

As mãos dela percorriam os músculos de suas costas quando ele segurou os seus pulsos e a puxou para ainda mais perto. Ela gemeu sob a quente penetração de sua língua, sussurrou quando ele deslizou a mão para baixo e a tocou de uma nova maneira. Ela começou a protestar, mas o toque dele era tão inusitado que ela se aproximou ainda mais para encorajá-lo a não parar.

Não esperava a urgência que a dominou quando sentiu as mãos dele explorando seu corpo, a dor que anulava a razão. Encostou os seios no peito másculo com abandono, as unhas o apertando enquanto implorava por um fim para a tensão que ameaçava destruí-la.

— Gracie... — ele protestou, mas a palavra se transformou em gemido enquanto ele a deitava sobre a toalha caída no chão.

A boca dele tomou o lugar das mãos, explorando, excitando, saboreando-a de várias maneiras. Tudo que ela podia ouvir era o suspiro áspero da boca dele contra sua pele, e mesmo assim quase inaudível devido às batidas de seu coração.

Ela devia interrompê-lo, disse a si mesma, mas a boca dele estava no interior de suas coxas e o seu dedo havia se aproximado para tocar uma área sensível, que fez com que ela rapidamente se arqueasse de satisfação com um gemido alto. As pernas se separaram para abrir espaço para ele. Ela mordiscou o ombro dele, saboreando-o com a língua enquanto ele se colocava entre as pernas dela e lentamente, docemente, a penetrava.

Ela soluçou interminavelmente quando uma mão dele deslizou por baixo de seu quadril e o segurou enquanto empurrava para baixo.

Ele ergueu a cabeça. Estremeceu com a força dos seus batimentos cardíacos. Encarou-a enquanto se movia, o rosto ficando rígido quando sentiu a barreira.

— Eu sinto muito — ele gemeu atormentado — Não posso parar!

— Está tudo bem. Eu amo você — ela sussurrou, estremeecendo embaixo dele — Eu te amo... muito, Jason.

As palavras acabaram com o pouco que lhe restava de controle. A felicidade substituiu a culpa presente em seus olhos. Ele trincou os dentes e empurrou com força. Sentiu a leve resistência que logo deu lugar ao seu ardor.

Gracie soluçou com a pontada de fogo que sentiu quando ele penetrou seu corpo, mas não tentou empurrá-lo. Respirou fundo, enquanto ele hesitava.

— Está tudo bem — ela sussurrou. Ergueu a cabeça e o encarou, os olhos o admirando — Não pare.

As mãos dele seguraram a cabeça dela e ele beijou as lágrimas enquanto se movia lentamente, deliberadamente contra ela e ouviu um pequeno gemido de prazer.

— Você achou que continuaria doendo? — ele perguntou ternamente — Eu sei como satisfazê-la, Gracie. Eu sei como lhe dar prazer. Eu não vou parar até que você retire a última gota de satisfação de meu corpo...

A boca dele tocou a dela e sua língua provocou o lábio inferior, tocando-o com uma lentidão que combinava com as investidas que deu quando descobriu o lugar e o ritmo que fizeram as unhas dela apertarem suas costas, que fizeram seu quadril se arquear e empurrá-lo.

— Devagar — ele gemeu no silêncio que dominava — Devagar, querida. Nós não estamos com pressa.

— Sim... Nós estamos! — ela gemeu.

Ele riu ternamente, os lábios tocando o rosto corado, provando as lágrimas quando começou a se mover. A nova posição a fez gemer alto.

Ele ergueu a cabeça e a observou enquanto se movia, viu a agonia do prazer que estava crescendo nela, como se fosse uma sinfonia. Os olhos dela estavam repletos de adoração e prazer, seus lábios se entreabriram quando encontrou o lugar que interromperia a tensão que esticava seus músculos como cordas.

Ele moveu-se novamente, sentindo o corpo dela se apertando ao seu redor.

— Sim — ele murmurou enquanto começava a mergulhar nela, saboreando seu calor, sentindo as contrações que o levavam a um turbilhão de felicidade — Sim! Sinta, Gracie. Me sinta... Entrando em você!

As palavras a excitaram ainda mais. O quadril dele se arqueou contra o dela com força. Sentiu a tensão se dissolver em um arrepio de prazer, ouviu sua voz gemendo em um tom que não reconhecia enquanto as sensações a dominavam e a faziam sentir-se como um vulcão em erupção. Arqueou-se quando as ondas se tornaram ainda maiores. Estava vagamente consciente da voz de Jason em seu ouvido antes de ele pousar a boca em seus seios, gritar e começar a ter convulsões acima dela. Colou-se nele, os olhos arregalados de prazer enquanto o observava. Era tão íntimo, pensou de uma maneira selvagem. Tão íntimo!

Ele abriu os olhos, negros e brilhantes, e encarou-a profundamente enquanto eles estremeciam juntos em uma última explosão de prazer. Ele gemeu e a tensão evaporou de seu corpo quando desabou exausto sobre o corpo dela.

Ela o agarrou, sentindo o peso do corpo másculo enquanto sentia os suaves choques de prazer com o movimento do quadril dele. Havia sido como uma erupção vulcânica, pensou. Nunca imaginara que tais sensações existissem. Nunca o amara tanto.

Ela devia ter parado, pensou, enquanto a vergonha e a culpa começavam a substituir o prazer que eles haviam dividido. Mordeu o lábio e lutou contra as lágrimas. Mas elas escorreram por suas bochechas, e o tocaram, que estava muito próximo.

Ele as sentiu e ergueu a cabeça, apoiando-se nos cotovelos enquanto estudava a expressão ferida dela.

— Eu disse que a primeira vez era dolorida — ele disse suavemente — Sinto muito por ter lhe machucado — ele beijou as lágrimas — Foi ruim.

— Não foi — ela respondeu baixo. Ela deslizou os braços pelo pescoço dele e escondeu o rosto em seu pescoço — Ruim, eu quero dizer. Foi incrível! Mas eu me sinto culpada. Eu nem consegui pedir para que parasse!

Ele beijou as pálpebras dela.

— Você faria isso com outra pessoa? — ele perguntou.

— Céus, não!

Ele ergueu a cabeça. Estava sorrindo. Era o sorriso mais terno e apaixonado que ele já lhe direcionara.

— Nem eu. Nós não somos muito liberais. Nós apenas perdemos a cabeça por algumas horas — ele acrescentou — Vamos dormir por algumas horas. Então nós voaremos até San Antonio, seguindo para uma viagem até o fórum do distrito Jacobs.

— Nós? Por quê? — ela perguntou atordoada.

— San Antonio para anéis e um vestido — ele disse preguiçosamente, beijando a ponta de seu nariz — Pegaremos Dilly e a senhora Harcourt no caminho. Nós vamos nos casar amanhã.

— Casar? — ela repetiu, ainda aturdida.

Ele lançou-lhe um olhar divertido.

— Casar. Você fez amor comigo. Não pense que você vai sair por aí fazendo fofoca sobre mim para as outras mulheres. Não sou esse tipo de homem.

Ela arregalou os olhos. Ele parecia sensato.

— Ooookkk — ela disse brincando.

— Além disso — ele acrescentou, olhando para os seios dela — Eu posso estar grávido.

Ela começou a rir, mas o pensamento começou a florescer em sua mente quando o encarou.

— Grávida.

O sorriso sumiu. Ele tocou a boca dela com o dedo indicador.

— Grávida — ele disse em um longo suspiro — Gracie, você pode mesmo estar grávida. De meu bebê — os olhos dele brilharam com pura possessão.

Um arrepio notável percorreu o corpo dela. Parecia radiante.

— Eu adoraria! — ela sussurrou roucamente.

Ele concordou solenemente.

— Eu também — ele afastou-se dela e ficou em pé, puxando-a para si. Ele sorriu com a vergonha dela enquanto ligava o chuveiro — É por isso que nós não perderemos tempo. Sem arranjos modernos. Nós seguiremos a rota tradicional.

Ela o seguiu e o abraçou com um longo e sentimental suspiro.

— Isso não é tradicional.

— Na verdade é, se você recordar sua história — ele disse enquanto procurava a esponja e o sabonete — A intenção de casar era a única coisa pedida a casais assim, mesmo durante o século dezesseis. Acredito que era chamado de apressar as coisas.

Ela riu, porque ele estava certo.

— Acredito que tenho um diploma em história nessa família — ela apontou.

Ele inclinou-se e deu um beijo no nariz dela.

— Acredito que sim — ele tocou a bochecha dela levemente. Seus olhos estavam cheios de sonhos — Eu devia ter perguntado, ao invés de contar. Você quer casar comigo, Gracie?

— Claro — ela respondeu suavemente.

Sorrindo, ele se aproximou e começou a esfregar a pele dela com a esponja.

ELA TENTOU FAZER COM QUE eles dormissem separados, mas ele não quis nem ouvir. Ele puxou-a para a cama e segurou-a durante toda a noite. Ela não podia ser separada dele nem por uma parede, ele disse com tanta sinceridade que o coração dela disparou.

Na manhã seguinte, ele a acordou com uma xícara de café fresco. Ele já estava vestido. Sentou-se ao lado dela e a beijou ternamente.

— Acorde e coloque uma roupa. Já fiz o café. Partiremos logo depois de comer.

— Eu tenho que fazer algo com a bagunça no banheiro — ela disse e corou quando recordou o que havia acontecido lá.

— Eu coloquei o lençol na máquina de lavar — ele disse baixo. Em seguida tocou o cabelo dela gentilmente — Gracie, eu não queria que acontecesse dessa maneira — ele disse desculpando-se.

Ele parecia arrasado. Ela aproximou-se e tocou a bochecha dele.

— Eu sei. Nem eu — ela sorriu timidamente — Eu não sabia que as coisas poderiam ficar tão... Intensas.

Ele riu.

— Especialmente para um homem que está abstenho há quase dois anos.

Ela prendeu a respiração com a notícia.

Ele deu de ombros.

— Eu não queria mais ninguém.

Por todo aquele tempo, ela pensou. E enquanto ele esperava que ela o visse como um homem, ela fingia que tudo era normal e tentava não demonstrar seu amor por medo.

— Eu me afastava — ela disse lentamente — Porque não me achava capaz de lhe dar o que você queria. Estava amarrada no passado, morta de medo de qualquer reação física. Estava com medo até mesmo de experimentar. Minha pobre mãe — ela disse triste — Acho que ela não tinha nem idéia do que deveria sentir.

— Sem dúvidas — ele respondeu — Eu sinto muito.

— Eu também — ela o encarou — Eu nunca sonhei que seria assim — ela murmurou.

— Nunca seria assim com outro homem — ele assegurou rápido — Você se quebraria em pedaços se deixasse outro homem beijá-la. E Deus proíba, se você fizesse algo mais, um braço extra cresceria no meio da sua testa — ele colocou a mão sobre o coração — Eu juro — acrescentou com o rosto sério.

Ela gargalhou e aproximou-se para abraçá-lo com puro prazer.

Ele riu também.

— Lembre-se disso — ele disse.

— Lembrarei — ela o encarou — Como se eu pudesse deixar outro homem me tocar!

Ele se afastou, piscou para ela e ficou em pé.

— Vamos. Rápido. Eu quero levá-la ao altar antes que apareçam concorrentes.

— Não existem concorrentes — ela disse firme — Nunca existiu. Não desde o primeiro dia em que lhe vi.

As bochechas dele coraram, e ele riu.

Ela o observou cheia de adoração.

— Eu nunca vou te deixar, Jason.

A mandíbula dele esticou-se.

— E eu nunca vou te deixar. A luz sumiu do mundo quando eu soube que você havia sido seqüestrada. Se eu te perdesse... — os lábios dele formaram uma linha fina. Ele virou-se, ainda relutante em assumir os sentimentos que o invadiam — É melhor irmos logo.

— Ok — ela sorriu, mas ele não se virou novamente. Ela o observou se afastar. Ele a queria. Mas era mais do que físico. Sabia isso do fundo de seu coração, mesmo ele não tendo dito as palavras. Mas ele diria. Tinha certeza. E ela casaria com ele. Pela primeira vez em sua vida, sentiu-se uma mulher de verdade.

ELES DIRIGIRAM ATÉ SAN ANTONIO, até a mansão. A senhora Harcourt os encontrou na porta. Ficou tão emocionada com as novidades que explodiu em lágrimas e abraçou os dois, murmurando coisas inaudíveis.

Jason as deixou no corredor e foi até o escritório para pegar algo, avisou.

A senhora Harcourt secou os olhos e sorriu, mas estava preocupada. Levou Gracie até a cozinha e fechou a porta.

— Eu preciso contar antes que ele volte — ela disse rápido — Kittie ligou. Ela disse que dará a história aos tablóides porque Jason não a quer. Ela disse que o tornará motivo de piada.

— Está tudo bem — Gracie assegurou — Jason sabe sobre o meu passado. Ela nunca será capaz de...

— Não sobre você — a senhora Harcourt interrompeu angustiada — Sobre mim!

— Você? — Gracie hesitou, franzindo a testa — Mas você não tem um passado.

A mulher fechou os olhos.

— Se você soubesse. Eu nunca contei a ninguém. Nós assinamos papéis. Eu jurei que carregaria o segredo até o túmulo.

— Que segredo?

A mulher respirou fundo.

— A senhora Pendleton era estéril. Não podia ter filhos. Meu marido era um homem bom, mas eu me casei com ele porque meus pais queriam, não porque eu o amava. Eu amava Myron, com todo meu coração. Ele me contratou logo após a morte de meu marido, e nós tivemos um caso enquanto a mulher dele estava nas Bermudas. Eu odiava a situação. Me senti tão culpada. Eu sei que ela sabia...

Gracie sentiu o sangue fugindo de seu rosto. A senhora Harcourt tinha os olhos negros. Como os de Jason...

A senhora Harcourt secou os olhos.

— Eu fiquei grávida e Myron teve que contar a ela. Ela nem ficou triste. Ela disse que o bebê seria um Pendleton. Ela arranjou uma viagem para nós duas. Disse a todos que estava grávida, e eu cuidaria dela por causa de sua saúde frágil. Quando Jason nasceu, nós voltamos para casa e eles

anunciaram em todos os jornais. Ninguém sabia. Quando ela morreu, eu pensei que Myron casaria comigo.

Ela balançou a cabeça, continuando com a triste história.

— Ele disse que não podia se casar com alguém como eu. Eu não tinha classe. Depois daquele dia, eu nunca mais dormi com ele, embora ele sempre tentasse. Ele casou com sua mãe, e quando ela morreu, ele casou com a mãe de Glory. Mas ele me disse que se eu contasse sobre a real maternidade de Jason, me colocaria na prisão. Eu acreditei nele — acrescentou amargamente — Ele não brincava.

— Jason nunca soube? — Gracie exclamou.

— Não. Mas ele vai descobrir agora — ela disse infeliz — Isso vai machucá-lo. E não apenas por seu pai ter escondido. Os tablóides vão adorar. Milionário faz sua mãe fingir que é a governanta porque tem vergonha dela — sorriu fracamente — Que manchete.

Gracie estava aturdida. Sua mente ficou vazia. Ouviu os passos de Jason no corredor.

— Não conte a ele — ela disse a senhora Harcourt — Nós pensaremos em algo.

— O quê? — ela perguntou perturbada.

— Nós conversaremos depois — Gracie disse rápido.

— O que vocês estão fazendo na cozinha? — Jason perguntou a elas — Nós temos que comprar roupas de casamento. Esqueci de buscar Dilly — ele acrescentou com um sorriso para Gracie — Devia estar com a mente em outra coisa. De qualquer modo, liguei para Grange. Ele trará Dilly até a loja, e depois eu as levo para casa.

— Roupas de casamento? — a senhora Harcourt perguntou.

— Sim — ele disse — Você, Dilly e Grange são nossas testemunhas. Eu queria encontrar John — ele acrescentou tristemente — Ele é tão parte da família quanto nós.

A senhora Harcourt estava atordoada. Ela hesitou.

— Eu sei onde ele está — ela confessou — Mas ele me fez prometer que não contaria.

— Por quê? — ele explodiu.

Ela fez uma careta.

— John foi preso por ser o motorista em um roubo a um banco em Dallas há quase trinta anos — ela disse — Seu pai não fez uma pesquisa sobre ele, então ninguém sabia. A senhorita Kittie descobriu e disse que iria contar se ele não partisse. Ela tinha algo contra nós — acrescentou sombriamente — Deus sabe como ela descobriu.

— Um de seus amigos tem uma agência de detetives — ele disse friamente — Então é por isso que ele partiu. Ele achou que eu me importaria com isso? John é família!

A senhora Harcourt apenas o observava. Havia orgulho em seu rosto que buscava esconder. Gracie já havia notado antes e não entendia. Agora sabia.

— Onde ele está? — Jason perguntou.

— Ele está morando no abrigo para homens — ela disse.

— Vamos.

Ele saiu pela porta como um raio, e elas o seguiram.

NO ABRIGO, ele deixou as mulheres no carro e foi procurar John sozinho. Ele foi direcionado até um quarto no segundo andar. O homem estava sentado na cama, lendo a bíblia. Ele piscou quando Jason entrou e ficou em pé.

— Senhor Jason, você não deveria estar aqui! — ele exclamou.

Jason olhou ao redor.

— Nem você — ele retrucou.

O homem parecia ferido, cansado e absolutamente desprovido de esperança.

— A senhora Harcourt jurou que não contaria — ele disse — O que você está fazendo aqui?

Jason colocou a mão sobre o ombro do homem.

— Recuperando minha família — ele disse baixo — Seu passado não importa. Você pertence a nós. Venha para casa.

John lutou contra as lágrimas. Jason era como o filho que nunca teve. Quase o matara ter que partir. Ficara muito assustado com as ameaças de Kittie.

— Oh, pare com isso — Jason murmurou quando viu o brilho nos olhos de John — Você me fará chorar também. O que as pessoas irão pensar?

John respirou fundo.

— Eu não me importo com o que você fez no passado — ele disse brusco — Você já cumpriu sua pena. Eu não posso ficar sem você. Você é o melhor motorista no Texas.

— Obrigado — ele agradeceu ainda chocado.

— Faça as suas malas — ele disse sorrindo — Nós vamos nos casar.

— Você e eu? — John exclamou com uma fraca tentativa de humor.

Jason o encarou.

— Gracie e eu — ele corrigiu.

O rosto do homem se iluminou.

— Você vai se casar com a senhorita Gracie?

— Sim. Quando eu terminar de reunir a família — ele acrescentou — Pode fazer as malas logo? Estamos com pressa.

— Fazer as malas. Sim, senhor. Sim, senhor! — Era a melhor notícia que ele recebera nas últimas semanas.

Jason parou na porta, engolindo um bolo na garganta enquanto observava o velho companheiro arrumar os poucos pertences em uma mala. Estava envergonhado pelas coisas que Kittie fizera, coisas que estivera muito perdido para notar. Pelo menos estava colocando as coisas no lugar.

John foi recebido entusiasmadamente pelas mulheres, que ficaram estranhamente quietas quando Jason sentou atrás do volante e começou a dirigir.

— Por que esses rostos tão solenes? — Jason provocou Gracie — Casamentos são ocasiões felizes.

— A mais feliz da minha vida — Gracie concordou e seus olhos se aqueceram quando encontraram os de Jason. Estava carregando outro segredo agora, um mais perigoso do que o que carregara por tantos anos. Esse tinha o poder de destruir a sua frágil relação com Jason. A pergunta era: Ela deveria guardar o segredo da senhora Harcourt mesmo com as ameaças de Kittie?

Capítulo 14

O PASSEIO NO SHOPPING foi tão agradável que Gracie colocou suas preocupações de lado enquanto procurava um vestido para ela e conjuntos para a senhora Harcourt e Dilly, assim como um terno para o velho John.

— Eu não acho que seja legal nós ficarmos com você, senhor Jason — Dilly disse preocupada enquanto pegava algumas combinações para experimentar — A senhorita Kittie disse que eu sou estúpida...

— Eu não vou casar com a senhorita Kittie — Jason disse firme — Você, a senhora Harcourt e John são parte da família. Nós não nos casaremos sem vocês.

— Exatamente — Gracie disse, cruzando os braços teimosamente.

Dilly lutou contra as lágrimas.

— Ok, então.

Ela se afastou para experimentar os vestidos. A senhora Harcourt apareceu usando um belo terninho azul-escuro junto com uma blusa de seda cor de rosa.

— O que vocês acham? — ela perguntou preocupada.

Jason colocou os braços ao redor dela.

— Eu acho que você está parecendo uma maravilhosa mãe do noivo substituta — ele disse ternamente e inclinou-se para beijar-lhe a bochecha.

A senhora Harcourt deu um gemido. Gracie pegou um lenço e entregou a ela.

— Você precisa esperar e chorar no casamento — ela disse firme.

A mulher riu.

— Eu sei. Desculpe. Só estava ensaiando.

Ela voltou ao provador.

Jason levou Gracie até um provador desocupado no departamento de roupas femininas e lhe entregou uma caixa de jóias cinza.

Ela abriu a caixa e perdeu o fôlego. Quando fizera aulas de arte no colégio, desenhara um conjunto de alianças que sonhava em usar um dia se tivesse coragem para se casar. Havia um solitário com uma esmeralda quadrada e uma aliança combinando. Havia uma aliança masculina, lisa, mas com o mesmo estilo da aliança feminina.

— Eu desenhei isso — Gracie murmurou.

Jason pegou o anel de noivado e o deslizou solenemente pelo dedo dela. Ele o beijou com incrível ternura.

— Eu mandei fazer há alguns anos — ele disse enquanto a encarava — Eu sabia que se não fosse você não seria mais ninguém.

Se ela não tivesse corrido dele naquela noite chuvosa, pensou, toda a angústia teria sido evitada. O pensamento estava aparente em seu rosto.

— Não — ele sussurrou suavemente, e inclinou-se para beijá-la — Nós não podemos voltar no tempo. Apenas seguir em frente.

Ela respirou suavemente.

— Apenas em frente — ela concordou. Sorriu para ele — Você vai usar um anel?

Ele deu um risinho maroto.

— Oh, sim.

Ela sorriu.

— Ok.

Grange apareceu com uma bolsa pendurada no ombro. Ele olhou para Jason.

— Eu aproveitei para comprar jeans e camisetas, e tenho convites para o balé. Eu odeio balé — ele acrescentou — Mas eu iria por ela — ele apontou Gracie — Mas então você fica noivo dela e estraga todos os meus planos — ele murmurou — Eu até lavei a minha caminhonete!

Os dois deram uma gargalhada. Assim como Grange, que gostava de Gracie, mas não chegava nem perto de amá-la. Ela sabia, mesmo sem Jason ter percebido.

— Que azar — Jason disse zombeteiro — Você está atrasado.

Grange balançou a cabeça.

— Pelo menos eu vou ao casamento — ele disse. Ele mexeu na bolsa — Eu comprei um terno também.

— Boa idéia. Se algum dia você se casar, nem precisará fazer compras.

Grange apenas sorriu.

A cerimônia no cartório foi breve, mas emocionante. A juíza, Alexandra Mills, era a irmã de um dos vaqueiros que trabalhavam para Jason.

— Eu gostaria de dizer que estou surpresa por ver vocês aqui, mas não vou mentir — ela confessou — As fofocas correram muito por aqui ultimamente — ela observou Gracie em seu belo vestido branco com um chapéu, as testemunhas, e então Jason em seu belo terno — Que bom que vocês trouxeram testemunhas.

— Eu não trouxe — Jason disse complacentemente — Eu trouxe a nossa família.

Alexandra observou todos os acompanhantes, notando as lágrimas em vários olhos.

— Claro — ela concordou calorosamente; Jason Pendleton podia ser um milionário, mas ninguém podia chamá-lo de esnobe.

Ela leu a cerimônia de casamento pela Bíblia, e observou-os trocar alianças e votos, logo depois Jason pôde beijar a noiva. Ele ergueu o pequeno véu e sorriu para Gracie com todo o seu coração. Ele beijou-a suavemente e então a abraçou com força.

Felicidades foram oferecidas e aceitas, depois que os papéis foram assinados, e eles saíram do cartório sob os flashes de máquinas fotográficas.

— Está tudo bem — Jason confortou os companheiros, que procuravam um lugar para se esconder — São apenas Billy Thornton do jornal local e Jack Harrison, nosso fotógrafo. Eu pedi que eles viessem. Venham aqui e sorriam — ele acrescentou firme, formando um grupo. Ele colocou o braço ao redor de Gracie, que segurava um buquê de crisântemos — Tirem a foto — ele disse aos fotógrafos, e sorriu.

JASON ALUGOU UM JATINHO para levá-los até Cancun para uma lua de mel de três dias, junto com guarda-costas para o caso de Machado tentar seqüestrar um deles novamente. Ele os registrou em um hotel caro na beira da praia que era uma das acomodações mais luxuosas da fronteira.

O quarto parecia o Golfo do México. Era começo da noite, e uma lua cheia aparecia, iluminando as ondas que pareciam espumas na areia branca.

— Cansada? — Jason perguntou quando a puxou para seus braços.

Ela balançou a cabeça.

— Feliz.

— Eu também.

Ele inclinou-se e a beijou suavemente.

— Dolorida? — ele perguntou audaciosamente.

Ela o encarou e balançou a cabeça novamente, dessa vez muito devagar.

— Nesse caso... — ele disse sorrindo quando puxou o quadril dela de encontro ao seu.

ERA ASSIM QUE ELE QUERIA que as coisas tivessem acontecido da primeira vez. Ele a tratou como a virgem que ela era, excitando-a até fazê-la gemer e implorar por mais. Ele beijou-a desde o topo de sua cabeça até a ponta dos pés, os lábios tocando-a de maneira habilidosa e cheia de maestria. Ela saltou de degrau em degrau, estremecendo com a intensidade do prazer, apreciando o toque de pele contra pele e o calor da boca dele sobre os seus seios quando a língua macia a sugou com força e sensibilidade.

Ela havia pensado que a primeira vez havia lhe proporcionado o maior prazer possível, mas ela aprendeu naquela longa noite que apenas experimentara a superfície do êxtase. Jason estava em cima dela, embaixo dela, em seguida ao seu lado explorando o seu corpo com as mãos. A tensão cresceu a tal ponto que ela o puxou contra si e quase forçou o corpo dele a invadi-la em uma tempestade de prazer físico que a fazia gritar.

Cada investida, longa e lenta, era uma agonia de paciência que a levou a um precipício de angústia onde mal podia se equilibrar.

— Você está me torturando — ela gemeu, erguendo o quadril contra o dele.

— Eu estou te preparando — ele corrigiu ofegante, enquanto ele segurava o quadril dela e investia contra ela longa e cuidadosamente.

— Pronta? — ela implorou.

— Pronta — ele sussurrou — Segure firme, querida. Nós vamos pular de para-quedas...

Ele aumentou o ritmo tão repentinamente que ela sentiu-se flutuar. Ela o sentiu ofegar com força enquanto empurrava fundo, o corpo pressionando o dela ruidosamente sobre o lençol branco iluminado pela lua.

Ela gritou e enfiou as unhas no quadril dele.

— Isso mesmo — ele gemeu na orelha dela — Me segure. Me sinta entrando em você. Me sinta... explodir... dentro de você!

— Jason! — ela estremeceu e arqueou o corpo, o prazer crescendo de uma maneira que ela gritou e gritou, rígida como uma tábua sob o ritmo do quadril dele — Mais forte, Jason, mais forte, mais forte...!

— Oh... Deus!

Ele arqueou-se e estremeceu, e então se convulsionou com um gemido tão alto que parecia estar ferido.

Gracie segurou-o com força, o corpo tão colado ao dele que gritou quando chegaram ao clímax junto, segurando-o de tal maneira que eles pareciam uma só pessoa, colados como ferro derretido.

Ela abriu os olhos e viu o rosto dele contraído, os olhos fechados, a boca formando uma linha fina enquanto enfrentava a agonia do clímax. O seu próprio corpo passava pela explosão de tensão, ecoando com os últimos tremores de prazer enquanto ele se movia dentro dela.

Um último tremor e ele abriu os olhos, encarando-a. Incrivelmente, a visão dela, o observando, trouxe outra explosão de prazer que o fez gritar acima dela. Ele olhou para os seios firmes, o ventre liso pressionado contra o seu, e ele tremeu, fechando os olhos ao sentir as contrações dela ao seu redor.

Finalmente o corpo dele se acalmou e ele relaxou, desabando sobre ela.

— Nós vamos nos matar — ela sussurrou trememente.

— Eu percebi.

Ela moveu-se, apreciando os pequenos resquícios de prazer que a faziam estremecer.

— Deus, não quer parar — ela choramingou.

— Sim — ele ergueu o quadril e ergueu a cabeça para observá-la, sorrindo quando viu o rosto delicado expressar o prazer que ele proporcionava.

— Aprovado — ela brincou.

Ele balançou a cabeça.

— Incrivelmente talentoso.

Ela riu.

— Sim.

Ele rolou de costas e a puxou para si, os olhos escuros e calorosos.

— E acredite, isso fica melhor com a prática.

— Eu vou morrer — ela lamentou se aproximando.

— Sim, querida, mas de uma maneira doce — ela sussurrou na orelha dela, e sorriu junto com ela.

— MAS VOCÊS PRECISAM ter um casamento digno — Glory disse quando Jason e Gracie chegaram em casa. Ela ainda estava triste porque eles haviam esperado dois dias para telefonar e avisar sobre a cerimônia.

— Nós tivemos — Jason disse sensato — Um sem bagunças e câmeras.

— Vocês podiam ao menos fazer uma recepção em San Antonio — ela continuou insistindo.

Gracie e Jason se encararam com resignação.

— Eu acho que sim — Gracie disse. Então abraçou a irmã — Nós queríamos ligar para você, honestamente. Mas esquecemos tudo.

Jason sorriu zombeteiro.

— Foi uma lua de mel muito intensa.

Glory desistiu, e riu.

— Eu não posso dizer que fiquei surpresa — ela apontou — Estava bem óbvio, mesmo há dois meses.

— Estava? — eles repetiram.

Glory apenas balançou a cabeça.

— Eu vou almoçar com Rodrigo, mas vocês precisam ir ao jantar de caridade conosco na sexta a noite. Todos vão estar lá, e eles não vêem a hora de parabenizar vocês.

Jason sorriu para Gracie.

— Nós temos que ir — ele concordou — Nós temos amigos.

Gracie concordou. Havia se esquecido de tudo desde que mudara para Jacobsville.

— Eu estava tentando me ajeitar — ela explicou em voz baixa — E mostrar que eu posso cuidar de mim.

— O que você provou — Jason disse firme — Você pode continuar com o emprego na universidade. Eu não direi nada. Você pode dar aulas no colégio também. Mas nós já provamos que você pode passar algumas noites for a sem estragar a sua imagem de mulher esforçada — ele acrescentou de maneira convincente.

Ela suspirou.

— Tudo bem — ela sorriu tentadoramente — Contanto que você não se importe por eu tropeçar nos degraus ou nos meus próprios pés.

Ela a puxou para perto, de uma maneira solene.

— Eu sempre estarei lá para te segurar — ele disse — E isso não importa. Nunca importou.

ELES FORAM PARA CASA RELUTANTEMENTE. Rodrigo e Glory os encontraram na mansão com uma bela jarra de cristal como presente de casamento, e algumas recriminações. Mas pouco tempo depois, Glory abraçou Gracie com todo seu amor. Ela precisou lutar contra as lágrimas. Era um amor tão perfeito. Perguntou-se por que os dois deimosos haviam demorado tanto para perceber.

— Vocês serão muito felizes — ela disse feliz.

Eles sorriram para ela.

— Claro que seremos — Gracie disse, e seus olhos estavam repletos de sonhos.

O evento de caridade provou a Gracie que seus amigos não tinham nada a ver com o dinheiro de Jason. As pessoas estavam verdadeiramente felizes por vê-la, e recebeu mais convites do que poderia aceitar. Ela foi convidada para dar palestras em comitês, e prometeu agendar algumas. Quando contou aos amigos sobre seu novo emprego, eles ficaram satisfeitos por saber que ela estava usando seus talentos, não apenas organizando coquetéis e festas. Percebeu finalmente que era a sua própria personalidade, ela mesma, que aquelas pessoas valorizavam. Ela sempre pensara que era o dinheiro e a posição. Não podia estar mais errada.

Houve apenas um incidente amargo. Um dos sócios de Jason, um pouco embriagado, perguntou sobre o que havia acontecido com a bela ruiva com quem ele iria se casar.

— Gracie aconteceu — Jason disse sem piscar, e puxou Gracie para perto, lhe dando um beijo na ponta do nariz.

O homem sorriu envergonhado quando notou que as pessoas o olhavam, e se afastou.

Glory e Rodrigo os levaram até um clube latino para mais uma bebida.

— O seu amigo general está tentando arrecadar dinheiro para uma jogada — Rodrigo disse a ela — Nós não podemos ajudá-lo, embora seja nossa vontade. Dizem por aí que ele desistiu dos seqüestros porque não gosta da maneira como o bando de Fuentes trabalha. Mas ele não pode sair do México até conseguir alguns bons mercenários para ajudá-lo a derrubar seu adversário.

— Ele era gentil comigo — Gracie disse — Eu queria ajudá-lo.

— Eu também — Rodrigo respondeu — Ele é como um pirata, mas é progressor e democrático em sua política, e tem um ponto fraco por pessoas desamparadas. Seu adversário anda mandando as pessoas para prisões secretas e está começando a nacionalizar o governo. Ele tem amigos em lugares arriscados. Nós adoraríamos vê-lo derrubado.

— Má hora para lidar com contatos estrangeiros — Jason lembrou.

Rodrigo concordou.

— Muito má. Ah, bem — ele acrescentou provando a bebida e sorrindo — Nós nem sempre conseguimos o que queremos.

Jason olhou para Gracie com ternura.

— Às vezes sim.

— Oh, sim — Gracie concordou sem fôlego.

Glory e Rodrigo sorriram e ergueram os copos em um brinde aos recém-casados.

JASON E GRACIE HAVIAM planejado passar a noite na mansão de San Antonio, mas quando eles chegaram ao portão, descobriram uma caminhonete e uma equipe de emissora local parados no portão tentando entrar.

— Eu vou ver o que está acontecendo — Jason começou.

Gracie segurou o braço dele.

— Dê a volta e saia daqui antes que alguém nos reconheça — ela disse urgentemente — Por favor, Jason.

Ele olhou-a de uma maneira estranha, mas fez o que ela pediu. Felizmente eles já estavam longe quando receberam olhares curiosos. Ninguém tentou segui-los.

— Eles ficaram sabendo sobre o casamento, foi só — ele disse — Nós devíamos ter dado uma entrevista.

Gracie trincou os dentes. Isso seria difícil.

— Jason, existem coisas acontecendo que você não sabe — ela disse gentilmente — E eu tenho medo de que possam haver mais repórteres no rancho.

Ele saiu da estrada e entrou no estacionamento de um restaurante, então desligou o motor.

— Por quê?

Ela sentiu-se doente. Isso iria feri-lo. Mas sabia que os repórteres não estariam ali se Kittie não tivesse cumprido as ameaças. Alguma das pessoas que ela conhecia em San Antonio certamente devia ter lhe contado sobre o casamento de Jason. Ela provavelmente queria vingança, ao invés de dinheiro, e estava usando a senhora Harcourt para consegui-la. Gracie não podia deixar acontecer. Tinha que contar a verdade a ele.

— Kittie sabe algo sobre a senhora Harcourt.

Jason franziu a testa.

— E daí?

Ela apertou a bolsa com tanta força que suas unhas fizeram marcas no couro.

— Jason, você nunca se perguntou por que não parece com a sua mãe?

Ele arqueou a sobrancelha.

— Eu não pareço com meu pai, também. Ele disse que eu lembro o meu avô.

— Os seus olhos são negros — ela começou lentamente, o encarando receosa.

De repente, ele ficou rígido. Recordou as coisas de sua infância. A senhora Harcourt o mimando. A frieza de seu pai com ela. Brigas que ouvira e nunca entendera. Mas a referência aos seus olhos era como um golpe de sangue. Ele já notara isso, algumas vezes, pensando que a senhora Harcourt podia ser uma prima ou parente distante que o pai esnobe não quisera assumir. Agora, entretanto, via as atitudes esnobes de seu pai de uma maneira totalmente diferente.

— A senhora Harcourt não é apenas a minha governanta. Ela é minha mãe! — ele disse, sabendo que era a verdade. Estivera bem na frente de seus olhos durante todos esses anos.

— Sim — Gracie disse sombriamente — Ela ficou horrorizada quando você riu das ameaças de Kittie. Ela disse que isso acabaria com você. Sem mencionar o que fará com ela — acrescentou tristemente — Ela é uma mulher religiosa. Teve um filho com um homem casado, fora do casamento. Como você acha que ela vai reagir quando todos souberem? Você não é o único que ficará machucado com isso.

Ele a encarou.

— Você sabia.

Ela fez uma careta.

— Sim...

— Você sabia e não me contou?

— Ela me fez prometer, Jason — disse baixo.

Ele pensou que ela nunca lhe confiava nenhum segredo, começando por seu passado. Doía saber que ela ainda se sentia daquela maneira, apesar do que eles haviam se tornado.

— Os repórteres devem estar a aterrorizando — ele disse ligando o carro.

— Eu não acho — Gracie disse pegando o celular — Comanche Wells é muito pequena. Alguém teria visto os carros chegando, mesmo que não soubessem o motivo e teriam dito a ela. Ela saberia por que eles estavam ali.

— O que você está fazendo? — ele perguntou.

— Ligando para ela — ela respondeu. O telefone tocou e tocou. Finalmente uma voz tímida disse alô — Senhora Harcourt, sou eu — ela disse gentilmente.

— Senhorita Gracie? Graças a Deus! A senhorita Kittie ligou e disse que ia contar tudo ao mundo inteiro — ela disse fungando — Ela disse que os repórteres estão vindo. Eu estou na casa de Barbara. Ela vai organizar as pessoas em Jacobsville e Comanche Wells. Ninguém vai falar com ninguém que tenha uma câmera. Mas eu não sei quanto tempo ela poderá me esconder. Ele sabe? Está bravo? Ele me odeia, não odeia?

— Claro que ele não te odeia — Gracie disse, encarando Jason.

— O que nós faremos? — A senhora Harcourt perguntou.

— Nós pensaremos em algo. Nós já estamos chegando.

— Tudo bem. Tomem cuidado — a mulher fungou.

— Tomaremos — ela desligou — Ela está na casa de Barbara.

Ele não respondeu. Estava furioso, e ficava mais furioso a cada minuto. Sentia-se traído por todos. Sua vida estava de cabeça para baixo. E a mulher que ele pensou que nunca o trairia estava sentada ao seu lado, usando o seu anel de casamento.

Gracie sentiu a raiva dele, mesmo que ele não falasse. Podia dar uma surra em Kittie por ter colocado a senhora Harcourt e Jason nessa situação. A mulher sem coração não sairia bem dessa.

— O que ela fez foi cruel — Gracie disse.

Jason olhou para ela.

— Segredos são perigosos — ele disse secamente.

Ela corou. Sabia o que ele queria dizer.

— Tudo bem, eu sei que não devia ter escondido de você. Eu não contei sobre o meu passado porque estava com vergonha. Mas eu não contei sobre a senhora Harcourt porque prometi a ela.

Ele entrou na estrada de Jacobsville.

— Ela está trabalhando como minha maldita governanta — ele disse brusco — Como isso vai aparecer na imprensa?

— Mal, se nós não descobirmos uma estratégia antes de chegar em casa — ela disse — A senhora Harcourt ficará mais machucada do que você.

Ele mexeu-se no banco.

— Eu sei. Ela sempre estava lá quando ninguém mais estava. Minha mãe era uma socialite. Passava pouco tempo comigo — ele disse lentamente — Mas a senhora Harcourt sempre estava lá para beijar os machucados e me mimar quando eu tinha pesadelos — ele fechou os olhos por um instante — Ela faz parte da minha vida desde que eu nasci, como governanta, sem nunca pedir nada.

— Ela é assim. Quando Kittie a ameaçou, foi com você que ela ficou preocupada. Ela disse que a mídia fará com que você pareça impiedoso. Isso a fez chorar.

Ele torceu os lábios.

— Eu tenho uma casa de aluguel em Jacobsville, na rua da casa de Barbara. Está desocupada agora, e já está mobiliada. Ela pode se mudar para lá. Nós pediremos algumas roupas na Neiman Marcus. Eu sou dono de uma loja em Jacobsville também. Ligarei para o gerente quando chegar em casa. Nós podemos colocar o nome dela como dona e colocar alguns daqueles belos casacos que ela fez como exemplos lá.

— Agora você está pensando — Gracie disse com um sorriso gentil.

Ele respirou fundo.

— Isso será trapaça.

— Nós podemos esquecer isso.

— Nós não podemos tornar a minha nova mãe em uma madame da noite para o dia — ele gemeu — Ela é assim. Eu não quero deixá-la desconfortável, mas ela não pode continuar sendo minha governanta, nessas circunstâncias.

— Ela está morta de medo.

— Eu sei. Nós cuidaremos de tudo.

Gracie relaxou. Quantas vezes o ouvira dizer aquelas palavras, com sua voz profunda e confiante, quando o mundo dela estava desabando? Ele parecia nunca perder o controle.

— Nós precisaremos da ajuda de Barbara.

— Ela ajudará — Gracie assegurou.

O resto do percurso foi feito em silêncio.

JASON PAROU NA FRENTE da casa de Barbara e levou Gracie com ele. A senhora Harcourt estava parada no meio da sala com um lenço na mão e os olhos vermelhos. Ela encarou Jason angustiada.

— Eu sinto muito — ela chorou — Eu nunca quis que você descobrisse!

Jason ficou parado na porta, o rosto como uma máscara. Não sabia o que dizer. As notícias haviam sido um choque terrível.

Gracie segurou o braço de Barbara e a tirou da sala. Apenas duas pessoas precisavam conversar, e não seria fácil para nenhuma delas.

— POR QUE VOCÊ NÃO ME CONTOU ANTES? — Jason perguntou baixo.

Ela secou os olhos.

— Myron me fez assinar um documento — ela revelou — Ele disse que se eu contasse, me acusaria de um crime terrível e me colocaria na rua. Eu sabia que ele não estava blefando. Então, depois que ele morreu... Eu não sabia como contar. Eu estava com medo de ele ter deixado algum papel ou algo para me incriminar — ela mordeu o lábio — Ele era cruel.

Jason sabia. Seu pai não havia conseguido os seus milhões sem pisar em outras pessoas no caminho. Ele tinha o coração duro e calculista, e seus inimigos nunca prosperavam. Jason nunca gostara daquela parte nele. Isso colocara uma barreira entre os dois.

— Nossos olhos são iguais — ele disse, observando-a com as mãos nos bolsos — Engraçado eu nunca ter percebido — ele franziu a testa — De quem nós herdamos eles?

Ela sorriu nervosamente.

— Meu pai. Meu avô era um duque espanhol — ela acrescentou — Ele veio para este país após a primeira guerra mundial para cuidar de um rancho que pertencia a alguém da família. Ele casou com minha avó, que era a filha da sua cozinheira.

— O rancho... meu rancho? — ele perguntou fascinado.

— Sim.

Ele franziu a testa.

— Eu o comprei de você.

— Não restava muito — ela disse — Estava falido. Fiquei tão orgulhosa quando vi o que você fez com ele. Eu sabia que você podia se cuidar sozinho. Não precisava do nome do seu pai, ou da riqueza, ou da posição para fazer sucesso — os olhos dela brilhavam — Ele tinha certeza de que você ia fracassar. Eu sabia que não!

Pela primeira vez, o rosto dele relaxou. Ele deu um passo a frente.

— Como você acabou nessa situação?

Ela sentou no sofá. Os olhos cansados o observaram.

— Meu marido havia acabado de morrer e eu precisava de um emprego. A governanta do senhor Pendleton havia se demitido — ele não podia manter nenhuma delas por muito tempo por causa de seu temperamento. Eu falei com ele ao invés de gaguejar. Ele gostou — ela esboçou um sorriso — Ele era um homem muito bonito, e podia ser charmoso, absolutamente charmoso. A esposa dele estava passando o verão com a irmã nas Bermudas — ela evitou encará-lo — Eu estava sozinha.

Ele me trouxe presentes, me deu flores, me fez sentir uma princesa. Eu fiquei grávida. Ele parecia esperar por aquilo. Ele sorriu e disse que eu não precisava me preocupar, que ele cuidaria de tudo — ela balançou a cabeça — Ele contou a ela. Ela estava muito calma. Ela disse que seria fácil para nós duas partirmos. Ela diria as pessoas que estava grávida e sua saúde era frágil. A mentira é que eu teria que cuidar dela até o bebê nascer. Ele nos colocou em um avião. Nós viemos para casa logo depois que eu tive o bebê. Eles me asseguraram que cuidariam da criança, que nunca faltaria nada. E eu poderia ficar e ajudar a criá-lo.

— Bom Deus! — ele explodiu horrorizado.

— Eu sei, parece insano. Eu estava muito infeliz para lutar. Eu não queria que as pessoas soubessem como eu havia sido estúpida — ela balançou a cabeça — Aparentemente sua mãe sabia o que ele havia planejado — ela fez uma careta — Seu pai... bem, ele não era exatamente um modelo de virtude.

— Sim, eu sei — ele disse friamente — Minha mãe sabia?

— Ela era infértil. Eles estavam horrorizados pelo fato da mansão precisar ir para as mãos de um parente distante. Eles queriam um filho, mas não um adotado. Eu era tão ingênua — ela acrescentou tristemente — Passei um bom tempo do outro lado do mundo. Adorava estar grávida. Myron foi para lá quando eu entrei em trabalho de parto. Quando você nasceu, eles estavam entusiasmados. Você era pelo menos metade de um Pendleton. Eu só era a incubadora.

— Foi cruel — ele disse sombriamente, sentando no braço do sofá — Foi ainda pior quando ele morreu. Ele te deixou fora do testamento. Eu não vou contar o que ele disse. Se ao menos eu soubesse — ele gemeu, e seus olhos estavam angustiados quando encontraram o dela.

— Eu não me importo com o testamento. Eu nunca esperei nada. Só estava feliz por estar perto enquanto você crescia. Sinto muito por você ter descoberto — ela desculpou-se — Eu sei que você amava a sua mãe.

Os olhos dele escureceram ainda mais.

— Eu nunca a amei — ele disse — Ela era fria como gelo. Eu me lembro de ter ficado doente e ter vomitado por causa da gripe quando tinha cinco anos. Ela ficou com medo de sujar o vestido.

— Sim, você teve sarampo — ela lembrou suavemente — Eu fiquei com você por duas noites, lhe dando água, para que você não ficasse desidratado.

— Você sempre foi a única que cuidou de mim — ele disse roucamente — Minha mãe não tinha tempo para mim. Ela era muito ocupada como madame. Meu pai não era melhor. Ele estava interessado em ganhar dinheiro. Nenhum deles tinha a mínima idéia de como ser pai.

— Eu fiz o meu melhor — a senhora Harcourt disse.

— Fez mesmo — ele disse, os olhos suavizando-se ao encará-la — Eu tive uma infância maravilhosa, graças a você — ele fez uma careta — Você devia ter me contado!

Ela secou os olhos.

— Eu sei — ela disse sombriamente. Encarou-o preocupada — Os repórteres farão com que as coisas pareçam horríveis — ela gemeu.

Jason arqueou uma sobrancelha.

— Isso é o que você pensa. Gracie e eu já temos um plano.

Ele abriu os olhos.

— Um plano? Qual é?

Ele sorriu gentilmente.

— Nós viraremos o jogo contra Kittie.

— Viraremos? — ela exclamou fascinada.

Ele deu um risinho.

— Oh, sim. O feitiço vai virar contra o feiticeiro!

— VOCÊ VAI ME TRANSFORMAR em uma mulher de negócios? — a senhora Harcourt exclamou — Mas eu sou apenas uma mulher comum do campo. Eu nunca serei capaz de convencer alguém de que sou ligada em negócios. Você ficará com vergonha de mim, Jason. Todos vão rir de você.

Ele levantou da cadeira e a puxou para perto de si, observando os olhos que eram idênticos aos seus.

— Você é a minha mãe — ele disse, e as palavras foram ditas com orgulho — Minha única mãe. Eu nunca ficaria com vergonha de você!

Mais lágrimas rolaram pelo rosto dela.

— Todos esses anos — ela sussurrou — Eu observei você crescer. Vi o modo como você trata as pessoas, como você fazia todos se sentirem importantes e nunca menosprezou ninguém por ser pobre. Você tem muitas qualidades, Jason, o que seu pai nunca teve — ela o encarou — Eu estou muito orgulhosa de você. Eu queria mais do que tudo lhe contar. Mas foi a ameaça de Myron que me manteve calada. Era o medo de você, bem, ser humilhado por saber que sua mãe era mulher comum e ignorante...

— Pare com isso — ele disse firme — Você é a pessoa mais gentil que eu conheço. Nunca faz fofocas, e cozinha como um anjo. Você tem qualidades maravilhosas. Estou orgulhoso de ser o seu filho — a voz dele ameaçou falhar — Mais orgulhoso do que posso expressar.

— Oh, meu querido — ela sussurrou chorando, e repentinamente o puxou para seus braços, o abraçando como fazia quando ele era pequeno e estava assustado e ferido. Desejara tanto tê-lo assim, contar a ele que ele era carne de sua carne, sangue de seu sangue. O amava mais do que a própria vida. E agora, finalmente, podia contar tudo.

— Meu filho! — ela soluçou.

Jason não conseguiu dizer nada. Sua voz o trairia. Segurou-a com força e a abraçou no silêncio da sala. Ninguém a machucaria. Lutaria contra o mundo para mantê-la segura. Ela era dele. Sua mãe!

Muito tempo depois, ele a soltou e passou a mão pelos olhos antes de encará-la.

— Nós temos que andar logo — ele disse — Não temos muito tempo.

A senhora Harcourt sorriu por entre as lágrimas.

— OK! Eu farei o que você quiser.

PRIMEIRO, ELES A ACOMODARAM na casa de aluguel de Jason com a ajuda de alguns amigos. Grange foi até o rancho para colocar alguns cachecóis em uma caixa e trazê-los até a loja em Jacobsville. Ele não avistou nenhum repórter ou caminhonete, e contou a eles, o que foi um alívio. Isso lhes deu tempo para colocar o plano em ação.

Jason abriu a loja com sua chave e ele e Grange espalharam as belas peças na vitrine. Jason ligou para o celular de sua gerente enquanto trabalhavam e deu algumas instruções. Ela era uma boa mulher, e gostava da senhora Harcourt, que comprava todos os aviamentos lá. Ela concordou em dizer aos repórteres o que Jason pediu.

Quando tudo estava pronto, eles voltaram até a casa de Barbara e esperaram pela ligação de Grange. Ele estava entrando em contato com algumas pessoas para saber onde a imprensa estava.

Jason e Gracie tomaram café na cozinha de Barbara e discutiram o que fariam a seguir.

— É uma desgraça — Barbara murmurou — Aquela mulher horrível! Fazer isso por causa do orgulho ferido!

— Bolso ferido — Gracie murmurou com humor forçado.

Jason a encarou. Eles haviam trocado poucas palavras desde que o pesadelo começara. Os olhos dele prometiam problemas quando as coisas se acalmassem. Gracie não sabia o que mais podia fazer em sua defesa. Ele estava triste e não queria ouvi-la. Todos os esforços dele estavam concentrados em salvar sua mãe da mídia.

Finalmente, o telefone de Jason tocou. Era Grange. Jason ouviu, arregalou os olhos e deu uma gargalhada.

— Ok. Obrigado. Eu te devo uma — ele desligou. Em seguida encarou as mulheres — Vocês não vão acreditar. Eles não estão sabendo sobre a senhora Harcourt. Aquele software de jogos para computador que eu comprei na Califórnia está no topo da lista e se tornou um bestseller. A mídia está atrás de mim por uma nota. Eles disseram que a minha decisão de liberar capital para os criadores foi um golpe de gênio.

— Ufa! — Gracie exclamou aliviada — Nós fizemos um monte de coisas por nada.

Jason torceu os lábios.

— Você acha? Eu não — ele pegou o celular e ligou para o detetive. Ele contou o que achava que Kittie estava fazendo e pediu ao homem para checar se ela estava fazendo fofocas sobre seu futuro. Ele deu informações sobre a senhora Harcourt, para surpresa de Gracie. Então ele pediu um relatório do passado de Kittie. Ele sorria friamente quando desligou.

— Isso leva a briga para o campo do inimigo — Jason disse — Nós acabaremos com as armas dela ao contar a história antes. Deus a ajude se ela estiver escondendo algum segredo. É uma moeda de dois lados.

— Eu devia ter feito isso — Barbara comentou friamente — Ela é boa em arrumar problemas. Eu me pergunto como ela está lidando com isso.

— Nós vamos descobrir — Jason disse — Amanhã cedo, os tablóides vão anunciar ao mundo que minha governanta confessou ser a minha mãe. Nós acrescentaremos que ela era a dona de uma loja e não tinha me contado. Ela trabalhava na casa somente para ficar perto de mim.

— E quanto ao resto? — Gracie perguntou preocupada.

— O resto nunca será descoberto — ele disse simplesmente — Eu já fiz o necessário. Nem tente perguntar, eu não vou contar. Agora, que tal irmos para casa? Eu não sei vocês duas, mas eu estou cansado.

— Você vai ligar para a senhora Harcourt? — Gracie perguntou.

— Nós iremos levá-la para casa conosco — ele respondeu — Não há necessidade de deixá-la sozinha.

Gracie sorriu.

— Boa idéia.

— Obrigado, Barbara — Jason disse dando um beijo na bochecha dela — Você é a melhor.

Gracie a abraçou também.

— Eu concordo.

Barbara os observou partir antes de apagar a luz da varanda.

ELES NÃO CONVERSARAM NO CAMINHO para buscar a senhora Harcourt. Eles também não conversaram enquanto voltavam para casa. Jason deixou as mulheres na sala enquanto checava alguns problemas do rancho com Grange.

— Eu pensei que ele ficaria furioso — a senhora Harcourt disse a Gracie — Ele está lidando muito bem com isso.

— Acho que sim — Gracie disse baixo, porque ele estava muito calmo. Ela o conhecia. Ainda estava magoado e furioso com ela, tinha certeza.

Ele voltou a sala para desejar boa noite a senhora Harcourt. Ele sorriu e lhe deu um beijo na bochecha.

— Todos nós devemos dormir — ela concordou — Farei um bom café da manhã para nós.

Ele deu um risinho.

— Algo que eu desejo muito — ele brincou.

— Durma bem... Filho — ela disse, experimentando a palavra. Corou um pouco quando ele sorriu para ela.

Os olhos dele se aqueceram.

— Você também, mãe — disse de uma maneira tranquila.

Ela ergueu a bochecha para ganhar um beijo, o abraçou e sorriu enquanto desejava boa noite aos dois e caminhava até o quarto.

Jason virou-se para Gracie. Não estava mais sorrindo.

— Eu vou dormir no quarto de hóspedes — ele disse bruscamente — Nós conversaremos amanhã.

— Jason...

Ele a ignorou. Continuou caminhando pelo corredor, entrou no quarto de hóspedes e fechou a porta. Gracie ficou observando o lugar vazio com tristeza.

NA MANHÃ SEGUINTE, eles tiveram um café silencioso, e Jason avisou que ia até a mansão de San Antonio para ver se ainda restava algum repórter. Se eles estivessem lá, avisou, tinha uma história para contar.

— Eu posso ir também — Gracie começou.

— Você já ficou muitos dias fora — Jason disse sem encará-la — Se você quer manter o emprego, é melhor voltar.

Ela fez uma careta — ele estava certo. Sua posição na universidade não duraria outros três dias com substitutos em seu lugar. Além disso, só tinha mais duas aulas no semestre.

— Tudo bem.

Ele terminou o café e levantou da mesa.

— Estava delicioso — ele disse com um sorriso e deu um beijo na bochecha da mãe — Eu volto para o jantar.

— Tome cuidado — a senhora Harcourt disse — Os seqüestradores ainda estão por aí.

— Leve Grange com você — Gracie acrescentou preocupada.

Ele olhou na direção dela.

— Nós levamos guarda-costas para Cancún, e não houve ameaças lá. Eles têm outro peixe para fritar agora.

Ela suspirou.

— Apenas seja cuidadoso.

Ele fez um som profundo na garganta e encontrou os olhos dela por um longo minuto antes de desviá-los. Ainda estava machucado por ela não ter contado.

— Eu não vou demorar.

Ele caminhou até a varanda. As mulheres trocaram olhares preocupados. Ele era cabeça dura e teimoso. Mas talvez elas estivessem preocupadas sem motivos.

E TALVEZ NÃO. A HORA DO JANTAR chegou, mas Jason não. Gracie ligou para a mansão, com a senhora Harcourt ao seu lado.

A governanta atendeu ao telefone.

— Não, senhorita Gracie — ela disse — Eu não vi o senhor Jason hoje. Você tem certeza de que ele vinha aqui?

— Sim. E quanto aos repórteres?

— Oh, eles partiram ontem. Ninguém ligou. Bem, exceto esse homem estranho — ela acrescentou lentamente.

O coração de Gracie deu um salto.

— Que homem estranho?

— Um homem com um sotaque espanhol. Ele disse que estava com o senhor Jason, que ficaria com ele por alguns dias e entraria em contato para informar o resgate. Eu achei que fosse um trote, então...

— Quando ele ligou? Há quanto tempo? — Gracie interrompeu urgentemente.

— Poucos minutos antes da senhorita...

— Se ele ligar novamente, ligue para o meu celular. O número é esse, então você não precisa procurar — ela deu o número para a mulher, esperando impaciente enquanto ela procurava uma caneta para anotar — Me ligue se ele retornar. Ok?

— Sim, senhora. Com certeza.

— Obrigada — Gracie desligou. Seu rosto estava branco — Eu sabia. Eu sabia que eles fariam de tudo para pegá-lo! É o maldito bando de Fuentes. Eles o querem por ter ajudado na libertação de Rodrigo, por ter pagado ao bando de Eb Scott para salvá-lo!

— O que nós faremos? — a senhora Harcourt perguntou infeliz — Eles vão matá-lo! Mesmo que consigam algum resgate, vão matá-lo!

Gracie a segurou pelos ombros.

— Eles não matarão Jason — ela disse — Não enquanto houver sangue em meu corpo!

— Mas o que nós podemos fazer?

Forçando-se a ficar calma, Gracie pensou no que deveria fazer. Jason tinha um celular. Se ele tivesse sido seqüestrado, os seqüestradores estariam com o telefone. Ela tinha uma linha direta se ele ainda estivesse ligado. Ela não ligaria para Eb Scott. Tinha o seu próprio dinheiro, embora nunca tivesse tocado nele. Tinha quase duzentos mil dólares que o pai de Jason lhe deixara — quantidades iguais para ela e Glory. Podia usar o Jason para resgatar Jason, se ele estivesse com o general do outro lado da fronteira. Ele precisava de dinheiro para a sua revolução e ela tinha um pouco. Agora tudo o que precisava fazer era telefonar e livrar Jason do bando de Fuentes. Mas primeiro tinha que falar com Machado.

Ela pegou o celular e discou o número de Jason. Cruzou os dedos, trincou os dentes, enquanto ele tocava e tocava. Já estava quase desistindo quando uma voz profunda atendeu.

— Digame!

Ela quase chorou de alívio. Conhecia aquela voz. Teria reconhecido em qualquer lugar.

— General Machado!

Houve uma pausa.

— Gracie? Eres tu? — ele perguntou em um tom familiar.

Ela sorriu através das lágrimas.

— Sim, sou eu. Você está com Jason?

Houve outra pausa, com a uma risada baixa.

— Si. Fuentes o sequestrou, mas eu o libertei do bando. Sim, eu estou com ele. Você quer o seu irmão de volta, em?

— Meu marido — ela disse gentilmente — Ele é meu marido agora.

— Você casou com ele? Niña, este homem é um tigre — ele gemeu — Ele arrancou os dentes de dois homens de Fuentes e quase destruiu um meu. Ele é um homem bravo!

Gracie riu suavemente.

— Sim, ele é. Eu posso tê-lo de volta? Eu posso lhe arranjar mais dinheiro do que o necessário para recuperar o seu governo.

— Pode? Mas ele tem dinheiro, não tem?

— Eu tenho meu próprio dinheiro. Está em um banco. Você pode conseguir muitas coisas com ele. Quase um quarto de um milhão de dólares.

— Caramba, eu podia conseguir o mundo com essa quantia!

— Eu não tenho dúvidas.

— Você não chamou a polícia?

— Não preciso. Eu sabia que se você estivesse com Jason, nós poderíamos chegar a um acordo que beneficiasse as duas partes — ela acrescentou com uma risada aliviada.

Ele deu um risinho.

— E podemos. O banco tem que estar aberto, certo? Você pode me encontrar no restaurante chinês de Mala Suerte amanhã as onze?

Ela riu.

— Restaurante chinês?

— Eu gosto de comida chinesa — ele riu — Além disso, nós chamaremos menos atenção lá. Você vai dirigir algo menos chamativo que o Jaguar, certo?

— Eu vou com alguma das caminhonetes do rancho — ela informou — Não o machuque, ok? — acrescentou esperançosa.

— Não é com ele que eu tenho que me preocupar — ele disse secamente — Mas com os meus pobres homens. Mas não, eu não vou machucá-lo. Vejo você amanhã. Niña, se eu vir mais de uma caminhonete, volto para o México, entienes?

— Eu entendo, e você não verá mais de uma caminhonete. Boa noite.

— Boa noite.

Ela desligou com um longo suspiro.

— Ele está bem. Bateu em alguns seqüestradores, mas parece estar bem — ela riu.

A senhora Harcourt riu também.

— É o meu garoto — ela fez uma careta — Eu queria lhe dar o dinheiro. Eu odeio a idéia de você dar a sua herança.

— Eu amo Jason — ela disse simplesmente — Eu daria tudo para tê-lo de volta. É só dinheiro. E além disso, nunca terei acesso a uma conta de Jason. Você lembra o que aconteceu quando ele tentou retirar dinheiro do banco do amigo dele em San Antonio quando eu fui seqüestrada.

A senhora Harcourt piscou.

— Sim, eu lembro. Na semana seguinte, ele tirou cada centava do banco e abriu uma conta na concorrência. Eles dizem que o presidente ainda está chorando.

— Bem feito. O senhor Reeves não me tratará assim, eu garanto — Gracie disse.

ELA ESTAVA CERTA, Quando o senhor Reeves, o presidente do banco municipal de Jacobsville, soube por que ela precisava retirar o dinheiro, concordou em ajudá-la.

— Tem certeza de que você prefere as coisas dessa maneira? — ele perguntou enquanto estavam no escritório e a assistente contava as notas e colocava em uma bolsa que Gracie trouxera de casa — Sem chamar o FBI?

— Senhor Reeves, eu conheço um dos seqüestradores. Ele é um homem honesto. Se ele diz que libertará Jason quando receber o dinheiro, pode apostar a sua vida nisso.

— Por que ele seqüestrou o seu marido se é tão honesto? — a assistente, Marge, perguntou preocupada.

— É complicado — Gracie disse gentilmente — Ele não seqüestrou Jason, ele o libertou dos homens que o fizeram. Mas não está ligado ao tráfico de drogas ou algo parecido. Ele perdeu o seu país para um homem que está torturando e matando pessoas inocentes. Ele quer interromper o terror. E pode fazer isso com o dinheiro do resgate.

Marge sorriu, o cabelo ruivo brilhando sob a lâmpada.

— Ele não parece ser o seqüestrador malvado.

Gracie sorriu cansada.

— Ele não é — Em seguida provou o café que o senhor Reeves lhe oferecera. Não havia dormido.

Marge terminou de contar e o senhor Reeves recontou. Os papéis estavam assinados, as burocracias resolvidas.

— Você não precisa fazer isso — Gracie disse rapidamente, porque sabia que o presidente do banco pagaria de seu próprio bolso.

— Jason é nosso melhor cliente — ele disse firme — O seqüestrador pode ser honesto, mas espera pela quantia total.

Ela ficou em pé e abraçou o homem.

— Você é a melhor pessoa que eu conheço.

Ele a abraçou de volta e riu.

— Nós somos primos, você sabe — ele lembrou — Família cuida de família.

— Então você pode dar um aumento à prima Marge? — Gracie perguntou com um sorriso.

Ele fez uma careta para ela e todos riram.

Gracie pegou a maleta. Estava pesada.

— Eu lhe contarei o que aconteceu — ela disse ao senhor Reeves.

Ele concordou.

- Nós rezaremos por vocês dois.
- Obrigada. Isso é muito importante.

Ela saiu do banco, nervosa por carregar tanto dinheiro, e quase colidiu com Kilraven. Ele vestia roupas casuais, não o costumeiro uniforme de polícia. Ela sabia muito bem que o irmão dele, Jon, era um agente do FBI em San Antonio. Os dois estiveram envolvidos em seu próprio resgate.

Ela ficou paralisada com uma expressão cômica no rosto.

— Não tente inventar histórias. Eu sei de tudo — ele acrescentou com os olhos brilhando — Eu estou em um carro comum. Vou com você até os limites de Mala Suerte, no caso de alguém ter ouvido a sua conversa com Machado e decidir pegar o resgate antes que você o entregue.

Gracie ficou atônita.

— Como...?

Ele levantou uma mão.

— Alguns segredos têm que ser guardados. Nós não vamos interferir — ele acrescentou rapidamente quando notou a preocupação dela — Nós só ficaremos de olho em você, e manteremos distância. Nem entraremos em Mala Suerte.

— Mas você já tem alguém em Mala Suerte — ela adivinhou.

O rosto dele ficou pálido.

— Por que nós faríamos isso?

— Deus nos ajude se um agente federal estiver tentando se esconder em uma cidade com duzentos habitantes!

Ele a olhou.

— Ele mora lá — ele devolveu.

Ela relaxou.

— Ok.

— Vamos.

Ela sentou atrás do volante da caminhonete de Jason, que tinha um amassado onde um dos vaqueiros batera tentando resgatar um touro fugitivo. Era menos suspeita do que um veículo mais novo.

Kilraven estava atrás dela, e se sentiu mais segura. O dinheiro era tanto que estava receosa por levá-lo até Machado. Ela nunca seria capaz de conseguir algo a tempo, especialmente se o bando de Fuentes o pegasse. O general precisaria derrubá-los para devolver Jason.

Ficara realmente preocupada por ter de dirigir uma distância tão grande com o resgate na bolsa. Não sabia como Kilraven descobrira o que estava acontecendo, mas estava feliz por tê-lo por perto. Esperava que o general não o visse e quebrasse o acordo!

Suas mãos estavam suadas quando ela segurou o volante. Sua boca parecia ter mascado um tecido. Jason podia estar bravo com ela, mas isso não importava. Ela o amava mais do que a própria vida. Faria qualquer coisa para tê-lo de volta, sacrificaria tudo. Sua mente percorreu os últimos meses, o primeiro beijo na chuva, o noivado com Kittie, seu próprio seqüestro e o horror nos olhos de Jason quando corraera até ela e a abraçara com tanta força que podia sentir o próprio coração batendo contra o dele. As semanas intermináveis na presença de Kittie e a longa e doce noite que passara com Jason no rancho, quando percebera que as palavras da mãe eram falsas — o sexo não era um pesadelo de dor e ferimento, mas uma bela divisão de almas e corpos que alcançava o paraíso. A alegria daquela primeira união permaneceria nela para sempre.

Enquanto dirigir, recordou algo mais, algo que a fez sentir-se aquecida e explodindo de felicidade; eles não haviam usado qualquer tipo de proteção. Ela podia estar grávida do filho de Jason. Seu coração disparou. Que presente maravilhoso seria esse, com a senhora Harcourt podendo mimar o primeiro neto e os braços fortes de Jason carregando o neném. Ele seria um pai maravilhoso.

Ela ouviu um barulho de freada e olhou no retrovisor a tempo de ver um veículo sendo repentinamente detido por outro carro. Enquanto sonhava com o futuro, alguém a seguia —

provavelmente não era um motorista com pressa. Ela viu Kilraven saltar do segundo carro e correr na direção do primeiro, abrindo a porta e encostando o motorista no próprio carro.

Ela pisou fundo no acelerador. Faltava apenas um quilometro para Mala Suerte. Sabia que conseguiria, graças a vigilância de Kilraven. Não queria nem pensar no que aconteceria se ela estivesse sozinha.

Dirigiu pela pequena cidade, procurando o restaurante chinês e finalmente o encontrou em uma rua no centro da pequena cidade na fronteira.

Ela entrou no estacionamento apreensiva e com esperança, procurando pelo general. Mas só havia dois carros velhos no lugar. Um deles estava estacionado em uma vaga reservada — provavelmente o do dono — e o outro estava ao lado, mas não havia ninguém no carro.

O coração dela disparou. Será que o veículo que a seguira na estrada havia sentido o perigo e ligara de volta para o general? Ou será que o veículo era algum homem de Fuentes tentando pegar o dinheiro sem devolver Jason? E se Jason estivesse morto?

As lágrimas começaram a descer pelas bochechas dela. Se Jason estivesse morto, não lhe restava mais nada. Seu emprego novo, sua independência, nada a faria superar sua perda. O mundo acabaria.

Mas enquanto agonizava por um futuro sem Jason, uma velha caminhonete entrou no estacionamento e parou ao seu lado. Ela virou a cabeça e olhou direto nos olhos de Jason que estava sentado no banco do passageiro.

— Jason! — ela exclamou, abrindo a porta da caminhonete — Oh, Jason! — ela puxou a porta dele e subiu em seu colo. Jogando os braços ao redor dele, beijou-lhe a boca, a bochecha, os olhos, tudo que podia alcançar, murmurando palavras carinhosas enquanto as lágrimas corriam pelas bochechas coradas.

Em algum momento ela percebeu que as mãos dele estavam amarradas e que ele a beijava de volta.

— Ah, então vocês dois se conhecem, hein? — veio a voz divertida do banco do motorista.

Ela ergueu a cabeça e encontrou os olhos do general.

— General Machado! — ela exclamou ofegante — Desculpe. Eu fiquei tão feliz por vê-lo vivo... — os olhos dela percorreram Jason como mãos, e perceberam um olho roxo e machucados em seu rosto, e quando olhou para a camiseta suja e amassada, viu que estava rasgada — Pelo menos está vivo — ela corrigiu.

— Eu tive um pequeno desentendimento com um dos homens de Fuentes — ele disse esboçando um sorriso.

— Para o descrédito deles — o general murmurou. Os olhos escuros se estreitaram quando olhou para Gracie com puro prazer — Fuentes, o rato, mandou um de seus homens para pegar o dinheiro antes que você chegasse. Eu não consegui lhe avisar.

— Ele está em algum lugar na estrada usando algemas — Gracie murmurou jovialmente.

— Kilraven? — Jason perguntou com uma risada curta.

Ela deu um risinho.

— Kilraven. Ele prometeu não interferir, mas acho que ele antecipou problemas. Não por você — ela acrescentou ao general.

Ele deu um risinho.

— Não por mim. Eu quero muito o meu país de volta. Sinto muito por ser assim — ele disse solenemente — Mas honestamente, esse seqüestro não foi minha idéia. Foi de Fuentes. Eu só aproveitei antes que ele pudesse agir.

— Eu espero que você tenha lhe arrancado a cabeça — Gracie disse bruscamente.

— Garota sanguinária — o general brincou.

— Fuentes merece tudo isso! Talvez ele seja traído pelo seu próprio homem de confiança.

— Se Kilraven me interrogar, eu o acusarei — Jason ofereceu.

Gracie riu.

— Eu também — ela afastou-se relutantemente de Jason, caminhou até a caminhonete e pegou a maleta, olhando ao redor para ter certeza de que o estacionamento era seguro. Ela colocou a maleta nas mãos do general — O senhor Reeves, presidente do banco, contou o dinheiro enquanto eu o observava. Eu posso lhe garantir que são notas comuns e não possuem um rastreador.

O general olhou para os maços de notas.

— Armadilhas? — ele perguntou franzindo a testa.

— Os bancos às vezes colocam rastreadores em notas para encontrar ladrões.

— Ah. Eu entendo — Ele pegou um dos maços de notas e o observou longamente — Amigo — ele disse a Jason — Eu vou erguer uma estátua sua quando recuperar meu escritório. E vamos nomear uma rua para a sua adorável esposa.

Ele pegou uma faca e cortou a corda dos pulsos de Jason.

— Eu sinto muito por sua condição, mas você sabe que não era meu desejo lhe ver machucado.

— Eu sei — Jason assegurou — Eu espero que você consiga tudo.

— Assim como alguns membros do nosso governo — ele deu um risinho — Nós nos vemos em breve. Gracie — ele acrescentou sorrindo para ela — É preciso muita coragem para fazer o que você fez, vir aqui sozinha. Eu não esquecerei a sua participação quando conseguir o sucesso. E eu prometo que vou devolver cada centavo desse dinheiro quando voltar ao poder.

Ela corou, não esperava por aquilo.

— Eu não lhe pedi isso — ela o lembrou.

— É uma questão de honra — ele olhou para Jason — Vá para casa. Você pode tomar um banho, senhor, e eu estou certo de que Gracie pode lhe ajudar com esses cortes — ele acrescentou com um sorriso travesso.

— Pode deixar — Jason disse sorrindo — Buena suerte.

— E boa sorte para vocês dois também. Vayan com Dios.

— Y tu — Gracie respondeu, usando uma linguagem familiar, porque o homem era como da família agora.

Ele piscou para ela.

Jason saiu da caminhonete, deu a volta e sentou ao lado de Gracie com um suspiro pesado.

— Você vai me deixar dirigir? — Gracie perguntou chocada — Você nunca me deixa dirigir.

— Docinho, você me resgatou sozinha — ele a lembrou com olhos carinhosos — Você fez um plano, pegou a sua herança, dirigiu até aqui sozinha e me tirou do México sem precisar dar um tiro. Inferno, eles deveriam lhe arrumar um emprego no FBI. Você é uma maravilha!

— Eu posso falar sobre ela com meu irmão — veio a voz profunda de algum lugar da caminhonete.

— Kilraven? — Gracie exclamou. Ela olhou ao redor — Onde você está?

— Não na caminhonete — Kilraven respondeu — Estou na sua bolsa.

— Você trapaceou! — ela exclamou.

— Eu precisei. Nós soubemos que Fuentes havia falhado em seu seqüestro, e ele mandaria algum homem através de você para interceptar o resgate. Tínhamos que ficar de olho. A maneira mais fácil era rastrear a sua bolsa. Eu preendi os dois homens de Fuentes e eles estão implorando para que eu os liberte — ele deu um risinho — Feliz Natal.

Gracie e Jason trocaram olhares divertidos.

— Feliz Natal para você também. E obrigada! — ela disse.

Ele riu novamente.

— Sem problemas. Estou desligando o receptor também. No caso de vocês quiserem parar no meio do caminho para fazer algo. Eu não aconselharia. Fuentes pode tentar novamente.

— Nós ficaremos de olho.

— Vocês não precisarão — veio a resposta — Vocês não nos verão, mas nós estamos de olho. Se alguém tentar parar vocês, vai se arrepender. Até logo.

A linha ficou muda e houve um minuto de estática, então silêncio.

Gracie olhou para Jason.

— Eu estava morta de medo. Assim como a sua mãe.

— Eu estou bem, graças a você — ele disse sorrindo pesarosamente — Eu sinto muito por ter sido um idiota — ele acrescentou arrependido — Foi um choque, descobrir que a minha mãe era a minha governanta. Você deu a sua palavra a ela e manteu. Eu não devia ter esperado que você a quebrasse, mesmo por mim. Lealdade é uma das suas melhores qualidades.

— Obrigada — ela disse emocionada — Quer ir ao hospital?

— Eu só estou sujo e machucado — ele respondeu sorrindo — Eu quero um banho e uma cama grande. E você no meio dela — ele acrescentou em um tom profundo e suave que a fez tremer.

— Eu também — ela respondeu. Então sorriu e pisou no acelerador — Eu vou, bem, lavar as suas costas — ela disse corando.

Ele jogou a cabeça para trás e sorriu com pura alegria.

Capítulo 16

A SENHORA HARCOURT ESTAVA CHORANDO quando eles chegaram em casa. Gracie havia ligado para ela avisando que Jason já estava com ela e estava bem. Ligara para os outros também, incluindo Glory e Rodrigo, que ficaram chocados e aliviados ao mesmo tempo porque nem imaginavam o que havia acontecido. Glory pensou em ir para o rancho, mas hesitou quando a senhora Harcourt disse que ela e Jason poderiam querer alguns minutos sozinhos após o horror da noite. Glory avisou que eles chegariam para o jantar. A senhora Harcourt disse que seria bom, porque ela tinha um anúncio a fazer. Ela desligou, deixando Gracie curiosa.

No minuto em que eles entraram na casa, a senhora Harcourt se jogou nos braços de Jason e o abraçou com força.

— Nós estávamos mortas de medo! — ela fungou.

Ele a abraçou também, sorrindo para Gracie.

— Todos estávamos. Mas eu estou bem. Só um pouco machucado, e um arranhão ou dois, é tudo.

Ela afastou-se.

— Machucado.

Ele os mostrou.

— Um dos homens de Fuentes foi um pouco desrespeitoso e eu lhe dei um corretivo — ele disse secamente.

Ela riu e o abraçou novamente.

— Eu preciso de um banho — ele disse cansado.

— Sim, precisa — a senhora Harcourt disse — Eu preciso ir à cidade para comprar algumas coisas para o almoço — ela acrescentou tirando o avental — Eu acho que vocês dois estão com fome. Eu conheço a senhorita Gracie... Gracie — ela corrigiu quando a jovem a encarou — deve estar com fome, ela não comeu nada antes de sair de casa.

— Me lembre de colocar mais dinheiro no banco de Reeves — Jason disse a Gracie.

— Certamente.

— Eu não demoro — a senhora Harcourt disse enquanto saía com as chaves do carro.

Jason olhou para Gracie e sorriu.

— Nesse caso, é melhor correremos, certo? — ele perguntou em um tom baixo e sugestivo.

FOI O INTERLÚDIO MAIS TEMPESTUOSO do relacionamento deles. Ele tentou chegar ao banheiro para tomar um banho antes, mas Gracie não parou de beijá-lo. Eles acabaram no tapete do quarto, tirando as roupas entre beijos famintos.

Ele a empurrou para baixo e a possuiu com força, os olhos brilhando como diamantes enquanto se arqueava sobre ela, e observava o rosto delicado enquanto se unia a ela.

— Coloque suas pernas ao redor das minhas — ele sussurrou ásperamente.

Ela colocou, gemendo quando a troca de posição trouxe um choque de intenso prazer.

— Sim, assim mesmo — ele disse, e ergueu e abaixou o quadril.

Ela ofegou.

— Se você pudesse ver os seus olhos — ele ofegou, corando quando a onda de prazer o fez estremecer.

— Se você pudesse... ver... os seus — ela respondeu, gemendo novamente quando ele encontrou o lugar que começou a fazê-la sentir uma doce e quase dolorosa tensão — Sim, assim, assim... assim, Jason!

Ela enfiou as unhas no quadril dele quando ele começou a entrar nela com urgência. Ele apoiou-se nos cotovelos, beijando o rosto dela enquanto entrava com cada vez mais força no corpo feminino.

— Eu vou morrer — ela disse em um tom engasgado quando o prazer cresceu a uma altura inalcançável.

— Nós dois morreremos — ele sussurrou debilmente enquanto aumentava o ritmo.

Era tão rápido. Tão rápido. Em um minuto ela estava arqueando o corpo, quase alcançando o clímax. No outro ela se convulsionava por algo tão quente que era quase como uma dor. Um gemido escapou da garganta dela quando ela subiu como um foguete e explodiu em pedacinhos de pura alegria.

Ela o sentiu estremecer e gemer enquanto ela alcançava o seu próprio clímax, aproveitando cada movimento do corpo poderoso contra o seu. Ecos de satisfação pulsaram através dela. Ela gemeu quando o prazer dele a levou em outra onda de puro prazer. Ela colou-se a ele, gemendo de prazer. Era tão intenso que ela pensou que fosse desmaiar.

Fervorosos momentos depois, ela observou as feições relaxadas e ternas dele, e tentou normalizar a respiração.

— Eu pensei que nunca mais o veria — ela sussurrou.

— Sim. Eu também — ele inclinou-se e beijou as pálpebras dela, o corpo ainda intimamente ligado ao dela. Ele moveu-se preguiçosamente, intensificando os pequenos choques de prazer — Eu sinto muito por ter sido tão frio com você.

— Você já me recompensou por isso — ela assegurou. Os olhos suaves procuraram os dele — Você sabe que nós nunca falamos sobre precauções.

Ele deu um risinho.

— Nós podemos falar sobre isso em alguns meses.

Ela sorriu de volta.

— Nós podemos esquecer por enquanto.

Ele traçou as sobrancelhas dela com o dedo indicador.

— E o seu emprego?

— Eu posso estar grávida e trabalhar — ela disse simplesmente.

Ele sorriu.

— Ok.

Ela ergueu-se e o beijou suavemente.

— Nós devemos tomar um belo banho. Eu acho que sua mãe já deve estar voltando com a comida.

— Minha mãe — ele respirou fundo — Eu me sinto tão culpado. E tão estúpido por não ter imaginado. Eu sabia que a mulher que eu chamava de mãe não era a idealização perfeita. Ela nunca se preocupou comigo, e eu nunca entendi por que não senti nada quando ela morreu — ele piscou — Minha pobre mãe. Meu pai era um maldito esnobe que não se casou com ela nem quando a sua mulher morreu. Ele achava que ela não era de seu nível.

— Você vai recompensá-la por tudo — ela assegurou — E nós lhe daremos netos para mimar.

Ele torceu os lábios e olhou para o ponto onde os corpos estavam unidos.

— E muito rápido, se continuarmos fazendo isso.

— Eu não tenho planos de parar — ela disse suavemente, o olhar buscando o dele — Minha pobre mãe. Em toda a sua vida ela nunca soube o que era o amor. Eu acreditei nela, você sabe. Isso arruinou a minha vida. Bem, pelo menos até alguns meses — ela corrigiu com um sorriso tímido.

— Eu queria que você tivesse me contado antes — ele disse — Mas antes tarde do que nunca.

— Eu te amo muito — ela sussurrou roucamente — Mais do que minha própria vida.

Ele respirou fundo e tocou o rosto dela ternamente.

— Essas palavras me atingem fundo — ele confessou — Eu nunca as ouvi do meu pai ou da mulher que pensei ser minha mãe. Eles eram as pessoas mais frias na face da terra. Meu pai tinha mulheres, mas ele as usava. Não tinha respeito por elas.

— Minha mãe pelo menos me amava — ela disse — E ela sempre dizia isso. Eu direi isso para os nossos filhos também — ela acrescentou sonhadora — Eles sempre saberão que são amados.

— Como eu amo você — ele disse em um tom profundo, que fez com que ela o olhasse chocada — Com tudo que eu sou. Eu te amo desde que você era uma adolescente e te mandei embora para não complicar as coisas. Você era tão nova. Depois, quando eu já sabia o quanto te amava você, ainda me mantinha afastado, esperando que você me visse de uma maneira diferente. Na noite que choveu e o seu carro ficou atolado, eu já esperava há tanto tempo que me desesperei. Eu perdi o controle e quase arruinei tudo — ele gemeu — Você parecia tão chocada...

Ela colocou os dedos contra os lábios dele.

— Chocada, mas extasiada de alegria — ela sussurrou — Eu tinha medo do sexo, não de você, e não tinha coragem de contar. Eu te amei por tanto tempo — ela sussurrou — A maior parte da minha vida! Eu te amei, mas tinha medo de nunca conseguir lhe dar o amor de uma mulher, o amor físico. Eu ia te contar tudo naquela manhã. Mas você não estava mais lá — os olhos dela se escureceram — E então apareceu Kittie.

Ele escondeu o rosto na garganta dela.

— Minha culpa. Tudo minha culpa. Orgulho ferido me tornou um homem que eu nunca fui. Eu sinto muito, querida. Sinto muito por tudo.

— Não pelo que nós acabamos de fazer, eu espero — ela sussurrou na orelha dele, movendo-se sensualmente embaixo dele até senti-lo começar a se mover — Porque eu quero fazer de novo — ela ergueu o quadril e colou-se a ele, rindo ofegantemente quando ele ofegou, e então gemeu, e começou a mover-se inevitavelmente contra ela — Sim, assim — ela estremeceu, segurando-o com força — Me ame. Me ame. Me ame!

— Eu... amo — ele gemeu. E então ficou muito ocupado para dizer outra coisa.

ELES CAMINHARAM DE MÃOS DADAS até a sala de jantar onde uma divertida senhora Harcourt servia a mesa. Ela não disse nada. Eles estavam tão apaixonados, tão parte um do outro que o coração dela saltou de felicidade.

Ela colocou uma decoração de natal no centro da mesa e usou os pratos de porcelana também.

— É quase natal — ela os lembrou.

Jason riu.

— Quase hora dos presentes! — ele disse encarando Gracie — Eu comprei algo adorável para você.

— Eu comprei algo para você também — ela respondeu com os olhos brilhando.

— Me diga o que é — ele disse — Vamos. Diga.

— E estragar a surpresa? — ela riu — Nem pensar!

Ele inclinou-se e beijou a ponta do nariz dela.

— Ok. Eu gosto de surpresas — ele olhou para a mãe e sorriu — Muito bom, considerando como eu estou atrasado.

Todos riram.

GLORY E RODRIGO vieram para o jantar, mais tarde, e ouviram Gracie explicar como resgatou Jason do general. Eles ficaram atônitos por tudo ter acontecido sem o conhecimento deles.

— Escutem — Glory disse — Vocês dois precisam parar de ser seqüestrados — ela disse firme — Jason, você precisa de um segurança. Eu não estou brincando — ela acrescentou quando ele riu — O momento é perigoso. John é um grande motorista, mas não conhece manobras novas. Eu quero que você pense nisso.

— Eu tenho Grange — Jason a lembrou — Ele fez um monte de coisas além de ser um oficial no exército.

— Então o leve sempre com você — Glory insistiu — De verdade. Você e Gracie já se arriscaram muito.

Jason olhou para a mulher e sorriu complacentemente.

— Eu acho que nós podemos levá-lo junto, já que estamos casados.

— Eu gosto muito dele, ciumento — ela brincou, aproximando-se para beijá-lo — Mas só gosto.

Ok?

Ele deu um risinho.

— Ok.

A senhora Harcourt parou atrás de Jason na mesa e contou a verdade sobre a verdadeira maternidade dele. Houve um silêncio repentino. Mas então, Glory levantou e a abraçou enquanto ela chorava. Era uma das melhores surpresas que ela já havia recebido, Glory sussurrou na orelha dela, pois sabia o quanto ela amava Jason. O sentimento era mútuo. Ela nunca imaginara que Jason pudesse ter vergonha de uma mulher tão gentil e amorosa. E todos na mesa concordaram com ela.

NO DIA SEGUINTE, A HISTÓRIA de Jason apareceu nos tablóides. Os repórteres apareceram para fazer perguntas, e Jason apresentou sua mãe e a abraçou para alegria dos fotógrafos. Era a história da Cinderela, alguém disse, mas Jason os lembrou que a mãe era uma negociante, e que suas habilidades eram formidáveis. Ele mostrou um dos cachecóis dela, que também foi fotografado. Pela primeira vez, a luz da mídia tinha um gosto doce. O furor morreu quando a notícia de um assassinato em Jacobsville, que tinha ligações com outro assassinato que ocorrera há sete anos em San Antonio, que envolvia Kilraven e poderia ter laços com mais um em Oklahoma.

Dias depois, outro tablóide carregava uma história sobre uma modelo que tentara chantagear um milionário com o seu passado. Nomes não eram mencionados, mas a história assegurava aos leitores que o milionário já abrira um processo contra a mulher, que seria anunciado logo.

Um dos amigos de Jason em San Antonio ligou assim que leu a história. Ele perguntou a Jason se ele sabia que Kittie Sartain havia desistido de seus contratos nos Estados Unidos e estava se mudando para Londres para cuidar da carreira. Os amigos dela ficaram perplexos com os motivos dela, mas o amigo de Jason disse que tinha um pequeno palpite sobre tudo. Jason respondeu secamente que ele também tinha.

A SEMANA DO NATAL FOI CHEIA de alegria no rancho. A universidade estava fechada até janeiro, quando o semestre da primavera começaria, e as escolas públicas também haviam parado para o feriado, assim Gracie teve tempo para decorar o rancho. A governanta de San Antonio estava fazendo o mesmo lá por que Gracie e Jason sempre davam uma festa de ano novo lá. Esse ano não seria diferente.

Mas era no rancho que eles passavam os feriados. Eles abriram os presentes na véspera de natal, uma tradição de família da senhora Harcourt, que estava sentada no sofá ao lado de Glory e Rodrigo enquanto Gracie, John e Dilly trocavam pacotes.

Gracie deu o presente a Jason com as próprias mãos. Ele estranhou.

— Eu comprei com o meu próprio dinheiro — ela disse gentil — Então não é extravagante. Mas é algo que eu acho que você vai gostar.

Ele inclinou-se e a beijou.

— Eu gostaria de um guardanapo se você me desse, querida — ele disse suavemente — É o que importa, não o valor.

Ela o beijou de volta.

— Abra.

Ele abriu. Dentro estava uma faca, cara, com o símbolo dos Texas Rangers gravado nela. Jason era fascinado pela organização, e sempre carregava uma faca de bolso. Ele a girou nas mãos, sorrindo.

— Eu usarei o tempo todo. Obrigado — ele a beijou — Agora, abra o seu.

Ela abriu. Era um colar de ouro com uma bela pedra verde pendurada. Era elegante e muito bonito.

Ela olhou para Jason, a testa franzida.

— Parece um peridoto, mas não é exatamente...

— Moldavite — ele interrompeu, sorrindo com a surpresa dela — É moldavite, Gracie. Algo das estrelas, para acrescentar a sua coleção de meteoros. Mas é para usar também.

— Maldavite! — ela virou a pedra nas mãos, segurando-a contra a luz. Era uma pedra rara, um meteoro original, e custava uma pequena fortuna. Não que Jason não pudesse pagar, mas encontrara algo que sabia que a agradaria, e encontrou problemas no caminho. Ela o abraçou com força — Obrigada! É a primeira peça de moldavite que eu já consegui!

— O que é moldavite? — a senhora Harcourt perguntou espiando por sobre o ombro dela.

— Vem dos meteoros — Gracie explicou.

— Eu prefiro o meu — a mulher brincou, levantando um belo casaco cor-de-rosa que Jason comprara para ela — É como uma nuvem.

Jason inclinou-se e beijou a bochecha dela.

— Parece maternal — ele brincou.

A senhora Harcourt o abraçou.

— Eu espero que você goste do seu. Não parece maternal, mas uma mãe que te ama o fez — ela brincou.

— Eu amei — ele deu um risinho. Ela havia feito uma coberta para a cama dele em suas cores preferidas. Ela fizera uma para Gracie também, e recebera um abraço entusiasmado. Os dois sabiam quando trabalho e amor a senhora Harcourt depositara neles. Glory e Rodrigo também ganharam cachecóis, assim como o velho John, que quase chorou quando Jason e Gracie lhe deram uma televisão em cores para seu quarto. Dilly ganhou uma também, e abraçou todos.

— Esse foi um natal maravilhoso — Glory suspirou quando ela e Gracie ficaram sozinhas — Você pode imaginar tudo que passamos em nossas vidas?

— Eu nunca imaginei que nós terminaríamos assim — Gracie concordou. Seus olhos foram até Jason. Eles estavam radiantes — Especialmente eu.

— Eu via o modo como ele te olhava — a irmã disse gentilmente — Eu queria te contar, mas não sabia se deveria. Agora eu estou feliz por ter esperado.

— Eu também — ela abraçou Glory — Nós temos uma família. Uma família grande e maravilhosa.

— Sim — Glory suspirou — Eu queria ter um filho. Nunca me recuperei de ter perdido o primeiro.

Gracie olhou-a nos olhos.

— Milagres acontecem o tempo todo, Glory. Veja como eu consegui Jason de volta, como ele me livrou dos seqüestradores. Não é um milagre?

— Milagres diários — Glory murmurou.

— Sim. Milagres diários. Incluindo — ela sussurrou — O que eu tenho quase certeza de estar carregando — a mão dela deslizou pelo ventre liso.

Glory prendeu a respiração. Jason, que olhava naquela direção, prendeu a dele também, quando viu a expressão no rosto de Gracie e onde as mãos dela descansavam. Ele soltou o pacote que começara a abrir e foi até ela, puxando-a para seus braços.

— Me conte — ele disse com um olhar faminto.

— Eu não tenho certeza — ela disse suavemente — É muito cedo para saber. Mas eu acho...

Ele a ergueu e girou-a no ar, no silêncio repentino do cômodo.

— Feliz natal.

— Feliz natal para você, meu amor — ele sussurrou no ouvido dela.

— É um segredo pessoal ou nós também podemos partilhá-lo? — Grange perguntou atrás deles.

Eles ergueram a cabeça. Os olhos de Gracie estavam cheios de lágrimas. Jason sorria abobado.

— Nós podemos estar grávidos — Gracie confessou timidamente.

A sala virou uma bagunça. A senhora Harcourt ficou em pé e os abraçou, assim como o velho John, para a surpresa de todos os presentes. Por um longo tempo, a felicidade era palpável ao redor da enorme e iluminada árvore de natal.

MUITO, MUITO DEPOIS, quando os convidados já haviam ido embora e a senhora Harcourt carregava os presentes até o quarto, Jason sentou em sua poltrona e puxou Gracie para o seu colo.

Ele lhe entregou uma pequena caixa.

— Eu guardei esse para o final — ele disse indulgentemente enquanto soltava o laço e abria a caixa, enquanto as lágrimas rolavam pelas bochechas dela. Eram os itens que ela havia vendido, as jóias de sua mãe. Ela o olhou encantada.

— Obrigada — ela disse roucamente.

Ele a beijou ternamente.

— Não fique brava. Você ainda pode ser independente. Mas essas são heranças para nossos filhos, e para os nossos netos. Eles pertencem a família. Eu não queria que eles acabassem nas mãos de outras pessoas.

Ela suspirou e encostou-se nele.

— Eu fiquei preocupada com isso também. E não estou brava. Foi algo muito gentil.

Ele sorriu.

— Eu sou muito gentil — ele informou — E tenho boas qualidades. Minha mãe disse.

— Qualidades muito boas.

— Alguém pode morrer de felicidade? — ele murmurou beijando o cabelo dela.

— Eu acho que nós descobriremos juntos.

Os braços dele a apertaram.

— Quando nós saberemos sobre o neném?

Ela deslizou os lábios pela garganta dele, cansada pelo dia longo e pelo prazer que sentia.

— Em algumas semanas, eu acho. O teste caseiro que eu fiz era encorajador. Minha menstruação está atrasada e eu sou muito regular.

Ele suspirou.

— Nós faremos lindos bebês — ele murmurou — Eu espero que algum deles seja loiro.

— Eu espero que algum deles tenha olhos negros, como você e a sua mãe.

Ele deu um risinho.

— Nós veremos o que podemos fazer. Eu só quero que seja saudável.

— Eu também.

Ela apoiou o rosto na garganta dele e fechou os olhos.

— Jason?

— Uhn?

— Feliz natal. Eu espero que você tenha gostado do seu presente.

Ele ergueu a cabeça e a encarou. Então sorriu ternamente.

— Feliz natal, querida. Eu gostei. Mas o que eu mais gostei foi o do amor.

Ela o abraçou.

— O presente que nós ganhamos — ela concordou. Sorriu para ele travessamente.

— Eu acabei de pensar em algo.

— O quê?

— Você é o presente de natal mais caro que eu já ganhei!

Ele pensou por um minuto. Então percebeu que ela se referia ao resgate que pagara por ele, e deu uma gargalhada.

— Valeu a pena? — ele brincou.

Ela aproximou-se e o beijou suavemente.

— Valeu cada centavo. Cada lágrima. Cada minuto solitário.

— A vida é doce, minha preciosa — ele sussurrou a encarando com olhos sonhadores.

Ela apoiou a bochecha no rosto dele.

— Sim. Mais doce do que o mel.

Ele a puxou de volta para seu peito e suspirou, fechando os olhos enquanto as chamas dançavam na lareira. Gracie observou-as encostada no peito largo, sentindo a felicidade invadir seu coração. Em algum lugar ouviu sinos de natal e um cachorro latindo. Perto dela, ouviu as batidas regulares do coração de Jason em seus ouvidos. O natal não estava somente em seu coração. Estava em seus braços.

*****FIM*****